





Digitized by the Internet Archive in 2009 with funding from University of Toronto

OBRAS COMPLETAS

DE

FILINTO ELYSIO.



C/Louthres

OBRAS COMPLETAS

DE

FILINTO ELYSIO.

Tomo IV°.

PARÎS.

Na officina de A. BOBÉE,

1818.

a said to see go

der ::

VERSOS

DE

FILINTO ELYSIO.

CONTO

Um cérto dia Apollo enfastiado Das ribas do Permesso, disse ás Musas : « Sempre Pindo, e Parnasso! Vamos, vamos

- » Dar um passeio pelo vasto Mundo;
- » Ver outros Rios, ver outras Montanhas ».
 Entrão na Grecia; Apollo deita a vista
 A's Cidades que sôbre Homéro, hão pleito;
 A's térras, que já dérão Sappho, e Pindaro.
 Vê Athenas, e diz descorçoado:
- » Sitio, que fôste vinha das sciencias,
- » E hoje dás cardos! Vamos, daqui longe,
 - » Que estes Grêgos são Turcos em Poesia.
- Deitêmos até Roma. Tenho visto
- » O pouco que alii lia. Latim de Bullas
- » Nunca dará Horacios, nem Virgilios. Tom. IV.

- » Cá está Milão: cá temos um Poéta (1).
- » Deixá-lo trabalhar. Presenta-o, Clio,
- » C'os laúdes de Pîndaro, e de Horacio,
- » Que elle sons tirará dignos das Musas.
- » Ouves ainda, oh Clio cantilênas
- » Do nosso Cesarotti? O póbre vélho
- » Desencordeou a Lyra, já não canta.
- » Vamos máis longe; entrêmos pela França;
- » Vejâmos em Paris um Bonaparte,
- » Assumpto digno desta minha Lyra: (2)
- » Ouçâmos como o louvão teus Alumnos,
- " Um Delille, um Lebrun, e ainda algum outro,
- » Como Esmenard... Já viste o seu Poêma?
- » Tem vérsos de alto stylo., tem noticia,
- » Dá grandes esperanças. Sê-lhe affavel.
- » Euterpe, e tu Terpsichore, aos Francezes
- » Deixai-lhe alguns volumes de cantigas,
- » Que ornem seus Almanachs, deixai-lhe Dramas,
- » Contradanças, e valsas, que os divirtão.
- » Estendâmos á Hespanha este passeio;
- » Que ouvi lá do Ebro, ouvi de Mançauares
- » Arremêdos de Sóphocles, e Flacco.
- » Bom clima é para Vates, se Calliope
- » Se Erato, e Clio bafejá-los queirão.
- » Passanos máis avante. Em Lusitania
- » Émulos de Camões esquadrinhêmos ».
- Não vejo por agóra (diz Calliope)
- Máis que de Alvim a impressa Joanneida.
- Inda a não li. « Nem eu » (responde Apollo) Clio lhe traz imitações mui dignas

⁽¹⁾ Monti.

⁽²⁾ Não o diria hoje.

Dos Cysnes de Dircéa, e de Venusa, Por Elpino, e Garção; traz-lhe de Alfeno, De seis, ou sette Alumnos d'esses Vates Composições de Délphica influencia.

(Clio.) - Tu déves conhece-las ; os teus raios

- Reverbérão nas vózes, nas pinturas. -

(Apollo. « Mas esse, que cá vem, Filinto Elysio,

» Que manía o tomou de fazer vérsos?

» E mór manîa ainda de imprimî-los »?

(Clio.) - Elle nunca se deo por Vate, e nunca

- Máis pertendeo de suas pêccas tróvas,

- Que ganhar alguns cobres, com que arréde

- Da sua póbre mesa, póbre casa

- Os gadanhos da Fóme, e da Miseria.

- Se hoje imprime de nôvo antigas tróvas,

- É porque as pédem certos Curiosos,

- A quem delle, hoje vélho, o canto enjôa. (1)

⁽¹⁾ Dizem os que lêm os mens canhenhos, que achão, nos que imprimi ha 18 annos máis fògo, e linguagem máis castiça: e tem razão, que esse é tambem o men vóto. Tinha muitos annos de menos, e máis frêsca a memoria do que tinha lido nos nossos Clássicos, e.... Mas dirá algum perluxo: « Se o sabes como nós, para que escreves? para que imprimes? Tómas por ten debique o causticar-nos? » Ah! men senhorzinho, tão facil acha V. m. o descartar-se algiem de antigas manhas? A Mulher que foi louvada de formosa, quando môça, não depõe sem muito custo, e muitos pezares, os enfeites, e arrebiques, com que enamorava outróra os seus esperdiçados. O Musico que encantou, na frêsca idade, qual nôvo Orpheo, as selvas, e os rochedos, não deixa ainda idoso, de rosnar as Arias com que ganhára applausos sem medida. O Alêm de que , posso en deixar de condescender com os amigos, que vem festejar comigo o dia 4 de Julho, e o de 23 de Dezembro; e que assim enges lhada, e vélha, como ella é, querem ouvir cacarejar a minha Musa?

ODE.

HORAT. Lib. 4, Od. 8.

Onde me sóbes, Musa?

Em que accêso licor me embébes a alma!

Estes ares são sanctos!

Esta montanha bi-partida tréme!

Os sacros troncos pavorosos vérgão!

Eis o Deos! eis o Deos!

Sancto furor me cála pelas veias.

D'um sól estranho sinto

Allumiada a mente. Lá se me abrem

As tão vedadas pórtas do Futuro.

Que estranhezas que eu vejo, Corrido o véo aos falladores quadros! Torna a vir o passado? — Lá me ábre o Tempo os coffres de diamante Salvados d'entre as mãos do Esquecimento.

Daqui, dalli prodigios Se me escapão dos ólhos cubiçosos. As nóve Irmãas innuptas N'um novo canto estão lidando ardentes. Uns, aos outros, mysterios se atropéllão.

Um Cysne côr de néve
Sobe ao seio de Apollo auri-crinito,
E lhe escuta os arcanos
Da divina harmonia; móve as córdas
Da eburnea Lyra, embóca a Épica tuba.

Tu (1) cantarás ousado
Do rigido Alboquérque acções ingentes,
Os conquistados mares,
Os combates cruéis, as leis pesadas,
Ao duro braço ousados Reis rendidos.

Já ensaias as fôrças

No alto Escriptor do Mundo transformado;

E impávido Tirynthio

Te apparêlhas ao grave pêso, digno

De máis robustos hombros, que os de Homéro (2).

Bem vejo, inquiéta Musa. Lá me apontas Ormuz bombardeada. Lá rompem os pelouros Os muros flanqueados...... Lá se allúem Os Paços de ouro, os incensados Templos.

⁽¹⁾ O senhor doutor Sebastião Jozé Ferreira Barrôco traduzia apuradamente em vérsos Portuguezes as Metamorphoses de Ovidio, quando as acções, e virtudes de Affonso de Alboquerque lhe movêrão o éstro, para cantá-lo n'uma Ode.

⁽²⁾ Que comparação tem a raiva de Achilles, por uma Môça, que lhe levárão da tenda, com as proêzas militares; e politicas do grande Alboquerque?

Com luzido cortejo
Vem do sagaz Sophi espavorido
O Embaixador faustoso:
Dromedarios servis, quadrupedantes
Fazem tremer, e re-tremer a terra.

Reis de Onor, de Narsinga,

Dolrai agora as túmidas cervizes;

Grão Sultão de Cambaya,

Melique astuto, honrai o Lusitano;

Mandai beijar a mão, que vos assombra.

Vejo em Malaca altiva Arvoradas as Quinas vencedoras ; Os Idolos por terra , Os sônhos de Mafôma sem valia , E as thuricremas áras a Deos dadas.

Fervem as brancas ondas
Ante o tropél das prôas cortadoras....
A Morte vai sentada
Sôbre montes de agudas partazanas,
De espadas, de canhões..... Lá salta em terra!

Que prantos lamentosos
Ouço erguer das cidades arrazadas!
Aquella afflicta Mãe
Lá véda o sangue ao filho... deixa-o, corre,
Por acodir ao moribundo Espôso.

Qual espêsso negrume

Estala entre o horrifico estampido,

Nos orgulhosos montes,

Com culebrinos raios lasca os freixos,

Fende as róchas, abala ém róda os montes:

Tal saraiva de séttas,
Se encrava pelos palpitantes peitos.
Os montes estremécem,
As cavérnas rimbombão, rios parão
C'o rouco som da irada artilharia.

Como a séva Tisiphone

Baralha anciosa os campos mattadores!

Como, co' as sérpes crêspas,

Se farta em borbotões de sangue quente,

E as mãos ensópa em golpeados membros!

Tu désces da altiveza,
Ardendo em chammas, Calecut potente.
Tómão leis de Alboquerque (1)
Orfação, e Soar, Gerum, Mascate,
Socotorá sádia, a enférma Java.

Tu, Goa torreada,
Tambem curvas a não domada frente:
Do Hidalcão, do Sabayo
Levantas a obediencia, para sêres
A cabêça (2) do Luso-Indiano Imperio.

Musa, já vou cansando:
Poupa, poupa meu peito fatigado.
Dá os arrojados vôos
Aos mimosos de Apollo, que discantem
Soberbos feitos, em soberbos vérsos.

⁽¹⁾ Escrevo Alboquerque, porque esse nome se deriva do Latim — albo quercu. — E se bem me lembro ainda do que li em Lisboa, assim creio que vinha escripto nas suas Memorias:

⁽²⁾ O tino político do grande Alboquerque foi conhecido por todas as Nações intelligentes, na prudentissima escolha, que fêz de Goa para assento do govêrno geral de quanto possuimos La India.

LES EXPLOITS

D'ALBOQUERQUE.

ODE

EN STROPHES IRREGULIÈRES,

Au Docteur

SÉBASTIEN-JOSEPH FERREIRA-BARROCO. (*)

Non incisa notis marmora publicis, Per quæ spiritus et vita redit bonis Post mortem ducibus... clarius indicant quam Calabræ Pierides.

HORAT. Lib. 4, Od. 8.

Muse! où me ravis-tu?... Sur quel rapide char M'emporte ton aile éthérée? Sœur d'Hébé! de quel doux nectar Prodigues-tu les flots à mon ame enivrée?

^(*) Traduction libre d'une ode sublime de **, que les Portugais regardent comme leur Horace, leur Tibulle et leur Boileau. Ce poëte, aussi recommandable par son génie que par

Sommes-nous près des Dieux?.. oui, cet air est sacré; De l'auguste Cirrha (1) je sens trembler les cimes: Le laurier Délien, prix des chantres sublimes, Agite, plein d'effroi, son feuillage inspiré...

Il vient, il vient le Dieu!.. Salut, roi d'Aonic! Mon sang bouillonne, en proic à tes saintes fureurs: Quels soleils inconnus!... ineffables splendeurs! Tous les transports thebains embrasent mon génie; Dans un vaste lointain, à ma vue infinie, L'avenir, sans nuage, ouvre ses profondeurs.

Plus de voile!... Éclatez, belliqueuses merveilles, Que grave le destin sur ces tableaux vivans!

ses malheurs et ses vertus, vit obscur en France, où sa langue est à-peu-près inconnue. Son ingrate patrie le nomme le plus grand élève du Camoens; elle a déclaré classiques ses nombreux ouvrages, et elle le retient dans l'exil et dans l'abandon.

On a traduit librement, parce qu'on ne ponvait se flatter de rendre toutes les graces et la vive énergie du modèle. La langue portugaise est un instrument parfait. A peine comme en France, même parmi les classes commerçantes, clie mériterait, autant et plus que d'autres langues vivantes, d'être cultivée, sons le rapport littéraire. Sonple à tous les genres de poésie, riche, variée, sonore, pure surtout comme les idiòmes grec et latin dont elle est née, elle possède au même degré cette précision nerveuse qui economise les mots, et conserve d'autant plus de vie et d'éclat aux images et aix pensées.

Cet essai n'est point toutefois une simple imitation; le riche fonds d'idées qui compose l'original s'y retreuve tout entier; la marche des strophes est la même. Seulement on a rer du par des équivalens, des images et des formes prétiques avec lesquelles notre langue n'est point familiarisée, et l'on n'a été plus étendu que pour être plus fidèle.

(1) L'un des sommets du Parnasse.

Plus de voile! O Passé! père des doctes veilles, Te voilà sous mes yeux évoqué par le temps.

J'entends bruir les cless de diamans...

Sors, sors des urnes vénérables Ou le tyran des morts te presse enseveli, Age de nos héros!... Brillez, faits mémorables, Que la gloire a sauvés des coups du noir oubli!

O palmes de l'Indus! majestueux miracles!
Vous agitez encor les os de nos ayeux:
Quels accens!... De Claros entends-je les oracles
Au son des lyres d'or s'élançant vers les cieux?
Non: c'est l'hymne nouveau dont les neuf piérides
Charment les antres saints, parvis du dieu des arts;
Delphes répond en chœur aux concerts aonides.
Les Mystères, en foule, assiégent mes regards.

Quel cygne (1) au plumage d'albâtre,
Amoureux des secrets du divin Apollon,
Monte jusqu'à son sein, puis au sacré vallon
S'abaisse, d'harmonie et de gloire idolâtre?
Dejà le luth d'ivoire obeit à ses lois;
Voyez comme il s'enivre à la source Delphique!
De cygne il devient aigle, et sa tonnante voix
Souffle l'enthousiasme à la trompette épique.

Chante, Ferreira! l'Achille de Lusus, Législateur austère et guerrier invincible,

Cet Alboquerque au bras terrible; Tout l'orient soumis de l'Euphrate à l'Indus;

⁽¹⁾ Le docteur Barroco travaillait à un poëme épique, dont le grand Alboquerque était le héros.

Son bras impétueux peuplant les rives sombres, De Maures immolés aux autels du dieu Mars; L'océan obombré par ses mille étendards; Les empires détruits, lamentables décombres!

> Et les fiers Sultans... vaines ombres Que dissipe un de ses regards!....

Sur le char du brillant Ovide (1)
Essayant ton rapide essor,
Du monde transformé tu chantais l'âge d'or;
Tel jouait au berceau le généreux Alcide;
Mais le héros t'appelle à dire ses hauts faits;
Du Barde d'Ilion saisis la harpe altière!
Pour porter, jeune Atlas, un aussi noble faix,

Apollon te donna les épaules d'Homère.

Je te suis! nous planons sur les zones de feux., (2) Dont Bellone en courroux ceint Ormuz foudroyée: O déplorable Ormuz! en mille éclats broyée, Tu croules sous les coups du vainqueur furieux.

> Je vois fondre sur tes murailles, Vomi par l'airain des batailles, L'orage des globes ardens....

Comme rugit l'assaut sur tes remparts fumans! Ils tombent ces palais, merveilles de l'Asie, Et ces temples dorés, où ton monarque impie Brûlait un sacrilége encens.

Quel bruit dans le désert! Quelles pompes barbares! C'est du pâle Sophi l'envoyé fastueux:

⁽¹⁾ Pour se livrer à ce dernier travail, il avait interrompu sa traduction en vers portugais, des Métamorphoses d'Ovide.

⁽²⁾ Siége et bombardement d'Ormuz.

Je vois étinceler son turban radieux Des saphirs dérobés aux rives Malabares;

Mille esclaves silencieux

Fléchissent sous le poids des tributs les plus rares.

J'entends les coursiers hennissans, Et les pas cadencés du souple dromadaire; Au choc tumultueux des vastes éléphans, Je sens trembler au loin, trembler encore la terre.

Princes de Narsingue et d'Onor! (1)
Tombe enfin votre orgueil et ce front despotique!
Vous que n'ont pu sauver ni vos dieux ni votre or,
Monarque de Cambaye! Et toi, rusé Mélique! (2)
Que vos ambassadeurs accourent à genoux,

Baiser la main infatigable,

Cette main dont le poids accable

Les vaincus insolens qui bravent son courroux!

Malaca, cité fière! en tes hautes murailles Vois flotter l'étendard, astre heureux des batailles, Dont Lisbonne a guidé la marche de ses fils: Tes vaines déités ont jonché les parvis

De leurs infâmes sanctuaires;
Et, purifiant tes autels
Où tu chantais Allah, nos hymnes immortels
Célèbrent du vrai Dicu les augustes mystères.

Neptune est accablé sous le poids des vaisseaux Qui sillonnent l'empire humide : Debout sur le bronze homicide,

⁽¹⁾ Princes de l'Indostan.

⁽²⁾ Guerrier Maure, célèbre par ses stratagemes dans les guerres de cette époque.

Arborant dans les airs ses lugubres drapeaux La mort vole... En deux pas elle a franchi les eaux, Et la hache à la main, de massacres avide, La voilà qui s'élance aux bords orientaux!...

Muse! quel accent lamentable

Sort des remparts en feu des plaintives cités?

Quelle femme, d'un fils mourant à ses côtés,

Veut étancher le sang?.. O mère déplorable!

Abandonne le fruit de tes chastes amours;

Cours, vole. Malheureuse! un nouveau coup t'accable,

Ton époux expirant t'appelle à son secours.

Comme un orage armé d'éclairs et de ténèbres,

Déployant ses ailes funèbres,
Avec un bruit immense éclate sur les monts;
La foudre qu'il vomit, de ses brûlans sillons
Fracasse les rochers, fend les troncs séculaires,
Et fait tonner au loin les échos solitaires

Dans les profondeurs des vallons :

Tel l'ouragan des flèches enflammées
Frappe le sein des héros palpitans;
Le choc des féroces armées
Retentit sur les monts tremblans;
Les antres agités jusqu'en leurs fondemens
Mugissent.... De l'airain la voix rauque, infernale,
Jusqu'à l'urne natale
Fait reculer d'effroi les fleuves bouillonnans.

Comme l'ardente Tisiphone

Braudit ayec fureur ses livides flambeaux!

Voyez-vous les serpens, effroyables bandeaux,

Se dresser sur le front de l'horrible Gorgone?

A la mort qui, de rang en rang, Promène la faux des batailles, Elle apprête la proie, ivre de funérailles, Le spectre échevelé, galoppe dans le sang.

Calicut, ò ville superbe!
Pourquoi défiais-tu les vainqueurs irrités?
Tu n'es plus! L'incendie ensevelit sous l'herbe
De ton fier Zamorin (1) les palais enchantés:
Soumets-toi, Socotore (2), asyle aimé d'Hygie!
Mascate (3), des parfums odorante patrie!
Java, dont l'air impur exhale au loin la mort!

Gerum, qu'un ciel en feu dévore! Soar, Orfacaïm, tombeaux du peuple Maure; Alboquerque accomplit sur vous l'arrêt du sort.

Cède, auguste Goa! la commune tempête
Bat ton front de tours couronné.
Reine de l'Indostan, du héros fortuné
Tu deviens sans regret la superbe conquête:

Des sabaïs, des hydalkans (4). Brise le joug, aspire à des destins plus grands: Du chêne portugais, salut, tige féconde! Salut, nouvel empire, éclos du sein de l'onde, Où Lusus a promis des pénates rians,

⁽¹⁾ On nommait ainsi l'empereur de Calicut qui était, à cette époque, la principale puissance de l'Indostan.

⁽²⁾ L'île de Socotora, célèbre pour la purcté de son air, comme celle de Java pour l'insalubrité du sien.

⁽³⁾ Mascate, Soar, etc., villes de l'Asie, conquises par Alboquerque.

⁽⁴⁾ Rajahs, on princes indous,

Un repos glorieux, et les trésors du monde A ses fils triomphans!

O Muse! c'est assez planer sur le tonnerre;

Épargne mon sein haletaut:

Détèle tes coursiers; retournons à la terre;

Laisse enfin reposer mon génie expirant:

Garde ce vol hardi pour les chantres sublimes

Dont le luth inspiré par le dieu des beaux vers,

Peut se mêler sans honte aux célestes concerts,

Et sauve du Léthé les exploits magnanimes. »

PHILOLÜSUS.

SONETO.

Dos mysterios de Amor inda ignorante, Por um valle desci, sem máis cuidados, Que ouvir do Rouxinol os requebrados Cantos, com que affeiçõa a meiga Amante.

Eis que encontro rotinho um lindo Infante, Loura a madeixa, os olhos (1) engraçados, Mas nús os pés, de longo andar cansados, De frio, e dôr estreito o alvo semblante.

⁽¹⁾ Como lhe podéste ver os élhos (me dirá alguem) elle que os traz semple vendados. Respondo, com um grande Commentador, que dera na vest era, a remendar a sua Mãe, a venda, que do muito uso, em têz de venda era farrapo.

Tómo-o no cóllo, amimo-o em seu desgósto, Compassivo o consólo, ao peito o apérto, Beijando térno o entristecido rôsto.

Quem creo tal dólo, em candidez cobérto?

Soprou-me amor no peito, rio de gôsto,

E rindo foi rasgando esse ar abérto.

ODE.

Em 23 de Dezembro de 1805, dia dos meus annos.

Primum ego me illorum, dederim quibus esse Poetas, Excerpam numero. Horat. Lib. 1, Sat. 4.

Vate, que mandar quer á Eternidade
Sen nome, e seus escribtos,
Talhe os seus pensamentos, talhe as vózes,
Pelos móldes de Pindaro.
Imprima na memoria, que sentado,
Co' as Musas, com Horacio,
O vê n'um Tribunal sevéro, augusto,
Onde condemna, e risca
Quanto mingua da Lyrica sublime,
Que em seus cantos resôa.
Assim moldava Elpino as suas Odes,
E com nóbre ousadia
Ia ao conclave douto appresantá-las.

De Elpino ao lado, Alfêno

Cantatas, e Sonetos, e altos Hymnos Tambem lá modulaya.

Ambos louvor das Musas conseguião.

Póbre de mim, coitado!

Que nunca irei, co'a minha ensôssa prósa; Causticar os ouvidos

Das Musas, nem de Horacio, nem de Pindaro:
Quando mórmente a idade,

Com mão avára, me murchou na mente Toda a flor, todo o brilho

De ingenhosas ficções, de altivo capto.

Muito ha que é já volvido

O tempo, em que eu cantei Gama, Alboquerque, Cantei Delmiras, Marcias,

Com sons, que eu escutava á minha Clio; Essa Clio, que olhando

Minhas caas, me deixou ao desemparo, Para ir folgar mui prompta

C'os Alumnos, que inspira lá na Élysia.

Traz mágoas mil comsigo,

A Velhice (1); e não é a menor dellas,

Quebrantar os impulsos

Com que o Génio ao sublime se arreméssa.

Hôje mesmo, que esfórços,

Máis que sobejos fiz, por dar um salto A's margens do Permésso;

Exhausto o corpo, os pés enfraquecidos Negárão obediencia:

⁽¹⁾ Multa senem circumveniunt incommoda. Horat. de Aste.

Tom. IF.,

Fiz promessas a Phébo, invoquei Musas; Contei-lhes, que era o anno Sôbre-pôsto ao meu lustro quatorzêno;

Sobre-posto ao meu lustro quatorzeno Inculquei-lhes com súpplica,

Que dous leáes Amigos, que Delmira, Em dia tal esperão

Divinos tóques de canóro pléctro Que celébrem o assumpto.

Inutil foi o esforço, o rógo inutil;

Fiquei áquem das margens,

Lastimando meus fados desvalidos.

Apenas lá d'um éccho Respirou uma voz fraca, e mesquinha, Com este desconsôlo:

-És vélho, e um vélho só, com sons caducos, Desentôa ruîns tróvas. (1) --

FILINTO ELYSIO.

⁽¹⁾ Com effeito quem conta 71 annos não curte fébres de en thusiasmo.

SONETO.

MOTTE.

Dons á bellêza, dons ao dôce canto.

GLOS A.

Os pássaros, nas azas pendurados, Se esquécem da consórte, e do sustento: Reprime o Nóto o desenvôlto aleato, E os brutos se suspendem de enlevados.

Déscem dos altos montes, descarnados Os troncos de tenace fundamento; Párão os Astros, no alto firmamento, Brótão flores nos sêrros descampados.

Lá érgue a vista a Madre Natureza,

Da lidada officina, a ver quem tanto,

De em seu lavor forçá-la, tóma a emprêza.

Vio-te, oh Marcia, e te ouvio. — Tal déste encanto, Que, em mimo te prendou, c'os que máis préza, Dons á belléza, dons ao dôce canto.

ODE

AO ILLMO, E RMO. SENHOR

Francisco-Antonio MARQUES GIRALDES.

Do Conselho de sua Majestade Fidelissima, seu Deputado na mesa da Consciencia e Ordens, etc. etc.

> Murus aeneus esto Nil tibi conscire, nulla pallescere culpa.

HORAT. Lib. 1, Ep. 1.

Feliz, quem no silencio descansado
Das avîtas herdades

Despio da alma os cuidados inquiétos;
E, quando se érgue o dia,

Vai saûdar o Sol vermêlho, e claro,
Limpa a mente de crimes;

Põe seu disvéllo, põe seu passatempo
Na madura seára,

Que com grávida mão lédo espargira;
Cólhe o sab'roso fructo

Pelo tronco sylvestre perfilhado;
Bébe a dôce fragrancia

E a nova flor, que lh'a orvalhou a Aurora

Para amigo recreio

Dos ólhos, que despértão, para verem. Seu matinal triumpho.

Feliz quem vai, quando o Calor recrésce Por entre verdes sombras;

Com Séneca nas mãos, Sócrates na alma Contemplando a bellêza

Da rara, formosîssima Virtude;

E encontra entre os serrânos,

Vestigios de seus pés, quando fugindo Das túrbidas Cidades,

Lhes deixou, por presente, a singellêza.

Porêm máis venturôso

Quem, como Tu, no agudo precipicio Da gloria, e da privança,

Do prumo da Razão o alto Juîzo, Cc' as válidas refrégas.

Do vento das Paixões, vergar não deixa. Quem, com Virtude activa,

Acha e prazer no Cháos tumultuoso Das espinhosas Lidas;

Quando soccorre co' a Sentença justa Os desvalidos Orphãos;

Quando alcança, do Rei mal-informado, O perdão do innocente:

Ou cercado de Crimes, de Lisonjas, Se ólha, e se vê sem mancha.

A MORTE

DA SENHORA D. M. J. R D.

Desde hôje, ás áras do înfero Tyranno, Com mão tremente vóto a més a lyra, Que discantou Delmira, Delmira hôje vassalla de Sumâno (1).

Amantes cantilênas, Delirios deleitosos.

Dai lugar a cuidados tenebrosos;

Que eu devo aos Mânes seus, de agudas penas, De lágrimas tributo.

Vós, que as cinzas cubris, sitios de lutto,

(Lédos campos outróra,)

Por abónos vos tómo d'este pranto,

Que aqui , com amor tanto , Minha alma in-consolada ante vós chóra. Dai-me a minha Delmira , oh Deoses duros:

Que she déstes bellèza, e as prendas raras, Com que orna o Céo as Deosas máis preclatas,

E aos meus desejos puros. A melhor lhe negastes, invejosos; Não lhe dar de immortal dias ditosos.

⁽¹⁾ Sumâno, Deos dos Infernos, é o mesmo que Plutão, Dite, etc. Homéro, Virgilio (a quem seguio Fenelon, com outros modernos) põe á ilharga dos Infernos os Campos Elysios, ende estão os Heróes, e as pessoas de virtude, e mere cimento.

ODE

Ao meu Amigo Mathevon , em dia de S. to Antão.

Dulci digne mero non sine floribus

Cras coronaberis.

HORAT. Lib. 3, Od. 13.

JA' de ti disse Horacio (grão Propheta!)

« Qual fonte de Blandusia

» Coroado serás, serás banhado

» Em dôce Carcavéllos, »

Escondendo o fatidico prenuncio No disfarce da Fonte.

Fonte de Probidade, fonte de Honra

Igual vinho, iguáes flôres Se te preparão: dous concorrerêmos,

Com festival empenho,

O augurio a confirmar do amigo Flacco;

O bom Dittmer c'o sumo

Das videiras da Elysia, e o bom Filinto

Co' as flôres das Aonias. (1)

« Vive feliz - e tantos annos contes

De dourada ventura,

⁽¹⁾ Verdade é que foi minha intenção ir jantar com o meu amigo Mathevon de Curnieu, no dia em que seus Filhos, e seu Genro lhe celebrarão os annos; e é tambem verdade (custosa de dizer!) que lh'os não fui ou celebrar, por não ter sapatos, nem com que os comprar.

Quantos os filhos teus, os teus amigos
Te implorão do alto Nume.
Vejas os Nétos de teus Nétos culto
Darem ás Divindades,
A's Virtudes, que em ti posérão templo;
E em mui solemne côro,
No Natalicio teu vejas as Musas,
Empinar dôces brindes.

DOS FASTOS,

LIVROS XII.

LIVRO I.

Tu, que os dias governas compassados, Astro brilhante, amor da Natureza, E Tu, que ás noites dás desigual lume, E a terra, e o mar com brando influxo animas; Meus vérsos aspirai, pregoadores Das festas, dos costumes revolvidos Na annual carreira dos trabalhos vossos; E o timido Poéta olhai affaveis.

Coméça, oh Musa, a bafejar-me o canto. Dize, como o Restaurador do mundo, Hôje com sangue rubricou Divino

Os ensaios da Redempção sagrada:
Como intacto acceitou da culpa a nódoa,
De Senhor, por bem nosso, feito escravo.
Mas tu para mysterio tanto, oh Musa,
De alento escassa, e de turbada vista,
Da luz que te deslumbra abaixa os ólhos;
Téce os meus yérsos de terreno assumpto.

Mal da Aurora, no seio apavonado, A luz aponta, que nos abre o dia, E as portas se descérrão do anno nôvo; Aládo enxame de gentis ideias (Que no ar as azas húmidas battião, De Morphêo espreitando a lenta fuga) A mente assaltão dos mortáes despertos: Qual orvalho de aljófar disparzido, A Lisonja, a Ambição, as amorosas Conquistas, as magnificas Promessas Banhão do cérebro o ávido terreno.

Já dos Bons Annos férvida cohorte
Busca as portas dos Riccos, invejadas;
Bandejas de xarão lhe vem no alcance,
Co' as trouxas loiras, com os pardos fartes,
E c'os antigos bôlos de refêgo,
Caseiro dom dos nossos bons Maiores:
Algumas Vós mandaís, mimósas Freiras,
Devotas méstras de bonéca, e dôce,
Ao nédio Confessor escrupuloso,
E ao bem-fallante, apessoado Primo.

C'o trótte das saxì-fragas carroças A Calçada d'Ajuda atrôa, e tréme; A roda range, os cubos se abalrôao; Grita o cocheiro, o açoite silva, e estala; Cresce o embaraço, descompõe-se a fila, Da liza portinhola um désce o vidro,
E açula o boleeiro; outre escumando
Pede ao Sol por frisões o Ethonte, o Eóo,
Por não ser de outre côche atraz deixado:
Em quanto as ancas da ronceira mula
O Desembargador chupado e gêbbo
Cóça a mitido c'os cordões já gastos;
E a vélha alugatriz se encosta ao muro
Co' gordo Provincial entabacado;
Porque o Duque, e o Bandeira os não enguice.

Tacs vio Elis, na Olympica contenda, Reis e Heróes sacudir as doutas rédeas Aos duros, velocî-pedes cavallos.
Férvem as rodas nos fumantes eixos;
Eis se atraza, eis precede, eis passa adiante Outro carro de brutos máis fogosos,
Que o perigo despreza, ou não conhece.
Tal, das praias de Acestes vio Néptúno,
Nas rebatidas aguas, que branquejão,
As Phrygias Náos vencer, e ser vencidas,
Quando os Deoses, com braço poderoso,
Esta impellem, aquella não ajudão,
Ou n'um baixo se engasga a máis ligeira,

Já se apêão na salla dos Tudescos
Luzidos Cortezãos, tufiados Béccas;
Aqui o Militar agaloado
Saúda o Principal de longa cauda;
Alli c'o hábito ricco, o Cavalheiro
(Inda ha pouco villão) busca c'os ólhos
Em que róda de nóbres se afidalgue;
Um pessante Geral de duas barbas
Lá falla, ao canto do balcão de vidros,
Nas têzas conclusões de Theologia,

Nas distinções, com que tapára a bòcca. A doutos Mestres, que a encová-lo vînhão, E a dar-llie as calcas, que elles bem levárão. N'outro corrilho Nóbres Puritanos De avós pôdres a teia desenrólão:

« Aqui não ha Judêo; meu sangue é limpo;

» Lucrecias (1) fôrão todas as Espôsas

» De meus Christãos, guerreiros avoengos. » Léves sussarros, mal rasgados risos Ora partem daqui, ora se chegão. Aqui se escarra, alli da caixa de oiro Battida com desdêm, o pó se off'rece. D'este lado a Lisonja carinhosa Baixa a cabêça, encosta as mãos ao peito, Os termos méde, o cumprimento adóga; Do outro a fôfa Bazófia empayezada Faz alarde da bem bordada véstia, Da larga fita, em que arfa a cruz comprada, E c'o inquiéto brilhante affaga a tésta, Cóça uma e outra orêlha não peccantes. Encostada ás riquissimas parêdes Destórce as torpes roscas a · Calúmnia, E sópra (não sentida) atro venêno, Que o Zêlo, que a Ambição déstros fomentão; Porque melhor no incauto peito cále.

·Mas, eis que a porta se abre, o Rei se avista z Um só cuidado as mentes alvoróca: O garbo da airosissima mesura. Oh quanto é máis feliz o villão tôsco, De rubicunda, prazenteira face,

⁽¹⁾ Se como a Lucrecia Romana tiverão seus Tarquinios, que as dormissem; não consta que como ella se apunhalassem.

Que em torno da lareira co' as saloias Canta ao som da vióla, que reclama, As simples tróvas das pagaas Janeiras: Que o cangirão empina, a sertãa méche Do saboroso lombo, que rechia; Sem pretender do Céo maior riqueza, Que uma farta colheita, e um manso Cura!

Pérto das bordas do sobêrbo Tejo; Que as vassallagens recebeo outróra Do Ganges, do Indo, e do Amazonio rio, Se érgue um marmórco templo, onde reside Quem, sobre o manto, navegou sem mêdo As Itálicas ondas, salvo, e enxuto. Dias Treze, a que a vãa Gentilidade Deo o nome da bella, e impura Deosa, Convidão as Donzellas Lisbonenses A buscar d'esse Santo as puras aras : Devotas umas vão, outras não tanto, Mas todas confiadas na valia Do Intercessor do casto matrimonio, Unico vóto das não-frias Nymphas. Vós o sabeis austéros Cenobitas, One recebeis os óvos, e as pescadas, Insigne dom da piedosa fôrça, Com que ao Céo esta graça quasi arranção.

Salve, radiosa Estrella, que guiaste Por ignótos caminhos, desviados Os tres Reis, os tres Sabios venturosos, Da resgatanda gente altas Primicias. Que prazer! ver prostrados tres Monarchas A's plantas infantis do Rei supremo! Prostrado en vi seguir-lhe o exemplo vivo

Jo	zé,	R	Rei sem			igual		dos póvos				Lusos (1).		
•	٠	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	
•	٠	•	•	•	•	•	•	÷	•	•	•	•	•	
_		_												

MADRIGAL.

NÃO te captivem púrpuras nem ouro,
Oh Philis insensiva:
Se a púrpura nos labios tens máis viva;
Se no cabello louro
Tens mina do metal máis cubiçado,
Põe alvo ao teu cuidado
Mais subido em valor;
Põe o dom de que o peito teu carece,
Chamma de puro Amor,
Que no meu tão activo resplandece.

⁽¹⁾ Tinha, á imitação de Ovidio, começado estes Fastos, onde desse conta das nossas festas christãas, das nossas romarias, cirios, festêjos que as accompanhão, e outros ritos, que são de nosso uso; quando uma doença, e depois outras occupações me atalhárão de os continuar. Deito este bosquêjo a Deos e á ventura; se me constar que agrada, proseguirei, incluindo nelle os avisos que me vierem das pessoas, que quizerem concorrer para consagrar, n'um poêma nacional, os usos que recebêmos de nossos Maiores, ou os que nós instituêmos.

ODE

A' SENHORA D. E. R. DE M. S.

Hic, quos durus Amor crudeli tabe peredit Secreti celant calles, et myrthea circum Sylva tegit. Ving. AENEID. Lib. 6.

E_M quanto os ólhos de Elia me aquécião, E a face eu confiava ás brancas ondas Descu mórbido seio, Amor benigno Me bem-aventurava.

Mas desque terra e mares pôz em meio, E os frigidos Britões c'o rôsto alegra, Meu triste coração trasborda em mágoa,

Que pelos ólhos vérte. Ai que em pedaços sinto a alma estalar-me-Aos abraços da Ausencia! A' bòcca sècca Se pégão as palavras fugitivas,

Atadas aos suspiros. A Saudade de rôsto macilento Com descarnadas mãos me esfria, e gela; C'o enfermo sôpro as carnes me definha,

As côres me desbota.

Busco a mudez opaca das florestas;

Onde a minha alma vaga em seguimento

De errores cégos, céga vai buscando

Despenhados desvîos.

Por valles de má sombra, mudos, oucos, A'rvores de que pendem vultos feios, Se me desliza o passo; aqui dão ais;

Dalli trémem soluços.

De rôtas veias ouço golfar sangue: Damas gentîs, mancêbos engraçados, Indignos de soffrer tão cruas mortes,

Dão os fináes arrancos.

Esta é a infeliz Dido: alli cravada Nos alvos peitos, thrônos de Cupido, Tem, a que Enéas deixa a melhor uso,

Desamorosa espada.

Tambem jazes, Leandro malogrado, Affoito por teu mal, molhado ainda, C'os hirtos braços, de nadar cansados,

A praia tenteando.

Mas, que vejo! No fim do bosque se abrem Portas de oiro lavradas, bipartidas; Mil Cupidos brincões batendo as azas, Pelos ares se espalhão.

Lá sáhe Amor co' as mãos vertendo sangue; C'o a sétta, a que inda ha pouco afiou (1) as farpas, Corta em pedaços corações amantes

O maléfico Nume.

- « Céva esse vil furor, céva, Maligno,
- » Nos innocentes peitos teus vassallos,
- Em quanto contra ti se não rebéllão
 - » Os covardes humanos:
- » Em quanto Jóve, em quanto os Deoses todos

⁽t) — — — Cupido Semper ardentes acuens sagittas Cote cruenta. Horat. Lib. 2, Od. 10.

- » Te não lanção do Céo, te não castigão
- » Pelas tuas cruêzas inauditas,
 - » Por tuas barbarias.
- » Em quanto o Céo não chéve irados raios,
- » Que os pérfidos farpões, cruentas azas,
- » Queimem; e as sêccas cinzas testemunhem
 » As punidas façanhas (1).
- » Tu não és Deos do amor, és Deos das Furias;
- » Nem Plutão, como Tu, dá penas, e ancias
- » Aos tyrannos, aos impios malfeitores
 - » Nas lôbregas moradas.
- Praguêja (me tornou o Deos protérvo)
- Que em vós o praguejar é uso antigo;
- Vós nada sois sem mim. Não te queixavas
 De mim, nos braços de Élia.

SONETO.

Detesta o Navegante o mar infido Molhando o chão co' as véstes alagadas; Mas lógo surca as ondas infamadas, Onde o seu cabedal deixou perdido.

Gran fiamma ardente

Veggi d'al ciel cader su le tue ali, Ch'arda à te l'arco, la corda e li strali, E tue menzogue al tutto sieno spente. PETRARC.

⁽¹⁾ Acer Amor, fractas utimam tua tela sagittas Scilicet extinctas aspiciamque faces. Tieul.

- O Jogador, de azares perseguido, Se blasphema do acinte das cartadas, Perdido o ódio ás Cartas blasphemadas, Torna ao combate, em que ficou yencido.
- O Soldado ferido tórna á guérra; E o experto Lavrador nóva semente (Confiado em melhor) entréga á terra.

Assim de teus desdêns vou descontente, E a Razão longe delles me desterra; Mas tórno a teus desdêns em continente. (1).

ODE

AO SENHOR LUIZ JOZÉ GUIDO LANDRY,

DE VAUX LANDRY.

Festo quid potius die
Neptuni faciam? Prome reconditum
Lyde strenua Cæcubum
Munitæque adhibe vim sapientiæ.
HORAT. Lib. . Od. 28.

I.

Sentado á mesa c'um fiel amigo, Cravados em Delmira os brandos ólhos, Fácil esquéço

⁽t) Juravi quoties rediturum ad limina numquam; Com bene juravi, pes tamen ipse redit. Tibul. Tom, IV.*

Feias tristezas,
Agros cuidados.

Amor com a Amizade, alli unidos
A taça me apresentão,
Que das mãos do gostôso Baccho tomão.

TI.

Apenas pelo seio se derrama

A dôce chamma do despérto Nectar,

Surgem ligeiras

Verazes notas

De antigos gôstos,

Que abafadas jazião sob o pêso

Do morôso infortunio,

Nos cansados retrêtes da Lembrança.

III.

Lá brilha o santo, o favoravel dia

Em que primeiro vi da térna Marcia
Os rutilantes,
Os deleitosos
O'lhos sem-par,

Que Amor, para aditar-me, em seu thesouro
Guardára longo tempo,

E a Marcia os déta, para máis não dá-los.

IV.

Vem juntas de tropel as dôces horas, Que passei com Thyrséa e com Anarda: Fugaces bandos De accêsos beijos, Térnos abraços Lédos perante os ólhos me revôão: Descerrados escritos, Por entre elles, caricias alardêão.

V.

Travessos Furtos, de ladinas azas,

Me tomão sobre si, me levão longe

A', flórea vársea,

Em que o teu templo

Formôso e dino

Estende em tôrno as alvas columnadas;

Junto d'outro que enfeitão

Verdes festões de pâmpanos inquiétos.

VI.

Este alvo Ancião, de veneranda fronte,
Teu Sacerdote, oh Venus, teu oh Baccho,
Nos templos ambos
Com almo riso
Dá leis jucundas,
E com as leis infunde a Sapiencia:
Que jaz no prazer sóbrio,
Não em rigor austéro, a sãa Virtude.

VII.

Saudoso Vélho, ha muito eu te conhêço.
Tu fôste o Mestre de meu douto Horacio:
Na alegre Téos,
Todo enramado
De murta, e de héra,
Cantavas as doutrinas saudaveis,
Que na estrada nos guião
Do alongado viver gostôso, e puro.

VIII.

Aquî do meu pensar ponho a baliza: D'estes dous templos servidor devóto,

Nos tempos vagos Do meigo officio, Na tua escola

Tomarei as lições, com que Minerva Te embebeo a memoria, De teu subtil ingenho namorada.

IX.

Aqui trarei, se facil m'o concedes,
A mimosa Delmira, humilde alumna,
Que os dons sagrados
Ante os altares,
Com culto aceio
Porá com mão devota, e vigilante:
Vestal de ambos os Numes,
De ambos os fógos tomará cuidado.

X.

E ao caro Vaux-Landry, que mui bem póde No respeitavel cargo succeder-te,

Quando pesada Co' vapor santo A branca tésta,

Queīras no seio amavel repousá-la De appetitosa Nympha, Té que venha Morphêo adormecer-te.

EPIGRAMMA.

Partio Delmira tão desattentada
Para uma romaría,
Que só deo fé das luvas, que esquécia,
Dos dentes, e da cara arrebicada,
Quando era já alto dia.

ODE (1).

AO ILLUSTRISSIMO SENHOR

Domingos Pires Monteiro Bandeira,

Fidalgo da Casa de sua Majestade Fidelissima, e Escrivão da sua Real Camara.

> Lætus in præsens animus, quod ultra est Oderit curare, et amara læto Temperet risu. — Horat. Lib. 2, Od. 16.

Em quanto abre as janellas do Oriente A Môça de Titan, e enxuga, e sécca Os molhados lenções em que dormira O frêsco Hyperionio;

⁽i) Peço aos meus leitores que não reparem no destempero desta ode, porque estava no delirio de uma febre, quando a fiz.

E varre o Sol co'a loura cabelleira Os Alpes, onde o Hynvérno despejára, Das abas do roupão, as alvas natas, Que mandou vir de Nórte;

Filinto na ouca idéia repassava O triste fado seu, a Igrêja, os Frades; A procissio dos dias aziagos,

E os andôres dos Reinos.

Via os Assyrios, Médos, Pérsas, Grêgos, Romanos, Chius, Arabios, Jesuitas Sorver sôsfregos terras, e dinheiro, E impando arrebentarem.

Hércules corre o mundo affadigado, Já desmancha os engonços das queixadas Do Leão Nemêo, ou já laranjas furta A's desdentadas Fadas:

O tôrto Annîbal dá rebate a Roma; E o Gama vai, por entre insanos mêdos, Achar o Çamorim mui repimpado Na camilha de téla.

Hoje apenas entufa co' esses nomes
 O Macedo um sermão gratulatorio;
 E Jóve, quando accorda, mal se lembra
 De seu filho Alexandre;

Ou já travando do immortal adufe Da poderosa Juno, tócca a fófa, Que faz dançar os O'rbes, dá dous trincos Para as lidas do mundo.

Quando as Parcas, co'as mãos encarquilhadas, Fião na rocca a estriga dos Destinos,

Mal sentem pelos dédos engasgar-se-lhes Uma campal batalha.

Dorindo (eu sempre o disse) o máis sizudo É ter vintens na bôlsa, e a boa pinga, Daquella que espremeo Lyeo nos dôces Lagares da Chamusca;

Boa mesa co' alegre amigo em frente, E ao lado a môça de magânos ólhos, A quem deitou o Cura a santa benção; Em bençãos não-perluxo.

Deixa aos Embaixadores a Etiquêtta, O Equilibrio aos Políticos profundos, Ao Papa o Consistorio, e que recêe Da Côrte de Vienna. (1)

MADRIGAL.

Esta, que a margem beija, Onda fágueira, A Rosa que ao ar sólta o aurco enfeite, E a, que entre as folhas ri, Aura ligeira:

« Amai (nos diz); amor é grão deleite. »

Dóbra se a dita, com dobrar a chamma,

Nos peitos, que Amor une estreitamente.

Tem só uma alma quem amor não sente:

Tem duas quem bem ama.

⁽¹⁾ Nesse tempo o Imperador Joseph II, traçava certas reformas no tocante aos Ecclesiasticos, das quáes tomou tanto susto o Papa, que acodio a Vienna, na intenção (se podésse) de lhe deitar água na fervura.

ODE (1)

AO SEŃHOR BACHAREL.

DOMINGOS MAXIMIANO TORRES.

Nas veias me arde o fôgo, que irritava
De Juvenal as iras:
De austéras córdas despeitosa Musa
A Lyra me remonta.
Como usurpárão da Razão o reino
Os Erros dos estúpidos humanos!

Alfêno, que a Razão afformozêas
Co' brilho da Poesia,
Tu, que accompanhas o saber profundo
Com as venustas Graças;
Tu me julga. Que é feio ser julgado
Do Pôvo, para sãos juizos cégo.

Vê como a fronte altêa esse orgulhoso
Sôbre os da sua estôfa,
Temerario sagaz, bem succedido
Com milhões de baixezas,
Com tôrpe adulação, forçou injusto
Os inconstantes coffres da Fortuna.

⁽i) Esta Ode foi (segundo dizem) Alemãa de nascimento: eu achei-a transplantada já em prosa Franceza, quando a traduzi, e puz em vérso.

Ouve o nome de Grande, que lhe entôa

A Plébe embrutecida;

Vê como de luz falsa lhe ornão raios

A presumpçosa tésta;

Como, por entre as télas roçagantes,

Revê do coração a nódoa impura..

Já, traz elle, caminha a passo lento
O Juîz incorrupto;
Éra vindoura lhe assinalla o cêpo,
Que os crimes seus requérem.
« Déra á Traição (lhe diz) tambem seu premio,
» Quem tal premio aviltou em teus serviços.

Desdoura altas facções tenção humilde.

Darás nome de Grande

Ao que emprendeo aváro, ambicioso
Os trabalhos de Alcides?

Não. Que do lôdo, em que se atóla o Vulgo,
Nunca, a ver a Virtude, ergueo os ólhos.

Vai, trilha, oh Alexandre, a Asia vencida;
Visita o baço Scytha;
Corre o clima que banha o vasto Euphrates,
Arcias que o Sól queima;
Léva ás praias do Gange, ao mar remoto
Saúdosos guerreiros, insoffridos:

De batalha em batalha arranca louros
A' tumida Victoria,
E, prenhe o seio de indomado orgulho,
Assobérba-lhe os thrônos,
Québra-lhes sceptros; despedaça as c'roas
Dos sanguinosos, bárbaros Tyrannos.

Não te enterneças, gema sotto-posta

A teus ferreos desejos

A Natura ultrajada, as mãos erguendo.

Que indignada a Virtude, Travando-te da coma laureada, Te arremessa entre os Tântalos famintos;

E, voltada ao guerreiro generoso,

Que armou o braço duro

Em defensa da Pátria acomettida,

Com gôsto o Heróe abraça,

Que vérte o sangue seu, o alheio poupa;

E de immortal renome o véste, e adorna.

Tambem abraça alvoroçada o Sábio,
Tenaz na tenção boa,
Que em quanto afia a adaga o Fanatismo,
E espalha o Erro trévas,
Cóbre com triple escudo a sãa Verdade,
Com mal-pago serviço adita os homens.

Quem máis lhe apraz que Tu, de Heróes modelo,
Timoleon o justo!
Tu, que a Dyniz, banhado em sangue humano,
Calcando a Pátria mésta,
Co' a livre espada em punho, despediste
Dos mal-captivos muros, detestado?

Já Syracusa sacudio da frente
O tyrannico opprobrio:
Já nos braços acolhe, e no almo seio
A abastança, a alegria....
Mas qual te espera, Cidadão sagrado,
De tão preclaras obras preço digno?

O canto dos convites não medrosos

Dos contentes patricios,
(Dês-que o teu séc'lo d'ouro, ao ferreo séc'lo
Sôbre-puseste affoito,)
Que ao longe ouves no teu asylo, vence
Da húbrica Lisonja os dons forçados.

Lá vai levar sôbre as douradas azas
A's duradouras Musas,
A Glória, o louvor justo, que te deve.
O'lha como os seus hymnos,
Adejando ao redór do teu sepulcro,
Dão movimento aos louros sempre-verdes.

MADRIGAL.

TREMEM dos Reis os pávidos humanos;
Dos Numes os Sob'ranos:
Mas contra os Reis, e os Numes, Vós Senhoras,
Daes triste, ou lédo fado
A' subjugada terra:
C'um volver de ólhos térno, ou agastado
Dáes a paz, dáes a guerra.

ODE.

Et te sonantem plenius aureo ... plectro. — Horar. Lib. 2, Od. 13.

Pelas rôtas entranhas dos penhascos
O squálido Mineiro
Arrisca escravos, barateia a vida,
Em trôco da aurea veia,
Que a Térra cauta néga aos tôrpes usos
Dos mortáes imprudentes;
Qual a prevista Mãe néga ao filhinho
O ponte-agudo férro.
Bem pre-sentîrão os sagazes Numes,
Que os filhos de Japêto
Deixarião pelo ouro a Sapiencia.
Junto á Tartárea abóbada
Posérão o ouro, nunca melhor-posto, (1)
E á flor dos Céos, e Térra
As sciencias expondo, expondo as artes (2)

⁽¹⁾ Aurum irrepertum et sic melius situm Cum Terra celat. — HORAT. Lib. 1, Od. 3.

At mehercule terra, quæ quidquid utile futurum nobis erat protulit, ista defodit ac mersit, et ut noxiosis rebus, ac malo gentiam in medium prodituris toto pondere incubuit. — Senec. de beneficiis. Lib. 7, Cap. 18.

⁽²⁾ Expondo á vista os assumptos, em que as artes, e as scien; cias se emprégão.

Commetterão tentá-los Com os unicos bens uteis aos homens. Mas somos baixo lôdo, Propensos sempre á nossa térrea origem: Poucos á luz Céleste, Que este lôdo animou os ólhos alção. Feliz quem olha, Alcippe, As causas, e a cadeia dos succéssos; E'como Tu, constante No pedestal seguro da Virtude, Verá os Céos fender-se, Affoguear-se o ar, o chão alluir-se, Sem mudar de semblante. Graças ao teu Saber profundo e vasto, E ao relevante Esp'rito, Com que acima dos transes empolados, Impávida surgiste, E vês da salva práia os naufragantes No pélago do Mundo. (1)

SONETO.

Que crueza, Meu Bem, que tyrannîa A tua, em ir a insîpidos abraços, E desatar aquelles dôces laços Que tanto nos prendêrão algum dia!

Lucret. Lib. 2 in proæmio.

⁽¹⁾ Suave mari magno, turbantibus æquora ventis È terra magnum alterius spectare laborem.

Porque não deixas que eu, da sórte impîa Chóre a ferêza em teus saudosos braços E, rôto o coração em mil pedaços, Dê campo á dôr em tua companhia?

Lastimando-nos ambos dos disgôstos, Com que, em tal roubo, nos afflige a Sórte, Juntem-se, como os corações, os rôstos.

Será bem meigo alivio em dôr tão fórte, Ou restaurar comtigo antigos gôstos, Ou nos teus braços esperar a Mórte. (1)

ODE

AO ILLUSTRISSIMO SENHOR

DOMINGOS PIRES MONTEIRO BANDEIRA.

Fidalgo da Casa de sua Majestade Fidelissima, e Escrivão da sua Real Camara.

Oh Pudor!
Oh magna Carthago, probrosis
Altior Italiæ ruinis.
HORAT. Lib. 3, Od. 5.

As armadas undi-vagas povôão
Os mares das Antilhas,
E as praias n'outro tempo descampadas:
Aqui d'Estaing sem mêdo,

PROPERT.

⁽¹⁾ Sed pariter miseri socio cogemur amore Alter in ulterius mutuo flere sinu.

Alli Rodney ditoso, de Amphitrite As planicies retalhão.

Já á vista das bandeiras inimigas, Os animos accêsos,

Sòltas as vélas, os canhões troando, De cem Vulcâneas bòccas

Sáe a Mórte, em pelouros desparzida;

E as róchas ponte-agudas,

Que a bórda encréspão das patentes ilhas, Estremécem co' estrondo

De bronze rouco, que rimbomba e brama.

As trepidantes aguas

A's plácidas cavernas chrystallinas

Denuncião os sustos:

Já c'os verdes cabêllos destrançados Espavoridas fógem

As Nerĉas, no fundo mar que fréme : Agastado Néptúno

Sacóde a rédea aos bi-pedes cavallos,

E, em pé na crêspa concha, Pelo azul campo os ólhos estendendo, Busca em vão as affoitas

Lusas Náos, cubiçosas de conquistas.

Vê Lyses, vê Leopardos (1)
Raros outróra (2) nos confins do Oceano,
Tremolar hôje ovantes

⁽i) Leur corselet paraissait mi-partie

De fleurs de lys et de trois Léopards.

Pucelle, Chant 18.

Ce sont les armes d'Angleterre.

⁽²⁾ En 1582 toutes les forces maritimes de l'Angleterre consistaient en 2 vaisseaux de 46 canons, 7 de 40, 9 de 32, 5 de 26,

Dêsde a frigida Thule ao rôxo Eôo; E o Bátavo pesado

Na cheirosa Ceilão, rica Malaca Promulgar leis lucrosas.

« Nétos de Gama, Nétos de Alboquerque » (E arranca alto suspiro

Néptúno, que assim brada) « envergonhai-vos.

» Que é do trisulco sceptro,

- » Que entreguei ao valente Aventureiro
 - » Que arou primeiro, ousado,
- » O ignoto mar da apavonada Aurora?
 - » Aquellas Argos Lusas,
- » Cheias de Heróes, que a Mauritana escola » Criára e endurecêra, (1)
- » Já não trilhão meu reino, desenvoltas?
 - » Os braços alargando
- » O santo Gange, (2) o saudôso Euphrate (3)
 - » Vos chamão, vos acenão;
- » E co'as preciosas praias vos convidão.
 - » Perdeis da adusta Mina

7 de 18, 6 de 14. Total 36; et 11 galères montant 4 canons chacune. - Journal de Genève, du 14 septembre 1782. Précis des Gazettes anglaises.

(1) 4,000 Portugais ne firent-ils pas trembler à-la-fois l'empire de Maroc, les barbares d'Afrique, la célèbre milice des Mammelucs, les Arabes, tout l'Orient enfin, depuis l'isle d'Ormuz jusqu'à la Chine?

Essai sur le Despotisme, pag. 138.

- (2) Os Gentios que se banhão no Ganges, se crêm purificados de toda e qualquer culpa.
- (3) A borda do Euphrates choravão os Judeos de saudades de Jerusalem.

Super flumina Babýlonis.

O bem-ganhado anri-fero dominio?
 » Desamparais imbelles

Dabul, Cochim, a estranhos Mercadores?

» E essas terras outr'ora

» Cobértas de triumphos Portuguezes;

» E o verde imperio meu · ,

» Que tingieis de sangue a cada passo,

» Consentireis sarcado

» De Sarmatas, Cimmerias, Daces quilhas?

» A cinza dos Pachecos

» Pedio vingança; e os Fados máis-que-justos

» Cobrirão de cegueira

» Os ólhos veladores do Govérno.

» Trajada de virtude;

» Pregoando zêlo (oh dias desditosos!)

» Tomou a Ignorancia

» Nas mãos as chaves dos Estados Lusos;

» Mal-avisado zêlo

» Na Asia, e na Europa levantou fogueiras; (1)

» E as sévas labaredas,

» Crestando as azas do liberto ingenho,

» Mirrhárão sem regresso

» Da Lusa gloria as grádas esperanças.

» Aqui perdeis Molucas,

» Alli Ormuz, Barem, Bornéo, Samatra....

» Eis o Oriental Tridente

» Vos começa a cahir das mãos inertes. —

» Elysia, abaixa os ólhos,

» Os ólhos de taes mágoas quebrantados,

» Eis vão as boas Artes,

⁽i) Inquisições de Goa, de Lisboa, de Evora, e de Coimbra.

Tom. IV.

4

- » Mimosos gomos de allumiados tempos,
 - » Fanar-se ao sêcco sôpro
- » Da pedante scholastica doutrina.
 - » Lá vai o incauto Môço (1)
- » Dar ao alfanje o collo da Nobreza
 - » Nas Africanas costas. —
- » Que lugúbres desastres não rebentão
 - » De empeçonhado tronco!
- » As ordens do Destino se cumprião
 - » Na linhage imprudente;
- » E ás garras dos Leões (2) auri-sedentos
 - » As Quinas (3) somettidas (4)
- » O perennal opprobrio transpassárão
 - » A's armas triumphantes. (5)
- » Nem póde o novo Rei, (6) do avîto thrôno,
 - » Com vozes poderosas,
- » Chamar as Artes uteis foragidas,
 - » Que se atroão co' ruîdo
- » Do tambor rouco, da estouraz granada.
 - » Eis, quando se abraçavão,
- » Alvicáras reciprocas pedindo; (7)

⁽¹⁾ El Rei D. Sebastião, na guerra de Africa, induzido pelos Jesuitas, e estes ganhados por Philippe 2º. de Hespanha.

⁽²⁾ As armas de Hespanha figúrão Leões.

⁽³⁾ As armas de Portugal são 5 escudos em cruz.

⁽⁴⁾ Philippe 2º. nos domina com suas costumadas artes, e contra as promessas juradas, nos quer reduzir a Provincia.

⁽⁵⁾ As armas Portuguezas tinhão sempre triumphado na Asia, na Africa, e ainda dos mesmos Castelhanos: sujeitas a elles apprendêrão a ser vencidas.

⁽⁶⁾ D. João o 4º. fez o que poude, para com as Artes e Sciencias; mas as guerras lhe impedirão ir máis avante.

⁽⁷⁾ Restauração das lettras sob Jozé Io.

- » E ás doutrinandas gentes
- » Descobrião as faces radiosas
 - » Nos Lycêos franqueados
- Do sceptri-gero Téjo, e do Mondêgo;
 - » Fanático granizo (1)
- » Cahio pesado nos pimpolhos tenros,
 - » Que a seus ólhos criava
- » Sollîcita a Sciencia, para ornarem
 - » O Jozephino séc'lo....
- » Fôstes Lusos; e a glória dos Maiores
 » Mal doira inda os escudos
- » Dos descuidados Nétos, té que a apague
 » A mão caliginosa
- » Da bronca Barbaria, companheira
- » Do ardente Fanatismo. »
 Dorindo, a Musa affrouxa, e se enrouquece

De recordar na Lyra
Os convicios do Déspota dos máres,
E os revézes da Elysia.

NOCIVA E VAN FADIGA.

Porque vérsos compõe, e compõe prosa
Perde Clinio a saúde;
Por ter vida immortal, com lida anciosa
Se lança no ataúde.
Que immortalidade é desenxabida!
Para ser immortal, mattar-se em vida!

⁽¹⁾ Perseguição contra os litteratos, que despovoou Portugal de muitos bens ingenhos.

ODE.

Tal che le finte imagini godendo Pasceva il guardo e la memoria antica Nuove dolcezze già metteva in mente.

CHIABRERA. Parte terza.

Não queiras, Daphne, que na róda alégre Dos Risos, que entre nós faustos revôão, Ave funesta de agourado susto Medônhas azas sólte.

Ante os teus lindos ólhos tão-risônhos Qual terror póde vir tão atrevido, Que, de vê los, não caia deslumbrado, Por térra, esmorecido?

Com divino poder teus ólhos mandão Revolver-se nas trévas do imo Avérno A Pena, o Susto, a Dôr, mal que lhes vólves As carinhosas luzes.

Com divino poder teus ólhos chamão, D'entre os braços de Venus graciosa, Os mimosos Prazêres, e elles correm Súbito ao teu regaço.

Tu és como essa Estrêlla desejada, Que apontando nas pórtas do Oriente, Com alvo e brando lume dá rebate A' sombra entristecida; E érgue no Passageiro, transviado Por lôbregas florestas, mal-seguras, O vulto ás esperanças, e o accorçôa A enderecar caminho.

Tu, se, ao Captivo, em áspera masmôrra, Cingido de grilhões, por entre os férros Das apertadas grades, lhe mostrasses

Esses divinos olhos.,

Dar-lhe-hias tanto alivio, que esquécendo Os que lhe atou nos pés tôrvo verdugo, Grilhões pesados, a adorar corrêra

Em ti dous Sóes, que náscem.

Viras raiar-lhe no ânimo esmaiado Novo Astro de Fortuna in-esperada; Desvanecer-se a Fóme, o Tédio, o pêso Dos carcerados membros.

Enlevado em teu gésto lindo, e meigo A alma despira de supplicios, mórtes, Que lhe agoura a prisão, e o Fado envôlto.

Nos ódios do tyranno:

E, alargando a vontade a melhor sórte, De teu olhar risônho concêbera Assômos de saudar da Aurora a face Em Liberdade amena.

Tal, na gruta do bruto Polyphemo, O astuto domador da insana Troia, Entre arrancos dos Sócios destroncados Na ensanguentada rócha,

Vendo ossos, que entre os dentes se esmigalhão, E os membros crus, que trémem semi-vivos, Devoluto ao azar de ser colhido Da tôrpe mão ingente;

Descortinando o lúcido horisonte,
A que se assóma o Numen da Esperança,
Em Ithaca, a Penélope avistava;

E a Casa, e o caro Filho.

Divina vóz no peito lhe clamava Máis brandos fados : sôpros de ventura Refrescavão seu coração, cansado De luttar com pezares.

Tambem Filiuto escuras saudades Supportou solitário em crua ausencia; Ferradas pórtas lhe fechou irado Tyranno Desconcêrto. (1)

Mas os raios, que o peito me allumião, Raios divinos d'esses lindos ólhos, Em vivo quadro, alégres me pintárão. Esta presente glória.

Entre as sombras da squálida amargura, Me abrio alvo clarão amigo Génio, Onde vi a formosa, meiga Daphne, Cortejada dos Numes;

E Alcippe, a Vate, pelo Céo voava, Chamando á Lyra os O'rbes estrellados, Quáes ao Thebano, promptas acudião As árvores e as penhas.

⁽¹⁾ Desta Strophe nunca o A. me quiz declarar o sentido.

Nota do Editor.

INO E MELICERTA,

DEOSES MARÎTIMOS.

Nume era Baccho então de extenso brado : Em Thébas toda, e em toda a parte a Tia (1). Do novo Deos contava os grãos podêres. De Irmãas (2) tantas só ella escapa á mágoa Commum, não á que as máis Irmãas lhe abrîrão; Quando o peito lhe enchião de vaidade A prole illustre, de Athamas o leito,. A deidade do Alumno. (3) - Olhou a Juno E insoffrida, entre si « Poude da amiga (4) O Filho transmudar Meónios nautas (5), E affundá-los no pégo; dar do filho, A' Mae a espedaçar, vivas entranhas; Tres Mineidas' cobrir de estranhas azas; E nada póde Juno? Ou tem sómente De chorar sempre acintes não vingados? Nisto cifro o poder? - Baccho me ensina

⁽¹⁾ Ino, irmãa de Semele, Tia e Ama de Baccho, esposa de Athamas Rei de Thébas.

⁽²⁾ Semele abrazada pelos raios de Júpiter; Autónoe, que perdera seu filho Acteon, despedaçado por seus proprios caes; Agave, que tomada do furor de Baccho, mattou Penthêo seu filho.

⁽³⁾ Baccho.

⁽⁴⁾ Semele.

⁽⁵⁾ Vid. Metamorp. Lib. 3.

O que obrar cumpre. É são tomar ensino, E inda dos inimigos. Máis que muito Penthêo môrto mostrou da Insania as pósses. E Ino, porque a não pungem, nem abrangem Das máis Irmãas os parentaes exemplos?

Guia em mudo silencio ao pouso Avérno Via esconça, que offusção nêgros Teixos; Névoas exhala a Styge apaúlada, Aond: baixão as recentes sombras, E os Manes, que lográrão sepultura. A Pallidez, o Hynvérno muito pejão D'este lôbrego sîtio, e as novas almas, Que a senda ignorão da Cidade stygia, E do alcáçar feroz do negro Dite. Mil entradas, mil pórtas rasga em róda A abrangedora Côrte ; assim o Oceâno De todo o O'rbe acceita os rios todos. Cabe toda a alma no O'rco'; nem é estreito A pôvo algum, nem cheia, que entre, o atulha. Vagão sem corpo, e exangues leves sombras; Parte a praça frequenta, parte as sallas Doprofuudo Tyranno; algumas artes (Inda arremêdos do viver antigo). Parte exerce; ontra o seu castigo a impéde. Deixados os Celestes aposentos, Venceo-se a descer lá Juno Saturnia (Tanto á cólera, e ódio se entregava): Tréme o lumiar do Avérno, mal, que entrando, Lhe pésa o pé divino; érgue as tres bôccas Cerbero, e sólta a um tempo tres ladridos. Juno as Irmãas, filhas da Noite chama, Grave, implacavel Numen, que ante as pórtas Pousão do cárcer, que o diamante fecha,

E penteão madeixas de átras cóbras.
Érguem-se as Deosas do maldito assento;
Mal que entre as cégas sombras a avistárão.
Por geiras nóve a Ticio o corpo estira-se-lhe,
Que offrece a espedaçar novas entranhas.
Tântalo, um sorvo de agua te é vedado,
E os fructos que te ensombrão, de ti fógem.
Busca, ou remonta a cahidora rócha
Sisypho; e Ixion na róda revolvido,
De si fóge, e traz si corre a alcançar-se.
A's (1) Bélides, que urdirão morte aos Primos,
Sómem-se as aguas, que contino vazão.
Mal vio Sisypho, e Ixion com face tôrva
(Mórmente a Ixion) passando d'este os ólhos
Juno, para fitar Sisypho, disse:

- « Sóffre este immortal pena, em quanto usano
- » Riccos paços desfruta o Irmão (2), que sempre
- » Com a sua consorte me houve em pouco! »
 E a causa expoz então da irada vinda.
 Só quer raso o solar do antigo Cadmo,
 E que Athamas se arroje a insanos crimes:
 Promessas, rógos, Majestade empréga
 Porque as Deosas penhóre. Apenas Juno
 De fallar deixa, a branca grenha abala
 Tisiphoue; e torvada como estava

Do rôsto arréda as empecilhas cóbras. E diz: « Inuteis são longos rodeios.

- » Dá por feito o que mandas. Desampara
- » Os injucundos reinos, e transmonta

⁽¹⁾ As Danaides, filhas de Dánao, nétas de Bélo.

⁽²⁾ Athamas filho de Eólo.

» Aos puros Ceos. » Já piza a alégre Juno O Empyreo solho, onde Iris de orvalhada A'gua a lustra. Tisiphone importuna Tercando lógo o ensanguentado facho, Poe rôxo manto, que lhe escorre em sangue, Cinge-o co' a tórta sérpe, e surge fóra. Pranto, Mêdo e Terror léva por séquito, E a Loucura de rôsto espavorido. Pára ante o umbral, e (dizem) que tremêra A pórta Eolia, e os carvalhaes travézes Enfiarão de susto; e o Sól deo cóstas. Sahir querem do Paço a Espôsa, o Espôso Medrosos, espantados dos portentos (1); Mas c'os braços, que estende a infausta Erynnis, De emmaranhadas viboras cobertos. Lho atalha, e co' a melêna que sacóde De resonantes cóbras enroscadas. Umas lhe pousão nas espáduas, outras Pelos peitos sylvando se debrução, Bábão veneno, e as linguas lhes fuzilão.

Já dous dragos desata da madeixa,
E co' a mão peçonhenta á face os lança
De Athamas, de Ino. Sem deixar nos membros
Traços do tiro, vão rasgar lhes na alma
Crua ferida, e o seio lhes revolvem;
Lavrão, e inspirão intenções pesadas.
Trouxéra ella de líquido veneno
Monstros comsigo, lívidas escumas
Do Cérbero, e peçonha de hydra Echidna,

⁽¹⁾ Entre os Latinos portentum significava estranhezas ameaçadoras de calamidades.

Vagos errores, cégos desatinos,
Sangui-sedenta raiva, crimes, prantos;
Que tudo caldeára, e em cavo bronze
Com sangue frêsco envôlto cusinhára,
E com verde cicuta remechêra.
N'um peito, e n'outro embórca, espavoridos,
Furial veneno, e as întimas entranhas
Lhes agita; amiúda ao facho as voltas;
Que róde, e o fôgo fuja ao sequaz fôgo.

Ovante, que deo fim ao grande feito, Vólta aos Estados oucos de Sumano, Onde a cóbra desata cingidora, Eis no aleáçar começa furibundo O Eólide a clamar: « Por essas selvas,

» Eia, lançai as rêdes, companheiros;

» Que a Leôa passar com dous cachôrros

Vi neste instante. » E corre apóz o trilho
Da Espôsa, que ser féra se imagina;
E ao seu Learcho, que da Mãe no cóllo,
Lhe ria, e lhe alargava os curtos braços,
Arranca, e pelos arcs, como funda
O rodêa feroz duas, tres vezes,
E o rôsto infante esmaga em rijo seixo.
Então por fim a Mãe, alvorotada
Da dôr, ou que lavrou nella o veneno,
Desgrenhada, sem tino, corre uivando.
Nos braços más, pequeno Melicerta,
Ino te léva, e grita: Evohé, Baccho!
Rîa Juno, ouvindo soar Baccho; e disse:
« Tal mimo alcances do teu caro alumno. »

Jaz um cachopo, aos máres sobranceiro, Que as ondas pelas fraldas excavárão; E abriga a praia, debruçando a cima, Que alcantilada ao largo mar se estende. Ino aqui sóbe (dá-lhe a Insania fórças) E a si, e ao cargo, sem que o mêdo a atalhe, Baquêa ao mar, que ao gólpe alveja, e espuma. Mas Vénus, que se doe dos não devidos Infortunios da Néta (1), ameiga o Tio (2).

- « Numen das aguas, diz vasto Néptúno,
- » Soberano máis próximo de Jóve,
- » Muito peço; mas tem dos meus piedade,
- » Que arremessar-se vês no Iónio immenso: (3)
- » Junta-os aos Numes teus. Devo achar graça
- » No mar; que espuma fui já no seu seio,
- » E d'este tenho ainda o grato nome. (4) »
 Néptúno consentio no rogo; e quanto
 Nelles houve mortal, lh'o despio lógo,
 Revestindo-os de augusta majestade.
 Mudou-lhes nome, e face; á Mãe Leucóthea,
 E ao filho Deos, appellidou Palémon.

⁽¹⁾ Ino filha de Hermione (ou Harmonia) filha de Vénus.

⁽²⁾ Néptuno, irmão de Júpiter, Pai de Vénus.

⁽³⁾ Creio, que alguns dos meus Leitores ouvirão fallar em Poesia imitativa. (Ei-lo ahi palhête) diria em caso tal Antonio Antunes. Ovidio, que conhecia o que ella vale nos Poemas, della usava quanto lhe era a geito: e eu que o traduzo aqui, tambem faço por imitá-lo.

⁽⁴⁾ Aphrodite, de aphros espuma, como se disséra Filha da espuma.

MADRIGAL.

Dormias Marcia, e eu vi Cupido ancioso,
Já d'um, já d'outro lado
Querer furtar-te um beijo gracioso,
Que tu, a cada arquejo descançado,
Na linda bocca urdias.
Graciosissimo, oh Marcia!.... Não sabias
Como o Numen girava de alvorôço,
Escolhendo-lhe o geito
De o dar do melhor lado. Eu vim, e dei-to
Bem na bôcca, e logrei o espérto Môço.

ODE.

Tendo no Olympo só a vós iguáes, Vivei contentes. — Stancias de Daphne.

Linda Venus, téquî nunca louvada Como pédem teus méritos divinos, Por Grêga Lyra, ou îtalo Alaúde, Em éra antiga, ou nova:

Prende á Concha dourada as alvas Pombas, E de Paphos, de Gnido, ou de Amathunta Levanta o vôo, trilha os lédos áres, Ém demanda da Elysia, Vem ser louvada, (1) como nunca o foste Por meigas vozes de metal Celeste: Por duas Sapphos, máis que Sappho lindas, Máis que Sappho eloquentes.

Já Alcippe e Dapline lanção mãos ás Lyras; Já pelas aureas chordas, temperadas Por Phébo, os Hymnos andão revoando, Bafejados das Musas.

Só Vós, mimo do Pindo, em dôce Canto, Direis de Vénus as meiguices térnas, Os subidos prazêres regalados, O poderoso Césto?

Quem, se não Vós, dirá com sons devidos, As Graças léves, pelas mãos prendidas, Com alternado pé o chão pulsando, A' luz da argentea Lua?

Quem os Jócos, os Risos, os Amores, Cortezãos de seu Paço, matizando A's mãos cheias a térra de boninas, Para as pizar a Deosa?

Só Vós direis Cupido, no ar librado Derribando Monarchas, e Pastôres, Sem tino, sem respeito, c'os tremendos Farpões abrazadores.

Direis Jóve, em novilho transmudado, Cortando as ondas co' a fendida planta; Lédo, c'o airoso pêso, festejando

⁽¹⁾ Tinhão Alcippe e Daphne composto um Hymno a Vénus, assumpto que Filinto tomou para esta Ode.

Os hymenêos (1) roubados;

E Europa arregaçando melindrosa, Das verdes vagas, o brial intacto, Co' a mão firme no côrno, o pé recólhe Na anca nédia do bruto.

Deixai o Grêgo Moscho, o Mantuano, A térna Sappho, o brando Sannazaro Doer-se, á vossa vista, de rasteiros, E vos ceder os myrthos.

SONETO.

MOTTE.

Assim de flores se corôa a Aurora.

GLOSA.

Un soneto! Ainda esta me faltava! Quatorze vérsos! Isso é mui comprido. Não chega lá meu éstro desprovido; Muito é, se deito a barra a uma outava.

Lá vai : O Sól brilhante campeava
Pela estrada do meio.... Vou perdido,
Longe do motte, longe do sentido.
Nunca, no Outeiro, Albano assim glosava.

⁽¹⁾ Uxor invicti Jovis esse nescis? Horat. Lib. 3, Od. 27.

Entro por outra pórta.... Desta feita Creio que dei c'o trincho: Uma Pastora, Que c'o cajado, na agua, tinha feita....

Não présta. Tóme lá, Minha senhora; Guarde o motte; e dir-lhe hei, quando se enfeita: Assim de flores se coróa a Aurora.

ODE

AO SENHOR DOUTOR

MANOEL THOMAZ

DE AZEVEDO E SOUZA.

No tempo da reforma da Universidade de Coimbra.

Cum sylvam glaeialis hyems spoliavit honore Vere novo sylvæ læta juventa redit. FLAMIN.

ERGUIDA a nova Athenas Lusitana Por um novo Solon, nova Minerva Piza as viçosas márgens do Mondêgo, Com delicadas plantas.

Os templos, que deixou enfastiada A Verdade, atéqui mal recebida A graudes passos vem buscar saudosa, Desandando o caminho. Os grilhões, que forjou a Ignorancia, Fôrão por fortes mãos despedaçados; Hoje pendem nas nîtidas parêdes Da Celeste Sapiencia;

E o Monstro vil, gastando-se de raiva, Tem sôbre as cóstas prêsos, com cem laços, Os pulsos rôxos, baixas as orêlhas, Aos pés da clara Deosa.

Tinha o peito fervendo em baixa inveja Quem urdio corromper a Mocidade Com doutrinas fallazes, com chyméras Sem succo, sem clareza:

Não vio abérto o bárathro em cem bôccas, E as Furias vingadoras, c'os flagéllos De vêrdes sérpes, de trisulcas linguas Nas duras mãos traçados?

Não vio, que azúes contagios escumava Da peçonhenta bôcca; que esparzidos Pelos cérebros nóvos innocentes Layrayão com soltura?

Tu, Deos previsto, em majestoso alcáçar De delicada fábrica ingenhosa A Raînha Razão em vão collocas, Mais alta que as paixões,

Se a Fraude, se o Rancor, se a van Cubiça Escalão muros, peitão sentinéllas, Enleião, avassallão, põem a férros A Captiva Rainha.

O Amor da Pátria, a san Philosophía Só tem armas, só tem forçoso antidoto, Tom. IV. Com que domem táes monstros ardilosos, Atalhem táes venenos.

A sábia Filha do sem-par Tonante, A grãos bótes de lança inevitavel, Pôz em fuga as maléficas Esphinges, As Tramas, os Conluios.

Tu, Souza amigo, os encontraste á vinda, (1) Pela estrada arrastando os lassos membros, Pavorosos, feridos, decepados, Fugindo da Lizura.

Viste chorar de raiva, e dôr acérba A ignorante Sobêrba, desbulhada Dos thronos, dos altares, que occupava Cortejada de todos.

E como rias tu, quando avistaste
As dez Cathegorias de Aristóteles
Aos murros, umas pondo a culpa ás outras
Do súbito desastre?

Sem fasto la a rançosa Theologia A pé, co' a toga cuja, mal traçada; Carregada de tomos grandes, grossos, Que máis não serão lidos.

Que nuvem de papéis despedaçados Vai sem glória voando pelos ares? Vão grossas Conclusões de Latim crêspo, Bolorentas postillas.

Que tropél de Thomistas, e Escotistas Arrepéllão as barbas, e os cabéllos;

⁽¹⁾ Vindo de Valença, onde fora Ouvidor.

Porque estes Estatutos os privárão De gritar sôbre nada?

O'lha o Bedél, e o rustico Meirinho Λ dar co' a vara nos ronceiros Sanches, Durandos, Busembáums, Lullos, Cayados, Aranhas, e Barretos.

Diverte-te, meu Souza pachorrento, Em ver esse entremez, a cuja scena Os Góthicos de raiva se amargurão, Os modernos se riem;

Em quanto eu cá tambem río o que posso, E cômo o bom Salmão, que me mandaste, Em lugar das Lamprêas promettidas, Ha máis de tres Quaresmas.

EPIGRAMMA XX

Do LIVRO IO. DE MARCIAL.

Tinhas, Elia, se bem me lembro agóra, Por todos, quatro dentes. — Escarraste D'uma vez, c'o tussir, dois juntos fóra; D'ontro tussir os ontros dois lançaste.
Tósse sem susto, que inda que arrebentes, Já não has de escarrar máis outros dentes.

ODE

A BACCHO E A CUPIDO.

Reçois ce nectar adorable Versé par la main des plaisirs. Rousseau. Ode au Comte de Bonneval.

I.

Louvores alternados
Dêmos a Baccho, dêmos a Cupido:
Os cópos trasbordados
Corôa, oh Vénus c'os jasmins de Gnido.
Sem Baccho o Amor esfria;
E Baccho, sem o Amor perde a alegria.

II.

A quem a Amor se esquiva

Não mostra Baccho inteira a loura face:
Só quer que o bom conviva,
Que brinda á sua amada, meigo o abrace.
Sem Baccho o Amor esfria;
E Baccho, sem o Amor, perde a alegria.

III.

Se Baccho não lh'o excita, Ao Deos do amor o facho lhe esmorece: D'ha muito a murta habita A' sombra da alma vide, e lá florece. Sem Baccho o Amor esfria; E Baccho, sem o Amor, perde a alegria.

IV.

Brincai, lindas Donzellas,
Com Baccho sempre lépido, e fágueiro:
Torna as Graças máis bellas,
Máis vivo o Amor, o Deos mette-a-terreiro.
. Sem Baccho o Amor esfria;
E Baccho, sem o Amor, perde a alegria.

V.,

Festejai-o ditosos;

Que Baccho dobrará vossa terneza:

Bebei-lhe, oh desditosos,

Que, alegre, affogará vossa tristeza.

Sem Baccho o Amor esfria;

E Baccho, sem o Amor, perde a alegria.

SONETO.

Numes agrestes, neste altar sombrio, Que dos Zagáes erguco pia lizura, Põe Tyrso a mão, e de joelhos jura Máis não amar de Sylvia o gésto impio.

Co' a lympha pura d'este arroio frio Lavo os labios tingidos de amargura, E veneno daquella bôcca impura; Que o léve ao mar, co' a sua culpa, o rìo.

Com o ferro apagai, oh Pegureiros,

O ingrato nome, que deixei gravado

Na cortiça das faias, e salgueiros;

E entalhareis por cima do apagado:

- « Por milagre dos Deoses justiceiros,
- » Sárou Tyrso de amor mal empregado. » (1)

⁽¹⁾ Quem diria, que depois de tão tremendo juramento, não iria Tyrso metter-se Cartuxo? Pois affirmo-lhes, porque o sei, que o tal jurador não deixon passar tres dias, que não fosse de seu grado metter-se na esparrella da tal Sylvia.

ODE.

O pianta degna de si buon cultore, O quanto bene alle materne cure Tu rispondesti! O come porti espressa Nelle maniere accorte, e sagi detti L'immagine Materna!

PIGNOTTI. l'Ombra di Pope.

Não esperes, formosa, e meiga Daphne, Que com discreta mão, previstos ólhos Bens, ou Males espalhe a Deosa de Autio, Que neste Glôbo impéra.

Sempre insensata na inconstante róda, A um parvo atira a c'rôa, a um bôbo a mitra: Nos Sabios, nos Virtuosos cahem raios De desprêzo, e misería.

Vimos Tiberio, (monstro coroado!) Lograr perenues dias fortunosos; E os seus Libertos dominar devassos No Répúblico orgulho.

Vimos o honrado, e entre homens o máis sábio (1), Sócrates, appurado por Xantippe, Por Athêos accusado, enviá-lo ao O'rco Calumniosa Cicuta.

⁽¹⁾ Assim o declarou o Oráculo de Delphos.

Com quem não foi iniquo o Nume vario?
Tem cérto o lustre os Máos; os Bons a infamia
E Pluto, avaro só c'os virtuosos,
Malvados enriquece.

A Amavel Mãe (1) ás lanças da Doença Cede o peito não-digno de pezares; E, á que nasceo para aditar humanos, Sempre a Dita lhe fóge.

Assim, nas térras de Solyma sancta, A Real, a formosa Mariauna Vio a morte dos seus, sentio cravar-lhe Pungentes penas a alma.

Bebeo as iras do cioso Herodes; Bebeo a morte em braços da Innocencia; Foi só feliz no cadafalso, aonde Despio da vida os luttos.

E ninguem trouxe ao mundo máis brilhantes Auspicios de lograr franca ventura; Formoso o rôsto, máis que os máis formosos, Todo prendas o esp'rito.

Crê firme, oh Daphne, que se a céga Deosa Os seus dons emborcasse nos máis-dignos, Ninguem melhór que a Mãe, que Alcippe e Daphne Os coffres lhe exhaurira.

⁽¹⁾ A Marqueza d'Alorna, encerrada então em Chellas.

MADRIGAL. *

Calda's 1765.

UMA Deosa tomou a seu cuidado Trazer-me de Cythéra (Imperio do Deleite affortunado!) As slores da viçosa Primavera,

Que em peitos innocentes De Nymphas florescentes Brótão, quando no collo alabastrino Dous alvos montes com abalo ancioso

Anhélão de contino

Desconhecido gôsto cubiçoso! —

Da bîfida espessura Do Parnasso, sollîcito me envîa

Apóllo os sons de mélica harmonia,

Com que cante a docura

Dos Erycînos, ávidos favores. — Ricasso, que assim compras desalmado Prazer ensôsso, com brutal dinheiro,

Se perguntas grosseiro Quanto tão nóbres gôstos me hão custado? » São dons, que se não yendem;

Nota do Editor.

⁽¹⁾ É o Madrigal máis comprido, em que nunca puz os ólhos. Parece feito em Maio. Mas ha um meio muito fácil de o encurtar, que é reparti-lo em tres leituras.

» Que do agrado dos Numes só dependem »... Alto Deos dos Cantores.,

E tu, oh Deosa bella dos amores (Bizarros Immortáes), Oh quanto vos sou grato Do prazer que me dáes, E m'o dáes tão barato!

ODE.

— — — Nunc et Achæmenia

Perfundi nardo juvat, et fide Cillenea

Levare diris pectora sollicitudinibus.

HORAT. Epod. 4.

Agóra, sim: que as Nymphas já do Sena,
Com laços de Amizade;
Saudósas o peito me cingîrão,
Dêmos ás cans da fronte,
Escorridas co'as brumas Hollandezas,
Sonóro dente ebúrneo,
E uma demão de floreal pommada.
Agóra é tempo, oh Musa,
De soltar de Aganippe a clara veia.
Diligente me inspira
Um Hymno á renascente Liberdade.
Dos Loureiros do Pindo
Desprende (reverente) a Lyra altiva

Do teu Cysne do Ismeno:

Ou se de Alcêo os sons tyrannicidas (1)

Máis tens a peito agóra — —

Prompta a mão, prompta a vóz... Mas fora insulto O ameaçador (2) roubar-lhe

Plectro de ouro (3) a Le Brun (4). Cautêmos antes Com verso máis suave

Os affágos gentîs, córádo riso (5)

Das mimosas Donzéllas,

E amigas Damas, que inda os ólhos pendem (6).

Para os lembrados annos,

Que Filinto enfiava não-caduco No cortejo amoroso.

(1) Pugnas et exactos Tyrannos Densum humeris bibit aure vulgus. HORAT. Lib. 2, od. 13.

- (2) Alcei minaces... Camænæ. Horar. Lib. 4 od. 11.
- (3) --- Aureo

Alcæe, plectro. — Honat. Lib. 2. od. 13. — Alcæus aureo plectro merito donatur in ea parte operis qua tyrannos consectatur. — Quint. L. X. c. 1.

- (4) Ode à l'Enthousiasme.
- (5) Não é novo em Lisboa ouvir dizer riso amaréllo. Quem me impede de dar ao riso a côr que melhor me agrade? Hoje lhe dou a vermêlha. Quem adivinha a côr, que eu lhe da ei para a semana da Paixão?

.-- Dà-lhe boas côres

A bem vinda alegria inesperada.

Dizia n'um Soneto o D.r J. F. de S.

(6) É um tanto atrevidinho o tal pendem: mas a Ode permitte estas confianças. De atrevimentos maiores canonizados já na nossa lingua podéra eu bem citar exemplos: mas contento-me por óra com pedir vénia.

— — — Scimus

Et hanc veniam petimusque, damusque vicissim.

HORAT. de Art.

SONETO. *

Que sinto, oh Céos! Por todos os sentidos Se derrama um vapor subtil, suave. Os membros véstem pennas, tórno-me Ave, C'os pés revolvo os ares insoffridos.

C'o vôo, os montes deixo áquêm perdidos, E os Astros deixo, alcanço o azul Conclave; Entro dos Deoses no Congresso grave, Trovêja a vóz de Jóve em meus ouvidos:

- « De gente em gente levarás voando
 - » Os portentos da França libertada:
 - » Ambos os Mundos te ouvirão cantando.
- » Já vólve o Tempo a róda accelerada,
 - » E do dia, que estou preconizando,
 - » Já descer vejo a fresca madrugada ».

^(*) Este Soneto servio já de Glosa em tempos máis affortunados. Hoje soffre outro destino. Que bem dizia Anchises nos Campos Elysios: Quisque suos patimur manes! — Assim vi eu succeder, a uma imagem de S. Braz. No dia do Orago da Ermida, salta por detraz do altar um gatto esfugentado da Cuzinha, por um pombo, que furtára: correm para lho tirar das unhas; o gatto pula para escapar-lhes, dá no pulo um eucontrão na imagem de Sta. Bárbara, que era o Orago da festa... Eu a vi abanar por duas vêzes, e á terceira vir, de trambolhão, despedaçar se nos degráos. Era meio dia, a musica já affinava, os Padres paramentados, e o Prégador gritando na Saeristia, que não subia ao púlpito, que não visse no altar mór qualquer cousa de vulto. Foi felicidade, ter o Caseiro guardado n'um canto um S. Braz, que servio esse dia de Sta. Bárbara.

ODE

DE HORACIO. 11. DO LIV. IV.

Quem se abalança a competir com Pîndaro, Forceja, oh Iulo, dar, com céreas azas, Pelas Dedáleas artes trabalhadas, Nome ao mar crystallino,

Qual rio, da montanha despenhado, Co'a cheia assoberbou antigas margens, Assim Pindaro ferve, e na alta bôcca Sem termo se atropella.

Digno crédor dos Apollîneos louros, Ou já, por atrevidos Dithyrambos Nóvos vérbos devôlva, e a rôjo o lévem Cadencias de-lei-sôltas;

Ou cante Deoses, Reis, Prole de Numes, Por quem com justa morte fenecêrão, Centauros, feneceo a flamejante Chyméra assustadora;

Ou os que a palma Eléa endeosados Recólhe a Casa; ou Pugil, ou Cavallo Cante, e prende com dom de máis valía, Que centenas de státuas;

Ou carpa Jóven rapto (1) á Espôsa flébil,

⁽¹⁾ A virgem rapta em tanto se embravece.

Barretto. Liv. 2, Est. 10.

Nelle as forças, os brios, os costumes

Das éras de ouro exalça até aos Astros,

E ao nêgro Avérno os rouba.

Robustos ares o érguem , quando , Antonio (1) Se assóma ás altas , enroladas nuvens , Esse Cysne Dircêo ; rasteira Abêlha Lidados vérsos têço ,

A' sua arte, e maneira delibando Pelas çarças, e ribas orvalhadas Do Tivoli, o tomilho recendente, Com improba fadiga.

Tu, Vate, cantarás com maior plectro A César, quando os ásperos Sicambros Tirar bizarro, pelo sacro outeiro (2) Co'a merecida rama (3).

Maior, nem melhor que elle, nada ao Mundo Dérão os Fados, os bons Deoses dérão, Nem darão, por máis que inda os tempos vôlvão Aos priscos séc los de ouro.

Os dias festiváes, publicos jógos Cantarás da Cidade, que dos Numes Impetrou, que voltasse o forte Augusto; E o Fôro, êrmo de pleitos.

Então (se é para ouvir-se o que eu discanto)
Da vóz bom tracto hei-de juntar á tua.
Cantarei — Sól gentil, Sól de louvar-se.
Feliz! que houveste a Cesar!

⁽¹⁾ Julio Antonio, filho de Marco Antonio triumvir.

⁽²⁾ Capitólio.

⁽³⁾ De louro.

Io triumpho! Em quanto nos precédes, Toda a Cidade iremos repetindo: Io triumpho! e dando incenso aos Deoses, Com nosco favoraveis.

Tu, com dez touros, e outras tantas vaccas, Cumprirás o teu vóto; eu, c'um novilho Tenro, que a Mãe largou, e em pastos amplos Médra, para os meus vótos,

Que, c'uma estrella branca, a tésta esmalta, Ruivo em todo o máis corpo, e imita os córnos Da Lua, quando aponta refulgente, Já de trez dias nóva.

EPIGRAMMA.

Pintis n'um parto seu, muito-apertado,
Irada promettia
A' Mãe de Deos, castissima Maria,
De não máis consentir, que homem malvado
Lhe toccasse c'um dêdo.
A Criada, a quem dóe vê-la em tortura,
Chóra de mágoa pura;
Mas da proméssa van ri em segredo.
Eis chega a feliz hora desejada:
Passa a dôr, tórna a Dama em seu sentido;
Vê que árde a véla benta bem-fadada,
Que a tinha em seus apertos soccorrido.

Com próvida intenção avisa a Môça:

- « Guarda esse bico bento,
- » Porque ém igual tormento
- » (Quem sabe o que virá!) servir-nos possa (1).

ODE.

Paris, 8 de Agósto 1785.

Ingrata misero ducenda est vita. Horat. Epod. ult.

Poude o Gama animoso Nos veli-vagos pinhos Affrontar de Néptúno procelloso Os salgados caminhos:

C'o temerario invento, Por não sulcados mares O domador do inhospito elemento Pisou mêdos, e azares:

⁽¹⁾ Les femmes (dit Brantôme) en leur mal d'enfant, jurent, protestent de n'y retourner jamais, et que jamais homme ne leur sera rien. Mais elles ne sont pas plutôt purifiées, les voilà encore au premier branle: ainsi qu'une dame Espagnole, laquelle étant en mal d'enfant, se fit allumer une chandelle de Notre-Dame de Monferrat, qui aida fort à enfanter par la vertu de ladite Notre-Dame. Toutefois ne laissa d'avoir de grandes douleurs, et à jurer que plus jamais elle n'y retournerait. Elle ne fut pas plutôt accouchée, qu'elle dit à la femme qui la lui donnait allumée...: Serrez ce bout de chandelle pour une autre fois.

Arranca o Hercúleo braço A' Parca furibunda A Alcestes , do lugar de luz escasso , E a tórna á luz segunda :

Orphèo c'o pio canto Amólga o férreo seio Do avaro Dite ; e a Espôsa ao pólo sancto Re-traz , de si alheio :

Désces (máo grado) oh Lua; E a tésta ameaçadora Moves, Atlante, de pastios nua, A' voz da Encantadora:

Que obstac'los não quebranta A sagaz affouteza! Só de amor nunca o Vélho a Môça encanta, Que o néga a Natureza.

SONETO.

TINHA Pan concertado uma folia Entre Faunos, Sylvanos, e Pastores: Vénus (em competencia) dos Amores, Dos Risos, e das Graças outra urdia.

Pan na flauta esgotou quanto sabía,
Variando os tons, dando ânimo aos Cantores;
Esmerou Vénus musicos primores,
Louvava óra uns, óra outros reprendia.

Tom. IV.

Apollo era o Juiz, que reclinado Sòbre hum tapête de viçosa grama, Perplexo tinha o vóto inda guardado.

Cantaste Tu. Aos córos ambos clama,

- « Deixai-vos do Certâme começado,
- » E cedei-lhe no canto a palma, a fama ».

ODE III

DO LIV. V DE HORACIO.

Coma alho, máis nocivo que as Cicutas, Quemquér que ao Pái torceo com mão impîa A guéla encarquilhada. Ah Ceifeiros de estómagos de férro! Que peçonha no ventre se me assanha! Logrou-me nestas hervas Algum sangue de Vîbora cosido? Pôz mão Canidia nestes ruins manjares? -Medéa embellezada Em Jason General dos Argonautas, Máis que todos gentil, untou-o de alho, Quando îa a deitar laço Aos Touros de cerviz estranha ao jugo. E untando de alho os dons, com que brindava Do Espôso a nóva Dama, Nos alados Dragões fugio vingada.

Nunca á sedenta Apulha assim os Astros
Lhe fizerão gravâme,
Com máos vapores. Nem ardeo tão rija
A prenda da Consórte (1) pela espalda
De Alcides incansado.
Queira o Céo, se alhos inda appeteceres,
Mecenas jovial, que a tua Dama
Lógo a mão interponha,
Quando intrincados beijos lhe apontares;
E se arréde de ti, para as extrêmas
Ribanceiras do leito.

SONETO.

MOTTE.

Môrro feliz, se môrro em teu regaço.

GLOSA.

Nize gentil, que ate á sepultura Terás desta minha alma a Monarchia, Comtigo irei gostôso á Zóna fria, Ao Clima ardente, á Região escura;

Ser-me-ha branda comtigo a Desventura, E em meus males serás minha alegría; Tu os revézes da Fortuna impía Me adoçarás c'o a tua formosura.

⁽¹⁾ A camisa cheia de sangue do Centauro Nésso.

Terei por Paraiso a Lybia estuósa, Térra mãe de Leões, se em dôce laço Beijo essa face, que arde em viva rósa:

Um amoroso teu estreito abraço Fará com que eu , na brenha máis medrosa , Mòrra feliz , se môrro em teu regaço.

ODE.

Paris , 4 de Julho 1806.

Ille et nefasto te posuit die Quicumque primum et sacrilega manu Produxit. in nepotum Perniciem opprobriumque pagi.

HORAT. Lib. 2, Od. 13.

N'um dia, qual o de hôje (ha vinte e outo annos) Vinha da Inquisição buscar-me um sbirro, Porque os Clérigos tristes, a seu gôsto, Comigo palhetassem.

E que máis Réos do que eu, depois de haver-me Consumido, e ralado a paciencia, Com perguntas, com cárceres, com tratos, Me enviassem á fogueira.

⁽¹⁾ Leonum arida nutrix. — Horat. Lib. 1., Od. 23.

Mas hoje, que diff'rença! O dia é o mesmo, Dia quatro de Julho. Em vêz de sbirro, Vem Damas, vem Amigos saudar-me,

E festejar comigo

A bella escapatória; e retinnindo Os cópos uns nos outros, apuparem O infâme Tribunal - a dar-lhe as váias. E'a dar-me a mim os vivas. -

O Sanches, (1) discorridas longes térras, Foragido da Pátria, que o perségue, Que lhe afflige os Parentes, e os Amigos, Com fógos, com torturas;

Sentado á mesa, com máis dous proscriptos (2) Do iniquo Tribunal, labéo da Europa, Tomado de celéste enthusiasmo,

Assim rompia a brados (3):

- « Inda vive, inda reina, para injuria
- » Dos Reis, que o não confundem, para escárneo
- » Dos Póvos allumiados, e despeito » Dos Sábios, e Homens próbos,
- » Esse antro de assassinos tonsurados,
- » Que, nóvos Polyphemos, (4) despedação

⁽¹⁾ Vid. Elogio do D. Antonio Nunes Ribeiro Sanches, composto em Francez por M.r Vicq.d'Azyr, vertido em Portuguez por Filinto Elysio.

⁽²⁾ F. J. d'Av. Brotero, e Filinto.

⁽³⁾ Tal, pouco máis ou menos, foi a conversação, que comnosco teve nesse dia.

⁽⁴⁾ Lcião Virg. no Livr. 30.

- » As carnes innocentes das Donzellas ? (1)
 » Que ao saber põem mordaças ? (2)
- » Quando virá um Hércules, que alimpe
- » Cavalharices de brutáes Augias,
- » E as lave co' as correntes crystallinas
 » Das proficuas Sciencias?
- » Quando virá um Hércules, que affonto
- » Os Queimadores queime? Que as serpentes
- » De máis podrîda Lérna, em duros braços » Suffóque vingativo?
- » Vingue o Anastasio (3), vingue o bom Lourenço,
- » E Sanches, e Filinto, e Varões tantos, (4)
- » Que a Pátria illustrarião, se essa Pátria » Não salariasse os crimes ?
- » Os crimes dos que a privão de táes astros;
 » Dos que adrêde ennoitecem táes ingenhos,
- » Para encruar melhor o seu império
 - » Na bocal ignorancia. (5)

⁽¹⁾ Donzellas, casadas, riuvas, vélhos, môços, crianças, todos, erão pasto d'esses Polyphemos, Minotauros, Cerberos, e peior ainda.

⁽²⁾ Digão-no quantos estudão por bons livros.

⁽³⁾ Jozé Anastasio, houra da Universidade, houra do exército, a quem é curto todo o Elogio.

⁽⁴⁾ Bartholomeo Lourenço, por alcunha da Inquisição, o Voador.

⁽⁵⁾ A lingua Portugueza é mal conhecida na Europa, porque os Sábios Portuguezes, que podião escrever obras, que a fizessem conhecida, como ella merece, são atalhados em seus arrôjos, pelas censuras dos frades, a quem nada assusta máis, que o clarão das Sciencias.

- » Venha, venha, em meus dias, um Rei justo
- » Que á valente Razão dê fausto ouvido:
- » Que adite o Reino, assoberbando os Monstros » Que o gastão, que o aviltão. (1)
- » Contente morrerei, se antes da mórte
- » Me ráia a nóva, que atapirão lédos]
- » A Cavérna de Cáco os Portuguezes, E lhe dansão em róda.»

OS DOUS CÉGOS,

MONARCHAS D'ESTE MUNDO.

O Amor é cégo. — Estranha novidade!

Máis ha que annos tres mil, que assim o piuta,
E ólhos lhe venda a douta Antiguidade;
E assim a que não canta (as máis das vêzes)
Colorada Poesia, que não minta,
Tambem faz mimo a Amor de ólhos vendados.

Milhares ha de mêzes

⁽¹⁾ Podem replicar-me os devotos do Despotismo, e da Ignorancia, que a Inquisição tem lhôje pouco poder, e faz pouco mal. — Como são mente-captos! (lhes respondo) Considerai bem que a Inquisição é uma serpente, que está por óra como amadorada mas que apenas, por desgraça de Portugal, subir ao throno um Rei, a quem os frades fanatizem, súbito a ama-

Que prégao, que a Fortuna é Deosa céga, E joga c'os Mortaes á Cabra-céga,
Bandos de desgraçados
Poétas, e Pertendentes,

Que, a miúdo, ao jantar, baldos de china, A's almas, dando em vão, toccão c'os dentes.

Não me dirão, se é sina D'este nosso Univérso desastroso Ser regido sem régra má, nem boa, Por um Nume, que é cégo, e que é maldoso? Por uma divindade

De strambótica, e céga qualidade, Que ao Mundo, o Bem, e o Mal·atira á tôa? (1)

dorrada serpente acórda, esperguiça-se, e tomando novas forças, remoçada devorará o Reino, que a não mattou. Considerai que sopita um tanto no Reinado de D. João IV, apenas elle morreo, com que devastadora crueldade não se ensopou ella no sangue das intelizes victimas do seu cinme, e da sua cubiça, até que o Marquez de Pombal a açaimou, bem que por descuido político a não acabou de todo.

^{(1)} La Fortune et l'Amour Sont deux aveugles qui gouvernent le monde. Volt.

ODE.

No dia 4 de Julho 1786.

Lieto nido, esca dolce, aura cortese Bramano i Cygni, e non si va in Parnaso Con le cure mordaci, e chi pur garre Vien rocco, e perde il canto e la favella. Guarini, nel Pastor Fido.

A invejadas, túmidas riquezas Céga as reparte a lúbrica Fortuna: Das mãos os sceptros, os bastões lhe cáhem. Mas a clara Virtude,

A Filha da constante Sapiencia
Dá, com previstos ólhos,
A sólida Ventura.

C'os dedos integérrimos afasta

Da alma as túrbidas névoas; mette o dia

No cáhos das paixões; apérta o freio

Aos desmandados Vicios,

Rasga do Fingimento as longas roupas,

Quando astuto se encóbre

Nos trajes da Lizura.

Ella a Dentato, (1) no fallaz presente, Mostrou a québra do Dever hedionda,

⁽¹⁾ Flor. Lib.

Disfarçada na máscara dourada.

Ella as ferradas pórtas

Da Tyrannia abrio; pôz-lhe patentes

A Crueza, os Remorsos, Que pou ão na aurea salla.

Tu, oh santa Virtude, ao bom Filinto Déste a fòrça, a viril constancia déste, Quando co' a mão potente lhe escudaste O peito salteado

De terrores, de assacaladas iras,

Que o vil, atroz Ministro (1) Trazia encommendadas (2).

Tu, do Céo, onde assistes, providente Baixar mandaste o perspicaz Acôrdo. Elle tóma os alîgeros talares,

E a mim, d'um tiro, désce:

Qual vôa, os ares líquidos rasgando, Co' as ordens, o Cyllenio, Do Olympico Monarcha.

Apaziguou-me os ólhos inquiétos; Cobrio-me o gésto co' a grandeza altiva, Que os máos, que os apoucados acobarda.

E (em quanto ao turvo M..... Com frio susto lhe abafava o seio,

E a quadrilheira dextra Sollicito impedia)

⁽¹⁾ M. C. d. M....

⁽²⁾ Natura humanis omnia sunt paria,

Qui pote plus urget: pisceis ut sæpe minutos

Magnus comest, ut aveis enecat accipiter.

Varro in Menippeis.

Me impelle, e manda ás áras do Oceâno, E ás immortaes Nereidas acêna, Que em seus braços me tómem piedosos.

Alli me guia o Affago

Da assustada Amizade precavida,

Que entre apertados laços

Me deo o adeos saudôso.

Alli a Filha do equóreo Vate A fatidica Lyra nas mãos tóma:

- « Salve, Filinto (canta) a nós entrégue.
 - » As Tágides amigas,
- » Que chórão tua ausencia, em mãos seguras
 - » Depoem o seu cuidado:-
 - » Salve, entre nós bem vindo.
- » Déspe as tristezas, déspe os infortunios,
- » Que te ameaça a carrancuda Pátria.
- » Néptúno te protége; a alma do Sábio
 - » Vê com enchutos ólhos
- » Invéjas (1), e Traições arrebanharem
 - » As riquezas súpérfluas
 - » A quem com pouco vive.
- » A' tua amavel, pia Soberana,
- » De Belleza, e Virtude almo thesouro;
- » Que ama a Deos, e os algôzes abomina,
 - » Que estima os que com honra
- » A estrada trîlhão do Saber proficuo,
 - » Dos ólhos lhe escondêrão
 - » O aleive de teu caso.

^{. (1)} Hor chi dirá d'esser felice in terra, Se tanto à la Virtù noce l'invidia? Il Pastor fido de Guarini.

- » Ve no monte os Amigos, que derramão
- » De gôsto, e de saudade mixto pranto:
- » Vĉ a masmôrra, o Delator raivoso, (1)
 - » E os Verdugos mordendo.
- » As mãos, a que magnânimo escapaste:
 - » Vê a feroz Calúmnia,
 - » Que nos teus bens se vinga.
- » Mas vólta os ólhos magoados, vólta
- » Ao nosso reino azul, que amado sulcas;
- » Franco abrigo de illustres desgraçados.
 - » O'lha as undosas Nymphas
- » C'os alvos braços dôcemente abértos,
 - » E os labios que recendem
 - » Consolador alivio.
- » Despéde ao longe a disparada vista.
- » Vê naquellas campinas trabalhadas
- » Os asylos do são Merecimento (2).
 - » Com que meigo semblante
- » Esperão no regaço agasalhar-te,
 - » C'o manto azul cobrir-te,
 - » E com os Lyrios de ouro!

A. M. de C.

⁽¹⁾ Talibus insidiis, perjurique arte Siuonis *
Credita res. — — VIRGIL AENEID. Lib. 2.
O. M. d. A.....

⁽²⁾ Allude aos vérsos do retrato de Filinto Elysio.
Lysia me genuit, Calabræ docuere Camenæ;
Sectator veri, et puræ Rationis alumnus
Religiosorum crudeles pascere flammas
Dignus eram, vel Socratica frigere cicuta;
Sed me, doctorum nutrix fæcunda Virorum,
Haud ingrata sinu profugum complexa benigno
Gallia, forte suis velit adnumerare Poetis.

Eis que a Nerêa, renovando alento, Com que o peito prophético se inflamma, Abre as pesadas folhas dos Destinos;

C'os ólhos cubiçosos Bébe as sórtes occultas: dos humanos, E sólta a voz, córada

C'os fados meus vindouros.

- » Que funésto, que lúgubre ameaço
- » Te arrastra para os muros do Cocyto?
- » A descarnada, pállida Doença,
 - » O Pezar taciturno
- Tomão nos mãos das Parcas a tezoura...
 - Acóde, oh Sapiencia
 - Despója-os da arma iniqua.
- Vem : dá-lhe a mão , des-ruga-lhe o semblante.
- Põe-lhe por guardas d'um e d'outro lado,
- Contra a turba das Mágoas, das Molestias,
 - A veladora esquadra
- Das Máximas, que o throno teu rodêão;
 - E o meigo, acceito Côro
 - Das dulcîsonas Musas.
 - » Sem riquezas, contente e descansado,
 - » Cantarás os Amigos saudosos
 - » Na Lyra que te deo o Venusino,
 - » Nunca igual a teu Méstre
 - » (Com quem ninguem luttou, sem ser vencido)
 - » Mas inda assim sublime,
 - » A'quem deixarás muitos.
 - » Hymnos á Liberdade sonorosos,
 - » Ao grão Lyêo , á Deosa dos Amores ,

- » Com novo, cantarás, affouto plectro;
 - » E, o furor amainando,
- » Ao brando gésto do gentil Delmira
 - » Disferirás nas córdas
 - » Divina cantilena. »

AS SUBSTITUTAS

DAS TRES FURIAS.

Com préstes ordens da ólhi-toura (1) Juno, A quem ciôso bicho morde o seio;
Désce Iris, Madre Espreita, a tomar falla
Do grande Jóve,
Que andava á tuna
Cá pela bairro.
Tópa Hermes (2) alcofinha do Tonante,

Tópa Hermes (2) alcofinha do Tonante, Que tirava apoz si tres reverendas Dónas de austéro pórte, austéro gésto.

IRIS.

Tenhas na terra
Como no Olympo.
Onde lévas á feira essas tres Fadas?

MERCURIO.

Fadas lhes chamas Tu! Se outróra as visses

⁽¹⁾ Que tem ólhos de Touro. Boyinis oculis veneranda Juno. Homer. passim.

⁽²⁾ Mercurio.

(95)

Peraltas de sináes, e de arrebique...

IRIS.

Apósto eu que hôje Prégão virtudes, Honra e recato!

MERGURIO.

Adiyinhaste.

IRIS.

Mas que emprêgo fazes Hôje d'esses dragões?

MERCURIO.

A Pluto as lévo Nóva Alecto, Tisiphone, e Mégera.

ODE.

Lugduni Batatiphagorum, anno 1796.

Non, si male nunc, et olim Sic erit. — HORAT. Lib. 2. Od. 10: Diris agam vos. — Id. Epod. 5.

V Eso, (mas longe!) vir luzindo um dia, Que ha-de pôr, entre mim, entre estes Gétas, Térra em meio; e me hei-de ir saudar os montes, Os campos sociáveis. (1)

⁽¹⁾ Montanhas em Hollanda! Cousa é, que nem de longe se

Ficai em hora má, Lagôas, Charcos Apposentos de Sapos (1), de Canalha (2), De aváros (3) Batati-phagos (4), Casmurros (5), De státuas, que cachimbão.

Não terá de arranhar-me o brando ouvido A scória dos sons asp'ros da Allemanha; (6) Lingua engasgada! — Raspa das gargantas!

Que elles gábão de enérgica... (7)

avista. Vê-se um bréjo verde de enfastiosa planura, com algumas empòlas de arcias, quando se costêa o Oceâno. Por esse motivo contão, que ao despedir-se um Official Suisso d'uma Menina estrangeira, e perguntando que mimo lhe poderia offerecer, quando tornasse, lhe respondêra esta mui saudosa — um montesinho. —

(1) É uma consoladeza, para quem passeia no bósque da Haya, vêr diante dos pés os ranchos de sapinhos irem correndo, e saltando.

(2) Bem sabida é a despedida, que Voltaire deo á Hollanda.
— Adieu, canaux; adieu, canards; adieu, canaille.

(3) Assim prophetizou dos Hollandezes Seneca in Hercul, furios. Vers. 168.

——— Hic nullo fine beatus Componit opes, gazis inhians Et congesto pauper in auro.

(4) Batavia vem de Batata, principal producto d'estes pantanos, e phagein comer.

(5) Quam non ingenio nomina digna meo.

Vid. Trist. Lib. 3. Ep. 11.

(6) Consta pelas Chrónicas antigas que os primeiros povoadores d'estes Charcos fòrão uns póbres, perseguidos pescadores, Allemães; e que de sua grosseira algaravia se compôz a dulcisona linguagem d'estes Milords.

(-) Il n'est permis qu'à nn stupide Flamand de bâtir un in-folio, pour s'assurer que son détestable baragonin est le premier accent

du monde :

Les Abus dans les cérémonies et dans les mœurs.

Tem razão! — O animal long-orelhudo Tambem se ufana do primor, e gala Dos zurros, que tão guápo garganteia, Mirando os Circumstantes.

Ahî te ficas, Ilha Baratária, Que, á láia do Govêrno do bom Sancho (1), Tens d'um ramo de péste a annual visita, (2) Para o teu desenfado.

Assim Rhamnusia, despicando os Póvos, (3) Espremidos por vós (4), por vós logrados, Nos dá benigno Céo, dons de Pomôna, Que ás vóssas mesas néga.

E vós, por pelles de sab'rósos figos, E engáços de ferral, pejáes as ruas (5), Com accalcados cannistreis do esbrugo De insipidas batatas.

⁽¹⁾ Os Curiosos que quizérem inteirar-se melhor da genuina comparação da Hollanda com a Ilha Baratária, leião, na ópera do Judeo, Antonio Jozé, a scena mui doutrinal, entre Sancho Pança, e sua mulhér Thereza Pança, ácerca do governo da Ilha promettida.

⁽²⁾ E é tanto assim, que esperão estes Cafres pela Carneirada de Outono, como nós esperamos pelas chuvas do hynvérno. Este anno de 1795 foi assaz grosso o ramo de péste; houve dia em que morrião 17, outro dia 18, e para o fim, morrião só 8, 10, ou 12.

⁽³⁾ Quem se quizér persuadir do motivo d'este despique, informe-se de quem com elles teve tratos ou contratos; que nunca lhe acconselharei, que o venha experimentar pessoalmente.

⁽⁴⁾ Leião o Capitulo 19 do Optimismo, e as viagens dos que viérão a Hollanda, ou dos que visitárão Colonias d'estes traficantes.

(5) Quem não veio cá dar uma vista de ólhos (quod Deus avertat à bonis) não se poderá capacitar de tal. Está em montes ao canto das pórtas o cascabulho das battatas, como ás pórtas das Cavalharices o retraço das bêstas.

APPENDIX.

— Sempre nótas.... e máis nótas — (dirão alguns praguentos) Tomára-os eu por cá 5 ou 6 annos, como eu, n'uma Cartuxa tal, como a da Haya. Ah! — E como acharião regalado passatempo em conversarem com o papél! — E que seria de mim, se nestas nótas não desafogasse a sopeada falla? e não me affigurasse que estou fallando c'os Tafúes? — Ainda em mal, que nem sempre se póde escrever! A única esperança, que me consóla, vai no Epigraphe. —

--- Nam; -- si male nunc, et olim Sic erit. ---

BONS E MÁOS JUÍZES.

No thrôno augusto da imparcial Astréa, Sanctos Juîzes, sois de Deos images; Quando a virtude pobre em vos estêa, E cortais do êrro as túrbidas ambages: Mas se co'a mão, de ouro culpado chêa, Vendeis justiça a quem vos dá máis gages; Não sois juîzes, não, sois deshumanos Retratos de cruéis, tôrpes tyrannos.

ODE.

Paris, 4 de Julho de 1804.

Hunc fidibus novis,
Hunc Lesbio sacrare plectro
Teque, tuasque decet sorores.
HORAT. Od.

Cinco lustros, máis uma Primavéra Tem volvido, depois que ás curvas garras Dos Minhôtos da Praça do Rocio Escapei resoluto. Vi-me em Paris; zombei do Sambenito, Da Carócha, e talvêz das labarédas, Que piedosos Beatos me assopravão Já na devóta ideia.

Do máis não zombei eu. Que os poucos cóbres, Que a algibeira (na vinda) me aquécião. Co' a revezada coima se estafárão, De aluguéis, e tendeiros.

Então me veio ver a triste, e nêgra Necessidade (1); então bem vi que tinha Cara de heréje — accasmurrado heréje, Que dá quebranto, e ólhado.

Deo-me olhado de Solidão, e enojo; Deo quebranto de fóme, e de miséria: Tal olhado, e quebranto, que inda durão Hôje — mas não tão rijos.

Que ha tres lustros, ou quasi, que um Amigo Um chumaço lhe pôz de ouro potavel, Com que o mal mitigou—Hôje inda o sinto, Ainda me magôa.

Mas sinto-o, como quando a dôr de dentes, Applacada com fórtes anodynos, Embochechou-se a face; e a dôr de inférno Entuffada adormece.

E inda ha-de máis dormir quando essa fóme; E penúria, o mesmo Amigo as matte,

⁽¹⁾ Todos os Estudantes sábem que « Necessitas caret lege » se traduz em Por uguez « a Necessidade tem cara de heréje » Traducção tão fiel, como a do strepuerunt cornua cantu » e posto ao canto (falla o texto d'am Cabrão) os córnos lhe estomárão.

C'um golpe generoso. Oh! Deos o ampare, Como elle me ha amparado!

Elle que pode, e que obra o que promette, (1)
Mandará, em dobrões auri-luzentes,
As Quintas, e Casinhas, que lá fructos,
E renda a estranhos largão.

Assim, oh Musa, tóma régabófe. Cantêmos, e dansêmos, té que estourem Da lyra as córdas; e co' a dansa, e canto Os pés, e a vóz se esfalfem.

Mandêmos as Tristezas á tabúa: Vênhão ventos, que ás Casas dos aváros, Os temôres de fóme, e da miséria Lhes lévem de rajada.

Dos sustos do futuro estou zombaudo, Se vem as Louras — Haja comezana; Brindem-se Amigos; cérque-se esta mesa De alégres Formosuras.

E tu, oh Clio, traze-me outra Lyra Máis bem encordoada, que accompanhe Os Hymnos, com que grato a frente c'rôe De tão bizarro Amigo.

E por que melhor cantes, hôje um trago Empinarás do louro Carcavéllos, Que o bom Souza te manda de presente, Para o festivo bródio.

⁽¹⁾ Máis de dous annos ha, que espéro pelo promettido.

SAUDADES D'UM AMIGO

QUE A MORTE ME ROUBOU.

O Téjo nos olhou outróra absortos Naquelle alto pensar, que o mundo ignora, Vagos os passos, vagos os discursos Dar cabo ás hóras, encurtando os dias; Ou mansos debatendo agudos pontos, Na florifera rélva reclinados.

Dura lei, que não pódes ser quebrada!
Tu vens do Etérno: e quantos hôje vivem
Quér vênhão de Páes Reis, de Pács pastores,
Co' a mesma mão a Parca os lanca á cóva:
Os que em térra máis firme se arraigavão,
Como hóspedes d'um dia se partirão.

Riccas librés, sobêrbas armerîas,
Doirada chave no bordado bôlso
Não retêm o crédor do lago estygio:
Findo o prazo imos nús, aos êrmos reinos,
E os Fados nos arranção dos amigos.
Oh durissima dôr das duras dôres!

ODE.

Fœcunda culpae secula nuptias Primum inquinavêre et genus et domos. Hoc fonte derivata clades In patriam, populumque fluxit.

HORAT. Lib. 3, Od. 6.

Empégada no gôlfão da Vaidade Pérde de vista o nórte da Virtude A formosa Donzella, que abrio pórta A' dolosa Lisonja.

Desampara o Recato a sentinella

Dos comedidos ólhos, rompe o Vicio

Os pudibundos muros, rende a Honra

O guardado Castéllo.

Em vão quiz imprimir no tenro peito Sabio Desvélo a estampa da Inteireza: O ouro abasou, com lâminas traidôras, Os indeléveis rasgos.

Não cedia a seu toque venenoso A sevéra Espartana, que os enfeites Tinha em vil prêço, e a Pátria, a Honra, os Filhos Tomava por espélhos. (1)

Este O'cio corruptor vem, co' as riquezas, Escalar os costumes bem regrados;

⁽¹⁾ Em que se mirava, e se revia.

Põe seu throno na Côrte; o Engano, o Furto, A Aleivosia o sérvem.

Ditoso o que, na auróra de seus annos, Bebeo da sãa Virtude a alta doutrina, E que no coração guardá-la soube, Co' a chave da Constancia.

Oh Térras Africanas saudosas! Por vós chóra inda a Pátria. Vós o bêrço Fôstes dos seus Noronhas, e Pachêcos, Em éras gloriosas.

Alli, co' braço tinto em sangue Mouro, O fidalgo mancebo as verdes palmas Cortava ousado, para ornar na Pátria Os brazões não-manchados.

Alli tomou o ensino, tomou fôrças O Valor, a Virtude, que os luzeiros Foi derramar nas Indias, e deo brado Nas Côrtes mal-despértas.

Hôje apenas, nas guérras ateadas, Sôa acanhado o nome Lusitano,. Que outróra estremeceo ambos os Pólos C'os sinalados feitos.

Oh Lusos, accordai d'esse vil somno : Acudi aos triumphos do Oriente. Acudi : que vos lévão as façanhas Dos preclaros Maióres.

Se a alma vergou c'o pêso da Ignorancia; Eis vos off'rece a mão a Sapiencia: Alçai os ólhos, vêde o raio puro, Que sáhe de seu peito. Resgatai-vos da affronta: erguei os brios; Que vos clama de Arzilla, Ormuz, e Diu, O vosso antigo sangue derramado, No campo das victorias.

Re-trilhai os caminhos da alta Fama; Ide ensopar as lanças ociosas Nos peitos de má fé, que se enriquecem Com os vossos descuidos.

Carregai as espáduas de Néptúno De possantes baixéis : alvas estrêllas Brilhem na guérra férvida , e robusta , As vencedoras Quînas.

Aquelles sem-iguáes Raios de Marte Vos bradão, vos apontão a vereda Do Renome immortal: rompei as rêdes Do luxo entorpecido.

Elles, co' a espada de brigar faminta, Cortavão por delicias, e ócios frouxos: O nitridor ginete; o arnez brilhante Lhes pedião pelejas.

O que deo nome a teu solar illustre Co' a espada em punho, hasteada a alta baudeira, Pizava aos pés o Mêdo, e tínha os ólhos Na Honra, e no Inimigo.

E o Castro, que enfreou Cambaya altiva, E o astuto Hidalcão, abrio-se praça, No templo da Memoria, entre os Fabricios, Engeitando as riquezas.

⁽¹⁾ Do Illmo. Snr. Domingos Pires Bandeira.

Felizes! que não virão estes dias

Tão mudados, e os Nétos sumptuosos

D'ouro, e não d'aço, no marcial terreiro,

Fazer garrido alarde.

Os annos. Ladrões surdos, nos roubárão A frugal mesa, os trajos asseados: As Virtudes antigas mal se véstem De molles attavios.

Adúlteros adôrnos se apossárão

Da casta cóma das Espôsas Lusas:

A Fama, a Singelleza aos pés cahîrão

Das desvairadas Módas.

PREGÃO.

Comprai-me as trovas, censurai-me embora, Que, não gabos, dinheiro me namora. São máos meus vérsos; dizei delles raios, Fazei os em fanicos, mas comprai-os (1).

Ora eu já disse em vérso (ha bem vinte annos)

Comprem-mos, e critiquem-mos embóra (2)

Inda hôje digo o mesmo. Os Doutos riccos,

Que, não dinheiro, mas louvor cubição,

Ponhão peito a que os louros, que os encómios,

⁽¹⁾ Na Carta ao S¹. Feliz Jozé de Avellar Brotero, que começa: Tu dizes, Avellar, etc.

⁽²⁾ Era eu rapaz, e passava pelo Loretto; vi o adro atulhado de gente, e quiz saber (curiosídade de rapaz!) o que os api-

Sobre as frentes lhes caião como chuva. Mas eu, a quem louvores não engordão Que são ouca iguaria, são pedaços De caramélo vão, que se esváe na agua, O que pertendo só, o que agencêo São louras, que me adubem a panella, Que dem véstia, e calções, que dem sapatos. Sabem Vossas mercês, que o Proprietario Das casas, em que móro, um cento de Odes Pindáricas, farfantes; campanudas Feitas em meu louvor, não as tomára Pelo aluguél d'um mez ? Que tal o áchão ? Tenho en razão, se digo, que mos comprem? Se á Critica dou rédeas, c máis rédeas? Supponde, que estáes vós, por um buraco, Vendo os assômos da alma, que transluzcin Na minha gôrda, avelhentada face, Quando um me vem comprar as minhas tróvas, E nie conta, em dinheiro abençoado, A moéda de ouro ; e essoutro , que vem concho Noticiar-me a Crîtica malvada, E mordedura de enraivado dente. Reparai bem. Do argênteo chocalhinho Já estou gizando a somma das garróchas,

nha va alli. Vi um Estrangeiro, com uma caixinha toda escaquetada, e os escaques cheios de papelinhos quadrados, que encertuação em suas dóbras cértos pós, que elle appregoára miraculosos, e linfalliveis para sárar pernas, e braços quebrados, impedir a gôtta, e apoplexia, tirar os sináes de bexigas, atalhar a velhice, fuzer nascer nóvos dentes, etc. etc. mas, sóbre tudo, para mattar pulgas no verão. Muita gente lh'os comprava, mas muita máis se desfazia em perguntas, em objecções, em reparos, e elle a tudo respondia: Comprai meus pós. Aplico el cuento.

Que importa repartir. Seis á pádeira, Mais seis para o açougue; - e a pôr de parte Máis tanto para o vinho, attonnellado, Que me venha da vinha mui sincéro, Sem mixórdias de infido taverneiro. Méstre de venenosas falcatrúas, Que nunca méro o dá, dando-o máis cáro. Bem quizera eu poupar essa parcélla, Que léva a bóia ao fundo, e estanca a bólsa; Nem me quér o tonnél entrar em casa, Sem que vão arrancá-lo lá da adéga, Duas louras, ou tres, conforme os annos. — Estou vélho; e sem vinho, um póbre vélho Cria arrans na barriga, se bébe agua; E o vinho (ha quem o diga) muito póde Refocillar a lassa humanidade (1). Não vos conto o aranzél das miúdezas, Que requér casa pósta, porque fôra Moer-vos a enjoada paciencia.

Olhai-me agóra, quando me criticão. Nos ólhos se me espráia, e no semblante Todo o socêgo, com que me acalanta Minha górda Pachórra, amiga vélha.

- « Tanto melhór (me digo) de mansinho.
- » Se as critica, é que já comprou as tróvas.
- » Vênhão máis Criticantes, máis dentadas;
- » Que assim medrarão máis na bôlsa os cóbres. » Saibão, que estou em térra, onde os Autores Pédem que sáião Crîticas a rôdo,
 Por que melhór consumo tenha a Obrinha.
 E tal houve, que deo máis venda ao Livro

⁽¹⁾ Vérso de Camões.

Fazendo-o condemnar pela Sorbonna, Fazendo-o condemnar em Parlamento, E ser por mãos do infâme algôz queimado. Tanto póde o furor de ser vendido! Que procedeo dahî? A triste Obrinha, Que jazîa na lóge, e preparava Tabernác'lo ás aranhas, pasto á traça, Andou de mão, em mão, e ás rebatinhas A quiz lêr todo o bicho curioso.

E não quereis que as Crîticas me alégrem? Eu ponho os meus Censores em dous lótes; Uns, que censurão, com sagaz intuito De me emendar no que érro, e avisar outros Do tropêço, em que dei, que ahî não cáião. D'esses Censores louvo o sizo, e delles Tiro lucro. Tomára eu aquê tê-los, Que sahîrão máis limpas da carépa As tróvas, que ahî dou por desenfado, E por ganhar vintens. Aos Aristarcos Caixeirinhos francelhos, Bonzos, Nayres, Que embicão nesta phrase, nesse Vérbo, Que não vem nos seus livros de fitinha, D'esses me río eu ás gargalhadas; E péço aos nossos bons Poétas d'hôje, Que me ajudem constantes a apupá-los. De relé tão nojosa dêmos cabo (1), De tal maneira, á finca. os affrontêmos,

⁽¹⁾ Que faut-il donc faire pour conserver à notre langue sa prééminence? Il faut que tous les gens de goût se liguent contre ces novateurs, contre ces factieux littéraires, qui veulent faire une révolution dans la langue : il faut se rallier autour des bons modèles, et disperser avec le fouet du ridicule, ces corrupteurs de la pureté du langage.

Que não ousem fallar; e se a Vergonha Tem inda algum accésso em suas caras, Corridos se arremessem a lêr Clássicos, Não máis, como asnos, fallem como gente.

ODE

A' ILLMA. E EXMA. SENHORA D. M. DE A.

O testudinis aureæ
Dulcem quæ strepitum, Pieri, temperas,
O, mutis quoque piscibus
Donatura Cygni, si libeat sonum!
Totum muneris hoc tui est.

HORAT. Lib. 4, Od. 3.

CALLIOPE divina,

Que ao Cautor Thracio, emulador de Apollo,

No berço adormentavas,

Contando as maravilhas,

Em que estudiosa lida a Natureza:

Tu, de Urania ajudada,

Aos sóes immensos o subiste adulto,

E a pacífica Virgem,

E o Leão truculento

Lhe mostraste, as pousadas visitando.

Tu stavas a seu lado, Quando dos montes desprendia os troncos, Com a affoita harmonia: Tu os números ao canto, Tu a altîsona vóz lhe modulavas.

Na verdenêgra Styge
Debrou Charon, nunca atélli dobrado.
Quantas vêzes, absôrto,
Para o Cantor divino
Ergueo o rôsto, e se esquéceo do remo!

Das eloquentes córdas

Partirão Graças; que desenrugárão

O medonho semblante

Do tristissimo Dite,

E o peito co' a ternura embrandecêrão.

Eurîdice, aos podêrcs

Do Canto vencedor, tornou ás praias

Do lago irremeavel;

E do O'rco as leis quebrando

A infernal róta desandou, primeira.

A teu mandado as Aves

Enchem os sôltos áres de gorgeios;

A teu mandado os brutos,

Os estúpidos peixes

Entoarião québros sonorosos.

Ah! dá-me a Lyra Thracia, E manda, que eu desfira a vóz canora; Verás parar os rios, Verás descer dos montes As sélvas de tropél a dar-me ouvidos.

Enlevado em teu gésto, Com rythmo novo, por estranhos signos, (1)

⁽¹⁾ Não signos do Zodiaco, mas signos sim da Musica.

Despenhando cadencias, Darei inveja a Orphêo, Acudirão as Musas admiradas.

Farei máis. — Destemido
Disputarei a Apollo a primazia:
Daphne (1) o árbitro seja
Do intrépido certâme.
Não me acobardo: Apollo já me téme.

Eu cantarei tão dôce Que inflúa em féros peitos a meiguice. Se encósto ao peito a Lyra, Tanto ardor virá della, Que inflammarei a amar-me a tibia Anarda.

Verei aquelles astros,
Que lúcidos revólve entre as pestanas,
De brando amor banhados,
Fitar compadecidos
Em Filinto, por prémio de seu canto,

Então, Lyra ditosa;
Ficarás com máis nome, e máis sobêrba,
Que quando aliviaste,
Nas mãos do Vate antigo;
A sêde a Tântalo, a Ixion a róda.

⁽¹⁾ A Senhora D. Maria de Almeida, então no Conyento de Chéllas, e depois Condessa da Ribeira.

PRÉDICA BERNARDA.

Cérro frade, arrotando Sapiencia, No púlpito, a altos brados declamava Contra os Páes, contra as Mães sem consciencia, Que ensinão mal os filhos, e provava Com Sancta Mónica o seu razoamento.

- * Sancto Agostinho foi grão libertino:
- » Mas tanto fez a Mãe, com seu ensino;
- » Que deo fim ao seu máo procedimento:
- » Fez delle um Santarrão, que mil Santinhos,
- » Iguáes aos que beijâmos nas verónicas,
- » Deo a Deos. Dai-me Mónicas, e Mónicas, (1)
- » Dar-vos-hei Agostinhos, e Agostinhos ».

ODE

A Alcippe, e Daphne, depois de larga ausencia.

Vos ego sæpe meo vos carmine compellabo.

CATULL. de nuptiis Pelei.

ABUTRE máis faminto, que o de Tycio, Co'as unhas afferradas nas entranhas

⁽¹⁾ Magano! que se não contentava com uma só!

Tom, IV,

Meu renascente coração rasgava, C'o róstro insaciavel;

Séva Euménide exércitos ferozes

De infaustas aves me assanhava á fronte,

Que grasnando-me agouros, me atroavão

Os trementes ouvidos.

Quando embebido em lôbrega saudade Olhava o Céo, e lhe pedia alívio, Uma nuvem se rompe, e avisto claro O Cîrculo dos annos.

Sizudo Génio, com potente dextra, D'Oriente a Occaso lhe la compassando O justo movimento, e abrindo a Clio, Successos de alta Historia.

Eis da cadeia eterna de áço fino, Cujos fuzis o Fado quiz que fossem Uns, dias tristes, outros, faustos dias, Aponta um, todo de ouro.

Vinhão-lhe em róda os Risos, os Prazêres Compondo alada côrte: adiante a Auróra Soltava do regaço apavonado Pérlas, que o Ganges bébe.

Cupido, sacodindo o accêso facho Abrazava em desejos Valles, Montes. (1) Já cornîgeros Sátyros ardentes (2) Causão as alvás Nymphas;

⁽¹⁾ Omnibus incutiens blandum per pectora amorem.

Lucket. in procem.

⁽²⁾ Nympharum fugientûm amator. Horat. Lib. 8, Od. 18.

Que envergonhadas fogem, mas fugindo Nuas, lanção tal vêz, a furto, os ólhos Ao petulante alcance; — ainda córrem, Mas frouxão (1) a corrida.

Nas pontas dobradiças dos Ulmeiros, As pintadinhas Aves, balançando-se, Com festiváes gorgeios, á portia, Desféchão a alvorada,

Ouro é todo o horisonte; e majestoso Instiga o Sol flammîvomos cavallos, Que a îngreme veréda a pulos tómão Fogosos, escumando.

Este era o dia próspero, e risonho, Em que eu tornei a vêr Alcippe, e Daphne, Dia, a mim, máis feliz, que o feliz dia, Que me lançou ao mundo. (2)

Apenas raia, no alto (3), a luz serena Dos ólhos fúlgidos das minhas Vénus (4), O Abutre da tristeza, erguendo o vôo, Me desaffronta o peito:

⁽¹⁾ Assim é que aos vérbos, que derivão de adjectivos, ajuntão um a os nosos Clássicos; mas não sempre, como é bem obvio a quem toma a curiosidade de os ler.

⁽²⁾ Jure solemnis mihi sanctiorque

Natali proprio. — Horat. Od.

E quão pouco adivinhava eu então quanta disgraça, quanta amargura me urdia para o anno seguinte a Perfidia, a Invéja, e máis a Calúmnia!

⁽³⁾ Cérta janella muito alta-

⁽⁴⁾ Não é muito, que eu conte duas Vénus, quando Catulle conta um argél dellas, Plorate, Yeneres, etc.

O exercito das ávidas saúdades, E a tôrpe Furia, General raivoso, Mordendo os braços; e a silvar-lhe as sérpes; Ao Tártaro fugirão.

CONTO.

Entrava pela lóge d'um Barbeiro Certo Rapaz ancioso de ter barba. Avie, Senhor Méstre, (lhe dizia) E o pachorrento Méstre, que não via, No liso rôsto, um só signal de barba,

Lh'o lava, e lh'o re-lava:—
Já lhe altêão na cara
Batidos, re-batidos, todo-espumas
Tres altos (1) de sabão. — Eis que óra o Mestre
Tóma um cachimbo, accende-o, e vai sentar-se
A' pórta, vêr quem passa, mui serôdeo.
O Rapaz, de esperar desesperado,
Lhe pergunta, que faz, que o não barbêa?
Mui logrativo o Méstre lhe responde:
« Estou sperando, que lhe aponte o péllo ».

⁽¹⁾ Bordados de tres altos - diz Fr. Luiz de Souza, fallando de vestimentas.

ODE

AO SENHOR

TIMOTHEO LECUSSAN VERDIER.

Nam quis iniquæ

Tam patiens urbis, tam ferreus ut teneat se?

JUVEN. Sat. I.

V EJO apontar o Hynvérno pelos cumes Dos Hyperbóreos sêrros; Com elle apontão procellosos ventos, Truculentos negrumes; Roucas rajadas de saltão granizo, Com fragor se desatão Pelas roturas do arrastado manto. Lambem-lhe em róda a grenha Rôxos coriscos, rápidos relâmpagos: O desabrido Bóreas Lhe faz côrte, a geáda arrebanhando, Que ha-de espargir a frôxo Pelas nuas campinas descontentes. Já hirsuto o arco atéza Para os farpões de tremedores gêlos Nos disparar agudos.

Ei-lo que estalla, e os crepitantes frios Me acortão as vidraças. Todo me encôlho, todo me arrepio, Já só de ouvî-lo, e vê-lo.

C'os ólhos cérco os desprovidos cantos

Da casa, e das gavetas,

Por vêr (desabrigado, tiritando C'o penetrante frio),

Se, para lhe aparar as estoccadas, Acho de prata escudo,

Forrado casação, ou pilha de achas, Hynverni-fugo couto.

Mas, ai de mim! que tudo está despido!

O lento, crébro sopro

Da Disgraça, afferrada em meu alcance, Varreo, sem piedade,

Quanto vio, quanto achou. Quanto é ditoso Quem vê, sôbre o cabide

Da ricca, e recheada guardaroupa,

Tufar empanturrado.

Pelludo Gabinardo Zibellino!

Vê, no redondo estôjo, Regalo aquécedor! no lar ardente

Ondadas labaredas! —

Cuidar, que hei-de ir, com barretada humilde, Pedir, co' à bôlsa em punho,

Ao sobêrbo Estanceiro, repimpado No throno mercantil.

Carrada escassa de velhaca lenha (1):

Por que não venha a Parca Co' as fadadas tezouras, c'os novêllos

⁽¹⁾ Médem tão velhacamente a tenha, que buscão as áchas máis tórtas, para as pôr no meio da medida, e deixá-la quanto máis vazia pódem.

Visitar-me immatura.....

Ver que o quente sertum acolchoado,

O lanoso vestido,

O Lusitano, tépido capóte

São de subido prêço,

E que a bôlsa engelhada em vão escôrro, Sem que deite chorume,

São fléchas máis pungentes, que as do Hynvérno.

Hôje virei-lhe o buxo; E ella do sujo, esfarrapado fôrro,

Entre cotão sédiço,

Déz reis vomitou sós, muito esfalfados.

E vós, crê-lo-heis, Vindouros! Eu, que não vira nunca da Pobreza

A mágra catadura;

Que, á sombra dos herdados arvorêdos, Descansado dormia,

No regaço da intacta Probidade:

Eu que no altar da Honra,

Do rigido Dever queimava incensos;

Que á Pátria, aos meus (1), sem têrmo

Dei quando pude, e sube; e déra o sangue,

Se o sangue meu podéra

Resgatá-la do ignaro captiveiro.....

Eu vivo desterrado,

Roubados os meus bens, roubado ainda

O prémio da Virtude!

⁽¹⁾ Ainda hôje conservo o mesmo amor da Pátria, a mesma ancia de viver, de tratar só com Portuguezes. O meu summo desejo fôra formar na minha vizinhança uma Colonia de meus Patricios, com quem sempre fallasse, e convivêsse.

E o Geral dos Bernardos; (1) que só teve

Por disvélo, e doutrina,

Anafar brando as rôscas do cachaço;

Róde sége, e dobrões,

Dê roupas, dê brilhantes, ĵogue rijo.....

Oh Térra amaldiçoada!

Qual cheiroso Ananaz, se foi plantado

Entre aldeanas couves,

Esmorece, definha, e não dá fructo,

Ou dá-o ensôsso, e pêcco;

E finalmente mórre atassalhado

Das rústicas raîzes:

Tal vive o Sábio, peregrina planta,

Em terreno ignorante.

EPIGRAMMA.

Quando o Cantor de Thracia, o Orpheo divino A's pousadas desceo do Reino escuro, (2) Plutão, por lhe punir o desatino, Lhe entregou a Mulher,

Depois, por um decréto máis maduro, Quiz-lhe honrar o talento melodioso, Que lhe enchêra os ouvidos de amplo gôzo; E tirou-lhe a Mulher. (3)

⁽¹⁾ Fallo do antigo, que eu conheci, e que scandalizou muita gente de juizo.

⁽²⁾ Quem o duvida? Era filho de Apollo, e de Calliope.
(3) Tomára en que houvesse, em Portugal, um Index expue-

ODE.

Damnosa quid non imminuit dies?

HORAT. Od.

Desterrado da Pátria, e dos Amigos, Que pósso eu escrever-te, Caro Alfêno? (1) Agudas mágoas, tétricos cuidados A mente me povôão.

Nem Prometheo, no Cáucaso cravado, Por comprender dos Numes o segredo, E designar dos homens a Ventura, Com mal-acceito officio,

Sentio tão rijo os pontiagudos cravos Rasgar-lhe as carnes, transpassar-lhe os membros; Nem lhe róe tão ferrenho o diro Abutre

As vividas entranhas. —

A Virtude, que ao templo do Renomo. Nos levanta, com mão máis-que-pesada

gatorio das obras (por alcunha) poéticas, que embargasse o chorrilho de más composições. Ora (no caso, que o haja) d'aqui já lhe peço, e lhe requeiro, que coméce pelas minhas trovas, que o necessitão bem; e depois das minhas, as de... as de, etc. etc.

⁽¹⁾ O Scalior Bacharel Domingos Maximiano Tôrres.

(Por provar os que c'roa) descarréga O açoute do Infortunio.

Aristides assim sahe ao degrêdo De saudoso pranto accompanhado: Foi-lhe culpa o levar ventage a todos Na difficil Virtude.

Ingrata Pátria de varões illustres, Ingrata luz te acelara. Eu de que pasmo, Nascido entre tartuffos, me persiga Fanática Impostura!

Felices, os que obscuros escapárão Do sévo Monstro aos ólhos cavillosos (1) ! Com brandas mãos Elysia inda os aflaga, Com mimo ao peito os cinge.

Cercados dos Amigos não-trincados Gózão da aura natal.— Amados, amão: E lêm suas Canções ás Damas meigas, De quem graças recólhem.

Ai daquella Ave, que, do Ninho, ausente, Des-liza o vôo por estranhos áres, Que se queixa, e não vê ao seu queixume Vir compassiva Rôla!

PROPERT. Monobibl. Eleg. I.

⁽¹⁾ Vos remanete, quibus facilis Deus annuit aures, Sitis et in tuto semper amore pares.

ÔLHO VIVO C'OS TAES MÉRLOS.

ORA viva o Talento! Aqui (1) (ha annos) De Itália veio quem ganhou dinheiro A divertir Burguezes, e Aldeanos, Com trocar ólhos, trastornar inteiro Todo o teor do rôsto; táes fazia Re-tórtas carantonhas, que Abridores Em stampas as tiravão á porfia, E á porfía as compravão Compradores. -Que não valem Carêtas! Com Carêtas Lisongeiras alcança o Pertendente A Béca, o Officio, a Tença; co' as galhêtas, Dadas com tórta cára penitente, O Esôpo da Victoria (2) captivava Cérta Viúva ricca (3). - Prelaturas, Cónezías, e Mitras a si trazem. Hypócritas manhosos, que bem fazem Carêtas, que são manto de imposturas.

⁽¹⁾ Em Paris.

⁽²⁾ Certo Carcunda, que eu via, antes do terremoto, ajudar ás missas na Ermida da Victoria.

⁽³⁾ E com ella cazou, e cazado andou de sége.

ODE.

——— Fugit retro
Lævis juventas, et decor, arida
Pellente lascivos amores
Canitie.

HORAT. Od.

Que errado pões, Leitão (1), a confiança Nos annos folgazões da vêrde idade! O sangue petulante, Que pelas veias hôje se atropella, Cansado da carreira, Com frias vózes pedirá socêgo.

Se amiúdas sem têrmo as romarias
Aos templos de Amathunta perigosa;
O Cirio, que devóto
Arde ante as pulchras aras jactancioso,
Derrengado o verás,
Da rápida Velhice, ao bafo inérte. (2)

Altérna co' repouso as lidas duras, Se quéres estender da vida a têa: O Sabio não fatiga,

Ovid. Trist. Lib. 2.

⁽¹⁾ O Senhor Henrique Leitão de Souza:

⁽²⁾ Crede mihi, mores distant à carmine nostri, Vita verecunda est, Musa jocosa mihi.

Além do justo, as serviçáes potencias.

Nem sempre Hércules bravo

A Clava meneou, co'a mão nervosa.

Conserva-te um carão vermelho, e nédio Para o décimo lustro, quando as Nymphas Começão a avistar-nos No rôsto as rugas, na cabeca as brancas.

Que gáudio é então lográ-las

Co' a côr sádia, e desempenho airoso!

Como em Teios o vêrde (1) Anacreonte, Rosada a face, os ólhos scintillando, Chamava a desafío

As bazófias da altiva Mocidade; E da Cyprina arêa Sahîa coroado co' a victoria.

Aguçosas nos fião as tres Velhas

O curto estame da velóz Idade:
Só bem lhe atalha os fusos,

Quem com sizudo freio léva a passo
O ginête alfario,

Que relincha batalhas, e carreiras.

C'o jôgo, c'os passeios revezando, E c'os sons de Melpómene, e Thalia, As Matinas de Vénus,

⁽¹⁾ Chamo-lhe vêrde, porque na idade em que os vélhos cahem de maduros, Anacreonte desfructava as verduras da mocidade. Se eu tivéra aqui á mão Fr. Luiz de Souza, citára cérta passagem da vida do Arcebispo, que confirmaria o que eu digo. Tambem não tenho J. F. Barretto; mas (se a memoria me não falha) lá chama, na Eneida, vélho a Caronte, mas vêrde para o remo.

Alongarás o tempo inestimavel; Verás dansar na bôlsa As valem-tudo, fúlgidas carinhas.

E com novo vigor espairecido,
O'ra, na Lyra, cantarás as noites
Dos lédos Acyprestes;
O'ra o rival d'Ariósto transladando,
Tómas quinhão na glória
Da Tarasca(1) immortal, sem-par Donzella.

O DOUTO MEDICO.

Mal vem a Fébre de furor armada, Lavra dos bóta-fogos, no edificio, Labaréda ateada.

Eis corre a Natureza ao prompto officio, Arca por arca lutta c'o a aggressora;

E a gente spectadora,
Buscando quem desmanche a agra pendencia,
Traz um Cégo, que ornou Médico lauro.
Este o bordão vareja de Epidauro,
De pancadas de Cégo faz sciencia;
Se aleija a Fébre, o enfermo tem saúde;
Se a Natureza — apréstem-lhe ataúde.

⁽¹⁾ La Pucelle d'Orléans.

ODE

A DELMIRA.

No dia 20 de Julho de 1783.

Felice chi vi mira;
Ma più felice chi per voi sospira:
Felicissimo poi
Chi sospirando fa sospirar voi.
Ben' ebbe amica stella
Chi per Donna si bella
Può far contento in un' l'occhio, e l'desio,
E sicuro può dir quel core è mio.

Del Cavalier Guarini.

A MANTE incurioso, que se paga
Do sorriso affectado, e das ensôssas
Caricias d'uma Láis, se néga a entrada
Do Amor no sanctuario.

Bem gostou de prazer máis delicado, O que amou, na donzella pudibunda, O forçado repúdio, (1) que desmentem Os ólhos mal-irados;

E o que, dobrando os súpplices joelhos, Graça pedio, sem culpa, e escutou brando

⁽¹⁾ Facili sævitia negat, - Horat: Lib. 1, Od. 12.

O mimoso queixume, que espairece O caminho á ternura.

Amor lhe desce, do thesouro Cyprio, Divinos dons, que a astuta Mãe negára A celestes amantes — reservados Para mortáes máis dignos.

Que insólito deleite máis que humano, É vêr, nos ólhos da gentil Delmira, Brilhar um amoroso sentimento, Clarão do incendio da alma!

Ver, d'entre as perlas da virginea bôcca, Vir nascendo um sorriso namorado, Qual rósa yem rompendo rubicunda O orvalhado casúlo.

Léve Furto, nas azas, arrebata A Cythéra as primicias d'um suspiro, Que errava a mêdo, e que espreitava occulto Pudico desafôgo.

Como lhe ondêa a miudo o niveo seio, Quando co' a vóz ingénua, que se escapa D'entre as barreiras do accendido pêjo, Me diz — FILINTO, eu te amo!

Como suáve fôgo vai calando Até o âmago da alma, quando ao collo Me lança os lentos braços torneados, E a face me offerece?

Não sou mortal então : divino alento Me côa pelas veias estranliadas ; A alma absôrta se engólfa c'os sentidos N'um pégo de prazêres. Até que as praias do ávido Cocyto Orphéo saudou co' a Lyra lachrymosa, Despedaçado pela raiva amante Das Rhódopes donzéllas,

Sôbre um êrmo rochêdo sobranceiro, Para o Hébro piedoso debruçado, As aguas que paravão para ouvî-lo, Saudoso entristecia.

Das Nymphas de rende-lo cubicosas (Embebido em seu pranto) não curava; Crébros desejos, com que ardia o monte, Não lhe prendião na alma.

Léves conquistas de off'recidas graças Não valem o carinho saboroso · Do vencido desdêm : nasce o Fastio No chão do Gôzo fácil. (1)

SONETO,

CALLADA estava a Terra, o Oceâno quêdo, Sereno o Ar, o Céo de côr rosada; A mal-desperta rósa rociada Movia-a o yento em plácido segrêdo.

Lenit albescens animos capillus. Horar. Lib. 3, Od. 14. Tom. IV.

⁽¹⁾ Quando eu escrevia esta Ode, apenas me começavão a alvejar as néves na cabêça: hôje que lá tudo são Alpes, bem agudo seria quem lhe achasse calor para uma cantiga.

Soltava a Aurora a trança de aureo enrêdo, De rubins semeando ao Sól a entrada; Que, máis que nunca, a fálgida arraiada (1) Lançava sôbre as pontas do arvorêdo.

Eis no prado apontou Marcia formosa, Máis brilhante horisoute ao mundo abrindo, Com dous sócs de outra luz máis graciosa.

Lá te vás entre as nuvens encobrindo, Altivo Rei da esphéra luminosa. — Assim ao vêr-te a Lua foi fugindo.

ODE.

Non est meum si mugiat Africis Malus procellis, ad miseras preces Decurrere: — Horat. Lib. 3, Od 29.

Sóbe acima dos Reis o home' animoso, Que do peito insoffrido arréda o pêso Dos sustos, com que a Estima de si proprio (2) Tyrannos abafárão.

⁽¹⁾ Os Camponezes, que vêm máis vêzes, que os da Cidade, nascer o Sól, e arraiar com seu luzeiro as campinas, chamão arraiada ao esparzimento de seus raios. Muita gente, que lê, conhece arraiada adjectivo, mas arraiada substantivo conhecem só os que madrugão, e não gastão todo o tempo em lêr.

⁽²⁾ L'estime de soi-même est le plus grand mobile des aures sières. . . et dont la tyrannie voudrait étousser la voix.

J. J. ROUSSERU.

Clio o remonta nas lembradas azas ; E no Templo immortal vai recostá-lo ; Em quanto a bem-ganhada Saudade Lhe téce o elogio.

Jázem na ignóbil tréva sepultados Mil duros vencedores; nunca a pluma A mão amiga do facundo Vate Pejou em seu abono.

Piza do Elysio a affortunada grama Viriato, que co' a dextra vingadora Os córpos apontava golpeados Pelas traicões Romanas.

Ao lado acceita esse Aio (i) malogrado, Que ao fanático Môço predisséra Os ruins conluios, e a forjada ruina Em Africanas térras.

Lorsque l'homme est assuré qu'il a fait le bien, sa conscience ne lui offre que des sentimens agréables, qu'on désigne sous les noms d'estime de soi, de complaisance, de contentement intérieur, de fierté. — Politiq. naturel.

Cette estime de soi-même, qui donne des ailes à la vertu, l'élève avec force au-dessus de tous les obstacles. Vieland, tom. 3 de l'Hist. à'Angleterre.

Cette ardeur pour l'estime est naturellement proportionnée à l'étendue des talens; et une grande élévation dans l'esprit et dans le cœur porte à rechercher des temoignages de son excellence dans le jugement des hommes de tous les lieux et de tous les siècles. Théor. des Sent.

C'est de l'estime de soi-même que naissent les grands sacrifices. F. du Publ.

(1) D. Aleixo de Menezes.

Não se escalão com louco atrevimento.

Do occulto Fado os muros diamantinos;

Mas a Prudencia entre-descóbre ao sábio

Um albor do Futuro.

O Piloto sagaz pre-sente ao longe O zunido da enxárcia, o masto rôto Co'a furia do tuffão que vem no ventre Da naufragosa nuvem.

Já na próvida mente aprésta os braços Para inclinar o léme ao salvamento; Ou com elles romper, na irada spuma, Sonóros rôlos de agua.

Sentimos, Sylva, (1) o mal que accurva a triste Pátria, que ameáça, com máis turva estrêlla, Os Nétos: — mas assaz forçósos somos, Que possâmos tolhê-lo?

Por onde quér que as ondas nos arrojem, Da salva praia, aos sócios acenêmos; E a voragem que sórve, e a sequaz vaga Brádêmos auciosos.

⁽¹⁾ O Rev. Senhor M. Jozé da Sylva Fer.

A VERDADEIRA

GENEALOGÍA DE CUPIDO.

Já por escripta os Grégos nos deixárão, Que das Graças Irmão o Amor nascêra. Mas, segundo as authenticas Memórias Conservadas no Archivo de Cythéra, Máis chegado Parente lhe é Cupido, Da máis jóven das Graças sendo filho. E rézão as Memórias, que Euphrosina Gostava de uvas; (foi no Outono o caso.) Um cacho bem córádo, bem maduro, Que entra cabal na dórna, muito tenta. Tenton-se a jóven Graça; a mão lhe lança: Mas Baccho, que muito ha, que lhe anda á espreita, A pilha, e a seu prazer lhe dá castigo. Euphrosina assustada deo, comtudo, D'esse castigo, á luz, o Deos Cupido; Que lembrado, e fiél á origem sua, Antes que embêba no arco a aguda flécha, Que attira a Jóve, a Marte, e á mesma Vénus, Nos lagares de Baccho lhe dá a têmpera.

ODE.

——— Horrida bella Ausi omnes immane nefas. — Virgil. Æneid. 6. Sævit amor ferri, er scelerata insania belli. Æneid. 7. v. 461.

D_E exércitos brutáes trilhada a Európa, De hostis baixéis o Oceâno retalhado, Armas luzem, relinchão os ginêttes, Rimbomba a artelharia.

Onde ides de tropél, aonde algôzes Mattar vossos Irmãos, com arte, e canto? (1) Brotou o Inférno pois, milhões de Alectos, E vo-las pôz nos peitos?

Contra uma só Nação, que de Senhora, A duros Déspotas ceder desdenha; Que des-trama a traição, que conspirárão Malévolos Ministros? (2)

(1) L'homme n'était pas ne pour égorger ses frères. Voltaire. Od. 15.

Ils prétendent conduire à la félicité
Les Nations tremblantes,
Par les routes sanglantes
De la calamité.
Vol. O.l. à la Reine de Hongrie.

(2) ——— Ne quid inausum
Aut intractatum scelerisve dolive faisset.

AENEID. 8. v. 208.

Em tanto atribulada a Natureza Se esconde, co'as mãos véda ao rôsto, aos ólhos De avistar gólpes, de escutar gemidos Dos filhos sem ventura.

Reis, que accurváes com orgulhoso sceptro O miserando Pôvo ignaro, e dócil, Dobrai a alta cerviz á vóz máis alta Do cavilloso Pitt. (1)

Esse Rei dos sobérbos Potentados Abre as azas ao Despotismo, e manda, Das Ilhas da affogada Liberdade, Ameáços, e insultos.

Envergouhai-vos, (2) Déspotas ferózes; (3) Não sois potentes a prostrar co'as armas

⁽¹⁾ Homem das grandes vistas lhe chama certo Euviado que vio o que en não vi, nem quero ver. Óra grandes vistas só cabem em grandes manmottas; é de suppor que grandes são as manmóttas do cavilloso Pitt. E tambem é de suppor que lhas vio, e bem lhas vio o agudissimo Enviado.

⁽²⁾ Nil pudet assuetos sceptris. Lucan. Lib. 8. v. 452.

Hypocrites! N'est ce pas vous, instrumens de George Pitt, moteur de la coalition, et qui vous salarie pour la continuer? N'est-ce pas vous qui l'avez conduit à l'échafaud (Louis XVI)? Son crimé n'est-il pas d'avoir été votre complice, d'avoir conspiré, avec vous contre la liberté des Français, et l'intégrité de son territoire? L'acte de conjuration et de partage ne vous constitue-t-il pas les agresseurs? Ne vous rend-il pas coupables des fléaux de l'Europer? de la guerre civile que vous avez excitée en France, de la guerre extérieure que vous avez commencée contrellé.

⁽³⁾ Non solus ant primus nepotes Rex fatuos generavit Ilus. Balde Lib. 5. Od. 8.

Homens que se respeitão. Querem sóltas, Como a vontade, as óbras.

Quanto me agrada, oh nóbre Souza, a tua Récta intenção, que abóna injusta a fôrça, Se, em despeito dos dônos, clama alçada Nas possessões não-suas!

Oh quanto hei-de sentir a tua ausencia, O'rphão do ingenho teu brilhante, e raro; Sempre bom, sempre douto, sempre amigo Da honra, e da verdade!

CONVERSAÇÃO.

ANTONIO.

Felisarda, que tu mui bem conheces, Que nunca amou ninguem, sei que ama; e muito.

Јоѕери.

Assaz me dizes. Quem é o venturoso? É Lucindo, que ha muito a namorava?

(Ant.) Como te enganas? Ella amou-lhe sempre Os presentes; mas nunca amou o Dôno.

(Jos.) Já sei : ama Gelonio, que tem sége, E que lh'a empresta para ir ao Baile.

(Ant.) Menos inda. Ama a sége, e não Gelonio, Se te digo! Ella nunca amou amantes.

(Jos.) Pois que ama Felisarda? Ama o marido? Ella, que o tres-vio sempre, como a morte! (Ant.) Tomára-o ella ver cem léguas longe. (Jos.) Menos que ame seu Páe; que ame seus filhos. (Ant.) Seu Páe!... seus Filhos!... Vás de meio a meio Errado em teu conceito. (Jos.) Agora acérto Ama não amar nada. (Ant.) Ama, estremosa... (Jos.) A quem! Acaba. (Ant.) adora o seu Caozinho.

ODE.

No dia 4 de Julho de 1805:

Jam Procyon furit, Et stella vesaui Leonis, Sole dies referente siccos.

HORAT. Lib. 3, Od. 29.

Despedida a Estação, que as flóres dava, Com benévolo orvalho, brilho, e côres, Vem, com, ardentes fógos, o Cão Sirio Seccar quanto ornou Maio.

Seccas as hérvas, seccas as gargantas, Cuidem na réga os hortelões curvados: Nos cuidemos em des-rolhar garrafas De vinhos, de licôres.

Bebâmos á saúde dos bizarros Amigos, que das garras dos Tartuffos Me salvarão; e dão com que óra os brinde, Sufficiente módo.

Bebamos a Araújo, a Souza, a Brito, E áquelle, que imprimir seu nome véda; Mas que eu estampo etérno, no meu grato Coração. Behâmos;

Que o Sól vem furioso, e nos dispara Virótes de seccura. Rapaz, deita D'esse louro licor, que deo Borgónha, Para alegrar esp'ritos.

Quem me déra que ouvissem as saúdes, E o tinnir alegrissimo dos cópos Os vis familiares, e seus Bonzos E, ouvindo-as, enraivassem!

Mando á Styge as lembraucas desabridas D'este dia, e o Citôte Inquisitorio. -Venha assistir-me a Deosa da Amizade, E os seus leáes Devotos.

Só della, e delles quéro recordar-me; Que a vida, e o salvamento bem lh'os dêvo. Vênhão tambem os nóvos (que graciosa Me 'deo a França) Amigos.

Entre honrados louvores, entre brindes, Um Sané, um Fouinet (1) verão seus nomes; Verão nos ólhos meus, no meu semblante-

Raios de amiga escolha.

Que é meu prazer colhèr nos meus Alumnos O prémio de benévolas fadigas, Quando o gôsto lhes vêjo , o empenho assiduo Com que as entranhas sondão

⁽¹⁾ Jantavão ambos comigo nesse dia-

Da Lusitana Lingua, dos bons vérsos, Que a Diniz, que a Garção tanto affamúrão, Fundados em Camões, na lição pura De Grégos, de Latinos.

Contente, oh Clio, bébe aqui com nôsco Um copinho social de Góttas de ouro: (1) Cantarás máis suave, e máis brilhante Meus dias hôje salvos.

A' Senhora D. J. R. D., no dia de seus annos.

......

Não sei qual, Vénus fêz, mimo, a Cupido, Que este, de agradecido, Uma fésta compôz, fésta a seu geito. Um annúncio foi feito,

Um annúncio foi feito, E pôsto nas esquinas de Amathunta

Por que alli sosse junta

Trópa de Musas, Graças, Jócos, Risos, E até Mómo c'os guizos. (2)

Sentinéllas á pórta : e todo o humano (Por evitar engano)

Fique de fóra. Eis Marcia se appresenta; Eis que impedî-la intenta

O Guarda. — Vem Amor, que ao Guarda ensina Que ella é prôle Divina.

⁽¹⁾ Cérto licor mui gabadinho, e que o merece bem.

⁽²⁾ Não se sube se os guizos, que os Poétas dão a Mómo, pertencem á sua gôrra, se ao seu adufe. Tálvêz que a uma coutro, por nos tirar de dúvidas.

ODE

AO SENHOR DOUTOR

VICENTE PEDRO NOLASCO DA CUNHA.

Floresça, falle, cante, ouça-se, e viva a Portugueza Lingua.

Ferreira , Carta a Pero Caminha.

Vélho, e cansado a vóz se me enfraquece; Fógem de mim entorpecido as Musas, E a Lyra mal-responde ao tóque incerto Da não-segura dextra.

Que poderei cantar para louvar-te, Que iguale co'a vontade agradecida Ao mimo dos teus vérsos? Direi pouco Em derreada prosa.

Regalou-me a linguagem não-mestiça Da Traducção difficil. Começava Eu a lêr, quando vêjo... (Não me engano?) Dous conhecidos vultos

Entrar no quarto, e aos lados meus sentar-se, Pedir-me que a leitura alto lhe entôe... Poderás crê-lo? Os puros Manes erão De Ferreira, e Barretto, Que a cada vérso de elegancia Lusa As palmas, applaudindo, rebattião: « Viva o nôvo Poéta Lusitano, » Que, honrando a lingua, se honra. »

Eu continuava a lêr, e recrescião

Os applausos, os vivas. - Louvor digno, Dado por táes Ouvintes; neste Officio

Juîzes valiosos.

Darwin, se ouvir podéra, e comprehendera O Portuguez traslado do Poêma, Talvêz que o stylo, a lingua te invejára, E te invejára o ingenho.

EPITAPHIO

DO SENHOR ***

Gozov vivo de gran reputação; Deixa, inda morto, assaz de opinião. Em tudo se ostentou grão Sabichão; Prompto desintrincou qualquer questão; Sabia as outo partes da Oração; Dava a todo dizer definição; Sabîa o que era sp'rito, e conceição; Té dava aos Logogryphos solução. Era elle homem honrado? Honrado?... Não.

ODE.

Haya o de Agósto de 1795.

Vis consili expers mole ruit sua, Vim temperatam dii quoque provehunt In majus: iidem odere vires Omne nefas animo moventes.

HORAT. Lib. 3, Od. 4.

Ja! a Paz firmou um pé na turva Europa;
 E co a florida mão vai afastando
 Do Mósa, (1) e de Pyréne (2) as bronzeas lidas
 Do horrifico Vulcano.

Mavórte as rédeas vira aos féros brutos, E o carro ensanguentado trilha agóra O Germânico chão, que muito indignão Insultos de Monarchas.

De mãos dadas co'a san Philosophia A meiga Humanidade vai roçando Os maninhos da stúpida Ignorancia; E á Paz franqueando via:

A cara Liberdade, que enterrárão Os Déspotas em lôbregos abysmos,

⁽¹⁾ Rìo, que passa pela Hollanda.

⁽²⁾ Montaulias, que separão a Hespanha dos dominios Francêzes.

Eujo nome saudoso até o raspárão De sôbre a sepultura;

Já sacudio a campa, e alçada aos téctos Da Curia Nacional, tremóla em tôrno O Tricolór Despeito dos Tyrannos, Com que aos Póvos acêna.

Em quanto Pitt, com vendas de ouro, occulta Longe, ás gentes, benéfica esperança; Com púas de Ambição aquí encrava Os passos á Prudencia.

Mas tambem québrão furia os rijos ventos, E descáhe a tormenta, que roncava, Quando o Sól assomando, em aureas cintas, Lhes abatteo os sôpros;

E lassos de brigar, desfalccidos, Anceião o repouso das cavérnas: As nuvens, já máis raras, se desunem, E o Sól tirão (1) serêno.

^{(1) —} Applaca o mar no mesmo instante Aparta as nuvens, tira o Sól radiante.

J. F. Barretto Eneid. Liv. 1, Est. 39.

DESCRIPÇÃO.

Pintão o Ingenho um Môço denodado
Na côr ardente, os ólhos penetrantes;
Sôbre a cabeça uma A'guia: um inflammado
Glóbo, d'entre as madeixas ondeantes,
Busca o cimo dos Céos, d'onde ha baixado;
Des hombros rompem-lhe azas mayegantes; (1)
Na dextra um arco d'onde estalla a sétta,
Ou já como Orador, ou já Poéta.

Como é possivel, que o que eu digo n'uma nota, o tenha en já expendido n'outras minhas, perdão peço por esta e por máis algumas que hajão incorrido no desagrado dos pientissimos Leitores por crime de repetição. Não cabe na paciencia poética de 16 lustros e máis de meio, abalar-se a folhear máis de 10,000 paginas de meus cartapolinhos, para afioroar com ella. Gente conheço eu, que o bem faña: pois que houve alma de tão re-

⁽¹⁾ Pois que se diz, que os Navios, com as velas voão, porque não dirêmos, que com as azas se navéga? É óra já Virgilio disse: remigio alarum: e J. F. Barretto, que o imitou, disse: c'o remigio das azas. Com effeito já me cansão notas, em que haja de dar desculpa do uso desta phrase, ou daquella palavra. Fiquem de assento os benignissimos Leitores, que as phrases, e palavras de que me sirvo, ou já usadas forão por Clássicos, ou alli vindas propter egestatem linguae. Daqui tómo salvo conducto para alguma estranheza, ou atrevimentozinho, que appareça nas minhas tróvas.

ODE.

4 de Julho, de 1779.

Occidit, occidit Spes omnis et fortuna nostri Nominis. — Horat. Lib. 4. Od. 4.

Morrerão os meus bens, e a minha fama: Nem dôce Orphêo, nem arrojado Alcides D'esses Cérberos crus ouse arrancá-los A's garras cubiçosas.

mansado algarismo, que contou uma por uma (vid. Journal de Paris, anno... dia...) todas as palavras que vem na vulgata — Se vos admiráes, ainda lá vem máis. — Essa mesma pessoa, em sen bem utilisado ócio, contou de quantos mil milheiros de lettras se compunhão as mil milheutas palavras dessa mesma Biblia. Estou cérto que não houve quem lhe desmentisse o cálculo; porque não houve outra super-pacientissima pessoa, que appurasse todos os inter-lúcidos de sua alma para averiguar com igual appontamento, ou talvêz dobrado, se falhou na conta o primeiro computador.

Ora nem eu, nem algum outro do men calibre cahiriamos nessa esparrélla. Por mim digo, que quando os saturnios Fados mens me influissem tão desmesurada impertinencia, vericis sempre ahi, alastrada no caminho diante de mim a — Minha gorda Pachôrra, amiga vélha — para me atravancar todo o projecto.

que en concelêsse de me dar lida tão penosa.

Lembre-me Deos em bem ácêrea das 10,000 páginas que tanto Tom. IF.

Nóva Medéa, ao filho que gerára, Deo (quão pesado poude!) o duro gólpe C'o braço Novercal; c'o hervado (1) alento Bafejou a Innocencia.

Que prazer, da calúmnia bem-medrada, Não colherão Devótos Embusteiros Que em chammas cévão de Christãas fogueiras, Caridade aleivosa!

Nunca foi salvo derramar verdades : (2) Tem sempre o Érro , em pé , o Cadafalso (3)

montão 18 volumes impressos, sem contar máis tres de manuscriptos que está a imprensa em dôr de parto com elles... Lembreme Deos em bem (tórno a dizer) o que ácêrca de tanta página e tanto cartapacio ouvi a um amigo meu encolerisado das críticas que lhes fazião cértos Tarêlos, « Como podem (clamava o meu amigo, que canonisava os Autores segundo o máis, ou menos volume de suas Obras impressas) como pódem esses Tarêlos criticar um Poêta que máis de 18 volumes, afóra os que ainda tem para dar, tem dado ao prélo! Nem o magno Alexandre, nem Carlos magno com os seus doze Pares, junto co' Almirante Balão e a formosa Floripes... Que digo eu? Nem o grande Gengis Kan, nem o grandissimo Tamboriléque, de quem tão façanhosas grandezas conta o Auto das sette partidas que correo o Infante D. Pedro, filho d'el Rei D. João Iro, fizerão tanto gemer as prensas.

(1) Induzimentos ido sen Confessor, que lhe intimou revelações d'uma freira da Madre de Deos, que vira no inférno uma cadeira de braços, de férro em braza, que me esperava-

(2) Mas quem pode atalhar o varão intrépido, que não publique o que é util á sua Pátria?

(3) Lógo que aos Bonzos mostrou a experiencia, que máis lhes rendia o mêdo, que o amor, em terrorizar o Pôvo fundárão seu poderio; inventárão, para máis segurança, o infame tribunal, da Inquisição, e com o fumo de Judeos, e de Christãos queimados, condensárão a cegueira das stúpidas Nações.

Para o Sábio , que a máscara lhe rásga (1). Lhe amostra a face horrenda.

A Sciencia, que vira os sãos reiuados De João o justo, de Manoél ditoso; Condemnada ao destêrro, assim dizia, C'os ólhos arrasados:

- « Mimoso reino, (que, inda ingrato, o estimo!)
- » Com que întima saudade me despéço!
- » Chorando vão comigo as boas Artes...,
 - » Quanto este adeos nos custa!
- » Bárbara turba de ignorante schóla
- » Me fêz descer das áras reluzentes,
- » D'onde inspirava á Lusa Mocidade,
 - » Puras, amplas doutrinas.
- » Cahîs nas mãos de algôzes tonsurados,
- » A quem sempre neguei meu raio puro.
- Filhos, que eu tanto amei, ireis de rôjo,
 Beijar-lhe as mãos cruentas.
- » O Pedantismo ao men lugar alcado
- » (Com que disgosto o vêjo!) sópra os torpes
- » Hálitos enojosos, que marêño
 - » O templo que me erguêstes.
- » Mas virá tempo, em que eu serei rogada.
- » Máis înclyto Jozé, melhor Carvalho,
- » Lustrado o Templo, expulsa a vil cohórte
 - » Restaurarão meu culto.

⁽¹⁾ Detrahere et pellem quà quisque per ora Cederet introrsum turpis. — Horar, Lib. 2. S. 4

- » Então, para o Saber, francas as pórtas,
- » Nestes meus penetráes acharêis armas,
- » Que pônhão em derróta irreparavel
 » O pestifero bando.
- » Sustentados com máximas robustas
- » Darêis abalo ao cárcome, ás raîzes
- » Dessa árvore, de tantos fustigada,» Que só de mim se téme.
- » Inda, golpeada de acerados férros,
- » Segura o tronco as ramas estendidas:
- » D'um ijo vaivêm meu, prostrado em térra.
 - » Chororá as raîzes.
- » Victimas da verdade, perseguidos,
- » Affrontados serêis pela Ignorancia:
- Mas sempre fôrão gratos os trabalhos
 » Que dão crédito ás fôrças.
- » E passado o mortifero negrume,
- » Que o Fanatismo resfolgou morrendo,
- » Dias máis claros, dias bonançosos
 - » Vos abrirei sem têrmo ».

SONETO.

Curisto morreo ha mil, e tantos annos; Foi descido da Cruz, lógo enterrado: Mas téqui de pedir não tem cessado Para o Sepulchro delle os Franciscanos.

Tornou Christo a surgir entre os humanos, Subio da térra aos Céos, lá está sentado: E inda, á saúde delle sepultado, Bébem (o sacco o paga) estes maganos.

E cuida quem lhes dá a sua esmóla, Que elles a gastão em função tão pia? Quanto vos enganáes, oh gente tòla!

O altar mór, com dous côttos se allumia; E o frade, co'a putinha, que o consóla, Gasta de noite o que lhe dáes de dia. (1)

⁽¹⁾ Este Soneto é a relação histórica do que succedeo a cérto frade, com quem eu e outro estudantinho meu camarada, audámos pedindo para o sepulchro. Nem tudo o que os Poétas dizem se déve tomar ao pé da lêttra; e muito menos o que elles zomo beteando escrevem. A relação que vai no soneto é em partes verdadeira, em partes não.

ODE.

Paris 23 de Dezembro, de 1779.

———— Io triumphe,

Non semel dicemus, io triumphe,

Civitas omnis, dabimusque divis

Thura benignis.— Hor. L. 4. Od. 2.

Maldito o Bonzo, e máis maldito o Náyre, Que calumnioso urdio o meu destêrro; Malditissimo o Estúpido fanático, Que encommendou a queima!

Oh Pátria! oh Pátria! E pude assim bannido, C'os ólhos arrasados de agro pranto, (Não estalei de mágoa?)—despedir-me De ti, querida Pátria?.

Oh Pátria, que vês ir o teu alumno Desterrado sem culpa, e não embraças Um diamantino escudo, com que o cubras, Não empunhas mil lanças,

Co'as mil dextras de teus valentes filhos? Não pões em fuga stólidos Satéllites Do infame Tribunal, não mandas a Africa Tács Busires de lòba?

Porque não clamas hôje arrependida Bessa culpada inércia : « Oh Pôvo! oh Lusos

- » Abri, abri os ólhos fascinados,
 » Com religiosas máscaras.
- » Nunca Deos ensinou fraudes, embustes;
- » Doutrina sim de amor, de piedade:
- Tratos, baraços, fógos são invento
 De ávida hypocrisîa.
- » Nem o zêlo estanqueis nessas estéreis
- » Saudades de innocentes desterrados,
- » Dos homens, que estimáes, que honráes na ausencia
 » Por lêttras, por talentos.
- » Honrái-os com máis sólidos serviços:
- » Des-cozci, ou cortai a trama iniqua,
- » A Calúmnia enredosa, que pôz pulso » Ao de-mérito exilio.
- » Lá se empréguem as fòrças, vózes clamem;
- » Vózes, que atrôem, fôrças, que derribem
- » Hypócritas Colóssos, mentes surdas
 » De ignorante Govêrno.

Vêjo !... Ou falsa Esperança me hallucina! Vêjo os Lusos, no alcance de alta Glória, Rasgar o véo do Engano, arremessar-se A's detestaveis pórtas;

Arrombar, arrasar... Olhar o centro D'esse antro de atrocissimas cruêzas; Pasmar de indignação, vendo mysterios De bruta barbarîa;

Arredar o tropél de familiares, De carcereiros tétricos, de algôzes, Despedaçar cordéis, e cavallêtes, E os arrancos dos tratos; Queimar procéssos, destroçar denúncias: E os Deputados, vérem, cabis-baixos, De par em par abértas as masmôrras, E os Réos á luz do dia.

Vem, vem, Dia feliz, e suspirado, Dar alegria á Europa, aos Sábios honra; Aos Sábios, que accenderão essa tócha, Com que a Illusão se abraza.

A MANHÃA.

Esparge a Aurora a fronte do almo dia De ouro, lyrios, e rósas; Que deixa os Thétios braços Phébo, que encéta a rápida carreira.

Piróes, e Eóo, as crinas sacudindo,
Banhadas de alva escuma,
Do flammúvomo Oriente
Batem, c'os pés ferrados, a couceira.

Lá esconde a Lua o prateado côche, E a Noite a si recólhe O manto das estrêllas, Que o pavelhão azul nos encobria.

A sollicita abêlha carregada

Do succo das boninas,

Vem , na dôce colmêa , Depôr do Hymétto os lumidos despojos.

Pelas vêrdes espigas os cordeiros
Os pulos amiúdão,
E a Pastôra amorosa,
Traz elles, canta o seu amor singéllo.

Com mellissuo gorgeio as Avezinhas

A' porsia discantão

A luz, que vem doirar-lhes

As molles plumas, e as moradas vêrdes.

Rasga o seio da térra o curvo arado; E as grávidas sementes, Com mão esperançosa, Pelos rêgos frugiferos se espalhão.

Léves Sonhos, battendo ingenuas azas,

Deixão doirados leitos

De virgináes donzéllas,

E ao reino escuro córrem a acolher-se.

Os perguiçosos braços estirando Acórda o Namorado, Que a Noite (officiosa) C'o gésto, affortunou, da amada Philis.

E, em raios luminosos alagado O rúbido horizonte, Nas empinadas sérras, Nos esmaltados valles brilha o dia.

ODE

AO SENHOR

JOÃO DANIEL DE BRUYN.

— — Neque, Si chartæ sileant, quod benefeceris, Mercedem tuleris. — Hon. Lib. 4. Od. 8.

Quando arde o antigo, e o novo mundo em guerra,
E os dous riváes Impérios,
(Quáes Carthago mercante, e a inquiéta Roma,)
No equóreo campo luttão;
Déscem floréstas dos erguidos montes, (1)
E á sábia vóz do Artifice
Tómão azas os despojados róbres;
Na decotada cima
Tremóla a flâmmula, onde ondeavão folhas;
E dos mágicos pórtos,
Nóvas aves, transpõem o mar, voando, (2)

- (1) Nel grembo all' Oceano atroce
 Varcan boschi spalmati
 Carchi di Duci. Chiabrera Canz. 35 al gran Duca
 Ferdinando.
- (1) — Quæque din steterant montibus altis Fluctibus ignotis insultavere carinæ. Ovid. Metamorph. 1. ver. 1. 3.

Entre ruidosa espuma.

Os bravos Almirantes, fógo a fógo, Sóbre as nadantes quilhas,

Pelêjão pela pátria, e um nome ufano; Mas a céga Fortuna,

Sem respeito, aos Heróes dispensa as ballas: Os d'Estaings são feridos,

Como o inexperto, timido soldado. Tropeçando em perigos,

C'uma venda nos ólhos, caminhâmos, C'o Acaso, e o Mêdo ao lado,

As Graças dão a mão á Formosura, E a estrada lhe alcatifão

De rósas, que envenena a Desventura : Em tôrno das tiáras

Os precursores d'A'tropos revôão; E a Mórte, que inda o poupa,

Desafia, sem causa, o temerario; Sem que escape da foice

O Ministro prudente, que combina As sortes dos Monarchas.

Já, revolvida a Urna dos Destinos, Jóve tirou infansto

A espada, que esgotou em Syracusa O sangue d'Archimédes;

Jóve d'ella (1) extrahio ao Pintor Rhodio (2) As mercês de Demétrio. (3)

Não se ábrem menos promptos aos talentos Os cancéllos de Dite;

⁽¹⁾ Da Urna.

⁽²⁾ Protógenes.

⁽³⁾ Demétrio Poliorcetes.

E os caminhos Tartáreos vão cobertos De suspiradas almas.

Nem tu, De Bruyn, os Créssos, os Sejanos Creias máis venturosos:

A vida alonga o que melhor a empréga, O que a mão bemfeitora

Estende ao innocente, inteiro amigo; (1)

E aos revézes o esquiva,

Que a recatada Invéja lhe prepara; Ou que o tóma nos braços

Quando a Calúmnia o offusca, ou c'um encontro, (2) O derriba da róda.

⁽¹⁾ Integer vitæ scelerisque purus. Horat.

⁽²⁾ Já eu disse, n'uma desconsolada nota, que os volvidos quarenta annos de meu desterro em França, obrigando me a fallar outra lingua que não a minha, me fórão apagando com impia mão, esse pouco Portuguez, que em nossos bons autores colhido tinha. Hôje Portuguezes ha aqui que me acconselhão, que restaure o Portuguez que se me delio da memoria, com o Portuguez, que agóra se usa, marchetado de phrases modérnas. Que me respondem VV.mm? Remoçarei o stylo co'as garridices, que andão na bérra?. Quod Deus avertat à bonis.

MEDÉA, TRAGEDIA DE SÉNECA.

ACTO PRIMEIRO.

SCENA I.

MEDÉA.

On Deoses conjugáes, oh tu, Lucina,
Do leito genial auxílio, e guarda;
Tu, que a Typhis o léme meneavas,
Pallas, na estranha não, (1) domando as ondas;
Tu do sanhudo mar largo Sob'rano,
Sól, Tu que o louro dia no O'rbe espalhas;
Tu, que aos callados sacrificios mandas
Confidente clarão, Lua triforme;
Todos por quem Jason me jurou, Numes,
E, os que máis cumpre, que Medéa implore,
Cháos de eterna sombra, e Vós, oh Reinos
Da celeste aversão, Vós împios Manes,
Oh Rei do sólio lúgubre, oh Raînha

⁽¹⁾ Argos.

Roubada (1) com máis fé, com máis lizura, Com vóz infausta vos invóco; vinde. Sòltas as sérpes da madeixa impura, E as mãos cruentas na affumada teia, Vinde, oh Deosas, (2) verdugos dos flagicios: Horrendas vinde', quáes o nupcial leito Outrora me ladeaste : horrenda morte Trazei á Noiva, ao Sôgro, á Régia stirpe. Dai-me um 'mór mal, com que pragueje o Espôso. Viva assustado, odioso, foragido; Còrra erradio, e póbre estranhos lares; Espôsa me appetêça; e pórta alheia Demande conhecido; os filhos sejão (Porque mór mal não possa desejar-lhe) Retratos de seu Páe, da Mãe retratos. Dei-os á luz, vinguei-me (3) - Estou vingada. Em vão semeio vózes, e queixumes.... E eu que poupo o inimigo - Os nupciáes fachos Vou-lhe arrancar das mãos - e a luz ao Dia. Tanto esperas de mim, Meu Régio Tronco, Oh Sól, que o vês - que deixas ver-te- e manso, No carro, os campos médes re-trilhados, E o azul convéxo! Aos bêrços não recúas Da Luz infante, e o dia não recólhes? Dá-me as rédeas, oh Páe, dá que em teu côche,

⁽¹⁾ Proserpina roubada por Plutão. Toda esta scena precisa de máis notas, do que permitte a escassêz desta folha, para os que não são versados nos usos dos Grêgos e Romanos: os que a não entendem, não a leião; on perguniem.

⁽²⁾ As Furias.

⁽³⁾ Pela tenção, que tinha concebido de nelles se vingar do Páe, mattando-os, como depois fêz.

Desatando a carreira pelos ares, Dome os brutos de bôccas flammejantes. Abraze-se Corintho, e a praia dóbre, (1) Os dous máres, mésclando as ondas, sôrvão. Mas só me falta o pronubo Pinheiro; Levar-lho eu mesma ao thálamo; e acabados Os rógos, e oblações, ferir-lhe as Rêzes (2) No altar votado - Rasga, se és Medéa, Pelas entranhas, pórta ao grão castigo. Se inda do antigo ousar traços conservas, Déspe o fêmeo pavor, vérte os esp'ritos De empedernido Cáucaso inhumano. Sim: que este Isthmo verá quanto attentado Já o Ponto, e o Phásis vio. De tropél na alma Súrgem-me hórridas, brutas feridades, A' terra, aos Céos estranhas; e tremendas. -Feridas, mórtes, e a funérea Clótho Vagando pelas veias.... Léves feitos, Ensaios juvenis, quando eu Donzélla. -Mas hôje, que sou Mãe, dôr máis pesada Fórjo no meu saber, móres cruêzas. Aprésta-te, Ira minha, o furor todo -Disfére em perdição - Fique em memória Que emparelhou co'a vôda o meu repúdio. Mas, qual deixas, Medéa, o teu Espôso?.... - Como quando o segui. - Rompe as tardanças. A Fé, que o Crime aton, o Crime a rompa.

⁽¹⁾ Corintho, situada n'um Isthmo, estendia duas piaias, uma para o mar Egêo, outra para o Iónio.

⁽²⁾ Quér entender os filhos, que têve de Jason.

CORO

De mulhéres Corinthias, que cantão o Epithalamio.
das vódas de Jason, e de Creúsa.

Aos thálamos dos Reis, prósperos Numes, Os Deoses, que o Céo pizão, que o mar regem, Assistão; e os devidos, faustos vótos, Póvos, exponde.

O dorsi-branco touro, o collo erguendo, Se prostre ante os sceptri-geros Celestes: Novilha de alvo pêlo, ao jugo prompta Dóbre a Lucina.

Rêz máis teura a quem (1) ata as mãos sauguineas Do tôrvo Marte, e amiga (2) inféstas gentes : No trasbordado côrno ampla abundancia Próvida guarda.

Vem co'as têas leáes (3), e a Noite espanca Co'a dextra auspiciosa, aqui, (cingida C'o róseo laço a fronte) os passos ébrios Márcido guia.

Astro, (4) que o dúbio dia abres, e cérras; (Tardo aos amantes) ávidas suspirão

⁽¹⁾ Quer entender Vénus, que sabe sujeitar a Marte; e era uma das Deosas, que principalmente invocavão no matrimonio; ou talvez a Paz, que é a Mãe, e a fonte da abundancia nos estados.

⁽²⁾ Tento com o tal amiga, que é vérbo. Os nossos Tarílos, que lêm á tòa, necessitão, que os accolovelem, porque reparem no que lêm.

⁽³⁾ O Hymenêo.

⁽f) A Estrella de Vénns.

Mães, e Espôsas que os teus, quanto antes, sóltes Lúcidos raios.

Sobejo a Virgem vence em formosura Atticas Noivas; nos Taigéteos serros; Quantas nas artes mancebîs exerce Sparta sem muros;

Quantas no sacro Alpheo, na lympha Aónia Se banhão.—Cêda ao General Esonio (Se ao garbo dáes a palma) a Próle salva (1) Do împrobo raio,

Que os tigres junge ao carro; e da asp'ra Virgem O louro Irmão, que as trípodes revólve. Cêda Póllux, e cêda o Irmão, que os Céstos Déstro menêa.

Moradores do Olympo, assim vos péço. Realce a Espôsa a todas as Consórtes; E a todo o Espôso em garbo em gentileza Jason realce.

No Côro virginal, quando Creúsa Se presentou, gentil superou todas; Que assim perdem c'ò Sól a formosura Alvas estrêllas;

Fóge das Pleias o apinhado bando, Quando acurvando a Lua as cheias pontas, Com luzeiro não-seu, no trilho usado, O O'rbe rodêa.

⁽¹⁾ Baccho, a cuja Mãe Sémele Jóve abrazou c'os raios da sua glória, e a quem, a seu pezar, jurára de lhe vir fallar, como ia a Juno. Ovid. Metani,

Tal córa alvo marfim, quando banhado Na Tyria concha; ou tal da nova Aurora Orvalhado o Pastor, de Apóllo encara Lúcido o brilho.

A' Aónia Virge' (é grato agóra aos Sôgros) Dá a mão, Noivo feliz, que arrebatámos; A quem timido, oli împroba Medéa, No hórrido leito,

Com mão forçada, contra ti, cingias. Folgai, Môços, c'os lícitos dictérios; Lançai ás Núpcias vérsos alternados, Môços, e Môças.

Dão raras largas contra si os Amos (1). Briósa Próle de Lyêo thyrsîgero, Tempo era já de lançar fôgo ao pinho Basti-rachado. (2)

C'os ébrios dêdos a solemne chamma Lhe sacudi: palreiro Fesceninno Convicios festiváes derrame; e a turba: Sólte os seus dittos.

Em muda escuridade busque o leito,.

Aquella, (3) que c'o Espôso forasteiro,

Anhelou desposar-se, indo fugida

De iras patérnas.

⁽¹⁾ Falla da liberdade, que nos dias da vôda tinhão os sétvos de dizerem a seus senhores todas as chuffas, que podessem fazer rir.

_(2) Muita gente, que ata gravata lavada, me dizem, que embicára no tal basti-rachado. Ora elle responde ao multifida do Original. Se os Seuhores, que embicárão nelle, tem esgravatado algum máis enérgico, on máis conciso, máis bem soante, muito lho agradecerei, se m'o remetterem.

⁽³⁾ Medéa.

EPITAPHIO.

Que um Marido gravou na sepultura da sua Consórte.

Minha espôsa aqui jaz. Que bem, que jaz! Por sua, e minha paz.

ODE.

——— Mea
Virtute me involvo, probamque
Pauperiem sine dote quæro.

HORAT. Lib. 5, od. 29.

Não quiz a minha Musa desvairada Té-qui dictar-me sonorosos vérsos: Temeo talvêz de apparecer diante Da tua douta Clio.

Por máis que forcejou a Saudade, Com súpplicas, com prantos, de abrandá-la, Dura negou; e inda hôje mal-me outórga De éstro um relance avaro.

Ella é fêmea, Billing (1); é como a Deosa,

⁽¹⁾ O Senhor Guilherme Joseph Billing.

Que Antio govérna; e Deosas tem caprichos. Assim como soffri desta os revézes, Sôffro os desdens dess'outra.

Quanto val callejada Paciencia, Contra um Mundo embebido em ignorancias! Égide adamantina, em que despontão As fléchas do infortunio.

Eu, da Calúmnia, e Invéja alvo patente No seu bôjo aparei ódio de frades, Angústias, pêrdas, ameaçados fógos, E a Maternal Megéra.—

Quando o Gama, no Cabo tormentoso, Quvio as vagas, com fragor horrîsono, Espedaçar-se nas agudas róchas, Em borbotões de escuma;

E o immenso Adamastor-, de carregado Vulto , pronosticando desventuras

A ousados lenhos Lusos, que cortassem

Seus máres insoffridos; (1)

Assim fallou aos nautas descorçoados:

« Ditoso Rei nos abre o Templo da Honra,

» Se atropellamos mêdos, e perigos,

» Com esforçado rôsto,

⁽¹⁾ O men Amigo A. M. de Curnieu verteo assim esta Strophe.
Immensumque Adamastora vidit
Crinibus hirsutis, vultu et voce minaci
Lusiadis fera fata canentem
Pappibus indociles audacibus ire per undas.

- » Para a méta transpôr de intacta (1) glória.
- » Não vos espante o Mar, erguido em sérras,
- » Nem os Ventos, em crua briga, sóltos,
 - » Nem Trovões bramidores:
- » O mór rigor do Fado é já vencido.
- » Nada temais comigo. O Soffrimento
- » Põe no cimo da Róda as almas fórtes,
 - » Derriba as apoucadas.

TRADUCÇÃO

D'UMA PROSA POÉTICA.

Affortunada é a gente, no Universo,
Que em regozijo os dias seus desfructa.
Affortunado o Rei, que a mesa cérca
Com Princepes, Princezas soberanas
De Estados Comarcãos; e recepdendo
Arômas as Captivas, florescentes
De juventude, as taças lhe enchem rasas;
Quando Cantôres primos associão
C'o som da Lyra as vózes. Táes no Olympo,
Em frequentes banquêtes, aos Celîcolas

⁽¹⁾ E bem intacta; que ninguem, antes do Gama, a tinha me; recido.

Hébe môça, e formosa, lhes derrama A ambrósia, o néctar; pela Olympia abóbada De Apollo, e Musas cânticos rescão: Brilha em todos os ólhos, a Alegria.

Junta ás vêzes, em róda do seu thrôno,
Jóve esses Immortáes, co' elles consulta
As cousas cá da térra; como altérca
C'os Grandes do seu Reino, um Soberano
O público interêsse. Parecêres
Vários os Divos dão: e em quanto entre elles
Contendem cada qual com calor summo
Em sustentar o alvitre, o Deos supremo
Decréta, e em todos prende alto silencio.

Revestidos de seu Poder os Numes Imprimem no Universo o movimento; E aos phenómenos raros, que nos pasmão, Elles a causa dão, elles a fôrça.

Cada manhãa a sempre-môça Aurora, Com róseas mãos, do Oriente as pórtas abro, Esparge pelos ares a frescura, Pela estrada do Sol rubîs semêa, E matiza de slôres veigas, prados; Das Aves á alvorada a Térra acórda, E se enfeita, para accolher o Nume, One lhe dá cada dia nova vida. Assôma o Sól, -alardeando em tôrno Quanto lustre, e ufania é competente Ao Monarcha do Ethéreo : as léves Horas Lhe vem guiando o Côche despedido. E ei-lo ja, que se entranha pelo immenso Spaço, que elle de chammas, de luzeiros Assobérba. Porêm quando elle aponta Ao Palacio de Téthis, lógo a Noite

Que as pizadas lhe ségue eternamente, Estende o manto escuro; e vai sem conto Engastando no pavelhão celeste Diamantinos fógos. Vem rodando Outra carróca então, com luz máis branda, Que os corações consola, e que os inclina A meditar sensiveis. - Uma Deosa Por conductora tem, que muda, e quêda Vem de Endymião colhêr amantes cultos. Brilhante esse arco, em lindas côres tincto, Que d'um pólo se encurya ao outro pólo, São passos luminosos, que estampára Iris, trazendo á térra ordens de Juno. São Zéphyros, Typhoes, Génios que sóprão O'ra uteis virações, óra tormentas; Auras brandas, que brînção pela Sphéra, Austro, Euros, que luttão, que batálhão, Para alv'rotar o mar em cachões rôto.

Nas fraldas dessa encósta ha uma gruta
Da fresquidão, e do remanso asylo;
Lá d'uma inexhaurivel urna embórca
A benéfica Nympha arroio fértil,
Que os prados rasga; dessa gruta a Nympha
Ouve os vótos da nîtida Donzélla,
Que contempla, na crystallina veia,
Os attractivos seus.—No opáco bosque,
Que é morada das Dryas, dos Sylvanos,
Não se embébe em silencio, nem soidade
Vossa alma, sim em susto arcano. Effeito
Da divina (presente) majestade.

⁽¹⁾ Não posso imaginar, que luja no Mundo tão reforçada paciencia, que ature lêr milhentas paginas de vérsos, e versos do

ODE

AO SENHOR ***

PHILOLUSO. (1)

Centum potiore signis
Munere donat — Horat. Lib. 4. Od. 2.

Tu quéres comprender quanto, na Lusa Linguagem mal-ignóta, (2) Altivo disferio Camões divino? E a lastimosa Castro,

mesmo Antor, que quasi contêm sempre as mesmas idéias, e viradas, e reviradas; quando não, o mesmo stylo, capaz de embotar o máis cófrego, e máis aguçado appetite. Vêjo que tal ha, pois que comprão esta minha moxinifada, e ainda o não posso crêr. Cra digão-me os que assim comprão táes trovas. »— Comprão-nas por móda? comprão-nas por bazófia de ter um disso? e alardeá-las depois na apparatosa bibliotheca, sem nunca dellas lêr uma só lauda? Não se envergonhem: digão-m'o; e se o não dizem, deixem-m'o assim julgar.

Já vai assaz repléto o volume dos inéditos metrificados. E que fora, se o Editor houvésse colhido máis de dôze dos primeiros caderninhos que imprimi, e que eu não pude haver á mão? Que fora, se dez ou dôze fôlhas de Odes não somenos das que vão impréssas no tal volume, as não desencaminhasse, com outras máis tróvas minhas, que nunca máis viérão a meu poder, o galopim apprendiz de impressor? Oh que do Editor não vem a

E o Adamastor membrudo, ameaçando Os baixéis Portuguezes, Que ousados suas ondas devassavão.

Vê, que prémio desd'óra

No bicipete Pindo se te apprésta.

O sonoroso Vate, (3)

Ao teu empenho grato, cheio o peito De avultada alegría,

Convida as nóve Musas, a que têção Um hymno relevado

Em que louvem teu génio resoluto A sujeitar-se á lida

De apprender desta Filha, a máis genuina Da Romana facundia.

As phrases, e o recôndito segredo; Um florão encravando

falta: que empenhou elle todo o sen disvéllo em os haver; e mal que os haja, dá-los quér de graça aos assignantes. Dêm graças á Fortuna os pientissimos, e pacientissimos Leitores, que os livrou ella d'esse molestissimo camarço.

⁽¹⁾ Moço de mui honrado procedimento, summa viveza, e agudo ingenho, mui applicado ás boas lettras, practico nas linguas Gréga, e Latina, Ingleza, Alleman; e Portugueza, que comigo apprendeo, sem Grammática, nem Diccionario. Tem traduzido em verso francez algumas Poesías Portuguezas, e continua a traduzir outras com fidelidade, e com energia; quanta lhe permittem as difficuldades da lingua Original, e as da lingua em que traduz.

⁽²⁾ Grande desconsolação, por cérto, para um Portuguez, que ama a sua Pátria, e a sua lingua, vêr quão pouco é esta conhecida em França! Que leião Camões em insipidas versões, e que não conheção Camões, em Camões mesmo!

⁽³⁾ Camões.

Na c'roa d'outras linguas, que já cinges.

Clio, que máis que as outras
Irmãas, ama a Camões, se appressa, em júbilo,

A cantar teu desejo;

E a te influir na mente claridade,

Que ráie em teu estudo.

Esse dom vale máis, que státuas cento

Erguidas pelas praças.

SONETO.

Os altares de Gnido são vedados A ingratas Damas, a Galans perjuros, E em calabouços mîseros, e escuros Se aferrólhão os pérfidos culpados.

Só dos braços do Deos são apertados Os que, contra desdens, ciúmes duros, Conservárão no peito affectos puros, De aleive, e de esquivança não manchados.

Mal pizo o umbral do Templo respeitoso, Me ri Amor, ao premio me convida; E diz-me, abrindo o archivo precioso:

« Esta Marcia, de ti tão mal perdida, » (Por virtude de encanto meu forçoso,) » Te pague, em mimos, mágoa tão sentida.»

ODE

AOSENHOR

ANTONIO MATHEVON DE CURNIEU.

— — Quid æternis minorem Consiliis animum fatigas?

HORAT. Lib. 2, Od. 11.

SACODE, Mathevon, da alma affligida Pesadas nuvens do Futuro ignóto: Nem te agoures desastres. Talvêz nunca-vindouros. Quando, da fatal Urna, Acasos tira Com céga mão, o Fado inexoravel, Lhe caliem d'entre os dêdos. No Vaso, os que antevimos. Sem fructo imaginâmos, resolvêmos, Velâmos, sentinéllas dos succéssos: Vem sempre ao máis previsto Improvisa a Desgraça. Emenda as Sem-razões da împroba Sórte, Do Mal, do Bem distribuidora iniqua; Suavisa, c'o acêrto, O que é nullo atalhar-se. Ante as rôxas fileiras espumantes

Do risonho Lyêo, nos térsos cópos, Não ousão as Tristezas Apresentar batalha.

Mal désce a nossos peitos dôce fôgo Do Môço imberbe, que se enfacha em parras,

Pérde as rugas a fronte, As Mágoas desalójão.

Pois, se em meio collócas dos manjares, O encostellado Lombo respeitoso, (1)

Que se nos dá que o Turco Tenha guerras, ou pazes?

Cuida n'hôje: que os Deoses são ditosos, Sem saber do Vindouro as fataes vêzes,

> Se as Jóve não declara Por soberano arbitrio.

Repara como Jónia, (2) os lédos annos Desfructa á sombra do celeste louro;

O'ra dôce cantando
Ao som da branda lyra;
O'ra brilhando em cîrculo discréto
C'o dicto agudo, co' a tenaz memoria

Alégra, anima, instrúe, Sem revolver futuros.

⁽¹⁾ Respeitoso em lugar de respeitavel. Têmos em Camões, em Ferreira, e ainda nos prosadores, exemplos á maneira dos Latinos de adjectivos passivos com significação activa.

Se máis vulgarisados corrêssem pelas mãos dos Lusos os nossos Clássicos, como pelas dos estrangeiros córrem os seus Clássicos, não me estranharião tanto as Clássicas phrases de que uso, e de que máis ainda houvéra usado, se no meu longuissimo destêrro, me não tivérão resvalado da memória.

⁽²⁾ A Illustrissima e Excellentissima Senhora D. Joanna Isabel Forjaz.

ODE:

4 de Julho, de 1799.

— Et quidquid unquam concipitur nefas Tractavit. — Horat. Lib. 2, Od. 13.

E consente inda o Pôvo Lusitano
O tribunal infâme,
Tyranno da Innocencia, algôz dos Sábios! (1)
Inda os raios de Jóve
Com medonho estampido não rebentão
Na cavérna tetérrima,
Onde esses tratos crús, onde máis crúas
Se dão inda as sentenças!
Désce, oh Filha do Céo, tu branda, e amavel,
Sancta Philosophîa,
Oh! do alto azul alcáçar, velôz désce,
Armada do ouro puro
Das virtudes sociáes, e do luzente
Broquél—antes espêlho,

BURMANN. Epist. ad Capperoner. . .

⁽¹⁾ Non miremur ergo litteras humaniores ita in Italia jacere ac negligi; in Hispania penitus extinctas ac mortuas, ubi sub sanguineo illo Inquisitionis tribunali gemunt et suspirant maximè docti, et ingenio florentes; qui maluut vel silere, vel nugas scribere, quam periculum certum subire.

Que transmuda, que impédra animos tôrpes, E carnifices vultos;

Melhór do que Persêo a voráz Orca Impedrou, dando amparo

A Andrómeda innocente, agrilhoada Entre broncos penhascos;

Porque expîe sacrîlegos agouros,

Sacerdotáes embustes! —

Sacerdotáes embustes, bafejados Da Real ignorancia

Me lançavão nas lôbregas masmôrras Da Inquisição nefanda,

Para victima ser de impia Calúmnia,

Garrotado n'um póste; Alimento de activas labarédas,

Regozijo de Bonzos....

Mas tu, Sancta Amizade, então me abriste

Os compassivos braços;
Sopraste-me no peito affouto alento:

E o Monstro, que surgia

. Co'a cabêça entonada, guélra accêsa, A guéla apparelhando....

Co'a bôcca escancarada, parou quêdo, Estupefacto, e mudo,

Vendo voar co'as brancas, pandas azas,

O estranho, pio lenho, Que aos dentes lhe roubava o bom Filinto. —

Eis, destorcendo a cauda,

Vai-se arrastrando lento, e do Rocio Na cavérna se enrósca,

Té que em Lysia abra o dia, que já sôbre As Pyrenéas cimas

As luzes sólta; e onde os Pyróes flammigeros

Assomados escumão
Transpôr da Hespanha o tracto, e d'esse Lôbo
Que honras, e vidas móe,
Vir-lhe ao covil calcar, com pés de bronze,
A catadura hedionda.

SONETO.

JA' vem a Primavéra, desfraldando Pelos ares as roupas perfumadas, E os ríos vão, nas aguas jaspeadas, Os frondiferos troncos retratando;

Vão-se as néves dos montes debruçando Em tortuosas sérpes argentadas; Pelas veigas, o Gado, alcatifadas, A esmeraldina félpa vai tozando.

Rian-se os Céos, revéstem-se as campinas; E a Natureza as melindrosas côres Esméra na pintura das honinas.

Ah! se assim como brótão nóvas flôres, Se remóça todo o O'rbe.... das ruînas Dos Zêlos renascessem meus Amôres!

SONETO.

AOS MANES DE J. J. ROUSSEAU.

Tu, pavor da tyranna iniquidade, Da Natureza as Leis nos descifraste; E os seus aggravos vindicar ousaste, Rompendo os sétte sêllos da Igualdade;

Tu, bom Rousseau, co' tócha da Verdade (Abhorrida dos Reis!) Allumiaste Os póvos, e a ser Reis os ensinaste, Sinalando os Foráes da Liberdade.

Se é dado ouvir-me a vóz, nesse jazigo, Accólhe grato o obséquio reverente D'um Vate (inda que humilde) virtuoso:—

Virtuoso, não por mêdo de castigo, Mas por tuas lições. Quanto eu ditoso Fôra, a ter, como o teu, éstro eloquente!

ODE

A DELMIRA.

Amor in altra parte non mi sprona; Nè i piè sanno altra via: ne le man come Lodar si possa in carte altra persona.

PETRARCA. 77. 1.

Entre os braços tranquillos de Morphêo Passava as horas da callada Noite: Eis, se abre ante meus ólhos nôvo dia, Argentado de nuvens.

Nunca tão alvo dia, no aureo côche, Tirou Apollo, do immortal archivo Do aunoso Tempo, na sazão brilhante Do flórea Primayera.

Vêjo descer as duas Divindades, Que máis afformosêão o alto Olympo; Сирио, e Vénus, para mim sorrindo, C'os ólhos se fallavão.

- « Benigna Mãe (dizia Amor a Vénus)
- » Tempo é que tantos cultos galardôes :
- » A tão fino amador já nenhum prémio » Lhe poderá ser grande.
- » Tu tens em Chypre, em Paphos e Amathunta
- » Tanta Hélena formosa, tanta Laura, Tom. IV.

» Com que felicitar pódes Filinto:

» Que te detens? Partâmos.»

E nisto ambas as mãos ambos me tómão; E, qual retalha o ar ligeira flécha, Entre si, entre as Graças, e os Amores, Em Chypre me descendem.

Allì, dos bósques de amorosa murta, Sahem correndo alvissimas donzéllas, D'entre os raros cendáes aos ólhos dando Cubiçosa iguaría.

Outras em Dansas, pelas mãos travadas, Com léve, airoso pé toccando a térra, Dão, na alma attenta, compassado assalto De lembrada ferida.

Estas móvem na Lyra as aureas córdas; Estas se enfeitão de gentîs boninas, Ao movediço espêlho crystallino Do lîmpido regato.

Quáes, pelo bósque despedidas, séguem O galhudo veádo temeroso; Quáes, depostas as roupas avarentas, Nadando se debatem.

- « Tens patente, Filinto. o meu thesouro.
- » Nada te encubro, nada te é defêso:
- » Prendas , Belleza , sôffregas Meiguices
 » A tua escolha aguardão.
- » Mas não escólhes? Pensativo, e mudo,
- » Entre ti recolhidos os sentidos....
- » Achas escasso o prémio? Não t'o védo;
 » Escólhe uma das Graças.

- » Nem máis pódes pedir, nem máis eu dar-te.
- » Que ao meu leal Petrarca, a Anacreonte
- » Nunca os prendei, c'o máis seguro enfeite
 » Da minha formosura.
- » Sou-te grato, Erycina (lhe respondo)
- » Delmira me é fiél, Delmira é meiga:
- » Nella tenho, de todo o teu thesouro, » A jóia de máis prêço. »

MADRIGAL.

A MOR, onde has ten ninho; No rôsto de Delmira, ou no meu peito? Soberano, e daninho,

Nos seus ólhos, o mundo tens sujeito. — No coração te sinto

Pelos estragos, pela viva flamma, Por desejo faminto,

Que as entranhas devora a quem bem ama. Mas tu, Rei poderoso,

Que te usanas de obras tantos portentos, Um feito generoso

Só te péço, e serás, em meus accentos, Nume sôbre os máis Numes; Se mudando pousada,

Comigo, e com Delmira despegada, Vens ao meu rôsto; e o peito lhe consumes.

ODE.

Paris 23 de Dezembro de 1797, dia dos meus annos.

Cervi luporum præda rapacium Sectamur ultro, quos opimus | Fallere et effugere est triumphus.

HORAT. Lib. 4, Od. 4.

Que desastres que eu vi! que desacêrtos Nos trêze lustros da cansada vida! Os homens menos tino tem, que os brutos, No que é de são proveito.

Debalde a Experiencia de mil annos Em bronze lhes escréve, em mármor duro, Os êrros dos Maióres: elles loucos Vólvem do bronze os ólhos.

Tinctos de sangue frêsco se avermêlhão Alcantis da precîpite Riqueza; Os que céga a Ambição, vérgão sem mêdo Na quina do despeuho.

Inda de Africa um Juba, inda de Grécia Um Persêo os grilhões nas mãos sopésão, (Deshonra de Sob'ranos!) inda raivão Das váias do triumpho. Eneu! quam lacrymabiles
Intra lustra decem vidimus aleas!
Vecors Japeti genus

Fatali rapitur stultitiæ rota:

Campestres melius feræ

Callent utile dicernere noxio:
Nequicquam innumerabilis

Annorum series fixit aheneas

Duris marmoribus notas ;

Majorum pereunt damna nepotibus,

Pravi quatenus æneis Avertunt oculos indociles notis.

Cruda cæde rubentibns

Captant divitias præcipites viis;

Audent bella per et neces Gemmis conspicuum tollere verticem.

Atqui sat memorabile

Exemplum, manicis Perseus et Juba

Turpes., ludibrium insolens.

Et nuper malè provida

Submisère novis colla Quiritibus

Reges , quando , humili prece

Pacem invita rogans, pallida cernuo Majestas diademate

Plebeios tetigit suppliciter pedes.

Quò vos cæcus agit furor

Lymphatosque rapit! si neque rusticam

Pyrrhus viribus integris

Bruti progeniem strenuus et sciens Pugnæ comminuit; neque

Ingens Antiochus totam Asiam trahens.

Quid vos militæ rudes

Inda hontem tantos Reis ajoelhados Pedindo paz a insólitos Burguezes Não são lições que cálem no juízo De impróvidos Monarchas.

Que Pyrrho, nem que Antiocho podérão Destroçar a Répública de Bruto? Um com todo o saber da arte guerreira, Outro co'as fôrças da Asia?

E sois máis sabios vós, máis poderosos? Vós, Reis de pouca térra, e de pouca arte? Que ouseis luttar (vencidos tantas vêzes!) C'os Répúblicos Francos?

Nem sois vos quem luttáes: lutta arquejando Contra a Razão robusta o vão Orgulho; Luttão fogueiras, cárceres, verdugos Contra fôrros escrayos.

Quando França estender dous longos braços, Um que abarque Vienna, outro Bengala, Onde ireis vós fugir? Que Pitts astutos Vos salvarão os thronos? Jam fractis opibus, tenditis altero Gallos Marte lacessere Conjurata mori aut vincere pectora? Retrovertere liberas Gentes nempe jubit regia turgido Fastu nixa superbia, et Miscere imperii cuncta libidine: At Fas juraque rumpite; Pugnate exsiliis, Carceribus, rogis; Perstabit Ratio tamen, Perstabit vegeto robore Gallia: Quæ si in Danubium simul Et Gangem validas injiciat manus, Quis vos, quis Deus aut fuga Armis expediet Sceptra sequaci bus? Latine vertit A. M. de Curnieu.

O si sera tamen quoque
Libertas placido lumine viderit,
Abstergens veterem situm,
Qui Bætim, patrium quique Tagum bibunt!
Si Lux aurea ferream
Noctem discutiat! quam gelido libens
Vates liber ab exule
Fiam marmoreæ Civis Ulysseæ!

EPITAPHIO

DE CERTO P.

Aoui jaz hum prelado De emprestada memória, Que sempre recebeo, nunca pagou. Meu Deos, se elle pilhou Lugar na vossa glória, Certamente pilhou-vo-lo fiado.

DESTEMPÊRO.

Ha tres dias, que acórdo estremunhado Ao som d'uma monótona sanfôna, Que canta—Zingamócho (1) anda no prado, Regamboleando (2) a fófa—, ai tona, ai tona.

(2) Vérbo muito significativo na lingua Portugueza, como quem é composto de dous vérbos, e um nome, todos tres exprimidores de gôsto interior e exterior, se. — Regalar-se — Dar á

⁽¹⁾ Zingamocho — diz o Moráes, que é o remate de cousa álta. — Mas, por máis que elle o diga, ninguem me desmanchará a idéia, que o som de Zingamocho tem debuxado no meu entender. Zingamocho pela onomatopéia, ou pelo som da palavra, representa-me — ferrinho tòrto, que anda á roda, como quem disséra — férro de sanfona, tarambélho de espéto rodante, etc. etc. etc. Zingamocho — se me guio pelo soido, déve ser cousa que bula, e nunca requeira ficar cravada, e fixa. Talvêz que tenha parentesco com o talão-balão dos rapazes; talvêz...

ODE.

——— Quod adest avaro
Usu occupemus. Postera quodlibet
Fortuna volvat: juverit invidas
Parcas fefelisse, et severis
Particulam hanc rapuisse Fatis.

Saisissons un moment certain; C'est autant de pris sur les Parques. HOUDART DE LA MOTHE.

I NVEJOSOS OS Deoses não quizérão
Dar-nos de annos mortáes comprido fio:
Porque, com mão prevista;
A longa Experiencia
Nos não mostrasse a estrada da Ventura.
No accêso ardor da impróvida carreira;
Que môços, e garridos despejámos,
Não démos os ouvidos

perninha (que se diz gamba em Italiano) — e Bambolear-se; que assim faz quem está repotreado n'uma cadeira, quando nada lhe dá pena; antes está abeborado em pachorrento desenfado.

En espéro, com o tempo, que me acudirá á lingua cérta palavra, que me anda fazendo fóscas na memória, e cujas feições não posso apurar de pérto. Chêgue-se ella, em alguma das suas fóscas, ao alcance dos ólhos da intelligencia, que en a denuncio lógo: e os que agóra me não dão credito, me darão máis que alqueires de razão. Zingamocho (porfiarei en sempre) é da Classe daquellas cousas que ex opere operantis, se movem, saracotêão, tem azougue nos miollos, etc.

Aos avisados têrmos, Que, da firme cadeira, nos inculea.

- « Buscai (diz sempre) os sólidos prazêres
- » Nos braços do Devêr, e da Saúde:
 - » Quebrai a taça de ouro
 - » Do empeçonhado Vîcio.
- » O Mal, que evitas, val dobrado gôsto:
- » Que os Numes, se pousárão no alto Olympo;
- » Se de muros, e róchas o cercárão;
 - » Se apinhárão em tôrno
 - » Argos, e sentinéllas,
- » Foi por fechar entrada á Pena amarga.
- » Podieis ser felizes, quando as néves
- » Vem de cabêça povoar o tópe:
 - » Mas as quebradas pósses,
 - » E o peito, que Infortunios
- » Azedárão, sabor no Bem não tómão. »

Pereira, ainda é tempo. Recolhâmos As vélas da Ambição mal-disferidas:

> Daqui , dalli lancêmos A mão bem-conselhada ;

Salvêmos do naufragio o Bem, que affunda.

O derradeiro cópo, que Natura Grandiosa, e compassiva nos off'rece,

Esgotêmos aváros.

Da Dita é gran segrêdo

Dar cóstas á lembrança do passado.

Só merece de Sábio o nome, e a Dita, Quem fecha os livros de disputas oucas,

Em que desponta o Ingenho.

Nem ha saber, que iguale O instante, que doiramos de Alegría.

De tres-dobrado bronze estende em róda Do coração, um muro, em que despontem

As aguçadas séttas, As retrincadas unhas Do esquadrinhado , velador Engano.

Que nos não désse Deos máis, que um só lume De embotado, e mal-visto entendimento,

Contra as tão derramadas , Imperceptiveis rêdes , Em que a singélla Candidêz se prende!

Que nos não désse Deos um vivo facho De rutilante Luz , penetradora ,

Com que do falso amigo A máscara appareça, (1) E apparecida a abraze o santo lume!

Tu, que cem ólhos tinhas disvellados Contra os assaltos seus cobértos, surdos,

A teu máo grado viste Abérta larga brécha -Na moéda, e no alcáçar da Amizade.

Desgraçada Lição , mas proveitosa , Contra nóvos vaivêns da arteira Astucia ; Tu , com cinzél tardio Tens de agravar no Templo

GRESSET.

⁽¹⁾ Que ne peut-on distinguer et connaître Les cœurs pervers à de difformes traits?

Do vélho Desengano, escarmentado. (1)

O córte escasso, que da têa Jóve
Talhou, convêm bordar-mo-lo de flôres.
Só vives longo tempo,
Quando á Tristeza encólhes
As azas, que ao Prazer, prudente, largas.

O Fado, que se encóbre, e se desvía
Da vista perspicaz, cuida anciar-nos
C'o arcâno do Futuro.
Incáuto! que não soube,
Que, do ante-gôsto, nos privou, da Pena.

Assim o Nóbre, nos defêsos quartos, Evita agudos ólhos do Entendido, Que na alma investigar-lhe Póde o impotente Orgulho, E a Parvoîce van, coberta de ouro.

Se o Valido, que bébe, a longos tragos,
Da Fortuna o favor, visse o alfange,
O desvalido cêpo,
Nas fôlhas do Destino;
Fél lhe fôra o favor, fél a bebida.

RICCIARDETTO, canto 18.

⁽¹⁾ Se ci avesse formato la Natura
Il petto di cristallo o di diamante,
O d'altra cosa trasparente e pura,
Tal che si mirasse in ogni istante
Il nostro core ed ogni sua figura,
Ciascuno da se sol fora bastante
A guardarsi dall' altro, e non saria
Frode alcuna nel mondo o pur bugia.

E se entre adorações, visse no espêlho, As cavadas costuras da doença (1),

Que lhe ameaça o rôsto, Abhorridos, e nêgros

Passára a Dama os juvenîs instantes.

Só são nóssos os dias, que ladinos Sabêmos apanhar das mãos das Parcas.

Dá co'as pórtas no rôsto

A' Mágoa, ao bando escuro

De algôzes da alma, que traz si arrastra.

Se ao Deos alégre da Outonal vindîma, E á creadora Mãe da Natureza

Dás sóbrio o incenso justo, O Léthes perguiçoso Volverá teu Pezar na tarda veia.

E, c'o léque arraiado, e divertido,
A folgazan Loucura, dando vento,
A' reverenda calva,
Te arredará do rôsto

As temporans, avelhentadas rugas.

ENIGMA.

Todos fógem de mim, mas quão vãa-mente! Que dou, a quem colhi, pena sem cabo. Quem me pérde blasphema, como um Diabo; De quem me ganha fujo incontinente.

⁽¹⁾ Bexigas, e outros nojentos males.

EPIGRAMMA.

Permitta Deos (dizia moribunda
A Tisiphone Elvira a seu marido)
Que se eu môrro, e tu cazas, atrevido!...
C'uma Megéra acértes furibunda,
Ciósa, e destampada....
— Meu Bem, vai descausada:
Que o Cura, ao cazamento
Com tua Irmãa, porá impedimento.

ÉGLOGA.

BAIXAVA o claro dia; uma Pastôra, Que dos ólhos (por fim) da Mãe se esquiya, A um bósque espesso, do casal distante, O tardo andar do amplo rebanho apréssa: Que muito, e seu máo grado a des-socéga Ser já passado o prazo, dado a Tirso. Chêga: mas, Céos! quáes fôrão seus disvéllos, Não o avistando, em toda aquella sombra? Em vão inquieta, anciada o chama a vozes; Que Eccho só lhe respande Tirso, Tirso. Ira lhe accendem túrbidas suspeitas; E a mente encósta á máis cruel de todas.

- * Tirso perdeo-me o amor. Não poude o falso
- » Ser leal juntamente, e ser ditoso.
- » Pérde co' elle o valor Pastôra amante.
- » Se eu não o amára, inda elle me amaria.
- » Antes de o conhecer, quanto me hão ditto?
- » Amante bem-querido esfría, e vai-se;
- » Nem máis, que os seus desejos, o Amor dura.
- » Esperança o mantém, Deleite o matta.
- » Assim, bem que acceitava na alma o cuito,
- » Que me rendia, envôlto em mil finezas,
- » Quatro vêzes dourou o Sól os trigos,
- » Sem que eu mostrasse ouvir suas endeixas.
- » Quanto enfrear o Amor, que na alma ardia,
- » Me custou, quando a fé lhe exprimentava!
- » Com que fôrças comprei, com que martyrios,
- » A chyméra de amar com segurança!
- » Cruel ao meu Pastor, a mim máis crua,
- » De rigor, de desdêm fazia alarde:
- » Mas um dia fatal ao meu segredo
- » Tirso me diz mui térno o amor, que sente.
- » Té quando (inda hoje o lembro!) me dizia,
- » Serás de rócha ao fógo, em que me abrazo?
- » Témes, tão linda, aos pés rendido de outra,
- » Ver-me off'recer-lhe os meus suspiros térnos?
- » Se eu vivo, oh Céos! e sem te amar, Pastóra,
- » Québre-se a flauta, o canto meu enfade,
- » E os pássaros que ensino, ás mãos me morrão.
- » Nem me dé flor o prado, o pomar fruto.
- » Meus nédios touros, mansas ovelhinhas
- » C'o succo de más hervas se envenénem:
- » E eu mesmo as desampare ao roaz Lóbo,
- » Eu, alvo em que vossa ira empregueis toda,
- » Aos Céos... antes a ti o juro, oh Philis;

- » (Que Amor te fez meu Nume, único Nume.)
- » Nunça este amor se extinguirá. Confía,
- » Que te amo, que o jurei; e que és formosa. » O enleio, o amante olhar, silencio inquiéto
- » Tudo então m'o abonava de constante.
- » A tão forçosos golpes quem resiste?
- » Traidor enleio! Prêsos os sentidos,
- » Alheada, e inquiéta... e quasi sem querê-lo,
- » Me dou vencida ao fementido amante.
- » Amo-te (disse) e sou feliz, se pode
- » Minha alma achar, na tua, igual fineza:
- » Prométto sempre amarte, oh caro Tirso.
- » Desta fé penhor seja este cordeiro:
- » Crésça, como elle crésce, a nossa chamma;
- » E amémo-nos (se é dado) inda máis que hôje.
 - » Quem dirá o que então nos nós dissémos?
- » Quem máis amor? maióres juramentos?
- » Quanto ha de máis firmeza, e de máis mimos,
- » Nesse instante feliz, da alma o dissémos.
- » Caro instante! meiguices máis que curtas!
- » Ou durai máis, ou não penetreis tauto.
 - » Mal que aos desejos seus o ânimo entrégo,
- » Turba a Noite o singéllo passa-tempo:
- » Cumpre arrancar-nos de tão dôces raptos.
- » Érgo-me, e de agua os ólhos se nos rásão;
- » E as mãos cerrando, ao prazo de partir-nos,.
- » Nada máis que á manhãa dizer podémos.
- » Dêsde esse airoso dia, sempre a ponto
- » Vem tomar, antes que eu, este retiro:
- » Mas hôje o ingrato, em vão por elle espéro.
- » Frio no seu disvéllo, a mim não córre;
- n Ah que o pérfido, aos pés de outra Pastôra,
- » Lhe faz, cruel, da minha dôr fineza;

- » E por máis a adular, de mim zombando,
- » Perjuro ri da minha crença ufana.
- » No amante desleal vinga a innocencia,
- » Céo, que do meu pudor a entréga olhaste. » Ella acabava: quando, eis Tirso assóma;

E á vista do Pastor fógem as iras;

E meiga, anciosa, ingénua diz sómente:

- « E sou eu, Tirso, quem convêm que espére! »
- Pastôra, não te enfades (tornou Tirso)
- Nesta rélva te aguardo alêm d'uma hora :
- Eis que chegavas... quando... Oh mal sobêjo!
- Súbito um Lôbo aos ólhos meus se off'rece.
- Que susto para mim! oh Céos!.. que arrastra
- O teu penhor, o amado cordeirinho.
- Que iufausto agouro ao meu amor, oh Deoses!
- Verás como desprézo a tua sanha.
- E sem rafeiro, e inérme. Amor me esfórça!..
- E d'este esgalho o sentirás nos gólpes.
- Nem até ao covil o ruin me escapa;
- Que a gólpes meus perdeo a prêza, e a vida.
- Na mórte llie vinguei tardados gôstos:
- Que menor pena, a quem nos separára?
 Disse: e a Pastôra os mêdos seus reconta.
 Tirso fiél replica com queixumes;
 Que, dócil ás lições, Phîlis applaca,
 E com favores mil lava as suspeitas.

DESENGANO PARA

OS POÈTAS.

Quando a veia lhe inflamma Prophético furor, altisonante, E aos borbotões derrama Maravilhas da bôcca redundante, Mal divinha o Coitado, Que um Crîtico fleumático, se embica No têrmo aventurado, Na phrase de travéz, que o mortifica, O nariz encrespando desdenhoso, Mófa do charro estylo, Taxa de trivial, desengenhoso, O lidado desenho; Dá aos hombros, faz beiço, desaprova: « Esta palavra é vélha, estoutra é nova. » Eu riscára aquí isto, allí aquillo. » Para tamanho empenho » O autor tem poucas fôrças: eu quizéra... » Bem néscio é nesta éra Quem apura a saúde, o tempo, a vida Na Arte a máis ignorada, e máis mordida.

ODE

A DELMIRA.

No dia 20 de Julho, de 1786.

Si tu veux que je boive, ami,
Buvous à celle que j'adore;
Je n'y saurais boire à demi,
Verse-moi tout plein, verse encore;
Ni l'Amour, ni Bacchus n'en seront point jaloux.
S'ils avaient vu celle que j'aime,
L'Amour y boirait comme nous,
Et Bacchus l'aimerait de même.

Tendr. Bacch. Tom. I.

Quem sabe, se á manhãa as nêgras Parcas,
Com iminaturo gólpe,
Não cortarão da nossa vida o fio,
Para não mãis atá-lo?
Vai-me buscar, oh Môço, vinho annoso,
De generoso cheiro.
Deita por esses cópos; deita a raso...
Para quem pontas, sóbrio?
Crês que honrarão os ávidos herdeiros
Meus manes c'um officio
De lições nóve, e nóve responsorios
De empinadas saúdes?

Apenas mórtos , désce , e vai comnosco Nossa amiga memoria :

Os bens, que cá deixamos, não despértão Descuidos avarentos.

Ensopêmos, Amigos, as entranhas Em ondas de Alegría;

Deixémos o Ambicioso definhar-se Apóz o cargo, as rendas,

Que com escassa mão arrédas delle , Tu , Fortuna acintosa.

Bebâmos a Cupido, a Erycina, Que com favonios sópros

Da vida os gômmos, na alma, nos alentão. Bebâmos ao bom Baccho,

Que nos alimpa, e lava o peito immundo De pegajosas mágoas.

Nem , por mal comedidos , nos esquéção Nossas Damas formosas.

Bebâmos té que as almas se avermelhem ; Té que os Deoses invéjem

Da nossa sem-razão a graça alégre; Té que dos Céos baixando

Vênhão trincar comnosco os rôxos cópos.

Alvicaras, Amigos!...

Ei-los, que déscem. Como vem risonhos! —
Ouc fumo é este? É nuvem,

Em que baixão a nós, encapotados? Sáião, saião sem pêjo.

Eu já topei com um; ja tenko em punho O venerando Baccho.

E Vénus... olhai bem... Ei-la de fronte! Eu com Deoses á mesa!

Môço, renóva o vinho; présto, présto.

Põe-me aqui sette cópos; Que sétte lêttras tem, não máis, Delmira : Sétte lêttras é pouco, Para lhe festejar tão grande dia. Contai comigo a ponto, E enchei meus sétte cópos, sétte vêzes. Acompanhai meu brinde; Que eu, fiél companheiro vos prométto.

Igual festejo ás vossas. (1)

(1) Uma última Ode que na idade de 83 annos escrevi, me fez olhar para traz, e prolongar a consideração por toda a minha carreira poética. Não sei como podérão luzir rasgos mal concebidos em não methódica intelligencia; por quanto, excepto a Musica, e o Latim que apprendi com bons Méstres, as outras noções que collii, como ás dentadas, fôrão tão de precalso, e tanto sem estudo fixo, que se me não podião arrumar no cerebro, em módo que podésse en dellas tirar fio. Daqui vem estranharme eu muito do aprêco que por ahi fazem de vérsos, que cu como ás tontas escrevi. Tão cérto é que eu nunca lancei linhas a alguma Ode: o que porêm sempre me aconteceo quando as quiz lançar, foi que quanto á imaginação me acodia, o rejeitava eu por trivial e chôcho, e que essas poêsias, que lá me gábão, (e que eu não vejo quadrar ainda com o men modélo) forão consequencias repentinas d'algum vérso, que com luzes luzes, como as de espêlho em mão de rapaz maldoso) me vislambrou na idéia, quando a perguiça me não desviou a mão da penna, e do papél. Tambem nos annos, em que en olim aparava as pennas, vinha, por acaso, no prová-las, versinho ou phrase em que eu achava geito, e dessa phrase e d'esse versinho se desfiava de strophe em strophe toda a Cantilena. Ai! daquellas, a quem visita interrompeo, on que me chamarão para jantar! Lá ficou no cadóz, para nunca máis ser finda. Se algumas poésias compuz de lorgo tiro, bem mostrão ellas, a cada trêcho de continuação, as québras do éstro, e talvez o desmanchado das traçadas, ou não traçadas linhas. Seja exemplo a Carta ao Cavalheiro Brito, em que as repetições ressumbrão a cada passo; o desatado de

ENIGMA.

Quando as lassas campinas Torna Dezembro a acobertar de gêlo, Tómão-me o posto trópas montesinas, Erriçadas de pêlo:

Mas, sólta apenas do regaço Flora, Fino esmalte na félpa verdejante;

Que, eis dellas triumphante

Dou garbo á Nympha, com que máis namora,

Do Zéphyro rival, Como elle bandoleiro, Se elle de flor, em flor,

De Nympha, em Nympha assim côrro eu ligeiro:

E minha estrêlla é tal,

Que médro na privança,

Quanto o Sól crésce em férvido esplendor. Mas quem crerá de mim tanta esquivança? Encostado no seio de Delmira,

Nem sinto amor, nem gôsto me suavisa.

seus periodos alardea o desatado da imaginação do Autor. Tem o desar, de que foi feita a troncos, e que sahio d'um juizo em que as idéias andárão sempre baralhadas; pela razão, que mencionei, que nenhum méthodo, na minha leitura entrou jámáis.

ODE

A' MORTE D'UMA SENHORA.

Donne, voi che miraste sua beltade E l'angelica vita Con quel celeste portamento in terra Di me vi doglia, e vincavi pietate.

PETRARCA.

D_{A1-ME}, Amores, a Lyra de Petrarcha, Que outra Laura morreo. Quem terá pêjo De soltar a seus prantos a corrente, Nos transes da saudade?

E roubárão-nos tal thesouro as sombras , . Que pura sempre aos ólhos no-la esquivão ! Onde acharêmos prendas e virtudes , Quáes léva Ella comsigo ?

Chorárão quantos conhecêrão Laura: Inda chóra quem vê o seu Amante; Mas quem chorará máis que tu, Elmano, A Espôsa máis amavel?

Se, com à Lyra, que inventou Cyllenio, Me fôra dado o Caducêo potente, Que do O'rco, á luz do Céo, revóca as almas, A sua revocára. Se eu fòra Alcides , essa nova Alcéstes , T'a arrancára ás Euménides , e a Dite ; E atalhando-te a dôr , te renovára Os Cantos da Alegría.

SONETO.

Como quando o Sól dóbra aquelle outeiro, Pela encósta (1) do Céo, ao mar descendo, Vão as sombras das árvores crescendo, Córre enlutado o liquido ribeiro;

Pardo manto no serro sobranceiro A tormentosa Noite anda tecendo, Que se vai pelos valles estendendo, Para soltar-se em hórrido chuveiro:

Tal esta alma se assombra, e se entristèce, Quando a nuvem de fúnebres cuidados Na tua ausencia, oh Marcia, avulta e crésce.

Novos dias porêm , auri-rosados Nascerão a Γilinto , que esmorece , Se vem comtigo os teus gentis agrados.

⁽¹⁾ Jam labor exiguus Phœbo restabat equique Pulsabant pedibus spatium declivis Olympi. Ovid. Metam. Lib. 6. vers. 486.

ODE

A' SAUDADE.

Deux beaux yeux sont l'empire
Pour qui je soupire:
Sans eux rien ne m'est doux;
Donnez-moi cette joie
Que je les revoie;
Je suis Dieu comme vous.
Malherbe. Liv. 5.

T.

Se Amor me désse um dia, um só momento
De liberdade á vista,
Em que a chamma, no peito reprimida,
Póssa subir aos ólhos,
E delles, em faiscas derramada,
Incendio atée nos da minha Amada....

ΙI.

Se Amor soltasse o laço estreito, e duro
A's minhas brandas vózes,
Que em palavras sahisse retratada
Minha alma respeitosa,
E que inteirar, e enternecer podésse
Aquella, por quem arde, e em vão padece...

III.

Oh feliz dia! oh mui feliz momento!

Mais do que todos digno,

Que Apóllo no aureo côche te conduza,

Entre brilhantes c'rôas

De fúlgidos, raiados resplendores,

No regaço de flóridos Amores!

IV.

Oh cândida Diana, antes desejo
Que, no teu seio plácido,
Tu mesma tragas o ditoso Instante,
Que aos Argos disvellados,
Com ramos no Lethêo humedecidos,
Tóque os ólhos Lînçĉos (1), tóque os sentidos.

V

Já creio, que assomando radiosa
Ao piedoso muro,
A vêjo debruçar, pousando a mêdo
O alvo, mórbido seio;
Que já me estende a mão, que a minha tócca;
Que me infunde o prazer co' a meiga bôcca.

VI.

Na bôcca (oh Céos) me pousa um Céo inteiro, Alli velóz me acóde A alma toda a colhêr tão dôce alento. Que voluptuoso rapto!

⁽¹⁾ Dos que a vigiavão, porque me não fallasse.

Em que juntos, trocados, confundidos Se alheão, mórrem, sentem os sentidos!

VII.

Oh formosa Delmira, de quáes astros
Tomaste a luz formosa,
Com que accendes os ânimos máis frios?
De qual Deosa o deleite,
Que no teu brando rôsto acceso brilha,
Scuão da Deosa, das espumas Filha?

VIII.

Ah! não os vôlvas sôbre mim tão têrnos,
Que o peito me derrétes.
Um lento fôgo pelas veias côa,
Que os membros me quebranta.
Ou não me ólhes com vista assim mimosa,
Ou não sejas tão longe, e tão medrosa.

IX.

Mas que digo, insensato! A quem os rógos
Envío delirados!
Tanto, Delmira, neste espr'ito móras,
E tanto te contemplo;
Que o retrato, que na alma está gravado,
M'o vem pôr, ante os ólhos, meu Cuidado.

X.

Oh Deosa da ternissima saudade,
Númen de amantes tristes,
Tu, que azas dás ao léve pensamento,
Móve a alma descuidada
De Delmira distante. Offerecida
Terás no Templo teu a minha vida.

ODE

EPITHALÂMICA. (1)

Vem (2) co' as têas (3) leáes, e a Noite espanca Co'a mão auspiciosa: aqui (cingida C'o róseo laço a fronte) os passos ébrios Márcido guia. — Senec. Medéa.

Vem, vem meigo Hymenêo, accende o facho
Nas aras da Virtude;
Perfuma o sacro cinto nos aromas
Máis puros da Amizade,
Vem de mãos dadas, com o Amor máis casto,
Honrar o nupcial thálamo,
Que mil Génios cobrîrão fervorosos
Co' as flores orvalhadas,
Que nos jardins de Idalia, e de Amathunta
Andárão escolhendo.
Elles mesmos a alvura engrinaldárão

Dos Lyrios c'o Amarantho , Purpúreo ; e quando a Rósa entretecião , Do espinho a aliviavão.

⁽¹⁾ A Espôsa é quem falla com Hymenêo.

⁽²⁾ Hymenêo.

⁽³⁾ Os fachos nupciáes.

Venha a Alegría, c'uma taça em punho (1) De almo Brómio spumante,

Que affugente os assômos dos pezares, E as carrancas do enôjo:

As Musas convidai, e as Graças lindas Coroadas de louro,

E da Cyprina murta amor-spirante.

Influi nos meus labios

Eloquente suadélla, airoso mimo Me bafejai no rôsto.

Sêde Guardas da minha formosura; Della côrrão cadeias,

Em que etérno se prenda o meu Espôso — Prisão, que elle ame, e busque.

Zêlos fugi, fugi Desconfianças.

De teu sagrado lume

Serei, casto Hymenêo, a veladora; Pelo teu facho o juro.

Vem, vem, puro Hymenêo, que já consinto Em trocar o alvo Lyrio

De púdica Donzélla, pelas rósas, De teu austéro Nume.

⁽¹⁾ Allude ao Soneto que começa: Esbélta rapariga, etc.

ANCIA

DE DISTINGUIR-SE.

Cérto valido ricco, e muito nóbre Dizia a um Charlatão astuto e póbre:

- « Dar-te-hei quanto quizéres,
- » Se um alvitre me déres,
- » Com que eu me dessemelhe dessa gente,
 - » Que anda a pé pela ruas :
 - » Vê, se co' as artes tuas,
- » Me achas módo fidalgo, que alimente,
- » Sem comer com a bôcca despreziva.
- Com ajudas, Senhor Oh bravo, viva!

CARTA

AO SENHOR

TIMÓTHEO LECUSSAN VERDIER.

Paris 3 de Septembro, de 1785.

Tres vêzes tem o sól fundido as néves, E tres vêzes dourado o accêso Estio, Sem que em tão longo tempo a tua penna Ráras linhas traçasse perguiçosa. E póde consentir-to aquella estreita Amizade tão liza, e valiosa; Quando tantos com lêttras me prendárão Que en nomeava apenas por amigos!

Quantas vêzes, as cartas recebendo, No peito o coração se alvoroçava, Na fachada cuidando de entre-ver-lhes Da anhelada escriptura o rasgo amigo! E tantas me enganei, que negligente Quanto bizarro, e cheio de bondade, Máis te custa escrever, que dar dinheiro; Bem que tenhas a penna bem talhada, Que com cadeádos grite a férrea burra, Negociante sejas, e Poéta. E sube (e não de ti) que adeos dizendo Aos convites da sôlta Liberdade Ao jugo o collo indómito off'receste! Sube-o, Verdier; e tão tardio o sube, Que viéra a deshoras o presente, Com que quizesse a minha grata Musa Brindar as vôdas do feliz amigo, E ornar de louvor justo a formosura, E prendas raras da virtuosa Espôsa. Quão diff'rente de ti, Filinto ausente Traz sempre dibuxado na memoria . O seu Verdier, o seu affoito amigo! Em toda a parte o busca; e cuida vê-lo, Ou passar junto ao Sena pensativo, Ou pelos arredóres da Sorbona Co'a lôba mal-cingida, mal-traçada, Choquento um tanto ou quanto, ires rosnando Pedaços de latim pelo caminho. Quando do Luxembourg a lentos passos

Magoado enfio as tácitas (1) lamêdas, Vou mudo e só, sem ter a quem cortêje, A quem gostoso falle, amigo abrace, Quáes os tinha na Elysia em tanta cópia, Quando o Fado galérno me soprava: Sóbe-me á mente lógo o desamparo Que me apérta innocente em térra estranha. Os bens perdidos, a manchada fama, E o que máis val, que os bens — os meus amigos. « Meu caro Verdier, c'um livro abérto, » Aqui (digo entre mim) as vêrdes ruas » Pisava d'este bósque; elle m'o disse « Quando eu tão mal cuidava de pisá-las. » Que bem lembrão palavras dos amigos, Nas longas horas da callada ausencia! Alli quizéra ver-te a mim tornado, Como quando em Lisboa entre os sabores. Da lhana companhia prazenteira, Debicávamos pontos delicados Do bem, do mal, que despartio no mundo A tão gabada, escusa Sociedade. Quér dar-me alguem a crêr, que te has mudado, Que os máres, que as montanhas que entre-meião, Qual, da vista, me arrédão de teu peito, Que emprego has feito de amizades novas... (Como que fácil fôra c'os amigos) Mudar nas estações, como c'os trajes) Mas tão esquivo estou de acreditá-los, Que antes crerei nas bruxas mal fazejas, Nos trásgos, nos fadados lobisómes,

⁽¹⁾ Era o jardim máis campéstre de Paris, e o de menos bullicio.

Nas fadas e nos frades..., que um minuto De crédito a quem diz que te mudaste, E do teu bom Filinto te esquécêste.

ODE

A SENHORA V. B.

Un bacio solo à tante pene, Cruda?

Un bacio a tanta fede?

La premessa mercede

Non si paga baciando: il bacio è segno
Di futuro diletto,

E par che dica anch' egli, i' ti prometto
Con si soave pegno.

Intanto or godi e taci
Che son d'amor mute promesse i baci.

Del Cavalier Guarini.

14

E pude!... E não morri! quando das faces.

Lhe colhi o rubor! quando c'os ólhos,

Que volveo sôbre mim, nadando em gôsto,

Me entranhou na alma um Céo!

Oh quanto sou feliz! quantas invéjas Não espalho nos ânimos dos Grandes! Trasborda-me a Alegria pela bôcca, Pelos ólhos felizes.

Aqui, oh Musas, vinde; aqui as lyras Temperadas por vossas mãos divinas: Tom. IV. Aqui do peito do amoroso Orpheo Me dêsça o meigo canto.

Victoria canto, e o lume enternecido Das voluptuosas fúlgidas estrêllas, Onde Amor estampou a minha sórte E o segredo dos Fados.

Longos cabêllos prêtos, fronte airósa, Pórte de Juno, esp'rito de Minerva, Gésto das Graças, mimos de Cupido E ternura de Vénus...

Que bellezas, que prendas, não buscárão Pousada em seu sujeito! Ah, tórna; ah tórna, A bem-aventurar-me, Amor, c'o fôgo Da sua ardente face.

EPIGRAMMA. *

UMA cabaça a tanto patáo-zinho
Atordoou vazîa:
E quanto máis os não atordoarîa,
A vir cheia de vinho!

Una tot illusit vacua cucurbita mentes; Plena quid efficeret, si foret illa mero?

^{*} Parece-me que li em Alciato (valha a verdade!) os vérsos seguintes, a um emblêma duma cabaça, que vinha boiando sôbre a veia do rîo, e muita gente embasbacada a vê-la:

ODE.

— — Multa petentibus

Desunt multa. Benè est cui Deus obtulit

Parcà quod satis est manu.

HORAT. Lib. 3, Od. 16.

Não péço aos Céos privanças orgulhosas De arriscados Sejanes, Nem largos campos de douradas mésses Me empólão a cubiça, Na mente resignada, affeita ao pouco. As procellosas vagas Do infido. Promontorio córte affouto Quem tôscos avoengos, De callejadas mãos, villões honrados, Imprudente despréza; E ama illustrar com os rubis do Oriente A vindoura progénie. Que se eu posso, em aurea medianía, Arredar de meus Lares, Da Fóme o macilento-agudo rôsto, E a lîvida Tristeza, Contente dóbro a méta dos desejos. Ou se as benignas Musas Não desdenhão pousar no usado sótão; (1) Nem das cans se enfastião,

⁽¹⁾ Vid. Ode a Pilaer.

Que temporans brotou mordaz Cuidado,

Nas condemnadas fontes,

Sou máis ricco, que os Crésos, máis ditoso Que o Samio Policrates.

Verei, com léda sombra, em parca mesa, Não-custosos legumes,

Quáes dava aos homens sãos das éras de ouro

A Térra não-forçada;

E mecànico Baccho, sem letreiro (1)

Traz si trará risouho

A Musa Venusina (2) c'o alaúde, Que discantou ontróra

Augustos e Mecenas, e alvas Lidias;

Então entoaremos

O generoso peito de Dorindo, Ou de Delmira o gésto;

Já Mathevon de sólida Amizade Resoará nas córdas,

Costumadas a dar preço á Virtude; Nas córdas, que córárão

Quando nas márgens do sereno Téjo.

⁽¹⁾ Vendem-se aqui nas lóges nóminas de cobre esmaltadas de branco, com os nomes escritos de Champagne, Rhin, Beaune, Malvoisie, etc., pequenas, com cadeias para penderem do bocal das garraífas, nas casas opulentas. Não sei se esta móda requintada pegou já em Lisboa, mas se não pegou, pegará. Basta ser de França

^{(2) —} Ast ego, quem choros
Phœbus Poetarum inter amabiles
Primis receptum sponte ab annis,
Numinis interiore lapsu,
Suâque præsens mente animat, Deo
Afflante plenus, per juga nobili

Sc cu , resvalando da veréda antiga ,
Cahisse ás plantas tôrpes
Da caiada Lisonja, infame vîcio.
Tambem Tu , nóbre Cósta , (1)
Nos meus sincéros vérsos terás parte,
Tu , que guardar soubéste
No enleio de Parîs , uo embate escuro
De paixões , e de embustes ,
Inteiro o fio da Amizade , e da Honra ;
Que , ausente involuntario ,
Não perdeste a lembrança de Filinto;
Bem que cruzaste as ondas
Do deslembrado Oceâno , que foi Léthes
A quantos daqui fôrão.

ODE.

Immortalia ne speres. - Horat. Lib. 1. Od. 9.

Não te (2) enléves nos saltos ençarnados, Nem na custosa pedra refulgente; Da placca os luzes-luzes não deslumbrão A surrateira Idade.

Calcata Flacco, perque saltus Pierios animosus ibo. Quin et, Senectus immineat licet, Crudis Juventæ viribus integer Tentabo inaccessos profanis Altior invidia recessus.

- (1) O Senhor Cónego Simão de Oliveira, da Costa, e Alvim-
- (2) O Senhor Domingos Pires Monteiro Bandeira.

Fôste em vão, em Paris, Principe bréve, Milord entre os libérrimos Britannos. Em vão Báxá serias de tres cándas; Das honras zomba a Mórte.

Se hôje passéas os floridos campos Da verde-vecejante Mocidade , Lá te espéra no fim do pomar curto , O tremedor Hynyérno.

Impando de magnificos serviços,

De enfitádos, sellados pergaminhos,

Conta o que em tantas lidas proveitaste?

— Cuidados, e-Esperanças.

Mal tardias virão fazer-te fésta Quatro Illusões do mágico Cupido, Algumas ventoînhas do Palacio, E lá do Pindo uns Ecchos.

Prazer escasso! Se o pregão da Fama, Da Fama bem-ganhada por Virtudes, Não viesse affagar os teus ouvidos, C'os honrados louvores.

A Amizade, que cultivar soubéste, Te cobrirá de flôres a cabêça, Já quando raras cans mal-povoarem A encarquilhada Calva.

O grato, o ingénuo rôsto, hôje risonho, Que com amiga mão descurugaste, E o pállido Iuvejoso, que definha, Te servirão de státuas.

EPIGRAMMA.

Umas cabêças vans, uns ociósos,
Despidos de Virtude, e de Talento
Põem grande estudo, gran divertimento
N'uns naipes máos, n'uns dados acintosos:

Perdem por passa-tempo O irrevocavel Tempo.

Néscios! Não vêm, não sentem consumida A Saúde, queixosa a Honra, a Vida? Só, depois de enfadar-se um dia inteiro Sentem o menos — sentem o dinheiro.

ODE.

Quid leges sine moribus Vanæ proficiunt? Horat. Lib. 3. Od. 24.

A Amizade, que pisa as vans riquezas,
Que desdenha das c'rôas,
E tem em pouco o infido Valimento,
Vai buscar na desgraça
O peito são, que as Penas não amólgão.

^(*) Ao Ex.mº et R.mº Senhor D. Fr. Manoel do Cenáculo e Villas-Boas, Bispo de Béja.

Ella co'as fòrças, que houve da Virtude, Me arrebatou nas azas;

E transpondo comigo longas terras, Sôbre os tectos illustres

Da famosa Paz Julia me sostêve.

Não sei que paz interna respirava O puro, e lédo seio

Daquellas terras sanctas e singéllas:

Nos faustos horisontes
Raiava a aurora do Celeste Olympo.

Vi as Lêttras sagradas, as Virtudes Dos séculos saudosos,

Abrolhadas nos peitos consagrados Ao Nume omnipotente, Desabrochar-se em frutos generosos.

- « O'lha : (me diz) Aquelle ancião honrado » Da maligna fortuna
- » Provou (sem culpa) os rispidos revézes;
 » Mas bemfeitora dextra
- » Lhe amciga o afflicto seio desabrido.
- » Naquelle sótão nú , lavado em prantos
 » D'O'rphans desamparadas ,
- » Vê como entra com próvida vigîa
 - » Inópino sustento,
- » E como sahem as Benções risonhas.
- » Dentro do cárcer, dentro das masmôrras
 » Cala com lédo vulto,
- » Com as mãos trasbordando de abundancias,
 » A Compaixão augusta,
- » Que com patérna vóz adóça as mágoas.
- » Do bom cheiro de cândidos Costumes

- » Recendem estes ares;
- » Nos templos, e nas casas brilha o ouro
 » De fulgidas Virtudes,
- » Tomadas do Pastor de gran valia.
- » Elle aquî veio abrir Lycêo de todas,
 » E a Si se deo por livro:
- » Máis facil, que o insensitivo Stoico,
 » Ensina c'o exemplo,
- » Sem vangloria, sem máximas prolixas. »

O D E. *

Concede, oli Musa este último trabalho,
Que a Gratidão te péde.

Ao difficil Tiburcio poucos vérsos,
Só de nova arte agradão:

Mas quem póde a Tiburcio negar vérsos,
Que o coração inspira!

^{*} Esta ode tinha riscado o título da pessoa a quem foi dedicada. Eu sei que o Autor foi infeliz, dedicando algumas das suas obras a ingratos que as desmerecião; e esta foi uma das odes mal-empregadas. O Autor que a riscou, soube, mas tarde, que fizera vérsos a um néscio; porque só néscios podemser insensiveis a obsequios de tal valia. Toutes les fois qu'un homme de

Canta este dia, (1) fausto á Liberdade, E ás cívicas corôas (2);

Fausto dia , em que incólume Filinto Se desprendeo das garras

Do hórrido truculento Fanatismo.

Eu vi o infando Monstro

Sopesado nas azas sauguinosas,

Amedrontando tôrvo

Da enfiada Elysia as cúpulas sobêrbas, Rebanhar a seu lado

Com penetrantes, assanhados silvos,

O nêgro bando infame

Dos satéllites seus, (3) com vóz pcsada Designar a masmôrra.

Os fuzîs dos grilhões já os ouvia Rugîrem arrastados,

Ranger equúleos, e os ministros duros Entrançar os cordéis . . .

lettres loue un ministre ou un prince, il conserve le droit d'effacer ses éloges, s'ils cessent de les mériter. Volt.

Nota de Editor.

Nota do Editor.

⁽¹⁾ Anniversario de 4 de Julho de 1778.

⁽²⁾ Que só se davão em Roma aos que salvavão a vida aos cidadãos.

⁽³⁾ Sans les lois tyranniques... et le glaire du despotisme, comment des prêtres intolérans et fanatiques forceraient-ils tout un peuple de se soumettre à des dogmes, à des pratiques qui blessent la raison et révoltent l'humanité? Mais le despote ordonne, menace... et soutient l'autel et la chaire par des échafauds et des bûchers. La ligue de ces deux monstres impies a souillé de crimes toutes les pages de l'histoire.

Já lá se érgue a despótica fogueira (1)

Que convence a Innocencia

Com cem linguas de fôgo abrazadoras....

Quão falsas, quão diversas

Das linguas, que um Deos justo, um Deos piedoso Mandava (2) aos varões brandos;

Que com vózes de mansidão vencêrão

O reluctante mundo!

Eu te vejo... Eu te vejo, oh Deos clemente,

Entre rasgadas nuvens

De azul e branco, recortadas de ouro,

Sentado majestoso,

Arvorar o signal da Piedade,

O redemptor Madeiro.

Da tua dôce falla estes me sôão Máviosos queixumes:

« E póde quem Ministro nieu (3) se chama

» Armar-se co'as segures

» Da séva tyrannîa? (4) Assim se imita

Tableau de l'Histoire moderne.

- (2) No Cenáculo, aos Apóstolos, no dia de Pentecostes.
- (3) Heu primæ scelerum caussæ mortalibus ægris Naturam nescire Deûm.

Sil. Ital. lib. 4. vers 794.

(4) Estas palavras são dignas de Jesus-Christo, que com os

⁽¹⁾ Eu même tems s'éleva au tribunal de sang chargé de faire les recherches les plus rigoureuses, ayant pour loi de regarder le soupçon comme crime, et de trainer des malheureux au Lûcher sur la déposition du plus vil délateur. C'est à cette occasion que se forma cette Inquisition que la France, qui la vit naître dans son sein, a rejetée avec horreur, mais qui, révérée en Italie et en Espagne, y a exercé longtemps les plus grandes fureurs, sous la bannière d'un Dien de clémence.

» Um Deos, que deo o sangue

» Por dar das culpas o resgate aos sérvos ? » Súbito acêna affavel

A' serena Amizade, que do seio Etérno á luz sahira,

E que a seus pés, no throno, tem assento,

Vá salvar de Filinto

Os não-culpados, sempre-ingénuos dias; E a Compaixão ordena

Que dos últimos seus tenha disvéllo.

Eu vi, Tiburcio, a Deosa

Pelos líquidos ares vir descendo, Guiar a mim o vôo.

Alvas e rôxas desfraldando ao vento

As infunadas roupas....

Que brandura no gésto lhe vertia!

Que dôces, meigas fallas!

Que cuidado benigno a des-socéga

A' vista de affligidos!
Eu não sei... Ou me engana a vista absôrta
Em tantos resplandôres,

Que das abertas nuvens vem aos ólhos;

Mas vi em seu semblante Tuas nóbres feições, tua brandura

No gésto mavioso.

AGOSTINHO SOARES DE VILUENA E SYLVA.

exemplos de toda a sua vida, provou que a mansidão e a caridade são o character do Christão. Quea Religião déve ser livre, como o são todos os actos da vontade. Se a fé póde tudo em nós, que necessidade ha de armar de lanças, e espadas os Ministros da Religião? As armas sim férem e mattão; mas não mudão,

ODE.

Quippe ita formido mortaleis continet omneis Quod multa in terris fieri cœloque tuentur, Quorum operum caussas nulla ratione videre Possunt, ac fieri divino numine rentur.

LUCRET.

Costumados a vêr descer dos áres Granîzo, ráios, sêccas, e dilúvios, A um morador d'alêm dos áres dérão Do Universo o dominio

Os homens, (1) e óra ao sól, óra a chyméras Nascidas na ouca idéia de embusteiros

nem obrigão os ânimos: as fogueiras pódem queimar os córpos, mas não persuadem. A Religião christão é mansa e humilde, como o seu Autor; e os Ministros della querem ser Déspotas sobêrbos, cruéis, e vingativos. São absurdos e impios os que imaginão tão fraco o Deos suprêmo, que não póde suster a Religião, se elles lhe não acódem com o braço do carrasco. Deshonrão a Religião os que assim pertendem defendê-la. Préguem, não prendão. Brilhem com o ouro do bom exemplo, não com o ouro do Fisco. Persuadão, não mattem. Porque, quando clamarem — Viva a Religião — se não sub-entenda (com discrédito seu, e della.) — Reine o Interêsse. —

Nota do Editor.

(1) Fallo dos adoradores de falsas Divindades.

Levantárão altares, em que nóvos . Vertêrão leite, e fructos. (1)

Medrou c'o mêdo o Engâno, e a Barbaria; Tingîrão, ante o Deos ignóto, os impios Cutélos nas gargantas innocentes De pállidas Donzéllas. (2)

Os dons da Natureza desmentindo, Pérfidos Bonzos, dos mortáes a dita A' sujeição, ás vîctimas, á crença Astutos a attribuem.

Nem são, se tréme a Térra, ou Volcão rompe, Séccão seáras, ou se alagão campos, Crises d'este O'rbe, mas ultrices pênas Do desacato aos Numes.

Insulto atróz commette o que investiga Physico arcano, causa dos successos: Querer ser como.Deos sabio e previsto Contra embustes de Bonzos.

« Póvos sêde ignorantes e submissos »
(Vos clama o ardil, vos clama o sacerdocio)
« Dai-nos honras, dai vidas, e fazendas
» Dar-vos-hemos valía,

⁽¹⁾ Nulla res efficatius multitudinem regit quam superstitio,
QUINT. CURT. Lib. 4.

⁽²⁾ Tantum Relligio potnit suadere malorum.

Lucret, Lib. 1.

- » Co'as Divindades, que nos céos tratamos,
- » Que nos dão o poder, que os bons adita;
- » Nos dão o açoute, que no ousado vinga
 - » Mal-curioso Ingenho. » (1)

Que crimes se poupárão! Que Hyerophantas No Nada se sumirão, se alcançassem Os mortáes, que da térra se levanta O Raio, que os assusta! (2)

Do MESMO AUTOR.

- (1) Nè ancor ti scuoti omnipotenza ultrice?
 Ed oziosa ancor ti resti e dormi?
 Ed ancor l'ira tua sterminatrice
 Lascia impunite le bestemmie enormi
 Che di religion tentan con velo
 Associare ai gran delitti il cielo?
- (2) Timor fecit esse Deos.

AO LEITOR.

— — Stulta est clementia cum tot ubique Vatibus occurras, perituræ parcere chartæ. JUVENAL. Satyr.

Naquella hora aziaga, escura, e nêgra
Em que eu quiz dar á luz os meus versiulios,
Que alvorôto! que trémula algazarra
Não disparou d'um canto, e d'outro canto!
Erão cannas o vêr como vem todos
A' flor da agua nos mares da memória,
C'os bracinhos de fóra, a requerer-me
No livro impresso o pôsto dianteiro.

Lembrou-me vêr o Padre Doutrineiro, (4)
Que off'rece uma verónica machuelia
A quem melhor disser um bom exemplo
Do Bac'lo Pastoral, da Anno Virgineo.
Cuidei que via, em sôffrega assuada,
C'o dêdo para o ar trinta Meninos:
— A mim—a mim—(gritarem) Senhor Padre—

⁽¹⁾ A maior parte dos que me lerem não tivérão talvez a distincta de verem estas doutrinas, estas escholas, estes rosarios, e verónicas. Ah tempo, tempo! Então era eu rapaz, que jogava o meu pião. Dizião-me as Móças todas, Rapaz, deita-mo na mão.

Tambem lembrou-me a Procissão devota
Do ricco S. Francisco d'Enxobrégas, (1)
Que as almas vai tirar do Purgatorio,
D'entre as chammas de papelão pintado:
Aqui uma alma rôxa, outra trigueira;
Acolá um fradinho barbeado
Crêspo, e louro o cercilio, nú em pêlo
(Como estão no outro mundo as almas todas);
Mais pérto um Cardeal, uma Viuva,
Ou Donzélla de carnes pudibundas,
Se apégão ao Cordão, a qual primeiro.

Assim erão meus vérsos. Ah! Coitados!

Se soubéssem que fado os esperava,

Seguro estou que présto preferissem

Ficar no Purgatorio do tinteiro,

Do que indo a entrar no Céo de aureos louvores

Despenhar-se no Inférno das más linguas.

⁽¹⁾ Todos os Clássicos que (com razão) estavão máis pérto que nós da etymologia d'este sítio, dizem Euxobrégas. O único, que aqui tenho á mão, e que póde passar por mui Clássico em materia de Conventos, é Fr. Nicoláo de Oliveira nas Grandezas de Lisboa p. 67. Tambem podem ajuntar-lhe Luiz Mendes de Vasconcellos, no sítio de Lisboa pag. mihi 135.

ELOGÎO

D'ESTE SÉCULO. (*)

D'esta Éra os gabos (callem-se os Praguentos)
Canto (1) ao Mundo admirado.

Por onde quér que, em róda, a vista aguço,
Só com Heróes deparo.

De táes Varões cantar quéro os louvores;
Éccho derrame ao longe,
Des-ferrujando a lingua, os meus accentos.
Nem tu, oh Fama, césses

De dar á taraméla, publicando-os
Pelo O'rbe, a cada instante.

Sérvo dos sérvos ser se humilha o Papa;
Apost'lo é cada Padre;

Pelo justo, e razão briga o Guerreiro;

Pelo justo, e razão briga o Guerreiro; E, espérto o Negociante Honra, verdade, e boa-fé professa.

^(*) Achei n'um alfarrábio este Elogio; e cortava-me o coração privar delle a nossa Terra, onde ha tantos Heróes, a quem elle vem lindamente ao justo.

⁽¹⁾ Sempre me embalárão na Syntaxe, que os dativos d'atribuição se traduzião para Portuguez com os artículos, on proposições (valha a verdade) ao, ou para. Eu bem pozera para vos, que é máis corriqueiro, mas não me cabia no verso. Aquelles, cuja perluxidade se não contenta com o vos, ou cujas orêlhas não se destempérão c'uma syllaba de máis, pódem lêr para vos. Horacio dizia a uma Môça, sem muito empacho— et ti crésce todo o buço dos Mancebos— na Od. 8 do liv. 2, pubes tibi crescit omnis.

De inteiros Julgadores

Tão gôrda é a soma, que sómente a vencem Lettrados scrupulosos,

Que apenàs uma, ou outra vêz, por auno,

A Parte, e a Causa vendem.— Cabe o raro saber louvar dos Médicos:

Dos Récipes o tino

Próvão vivos, ou mórtos os enfêrmos.

Das Lettras a Répública

De quão grandes Ingenhos é fecunda!

(Deixêmos chasquear Mômo)

Os seus suóres gratidão requerem. Embóra, todo invéjas,

Lhe estranhe Mômo aos nossos Litteratos

A Sobeja modestia,

O pouco que compõem, e o quão serôdeo. Que arvorêdo de louros,

Que vos verdeja, oh Prîncepes sob'ranos! Oh Reis, quão Deoses fôreis,

A ser tanto immortáes, quanto sois nóbres!(1)
Que algarismo somára

Vossas virtudes, prendas, e talentos!
Para nós, póbre pôvo,

Só paciencia (por azar!) deixásteis.

Grandes - inda máis grandes

Pela alma perspicaz, que pelos póstos; Dos Prîncepes ao lado

⁽¹⁾ O Poéta estrangeiro que compoz este Carmen traz uma longa lista dos excellentes Monarchas, de que faz menção mu distincta a historia antiga e moderna; e falla com muito respeito dos soberanos actuaes, muito humanos, e verdadeiros Paes dos póvos.

Cada Reino alardĉa habeis Ministros.

E como os Reis de agóra

Já sabem governar ex-proprio Marte,

Do sceptro é facil a Arte:

Todo o chiste é na mão, que o bem-menêa.

Que affáveis os Inglezes

Recebem com estima os Estrangeiros!

Que acanhados, modestos,

Contentes c'o louvor alheio, os Francos, Em si cerrados, mudos,

Se esquivão de inventar systêmas, módas!

O Allemão, quão brilhante,

Adamado, inventivo se espaneja!

Quem não lonva as Hespanhas,

Libérrimas , industres , sem vãaglória ? E pé-de-boi o Bélga ,

Nóbre no trato, odeia o engano, a usura. O Christão puro, e honrado

Não dá tratos, não queima, não confisca: Traz do nariz na ponta

O Pundonor. E o Turco, quanto o louvo Do bem que nos imita!

Já bébe vinho, e diz quanto tem na alma Ainda Éra mais ditosa

Para os Nétos, as Parcas vão fiando. Inda móres prodigios

Desfructareis, Vindouros: alto orgulho Recolhei nas entranhas,

E dai-me as graças, que cantai condigno De vossos Páes o acêrto. (1)

⁽¹⁾ Este Elogio é traduzido, como o são tambem outras muitas burundagas, que ás vêzes entremetto para desfastio das Odes. De não citar o Autor pódem seguir-se dous inconvenientes: se

ARRAZOADO.

Si vacat, et placidi rationem admittitis, edam. JUVENAL. Satyr. 1.

Já me fizerão cargo os meus Censores
De ter muito Latim portuguezado. — (1)
Máis honra me fizerão, que eu merêço,
Em dar sobejo prêço os táes Senhores,
Dar sobeja importancia a quatro tróvas,
Que n'uns borrões lancei por desenfado,
E á luz dei só por mingua de dinheiro. (2)
Mas pois tão alto vai esse arruido;
Permittão-me acudir por meu Cliente. —
Se cunho Portuguez dei a Latinas

é máo, darem por meu o que é de outrem. — Pouco se me dá. O segundo é darem por não meu o que verdadeiramente o é. — Ainda menos se me dá. Comprem o papelinho, e enganem-se muito a seu gôsto. Já ha muito disse, que os cóbres é quem n e ajudão a viver; as ventoînhas da Fama deixo-as para os Cóme-em-vão, que ahi não faltão.

 Das linguas a Latina é mui prezada: E quanto máis a imita a Lusitana Tanto sen prêço fica mais subido.

Assim o dizia a um Estrangeico, que não suppunha tão estreito parentesco entre as duas linguas, um Portuguez que compôz um hymno a Sta. Ursula etc. etc., que ignalmente se lè em Latim e em Portuguez, e começa:

Canto tuas palmas, famosos canto triumphos etc.

(2) Quod si dolosi spes refulscrit nummi Corvos Poetas et Poetrias picas Cantare credas Pegaseium melos. Persi. Prolog. Vózes, e é crime pôr-lhe cunho alheio; Réos d'esse crime são quantos escrévem Depois de tantos séculos na Európa, Que, c'o roubado estôsso dos Romanos, Cubrirão a nudêz d'esses Vasconços, Que com vil lôdo a face enxovalhavão Da Terra, a cásios Bárbaros sujeita.
Réo quéro, com Camões, ser d'esse crime Voluntario; e não dar Francez bastardo, Qual da da nova seita o soêz (1) cardûme.

Sujeita a antiga Europa á antiga Roma, Fallou polida a lingua vencedora; Vencidos os Romanos pela bronca Hyperbórca relé, Sicambros, Cimbros, Nós Lusitanos com farragem Gôda, Lógo a Latina téla entretecêmos; E não contentes inda, a bordadura De engasgado Mourisco lhe cozêmos, Co'a franja multicôr de tantas linguas, Quantas não deo Babél no louco arrôjo De querer ter mirante sôbre as nuvens.

Convinha povoar as terras êrmas Das gentes, que segou a fouce avara Dos bellicosos Reis Conquistadores. Chamárão-se de incógnitas Provincias Póvos de estranhas linguas, que o tecido Da nossa com máis tinta alagartarão.

^{(1)————} J'observe avec dépit
Que notre langue est riche, et que tout l'appauvrit.
Grace au Ciel! les trois quarts de mon Dictionnaire
Sont des mots réprouvés, dont je n'ai plus que faire,
Prolog, du Philint. de Molière.

Eis que coméça de apontar na Italia
Das Boas Lêttras a bem-vinda Aurora:
Accórrem d'um, e d'outro Reino, a Ella
Os Môços, de Sciencia cubiçosos;
Abração com ardor as doutas linguas
E vem contentes derramar seu lustre
Pelo escuro sertão do patrio idiôma.
Résta agora entender, se foi acêrto
Nos que a lingua tão rude nos polirão
C'o Romano esmeril, tornando-a ao gremio
Da perdida opulencia, ou se deixá-la
No Vândalo paúl, Suévo, ou Gôdo?

Quem não diz que máis val desbastar hôje. Do bárbaro fallar a Lingua Lusa, Introduzindo os têrmos da Latina, Que o Vasconço primévo desbastára, Que estragá-la com vózes alforrécas, Babujem, que nas ribas Portuguezas Lança a lição de sécios Bonifrates, Que de alheio Paîz só balbucião! Gerigonça bastarda, mal-intrusa.

Muitos, dos que hôje escrévem, francezêão; Muitos, que nada escrévem, francezêão; (1)
Francezear agóra é tão absurdo
Quauto o fôra nos séculos Latinos
Vandalear, fallar Suévo, ou Gôdo.
Francezear em Lingua Portugueza
Se atrévem quatro tôlos vãagloriosos
D'uns laivos, que pozérão mal assentes
Na face maternal, que se envergonha.—

^{(1) «} Malditto seja quem táes a la modas nos trouxe á Terra » dizia D. Francisco Manoel nos seus Apólogos Dialogáes.

Como eu quizéra ver, pelos Francezes Apupados na praça esses basbaques, Que um têrmo ou phrase Lusa entermeassem Em discurso Francez fallado, ou scripto. Se não soffre um Francez, se ri, se zomba De quem com arrogancia, ou com desprêzo Do presente fallar, clássico, e puro Estraga a lingua com fallar mestiço, Como soffrémos seja franco a um biltre, Que ignora os livros dos Autores Lusos Nos mêtta á queima-roupa, muito ufano Contrabando Francez? Alguns macacos D'affrosos, massacráes, sentimentistas Versêjão francezîa a trôxe-môche: Quem me dirá se é máis por se arredarem Do Latim, que no bom Garção e Elpino, No Camões os enója, ou se é penuria De custoso saber, e vão direitos Pela strada Coimbran da néscia móda?

Com tudo, não direi (que fôra absurdo!)
Que na lingua doméstica se encravem
Latinos palavrões, como o fizérão
Cértos fidalgos fátuos: — Oh Charonte
Approxima essa cymba, — que é vicioso
Todo o extrêmo, inda em obras de virtude.
Mas se eu Confessor fôra em reservados
Casos, ou sacrilegio em Bellas-Léttras,
E pureza de lingua, penitencia
Mais léve déra a quem latinizasse,
Que aos Tarêlos, pedantes á la móda,
Que, hôje, por néscio timbre francezêão.
Vêde o Crîtico mór, o culto Horacio

Como approva os que mésclão Grêgas vózes (1) Na Latina urdidura. Assim mésclava, (2) (Encostado em Horacio) o Vate Luso No raso Portuguez o ouro Latino. Quantos não vêdes vós nestes sós vérsos De origem Lácia peregrinos têrmos: Súbito o Céo sercno se obumbrava; No fundo aquoso, a leda lassa frótta? Quando escrevia: Syrtes arenosas, Estridentes farpões, e Cão tri fauce, Fallava Pinas, Payyas, c Azuraras, Ou fallava arremêdos de Virgilio? E quando Camões diz, com phrase pura Que famas lhe promettes, e que historias, Que palmas, que triumphos, que victorias? Quando diz salso argento, cerviz dura, Falla a lingua Latina, ou falla a nossa? Falla, Tarêlos, Portuguez ornado Co'a louçanîa, que única dá gala A' nossa lingua, ouro precioso, e pérlas, Não maravalhas de baforinheiros, Com que lhe descompondes o semblante. Póde Ferreira, sem que alguem lh'o argûa

Póde Ferreira, sem que alguem lh'o argûa Dar, de Horacio, em vulgar, vérsos inteiros, Com que honre, e enseite a lingua que ama e préza.

⁽¹⁾ At magnum fecit quod verbis Græca Latinis Miscuit. Horat. Satyr. 10. Lib. 1.

⁽²⁾ E quando, só nos Lusiadas (como bem aponta Faria e Souza) introduz 120 palavras Latinas, arguir-lhe-hão os Tarêlos, ou os Rançosos, que é escuro? que é Affonsinho? ou que empobreceo a Liugua? ou que a latinizou? e outras mil parvoices que elles são dignos de inventar?—Fóra, parvos!

Que bem que soa em delicado ouvido Este vérso (não tem parceiro em Veiga!) (1) -Que mil Náos, que dez annos não podérão (2) Virgilio é na dicção, no som Virgilio, Com cunho Portuguez, Latinas vózes. Que bem disse n'uma Ode o bom Alfèno Calcando illésa túrbidas procéllas! Latino é todo o vérso, e todo é Luso. Todo é quasi Latim da melhor cêpa — As soberbas phalanges de almos Hymnos Dircéos, que bem cantou Garção n'uma Ode. Só tu. pobre Filinto, atar não pódes Máis um têrmo Latino, aos têrmos Lusos, Atar máis uma rosa ás outras rosas Da grinalda que os Clássicos tecêrão? Foi licito a Garção, a Elpino, a Alfêno Foi-lhes muito applaudido o presupposto

Um dos maiores elogios que fazem a Portugal os que de suas cousas escrevêrão, é (entre muitos) a grande similhança que com a lingua Latina tem a Portugueza. Elogio que já quando fallou da pobreza das linguas modernas, applicava á lingua Italiana Voltaire; dizendo que a lingua que máis se encostasse na Latina seria a máis opulenta, máis suave, e expressiva. Da nossa Portugueza temos grandes tractos da prósa e de vérso que se iêm igualmente em Latim ou em Portuguez. Elogio este que eu creio a nenhuma lingua de agóra possa competir, se exceptuamos a nossa. Se nas estrangeiras se conseguio já, ou se é possivel consegui-lo, nunca o ouvi dizer a sabio algum d'essas nações, com quem eu fallasse; tenho-o ao menos por mui difficil. E ainda arguirão Camões, e os que o imitárão, de que nos dérão cabimento neste elogio?

⁽¹⁾ O Cónego Manoel da Veiga Tagarro. ·

^{(2) «} Non anni domue e decem, non mille carinæ.»

De escorar na Latina a lingua Lusa, E nada será lícito a Filinto? Tantas iras nos ânimos Censorios! (1)

Quem lê os nossos bons, adverte e sente, Que no Stylo elevado, a nossa lingua Se encósta no Latim, vózes Latinas Enfeitão seu dizer por toda a estrada. E o meio de arrancar da grossaria Nóvas linguas de bárbara progenie, É limá-las co'as phrases dos Virgilios, Dos Ciceros, e Horacios; que a quem d'ellas Tomou algum sabôr, tanto namorão. Ncuhuma, com máis gôsto, abre o seu seio, Que a lingua Portugueza, á voz Latina; Nem, sem muita razão, de Vénus, disse O bom Camões (2): « Na qual, quando imagina » Com pouca corrupção cré, que é a Latina.» Mas diz muito espinhado algum Taréco: - Não entendem Latim os sapateiros. -E eu respondo que Horacio, que Virgilio Nunca escrevêrão para os Sapateiros De Roma: nem Camões, nem Garção nunca, Para os táes de Lisboa poetárão. Poétas, por Poétas sejão lidos:

Os Sapateiros leião Sarrabáes ou Autos;

^{(1)———}Ego cur acquirere pauca Si possum, invideor?——— HORAT. de Art.

^{(2) —} O sublime écrivain, Lui dirai-je, après toi nons moissonnons en vain: Mais connais ton disciple; et daignant lui sonrire, Vois du moins, vois encor ce qu'on gagne à te lire.

Leião prósas de ensôsso consoante, Ou versinhos anões bem des-lavados. - Mas as Mulhéres? (me replica o Néscio)-Vi Mulhéres (respondo) e muitos virão Que em leitura, e juizo valem Homens E máis que cértos Homens, que censurão Por invéja, por ódio, ou fraco ingenho. Mas inda essas Mulhéres que s empregão A lêr prósas, ou vérsos corriqueiros, Quantos, sem entender, passárão têrmos Latinos, ou na Côrte pouco usados, E contritas chorárão maviosas As angústias penáes de Jesus Christo. Ao lêrem a Divina Fortaleza; (1) Ou lendo as mágoas, queixas e amarguras Da Imperatriz Porcina, ou Mangalona? Ou c'os Zagáes, c'os Reis se comprazêrão Do nosso Redemptor na fausta Aurora, Lendo as Lôas, que no Natal Divino, Em tempos mais singélos, que os de agóra, Diante de presépios mui vistósos, Representámos já? E eu fui um d'esses Que no Auto dos Pastores, e em máis outros Fiz meu papél a gôsto dos vizinhos. Mulhéres conheci sem arte ou studo

(1) Cérto Auto impresso que começa: A Fortaleza Divina Grandemente aqui temeo. Nunca o li (quando era pequeno) a minha Mãe, e a sua Comadre Maria Antonia, que lhe não escorrêssem as lagrimas em pinga; e máis ha no tal anto várias palavras, que nem eu, nem ellas entendião. Que bom tempo era esse! Cada vêz que lhes lia o tal Anto, ou o Flos Sanctorum rendia-me alguma golodice. Hôje leio cousas, que bem as valem, e nir guem me dá uma trouxa d'óyos, se quér:

Mas de ingenho não rústico, que lião Com prazer o Camões, e com proveito: E se uma, ou outra voz as represava No fio da leitura, perguntarem (Que assim pergunta muita gente boa), E arredado o tropeço, seguir via. Eis que escrevec Camões para Mulhéres; E para Sapateiros escrevêra, Se Sapateiros perguntar quizéssem.

Esmerar-se em fallar linguagem pura Limpa de francezismos, tem sen custo: Encostar-se ao Latim, estrada nóbre Do polido fallar com senso e gala Péde estudo e saber, e péde escôlha, Que não cabe no instincto de macacos Enviscados de ignara ensôssa móda. Por se forrar a estudos, os táes mônos Besúntão de Francez fallas, e livros, E censurão a êsmo a mim, e aos outros, Que não sabêmos francezear, como elles.

Cuidão esses patáos, que se eu quizésse Como elles escrever afrancezado, Me faltarião pósses? Eu que vivo Ha vinte annos e máis, entre Francezes; Fallando muito raro, e ouvindo menos Portuguez puro, falto de bons livros, Que a castigada phrase me renóvem Que me acudão com têrmos esquécidos; Como um póbre soldado, sem soccôrro Sem vitualhas, em sîtio prolongado; Não tendo um Diccionario, onde consulte O sentido, ou pureza do que escrevo!— Mas absit, que en jámais renégue a lingua

Do meu Camões, de Corydon, de Elpino,
Para fallar tarêlo gallicismo.
Fallo e escrevo, limálhas desluzidas
De ouro cavado (ha muito!) em bons Autores,
Thesouros de linguagem Portugueza,
Bem descontente de que os mal-imito.
Sou qual Mineiro, que poupado e vélho,
Em seus cansados aunos cóme e gasta
Os réstos d'essas minas, que cavára
Nos sertões do Brasil, e vê com pena
Ir-lhe minguando o amúo dos cartuxos,
E faltar-lhe outras minas, outras forças,
Outra idade, para ir cavar máis ouro.

Em fim, Amigo, inda eu máis largo fôra: Em tão largo sujeito, se não crêra Enojar-te co'as mui sobejas próvas, Que do bico da penna vem sahindo, Vem correndo em tropél, sem maior custo, Que o custo de enfiá-las na carreira; Bem lhe eu poupára ao meu amado Amigo O enfado de me lêr, e a mim o enfado De escrever tão miúdos argumentos: Mas vai tão mal o século perverso, Despido de bom senso, e sãa leitura, Que a lagarta, e pulgão prende nas fôlhas Prende nos fructos, em que ardidos mórdem: E o mîsero Poéta, que trabalha Por dar úteis, por dar prazer sem vicio De bastarda dicção, culpado assumpto, Cólhe por galardão de seus suóres Risos de néscios, mófas de Tarêlos.

MADRIGAL.

N'uma noite de hynvérno fria e escura,
Deitárão-se a dormir ambos n'um leito,
O Amor com a Amizade:
E Mômo, que não pérde travessura,
Trocou-lhes com bom geito,
Os fachos de diversa qualidade,
Mas na fórma e na luz mui parecidos.
Quando pela manhãa, ambos erguidos,
Fôrão provar nas almas dos humanos,
Este a luz pura, aquêlle a chamma ardente;
Foi da intenção o effeito differente.
Nize no peito lógo
Sentio suáve chamma de Amizade;
E Filinto do Amor a iniquidade,

No atraicoado fogo.

AVISO OA LEITOR.

1

A LÉRTA, álérta, Amigos; ôlho vîvo. Corrâmos a apprender melhor linguage; Dêmos côres da móda, e sécio traje Ao albornoz do Portuguez nativo.

2,

No Francez se acha tudo: até a lingua. Haja vista ao Telêmaco capado; Que tendo o Blutéau bem folheado Só deparou com aspereza, e mîngua (1).

3.

De nóbres, de espanéficos Doutores, Que dizem massacrar, rango, conduta, Affróso, afféres (2) venha devoluta A cópia, a ornar os Vates, e Oradores.

4.

Ponhâmos Barros, Souza, e o bom Ferreira No cadoz de sédîças Livrarîas, Que enraivem lá das guápas bizarrias, Do fallar culto d'um cabal Faceira (3).

5.

Este se a ésmo leo livro Francez,

⁽¹⁾ Assim m'o affirmou mui de véras o Traductor.

⁽²⁾ Esquéceo-me pôr egidio, palavra mui significativa, e mui comesinha para cérto Emb... que traduzia: « Sous l'égide de la Loi » Debaixo do Egidio da Lei.

⁽³⁾ A definição de Faceira, Turinas etc. etc. Vem no Anatémico jocoso.

Tem de verter lições de língua Lusa : E nós de ir á tal fonte encher a infusa , Pexóttes , que só lêmos Portuguez. (1)

(1) Para honra nossa ainda vivem Camões, Barros e os Clássicos Lusitanos; e para vergonha dos fedelhos affrancezados, ainda os lêm, e os imitão os Elpinos, Alfênos e outros amadores da boa phrase Lusa. E eu que ha vinte e cinco annos que vivo em França os leria tambem se os possuira. Forcejo com tudo a evitar nisso que escrêvo, o Pedantismo e charlataneria d'esses Senhores, que besuntando-se de Francez, antes de apprenderem a sua lingua, enxovalhão quanto fallão, e quanto escrevem com lambuçadas bordalengas. Vejão esses que assim se desestimão, desestimando a sua lingua, o que de si, e da sua lingua natural escrevia um homem, por ter vivido quatro annos (e não 25 como en) fóra da Pátria.

En terminant cet ouvrage, je ne puis me défendre d'exprimer un sentiment qui me presse, un vœn qui sera celui de tous les hommes qui out conservé l'amour de la littérature française. De grands modèles existent; mais par quelle fatalité paraissent-ils relégués dans l'oubli? Ne pouvant les suivre, je me plais à les admirer, et j'ai eru lenr rendre le seul hommage dont je fusse capable, en n'employant que le langage qu'ils nous ont enseigné, en écrivant un voyage en Grèce, sans aucune expression grecque, et avec le soin d'en écarter cette foule de mots nouveaux, que l'incapacité enfanta, comme le charlatanisme pédantesque voulut faire de la langue des Racine, des Voltaire, des Fénélon, des Bossuet et des Buffon, une langue barbare, hérissée de mots étrangers, travestis en français. En prenant la plume pour cette relation.... où peut-on mieux placer une invocation au bon goût qu'a la suite d'un voyage dans des contrées qui en furent si longtems le théâtre ! Héritiers, privilégiés de ce que la Grèce ancienne nous montra de graces et de talens, Laharpe, Delille, Saint-Lambert, Boufflers, Lacépède, Bernardin de Saint-Pierre, Ségur, etc., vous tous qui avez conservé cette pureté de style, ce coloris dans les images, cette justesse dans les expressions, cette urbanité vraiment attique qui out

SONETO.

A trilingue serpente silva, e rója
Pela esmaltada encósta rastolhando,
Em tôrno agudos ólhos derramando,
O cóllo azul e vêrde ao ar arrója.

A A'guia altaneira, a quem tal vista anója;
Désce a afferrar-lhe a garra, e remontando,
As rôscas com que a cinge espedaçando
Vencedòra, de alentos a despója.

Serpeava assim meu lédo Pensamento
Pelos florentes prados da Esperança
Trajado de loução contentamento:

Quando Marcia gentil c'uma esquivança,
Com que pune qualquer ousado intento,
Despedaçou a minha confiança.

fait la gloire de notre littérature; usez de votre droit d'hérédité, et repoussez les efforts sacrilèges du mauvais goût, qui a tenté, et malheureusement avec trop de succès, de s'emparer de votre honorable domaine: qu'il en disparaisse à jamais avec ses burlesques innovations; et notre patrie sera bientôt ce qu'elle fut naguères, le séjour de la prospérité publique et le brillant apanage des beaux arts.

Voyage en Grèce et en Turquie, par Sonnini. T. 2. chap. dernier.

ODE.

Ultra Sauromatas fugere hine libet, et glacialem Oceanum. Juvenal. Satyr. 2.

Sous un climat moins aquatique
Je veux respirer désormais;
Adieu, Messieurs les flegmatiques,
Bonjour, bonsoir pour jamais.

Que triste fésta, Aguiar, que hôje nos fâzes,
No dia dos teus annos!

Longe de tua Chlóris, entre arrufos
De fucinhudo acinte,

Dá-te vólta o juizo, atassalhado
Da reforma imminente,
E do dente roaz, ancia curiosa
De adivinhar despachos.

O bom Monge que sonha noite e dia
Pintadas Indianas,

Tem máis longo o nariz, máis côva a face,
Tem máis grisalha a grênha.

Alfândegas, Malsins, como uns duendes,
O sp'rito lhe mantêão. (1)

⁽¹⁾ A maneira de mantear se acha descripta, e quasi sempre estampada na veridica historia de ingenhoso D. Quixote de la Mancha

E a Chocolat c'o vulto abrazeado

Lhe acena co' Espadilha. (1)

Delmira (coitadinha!) faz resenha De quanta enfermidade

Escurece os canhenhos de Galeno,

E encara, uma apóz uma,

Qual llie vem máis quadrada nos symptômas, Não tidos, mas scismados;

Faz trombas, se a acudir-lhe ás vãas doenças, Prompto se não desunha

Filinto. — Este ólhos longos, saudósos, Em Paris encravados,

Não vê, não ouve, não attenta a nada, (2) Que a partida não seja

Fóra d'estes paúes, appetecida, Cubicada, anhelada.—

Tudo lhe enfada, tudo o desconfórta; Só quer França, e máis França. (3)

Com táes caras de enôjo, e de fastio Esperas de alegrar-te?

Guarda esta fésta, guarda o espalhafato

⁽¹⁾ Já adverti que os Poétas alludem algumas vêzes a succéssos que nem a todos compete saber. Non omnia possumus omnes. Os que tiverem intelligencia da significação de certas cartas do baralho, talvez que rastrêem c'o sentido do Poéta.

Nota do Editor.

⁽²⁾ Sed quia mente minus validus, quam corpore toto Nil audire velim, nil discere, quod levet ægrum. HORAT. Epist. S. Lib. 1.

⁽³⁾ Illic omne malum vino cantuque levato

Deformis ægrimoniæ, dulcibus alloquiis.

Id. Epod. 4.

De pratas, porcelanas,
De luzes, massapões, caffés, Licôres,
Para as terras alégres,
Onde brincão bonécos divertidos,
E não cerváes Casmurros.

EPIGRAMMA.

Fabio, ao cahir da noite humida e fria, Do chupado carão déspe a alegria;
Não, porque chore o sól, do dia enfeite;
Mas porque accende luz, que gasta azeite.

SONETO.

Se um gésto meigo, se um olhar gracioso,
Que honte' observei, oh Délia, em teu semblante,
Não são os véos d'um ânimo inconstante,
Nenhum mortal me vence por ditoso.
Oh quanto o Deos Amor me quer mimoso!
Longe da amada Pátria, triste e errante,
Encontrar fé em tão gentil Amante,
Que o meu amor compense fervoroso!
Promêtto a Amor queimar-lhe largo incenso
No casto altar do peito, e a alma rendida

Votar a Délia com prazer intenso: Sim: que a Amor brando, a Délia enternecida So graças dou de seu favor immenso, Se entrego a Amor o peito, e a Délia a vida.

ODE.

Il n'appartient qu'à ceux, que leurs vertus suprêmes Egalent aux Dieux mêmes, De savoir estimer le langage des Dieux. J. B. ROUSSEAU. Od. au Prince Eugène.

Gaudet enim virtus testes sibi jungere Musas

Carmen amat quisquis carmine digna gerit.

CLAUDIAN.

Em perênne chuveiro, dos Céos cáhem, No vasto mundo as Ditas, e Infortunios, Quáes, pelo Outôno déscem bastas fôlhas A tapissar os bósques.

Nos palacios do Samio Policrates
As sobêjas venturas se amontôão;
E os bens que estraga, de enfadado, o ricco,
A's portas lhe recrescem.

Mas vem, umas sôbre outras, porfiadas
As desditas buscar o desditoso,
Que a Fortuna encetou c'o cégo açoute
De sevéros trabalhos.

Assim tréme o rochêdo Acroceráunio
Retalhado do trépido corisco,
Em quanto Memphis des-nevósa (1) encara
Com socêgo, o Céo puro.

Não levantou de mim a mão pesada A féra Sórte, dêsque ás Párcas duras Do justo fio da Patérna vida Fêz infausto presente.

Os dólos, as injúrias desabridas, As iras novercáes mal-merecidas. Nos bens langárão despiedoso estrago, Na fama, injusta nódoa.

E a Calúmnia, que espreita os passos francos, Dos Cultòres da véra Sapiencia, Laços me armon subtîs, para enredar-me Em daradouras penas.

Um Deos só pode, ou delle humana imagem Erguer-me d'este pégo de desgraças; Qual generoso Alcides a Thesêo Tirou do Inferno, ao dia.

Nem a Deos um mortal melhor retrata, Que, quando cheio de divino alento, Arrosta os p'rigos, córta pelos sustos, E salva ambigua vida.

Ou como tu, com braço de ouro abrauge, E encosta ao brando seio o desvalido, Que a tormenta, entre as oudas implacáveis Lauçou sôbre os escólhos.

⁽¹⁾ Memphian carentem Sithonianive. Honar. Lib. 3. Od. 26.

SONETO.

MOTTE.

Dos Céos toda a bellêza peregrina.

GLOSA.

Não me luz, nem me aquéce o Sól dourado, Se não vejo em Delmira a minha Aurora: Ella é na Primavéra a minha Flóra; Nem sem ella me ri viçoso o prado.

Qual Minérva, no trilho mal-pisado Da virtude as passadas me affervóra, Na núvem, Iris os listões me córa, Quando em mar de tormentas sou tomado.

Se Cômo, e Baccho a mesa me adereça, Não é máis linda, que ella, Hébe divina, Bem que a ambrósia immortal a Jóve off'reça.

Rende-a, Amor: que terei, quando benina A meus abraços, nóva Cypris dêsça, Dos Céos toda a belleza peregrina.

LUTTA DE HÉRCULES

Com o Río Achelôo.

Ovid. Metam. 9.

Da môcha fronte a causa lhe pergunta O Heróe Néptúneo, e a causa dos gemidos; E assim responde o Calidonio Rio, Que a cóma hirsuta cinge de canniços:

- « Triste emprêgo me pédes. Que vencido
- » Ama dar relação de seus combates?
- » Por inteiro os direi; que máis formosa
- » Me foi a briga, que a vencida feia.
- » Tão grande Vencedor me affrouxa a mágoa !
 » De Dejanira o nome a teus ouvidos
- » Devîa de chegar ; Virgem mui bella ,
- » Foi de muitos galans ancia e cubiça.
- » Mal do buscado Sôgro em casa, co' elles
- » Entro:-Por Genro teu me acceita (disse)
- » Oh filho de Partháon. Diz-lhe Alcides
- » Igual phrase. A nós dous os máis cedêrão.
- » Conta este, que por Sôgro dava á Noiva
- » A Jóve, e os decantados seus trabalhos,
- » E da Madrasta as bem cumpridas ordens.
- Des-doura-se em ceder a um home' um Numen.

(Lhe tornei) — (Que inda Alcides Deos não era..)

- » Em mim ves o Senhor das férteis aguas,
- » Que serpêão, descendo, em teus Estados:
- » Nem Genro hóspede sou, de estranhos vindo,
- » Mas teu Patricio, e de teus bens com-parte;
- (1) » Se não me obsta o não ser da régia Juno
- « Abhorrido, e faltar-me o complemento
- » Das bem lidiadas ordens. Se me jactas
- » Que a Alcmêna tens por Mãe, por Páe a Jóve,
- » Ou falso é o Pác, ou vem-te o Pác d'um crime :
- » Sem adúltera Mãe tal Páe te frustras.
- » Ou Júpiter, (escólhe) é Páe fingido,
- Ou foi des-honra tua o nascimento.
- » Já ha muito, que me olhava carregado
- » Fallar-lhe assim ; já mal-forçoso as iras
- » Accèsas sogigava... Eis me responde :
- » Eu máis hábil que a lingua tenho a dextra:
- » Com quanto na pelêja te conquiste,
- » Vence-me embóra em fallas. » « Feroz trava
- » O combate. Corri-me de ceder-lhe,
- » Eu, que inda ha pouco féros arrojava.
- » Dos hombros lanço ao longe o vêrde manto,
- » Os braços sólto, e arcadas na postura
- » Abro ante o peito as mãos, á lutta os membros.
- » C'o pó, que apanha nas cavadas palmas,
- » Me sparge, e a seu turno se enlourece
- » Co' a ruiva areia, que por si derrama.

⁽¹⁾ Ironia, Senhor Leitor. Sei que ha muitos e mui espevitados Leitores; mas tambem já acertei com alguns que faziao nôjo, transtornando todo o sentido e formosura do que lião. Póbres, misérrimos Autores, em que mãos cahiz ás vêzes?

- » Eis me abrange a cerviz, eis as micantes
- » Côxas; ou de abrangê-las faz designio;
- » Daqui, dalli me investe; mas em balde
- » Me busca, que o meu pêso me defende,
- » Não menos, o rochêdo, que accométtem,
- » Com grão murmurio as vagas, e elle firme
- » No proprio pêso seu immóvel jaz.
- » Retrahidos, tornâmos á refréga,
- » Já no desplante, e em não ceder seguros:
- » Pé contra pé, já lhe entro todo o peito, (1)
- » E meus dêdos c'os seus entresachando,
- » Fronte a fronte, co' a minha empuxo a sua. » Táes concorrer já vi torósos (2 Touros,
- » Quando é anciado prémio da pelêja
- » Da devêza a novilha máis egregia;
- » Duvidão sobre qual cáia a victoria
- » De tamanho dominio. Sem proveito
- » Tres vêzes rejeitar forceja Alcides
- » Meu peito, que a seu peito sobrestava;
- » Na quarta (o abraço sacudindo) sólta
- » Os revirados braços, e me impelle,
- » (Verdade professei dizer) co' a dextra
- » Me vira súbito, e me encurva as costas
- » Com todo o seu pendor. Cuidei que tinha.
- » (Nem finjo vózes, com que o pêjo encubra)
- » Um monte sôbre mim. De cérto o abono.
- » Mal que os braços entrêcho, que escorrião
- » De sobejo suor, e os annéis firmes

⁽¹⁾ Os que tiverem dúvidas sôbre os têrmos da lutta fação como eu: perguntem a quem melhor o sabe.

⁽¹⁾ Torosus dicitur quod torosum (eminentia musculorum) amplitudine corporis robur præ se fert. « Luxuriatque toris. » diz Virgilio.

- » Dos membros descingi, eis me perségue,
- » (Eu arquejava) e aspirar fôrças me tólhe, .
- » Já me abarca o pescôço, e e'ós joêlhos
- » Batto, por fim, c'o chão, e môrdo a areia.
- » Recôrro á astucia, de inferior no esfôrço.
- » Eis', longa cóbra, delle me deslizo,
- » E arcando o côrpo em retorcidos cóllos,
- » Com féro silvo batto á lingua as farpas.
 - » Das minhas artes ri, e zomba Alcides:
- » Dêsde o berço apprendi a domar cóbras,
- » (Me diz) e quando a muitos drágos médres,
- » Que escasso que és, á vista d'um só vulto
- » Dessa Lernéa Echidna, (1) tão fecunda
- » Nos proprios córtes sens. Das cem cabêças
- » Não córtas uma, que não brótem duas,
- » Que hérdem máis fórtes na cerviz morada;
- » Cóbras traz cóbras no ramoso cóllo.
- » Medrando para mal, dos córtes pulão.
- » E eu domei-a, e domada a impuz da vida.
- » Em que te fias, quando alheias armas
- » Em falsa sérpe disfarçado móves. » (2)
- » Disse: e á cerviz tal nó c'os dedos me arma,
- » Que não me anciára máis tenaz ferrênha,
- » As fauces, que das mãos remir debato.
- » Vi-me vencido; e só de bravo Touro

⁽¹⁾ Lernéa Echidna. Vejão as Metamorphoses de Ovid. Variorum, ou o Diccionario de Sabbathier.

⁽²⁾ Parece inverisimil que Hércules açododo no combate de Acheloo, que com suas forças e suas manhas lhe dava bem em que entender, se désse tão pachorrentas conversas. Mas foi imitação de Homéro, que nos máis renhidos duellos entretem de seus Heróes com máis prolixas parlendas.

- » Me resta a fórma, e val: nella mudando
- » Os membros, re-pelejo. Pela esquêrda
- » Me apérta o bôjo c'os nervudos braços,
- » E segurando a prêza, a instiga, e ségue.
- » Té que me humilha os córnos, e m'os crava
- » No duro chão, baqueado eu na alta areia.
- » Nem se deo por cabal: co' a féra dextra
- » Québra o côrno que empunha, e m'o des-tronca
- » Da môcha fronte. As Náias o sagrárão
- » De fructos cheio, e de cheirosas flôres,
- » E no meu côrno a boa cópia é ricca.

ODE.

Benigna vena est, pauperemque dives
Me petit.

HORAT. Lib. 3, Od. 17.

Ao banquête dos Deoses convidados Fôreis, Amigos, se do Céo bem-quisto

⁽¹⁾ Repararão alguns pechosos críticos que tão repisadamente ponho côrno nesta traducção: ao que respondo 1º. Que assim vinha no Original, e que eu não tenho a receita de tirar córnos d'onde os ha. 2º. Que para variar não achei outros synónimos além de Xifre ou Xavelho. Venha o Démo á escolha. Tambem achei ponta, mas é equivoco.

Na arca rodassem fúlgidas medalhas , A sabor da Vontade.

Em dourada baixella, em porcelana Virião preciosas iguarias Aguçar desdenhosos appetites C'o regalado cheiro.

Altos Lacáios com librés custosas Em polidos crystáes derramarião Carissimo Tokái, fino Constancia Em borbulhosas ondas.

Mas quem almorça aquî, depõe á pórta Arrôtos de bazófias opulentas, C'um prato de Amizade, e uma fé pura Singélo se contenta.

SONETO

AOS ANNOS

Da Ex. ma S. ra D. A. Ap.

Hôje Amor, nos palacios deleitosos

De Idalia, onde dá leis a todo o Mundo,

Com gésto airoso, com dizer jucundo,

Declarou aos Cupidos respeitosos:

» Neste dia dos annos máis viçosos
 » D'aquella em quem meu forte imperio fundo ,

- » Ordeno que os Mortáes culto profundo
- » Lhe rendão, em rendê-lo venturoses.
- » Ide, Vassallos, derramar no peito
 - » Humano um alvorôco desusado
 - » De, a tal bondade, se sentir sujeito.
- » Venha o Universo, e admire tanto agrado,
 - » Que eu so me dou do mundo satisfeito,
 - » Se, a seus pés, hôje o vejo ajoelhado.

BILHETE.

N'um quarto de papél (não todo limpo) Que entallado no espelho achei acaso, Nesta êrma salla, em que fallece tudo, Quando viúva chóra ausentes Amos, Escrevi estas regras de queixumes Contra a rija investida porfiada, Que embruscando-me a mente, que esguardava As estoccadas da matreira lingua, Deixou entrada falsa ao surrateiro Borgónha tavernal, que cala a furto, C'o ruido da pérfida algazarra, A deitar fôgo ao Templo da barriga. Ah! manhosa investida! Tu, Troiano Cavallo, fôste, prenhe de maranhas, Que déste ás modorradas sentinéllas Soporîsera morte; com tens sachos Erguêste incendio de velóz lavoura,

Que ateou pelas veias espantadas
Precipitado ardor em todo o corpo.
Tu mandavas, Sinon astucioso,
Ao da Razão alcáçar refulgente
Frequentes glóbos de aleivoso fumo,
Que traçava ennublar seu raio activo.
E!la o rompeo; mas foi lidado o esfôrço;
E não sahio sem custo co' a victoria.
O calor lavra longo nas entranhas,
Nas rôxas cinzas, que a agua mal-extingue;
E á noite o avivão, com mordazes beijos,
Os fétidos famintos persovejos.

ODE.

Non semper idem floribus honos . Vernis.

HORAT. Lib. 2. Od. 11.

Perdes, Andrada, co' a tardia vinda O máis guápo lavor, os máis amenos Dias, que inda teceo a Primavéra Para brio dos Campos.

Quanto receio, triste te arrependas Das malogradas horas, que não tórnão; Dês-que escapão no carro despedido Do flammejante Phébo! Com mão escassa esparge a Natureza Dourados dias de aprazivel face Neste ennublado frígido contôrno, Em que me pôz a sórte.

Flóra o matiz de alegre bordadura (1) Lançou sôbre as vistosas vérdes roupas. Já os fructos avivando o colorido, Co' a madurez vizinha,

A's flores dão ciúme; e deleitando Ao que ama antes sabor, que côr sem succo, Dos amantes de Flóra, e de Pomóna Dispartem a contenda.

Os bósques já recendem c'os morangãos, Convidando a colhê-los mãos golosas. C'um pedaço de pão n'um guardanapo, E na garrafa a pinga,

Na dextra a cuia da alva palangana, E o tempêro do assúcar não-mesquinho; Podêmos merendar, á tripa forra, Morangãos na floresta.

SONETO.

GRAGAS ao Céo, Filinto, conseguiste A tarda, mas risonha Liberdade;

⁽¹⁾ Variis colorum picturis ad certamen usque luxurians. Plini.

Já não arrastrarás, contra vontade Duro grilhão, que (incanto!) aos pés cingiste.

Feliz o que aos farpões de Amor resiste! Que lhe conhece o fito da maldade; Máis feliz quem da esquiva crueldade: Québra a cadeia, e cessa de ser triste.

Nize que a sólde ; e ao cêpo rigoroso A'te outro amante máis obediente Máis meigo , máis cortêz , menos queixoso.

Tu, de virente louro cinge a frente,
E triumphante exulta. Amor fastoso,
Já te não conta entre a captiva gente.

RABOLEVA

D O

SONETO.

P_{ICOU-ME} esta insolencia. Meu Capido, Se escravos quéres, dá-lhes menos dura Prisão, dá máis carinho, máis brandura; Seja o ten captiveiro appetecido. Fazes fugir, c'os tens cruéis rigôres, De ten Reino os mais finos amadores. Prenda-me, incanto, o ten amavel érro, Mas com laços de flores, não de férro.

ODE.

Scribis ut oblectem studio lacrymabile tempus,
Ne pereant turpi pectora nostra situ
Difficile est quod amico mones: quia carmina letum
Sunt opus, et pacem mentis habere volunt.
Nostra per adversas agitur fortuna procellas,
Sorte nec ulla meà tristior esse potest.

Ovid. Trist. Lib. 5.

Quéres, Verdier, que a Ernesto, e que a Marilia Cante enlaçados no hymenéo gostôso: Di-me a voz d'ella, dá-me o prazer sancto Do affortunado Espôso.

Melpómene, entre as Musas, só cutóa Lúgubres cantos, cantos adaptados A' Lyra inculta do affligido Vate, Sem Ti, sem Bens, sem Pátria.

Crès Tu, que em Tomes desterrado Ovidio, Cautou Corinna em jubilo alaúde? Ou que os brincões Amores lhe dictárão Festivo Epithalamio?

Até que a mão da Parca o sp'rito anciado Dos laços lhe soltou do côrpo débil, Prantos tecia em verso mal-limado

A sandósa Musa.

Parîs é o meu Tomes (1), onde chóro Os, que vêr me é vedado, amigos firmes: Lisboa a minha Roma, onde tem prêsas A alma as raîzes térnas.

Mas pois que inda a Fortuna despiedada Gozar me deixa um peito agradecido, Já que hymnos não entôo, faustos vótos Vos tecerei perennes.

MADRIGAL.

Vistes vos, pelo albor da madrugada Vir um Zéphyro brando descozendo De embruscado horisonte o manto horrendo De nuvens com que a Noite era abafada? Pois minha alma assim stava em tréva escura. Eis que de Marcia, ao longe o albor diviso; Eis que o Zéphyro alado, de um sorriso Vem dissipar-me as nuvens de amargura.

Nota do Editor.

⁽¹⁾ Quando escrevia esta Ode, ainda a Filinto lhe sabião os beiços ao mél da Patria; ainda cuidava que o maior dissabor da vida era Parîs, onde não via os seus fiéis e queridos amigos; ainda não sabia que havia uma Hollanda, aonde tinha de beber todo o fél da desconversação e soledade; ainda não suspeitava que havia uma Haya no centro da Europa, onde os homens erão batatas ambulantes e cachimbantes, a quem as palavras custão a sahir da bocca, como os ducados a lhe salir da burra.

SONETO

Aos Annos

Da Snr.^a D. Marianna de Amorim e Souza, e da sua filha a Snr.^a D. Anna Isidora L. de Souza.

- Sôbre os annos da bella Marianna
 Fazem conselho os Deoses na alta Corte;
 Jóve o querer dos Fados, desta sorte
 Expõe á Companhia soberana:
- « Dará prazer á Terra Lusitana,
 - » Cáras delicias do feliz Consórte,
 - » E a Parca encolherá o fatal córte
 - » Enlevada na graça máis que humana. «
- Bá gentil Anna, oh Padre Omnipotente,
 - » (Diz Vénus) que annuncîas de ventura,
 - » Anna, meu doce amor, e gloria ingente? «
- Anna! (diz Jóve) Estrêlla tem segura
 - » Para encantar a humana e ethérea gente;
 - » Basta que iguale a Mãe na formosura. »

· ODE.

Voi c' havete gli scherni sempre Centra l'arco d'amor ch' indarno tira.

PETRARCA. Sonet 24.

Juntando as pontas da ebúrnea lua Tiraste . sem cessar , fléchas a Nize , Amor, em vão téqui. Ella sorrindo, De teus farpões zombava.

Com a alva mão as séttas disparadas As vai do coração des-caminhando, E, cahidas no chão, as quádra em pilha Para trophéo izento.

Ouéres tu não falsar do peito a senda, Amor, que raivas de baldar os tiros? De meus suspiros n'uma spêssa nuvem Os teus farpões envólve.

E porque a seguidão de esquiva Nize Não resista; e antes cále na alma o gólpe, Mólha os tiros nas lógrimas caudáes,

Que de ternura vêrto.

Vinga-me; e vinga-te. Que é grão desdouro Do braço, que humilhou o ingente Alcides ,... Ser vencido da impróvida esquivança D'uma inérme Donzélla.

EPIGRAMMA.

Lia um Autor.... (Não digo bem)—cantava Um canhênho, sem sal de Poësia; E a gente, que os versinhos mal-ouvia, Em cousas mui diversas cogitava. Leo, e cansou.—(Perg.)—«Dos vérsos repetidos » Quács achárão melhóres?—Resp.—» Os não-lidos (1).

SONETO.

MOTTE.

Uma Prelada de virtudes cheia.

GLOSA.

Do Céo se abrio a pórta omnipatente, E vi junta em Conselho a Divindade, Como quando quiz dar na prima idade, A' sua image' o Páe da humana gente.

⁽¹⁾ Muitos d'estes Autores de tróvas, e alguns delles Titulares, me mettèrão pelos ouvidos á queima-roupa, carradas de similhante mercadoria; mas como en, nesse tempo, nenhuma voz

Prerogativas da Divina mente Se revolvião de alta qualidade: Virtude, Religião, saber, Bondade, Régio solar, Prudencia; e Zêlo ardente. O'ra uma, óra outra em gráo se preferia, E no Congresso eterno se pleiteia Qual a tão alto pôsto se devia. Quiz Deos, c'uma mortal encher a ideia: Pôz os ólhos em vós, que em vós só via Uma Prelada de virtudes cheia.

LA CULTA

GALLICI-PARLA. (*)

Culta Gallici-parla é um tempêro A todo o môlho do fallar á moda.

Conduta, afféres, rango em viva róda

Méxe um Peralta com affróso esmêro.

Pois se vai máis a pino a algaravia,

Descarta-lhe um ressórte, uma insomnía:

E fica muito inchado

O Patáo, de outros táes patáos louvado.

tinha em Capîtulo poético, diante d'esses Coryphéos da versejadura, louvava-os com a bôcca, mas no coração pensava como o Epigramma.

(1) La Culta Latini-parla é o titulo d'uma engraçada galantaria, com que D. Francisco de Quevedo zombeteou de varios

ODE.

Sed licet asperiora cadant spolierque relictis Non te deficient nostræ memorare camæuæ.

Tibull. Lib: 4, Panegyr. ad Messal.

Não têmas que a teus rérsos sonorosos

Do Tempo alcance a fouce, nem que o Léthes

Em suas nêgras aguas somnolentas,

Doce Alfêno, os affogue!

Apollo; (crê-me) os perfilhou gostoso, E divisa lhes pôz, que á Idade, á Inveja Respeito influirão: com ella intactos Verão o fim dos séculos.

Quando a Crîtica a vara judiciosa Estender aos Poêmas Lusitanos, Daqui, dalli, sem conto, derrubando, Te guardará no seio;

Por dar-te em mimo ás Musas; dar a Baccho O altiloquo arrojado Dithyrambo. Filinto ingénuo, Mathevon honrado Por Ti serão eternos.

tarêlos, que fôrão depois imitados em Portugal pelos fidalgos da Falperra

FABULA.

Cérro Ministro assaz prudente, e honrado Quiz comprar uma quinta em sitio ameno. Soube-o lógo o ruin tratante Almêno,

Que vem azafamado Inculcar-lhe uma mui rendosa, e linda; Bom jardim, bons repuchos, bellas ruas, Casas com boa vista, junto as suas, Lagar, cocheira, póços, cáça..... Ainda

Almêno continuaya A ladaînha do famôso acêrto;

Quando o outro lhe atalhaya

A falla, mal que têve descoberto Que o tinha por vizinho.

Eu acho-lhe razão: que eu não quizéra Por quanto ha hi no Mundo, ter morada Vizinha de má lingua, alma danada; Nem de quem ser máis que eu se considera.

ODE.

Quis desiderio sit pudor, aut modus Tam cari capiti?

HORAT. Lib. 1 , Od. 24.

SE arrojado, os grilhões não despedaças Da ferrênha Preguiça, charo Amigo, Enfiarás tardias Primavéras, Sem que Paris te veja.

Com ólhos longos os fiéis Amigos Verão o Hynvérno arregaçar a cauda, Que enfadonhos chuveiros largo escórre Sôbre os inchados gômos;

Sem que máis aguçoso te despaches A pôr a cabo as desleáes proméssas, Que lá do azul mirante vio Apollo Já tres vêzes fallidas.

Para quem vólve o Sena as guápas aguas , Se ao deixar de D'Herman o alcáçar nóbre , Buscando o escuro sótão de Filinto , Não vens a travessá-las?

Clio me diz que as Tágides saúdosas Mandárão nóva ás Nymphas cá do Sena ; Que de seus braços se arrancava um Vate Por Hébe esperdiçado ; E que pedião térno accolhimento
Para o mimoso seu, e assumpto digno
Das Citharas de Alfêno, e de Filinto
Por ellas inspiradas.

Outras Hébes aqui de léves plantas, De mattador astuto desalinho, Só da fama rendidas, já te espérão Com sôffrego alvorôço.

E Filinto, que a Pátria, e os dias lédos Vê no destêrro seu, por entre luctos, Não só te espéra, mas estende a vida Só por tornar a vêr-te.

FABULA

DE J. DE LA FONTAINE.

O Doudo que vende sizo.

Não pósso aviso dar-te máis sizudo, Que o de sempre esquivar d'um doudo o alcance: Fugir de gente eivada no miôllo Foi sempre san receita.

Na Côrte ha bôbos: Reis com elles fólgão, E c'os remóques lépidos, que lárgão A velhácos, a tôlos, a ridiculos.

Um doudo, pelas rúas, pelas praças,
Dizia em seu pregão — Quem compra sizo? —

E os sempre-crentes homens acudião A' compra diligentes.

Primeiro, de barato, dava o Doudo Muita carêta, muita monarîa; Mas lógo que ensaccava na algibeira Dinheiro d'algum tôlo,

C'um bofetão, que vinha rebolindo
Lhes dava duas braças de barbante (1)
Aos taes freguêzes, em lugar de sizo.
Uns se agastavão: mas que válem iras?
Ser por ellas de todos máis zombado?
Fôra o rir, como os outros, máis acêrto,
Ou safar-se, sem chuz, nem buz, levando

O bofetão, e o fio.

Quér bem levar de tôlo a surriada Quem sentido esquadrinha figurado No proceder d'um Louco.

D'um doudo as óbras qual razão desciffra ? Quanto vólve n'uns téstos desvairados

A mão do Acaso o vólve.

Mas fio e bofetão davão cortura A certas cachimónias.

Um dos logrados vai-se ter c'um Sábio, Que lógo lhe entornou, sem muito empacho;

O Oráculo seguinte:

- · Hieroglyphicos méros vende o Doudo.
 - » Déve o prudente, duas braças longe.
 - » Se pôr, de quem tem eiva no miôllo,
 - » Se affagos tács não quér recolher delle.
 - » Bom sizo vos vendeo. Não sois logrado. »

⁽¹⁾ Cuidaya eu, quando era rapaz, e tinha já meus laivos de Geographia, que se devia dizer — brabante — pelo muito cânha

SONETO.

Andrea Amor doente, tres-noitado,
E sem poder dormir, magro, amaréllo:
Já dava um fio a Mórte ao crú cutéllo,
Decepador do cóllo mal-fadado.

Hippócrates acóde appressurado,.

Manda cortar-lhe as unhas e o cabello;

Mas foi por pannos quentes em bacello,

Que um Cabrito roco esfomeado.

Vem Hymendo (medicinal visita!)

Dórme Ĉupido (mal que elle entra) uma hora.

Dá-lhe um abraço o Irmão (1) — noite be a lita

Passa o Amor. Mas por cura duradora Lhe ata na tésta Hymen marital lita, Que adormenta a affeição mais veladora.

mo, que para esse fio, nésse paiz se tórce; mas um P. dre méstre me reprehendeo assim: Diz-se — barbante — pelas mui tas barbas que esse fio tem.

⁽¹⁾ Quem é que não sábe que Hymendo é Irmão de Capido? Esses dons Irmãos vierão ao mundo com differente sina. Um anda sempre espérto, fazilando fôgo; o outro bocêga, e lógo dórme.

ODE.

No dia dos meus annos, 23 de Dezembro de 1798.

Ingrata misero vita ducenda, in hoc, .Novis ut usque supetam doloribus.

HORAT. Epod.

V ens hôje, triste Dia, de meus annos, Encapotado n'um gabão de nuvens, E arrastras no coálho de altos gêlos As intanguidas pérnas.

Virás mal-vindo, a não trazer na cólla De Frigi-fûga lênha tres carradas, Ou pelas algibeiras, e entre-forros Sonante Chocalhinho.

Que vens tu cá buscar? Cinco ou seis áchas Ardendo em rubri-loura labaréda? Câmaras bem-forradas? Serpentinas Com transparente cêra?

Vens cá buscar, em mesa acobertada Com toálha de Haarlém, finos manjares? Vinhos de Carcavéllos, Málvasias Em crystács reluzentes?

Como vens euganado! Oh coitadinho!

Acharás no fogão dous tições nêgros,

Que se róção, se beijão, que se abração Na ancia de tomar fôgo.

Se trazes fóme, — comerás com nosco
Estrondosos feijões, com que festejes,
Lá pela noite, os meus sessenta e cinco,
Que encéto entre pobrezas. —

Tal não cuidava a que me deo ao mundo,
Nem o que (a invejas salvas) me abastára:
Tal não cuida o benévolo Araújo;
Que, a cuidá-lo, o emendára,

ODE

A UMA AUSENCIA.

Fazer poderá ausencia que eu não veja Aquella viva imagem, não fará Que da alma onde anda escritta se me aparte.

FERREIRA. Sonet. 15.

I.

Deitado á sombra de frondoso Ulmeiro,
O'lhos fitos na veia vagarosa
De sonóro regato,
Que as margens beija d'esta veiga triste,
Contemplo o como tardos
Da minha amarga ausencia os dias déscem.

I.I.

Mas se ás côres do Oriente alongo a vista
Quando Aurora as pomposas roupas trája,
Lógo á mente me sóbe
O alvorôço, a alegria, com que o Mundo
Adora a minha Marcia,
Se apparece e nos abre nôvo Oriente.

III.

Se acaso alvos jasmins, se castos Lyrios
Entretecidos com vermélhas rósas
Pelos jardins encontro,
Raia-me na alma o rôsto lindo e puro
Da minha ausente Marcia,
Que assim as faces tem, tem níveo o pieto.

IV.

Ao vêr rodar no Céo a argentea Lua, E os claros lumes marchetar a Sphéra, Lembrão-me as mansas noites Bafejadas dos mimos saborosos, Com que me prendou Marcia Na quadra máis feliz da idade minha.

\mathbf{v} .

Se me off'rece, por fim, pincel affouto
Amor, sob'rano do O'rbe, ingénuas Graças
Com meigo nó prendidas,
No peito o coração me indica a pulos
O retrato de Marcia,
Sob'rana de meus térnos pensamentos.
Tom. IV,

ODE

Ao anno 1756 (*).

Temperet à lacrymis?

AENEID, 2.

Lá te vás affundar no Vasto Oceâno
Dos passados Succéssos,
Anno fecundo em mórtes, em desastres!
Oh pércão-se comtigo
No etérno olvido os ultimos vestigios
Dos males, que aos humanos
Affligirão, e penas que ha soffrido
A Virtude opprimida.
Quem dará conto ás lágrimas vertidas
Pela triste Innocencia,
Nessa tua carreira desgraçada?
Quanto sangue (que ainda
Clama vingança) n'uma crua guérra
Não deixou derramado
Tôrpe sède de bárbaras mattanças!

⁽¹⁾ Haverá pessoas a quem esta Ode traduzida agrade; outras que a achem sem sabor. Eu uão serei nem por uns, nem por outros. A minha opinião é que comprem os meus Canhênhos, e fação ácerca delles o juízo que quizerem.

Que scena dolorosa

Se me abre horrivel, e me espanta a vista! Pátria minha! Allemanha!

De sáques, mórtes te accumula a furia

Da tua propria próle!

Fuzilar vêjo para teu destrêço Esse férro homicida,

Que para amparo teu fora forjado.

A ameaçadora frente

Ergue a violenta Fôrça, e traz o Estrago E Payor aos dous lados.

Que tristezas, que luttos nestes Campos, Onde as mésses, e as flôres

São pizadas aos pês por gente alheia? Escapa á voraz chamma

Do Colóno a esperança, e assídua lida, Para cahir ao gume

Da estragadora fouce. Vai fugindo Meio-nû o Serrâno,

Da Choupana, que a arder já-principia, E vai buscar um conto

(Contra impios homicidas que o saltêão) Nos levantados muros

Da Fortaleza, por mesquinho prazo. Que se agastado o ordêna

O Fado; e se esvoaçando sôbre a triste Cidade infortunosa

O Anjo da Mórte traça que trovêje Contra ella o fulminante

Bronze, alluidos os seus merlões sobêrbos · Esmagarão na ruîna

Quantos os vem tomar por seu Amparos Qual rápido contagio

Lavra pelo brincão lanoso gado, Ou qual vérna geáda

Que os tópes crésta das nascentes flores, Fana a sórte da Guérra

N'um gólpe a c'rôa próspera, e destrúe O precioso edificio,

Da Ventura, que um séc'lo de trabalhos Em assentar lidára.

Apenas volta os ólhos o Colóno; Que não vê nem reliquias

Da passada fortuna. Bem disséras

Que ha longo tempo lavra

Na sua herdade a péste arruinadora. Vê sôltos em desordem

Servir de offrenda ao Ìdolo da guérra Da sua indrustria os fructos.

Gemendo, e lastimoso os vê, passando Desconsolada vida,

Té que desesperado, ou famulento O laço lhe desata.

No máis renhido da peleja cáhe A última vergontea

D'um tronco illustre. O destemido Môço Era a ávida esperança

Da sua alta linhagem , — máis da Pátria. Salteado de homicidas

Cahio; e lógo em pântanos de sangue Seus mattadores cáhem

Remordendo raivosos, té que arranção Sua alma atassalhada

De desêjos de mórte; e de vinganças..... Pára, oh Musa; e estas terras

Embebidas em sangue desampara;

D'estes objectos hórridos Arréda a vista, oh Musa; e nunca entôes Os dias das batalhas. Da chólera de Deos; não prostitúas Teus hymnos aos louvores Do Vencedor. Celébrem muito embóra Com métrica ufania E mandem-lhe as proêzas aos Vindouros: Que ainda que os meus Cantos Houvessem de adquirir immortal glória Nunca eu o altar das Musas Profanarei c'o incenso da Lisonia Tributado a Tyrannos. Ouça stúpido o vulgo essa nomeada. Que vai de Pólo a Pólo; Se o pregôa o clarim, o adulão Vates, Que conquistou tal Reino, Derrotou tal exército. - Com que ódio Verão nossos vindouros O orgulho d'esse Heroe embriagado. De Glória, e de Ventura? Callado então das armas o tumulto Tem de o julgar os Sábios, E ao Merito a Verdade põe o cunho; Sem que ás acções esconda D'esta a fraqueza, nem daquélla o vicio. Quem é que ameaça o Mundo Com horrivel estrago? e quem o cóbre De mórtes, de desordens? Que dextra tantas móve armadas hostes?.... Afastêmos, oh Musa

O Phantasma intrincado da Política,

Que os ólhos nos fascina

C'o seu falso ouropél. Paixões vorazes,
Ao lume della accende
O seu facho a Discordia. Altivo Orgulho

E bárbara Philancia,

Livida Invéja, Impulso vingativo, De vossos Cóffres tirão

O direito das gentes os Tyrannos.

Correi, ide esconder-vos

Onde nunca apparêça a face vossa

No conspecto das gentes;

Vós de todos os males d'este Mundo, Sois a fonte, e o flagéllo. (1)

Se a Heróe, com tudo, é força vestir armas, Correr da Glória ao Templo

Sem que turva Ambição illuso o arraste, Que ensanguentados louros:

Deteste; e contra a vóz da Humanidade Não afferrólhe o peito.

Nem a miseros brados cérre o ouvido; Que saiba pôr barreiras

A' cruêza, e consóle os affligidos,

Com benévola dextra;

Nos prósperos successos lhano e humilde,

Que se vença a si proprio,

Quando o cingem os louros da victoria:

Quando com mão terrivel (Que abate o fórte, ampara o desvalido;)

Então direi a brados

« Herós digno de Fama por virtudes;

HORAT. Lib. 3, Od. 6.

⁽¹⁾ Hoc fonte derivata clades, in patriam Populumque fluxit.

» Seu sacro simulachro

» Tem sempre de luzir no Templo etérno. »

Ante Aquelle que abrange

O passado, o presente, e inda o vindouro Com idéia infinita,

Pensamento não la, que se lhe encubra.

Oh Deoses cá do mundo,

Elle scruta o interior de vossos peitos; E querereis vós sempre

Da cholera Celeste ser o açoute?

Da divina Bondade

Sêde antes as imágens, reforçando Da paz pública as bases:

Assinalai somente o poder vosso

Por amplos beneficios;

Deponde-me essas armas carniceiras; Vinde colhêr Iouvores

E nossas bençãos, dando paz ao mundo.

Etu, oli Paz amavel,

Vem bem-aventurar os lassos Póvos, Que te estão implorando,

Que os braços te abrem; que por ti suspirão.

Assaz, e máis que muito

No mundo reina a túrbida Discordia.

Não sôffras que raivosa

Essa infernal, sanguenta Erynnis

. Nos desinanche o socêgo;

Seu poder malfeitor do Mundo arranca.

Seus vînculos sagrados

A' sombra da Oliveira, que tu amas Vão apertar festivos

A cândida Innecencia, c'o Descanso. Quanto respira no O'rbe Tem de alegrar-se co' essa amavel Dita,
Dita que etérna dure.

Nações, contra Nações não máis se vêjão,
Nem Guerreiros furiosos

Medir-se de alto a baixo amcaçando-se:
Nem máis se cubrão plainos

Com seáras de lanças faiscantes;
Nem chame ao morticinio

Bronzeo Clarim; inutil seja o gume
Das lanças. Curvos sejão

Em fouces os alfanjes, e em arados
As lâminas cruentas. (i)

(1) No more shall Nation against Nation rise, Nor ardent warriers meet with hateful eyes, Nor fields with gleaming steel be covered; The brazen trumpets shall kindle rage no more, But useless blades into sithes bend, And the broad falchion in a ploug-share end.

Bem cérto é que muitas vêzes não cito o Autor da Obra que dou traduzida; ou por que lhe não sei o nome, ou por que me descuide de o pôr quando o sabia. Dessa ignorancia, ou d'esse descuido dous inconvenientes nascem: 1º. se a tal obrinha, que para desfastio de enfiadas Odes entremêtto, é má, enganarem-se os Leitores com ella, e darem-na por minha. Pouco se me dá d'esse discrédito; que imprimo tróvas para adubar a panélla, desafrontado das ancias de grangear louros de Poéta. Quando dá por alheio o que é muito meu ainda menos se me dá. Comprem o papelinho, e enganem-se muito à sua vontade Já ha muito disse eu, que os cóbres me ajudão a viver: as ventoinhas da Fama deixo-as aos cóme-em-vão, que por ahi não faltão.

DIALOGO

ENTRE UM AMIGO E UM AUTOR.

AMIGO.

Fez contra ti uma Ode Philaminta...

AUTOR.

Quem lh'o póde impedir ? Tem penna e tinta : Fazer Odes é livre a toda a gente.

AMIGO.

Diz muito mal de ti.

Autor.

Eu lh'o perdôo.

Malhou em férro frio. Se ella mente,

Do ardor com que rimou, bem me condôo.

Se verdade fallou, tempo perdido;

Que os seus vérsos ninguem (que eu saiba) ha lido.

ODE.

Mitte civiles super urbe curas. Horat. Lib. 3, Od. 3.

NÃo sólta o vélho Lavrador curvado, Da mão callosa a rêlha, nem disjunge Os bois agricultores, do penôso, Indefésso trabalho.

De squálido suór enchuga as bagas Na ceifa, se a tremer lançou á terra O pão, rogando ao Céo as bem-medradas, As louras esperanças.

De noite espreita as gottejantes Ursas, O ensîfero Oriôn; dórme assustado Da núvem, que fuzila, da ameaçada Saraiva crepitante.

Mesquinho (1) cóbre os soffredôres membros, Guiza enfastioso as regadias hervas,

⁽¹⁾ D'estes adjectivos adverbiados temos innumeraveis exemplos nos Autores Portuguezes, que imitárão os Latinos; evitando o máis que podião os adverbios em ente tão prosaicos, tão enfadonhos, tão monótonos, que quem tem o ouvido delicado prefére mesquinho cábre a mesquinhamente cóbre etc., no verso sôbre tudo.

• Com fito em amuar ouro, em comprar cargos Ao perdulário Filho,

Que em banquêttes opîparos estraga Prêços de cem seáras, bébe, jóga, N'um dia, as lidas paternáes, os gados, As avîtas herdades.

De Galilei a Espôsa (1) e um Bonzo ignaro Arreméssão (fanáticos!) ao fôgo Mathemáticas, Physicas fadigas, Grangeio de trinta annos,

E noites de Janeiro, desabridas, Passadas ao regêlo, e a vista gasta De velar as derrotas das Estrêllas, C'o achado Telescopio (2).

Em vão se lida: os Annos se dão préssa. Logrêmo-nos do dia de hôje, em quanto A in-nabil onda, tristes não cruzamos, Meu Político Brito.

Como vem aqui a pedir de bôcca o que diz o Quevedo Cuento de Cuentos! — Bien considerable es el entremetimiento desta palabra — mente — que se anda enfadando las clausulas, y passeando-se pelas vozes — eternamente, riccamente, gloriosamente, altamente, sanctamente, y esta porfia sin fin? Ay necedad tan repetida por todos!

⁽¹⁾ Espòsa a dizem alguns Autores, outros Criada; e alguns entre Espòsa, e Criada, Valha a Verdade!

⁽²⁾ Por Torricelli.

EPITAPHIO.

A qui jaz neste mudo moîmento
Um Thesaurisador tão avarento,
Que em só tomar, e em nunca dar sonhava.
Por não gastar, Quarésmas jejuava:
Nem Páschoa, nem Natal tinhão valia,
Nem de Entrudo, contra o jejum, o dia.
Ninguem lhe trincou nunca pão, nem pada,
Do seu?... ninguem provou: que elle era arisco.
Do seu?... não digo bem. Commum petisco
Dava sua mulhér, delle approvada.

ODE.

Hic dies vere mihi faustus atras Eximet curas. — —

HORAT. Lib. 3, Od. 14.

Depõe, oh Musa, o Canto entristecido Com que lastimas, ha tres lustros, pêrdas De Bens, de Amigos, de Renome, e Pátria, Em baldadas Endêchas.

Não dês mór pasto ao deshotado riso Da Invéja e da Calúmnia, recreiadas C'os tiros mui-certeiros , inda fixos No peito da Innocencia :

Manda embóra lembranças dos passados Infortúnios, e o seu sabor amargo; Que vives entre Amigos compassivos, Que dão estima ás Musas.

Comtigo as Musas, de Parîs, viérão
Para encurtar-te os dias enfadosos.
Não vês Apóllo, no alto, que nos conta
Do seu destêrro as mágoas?
Com ellas te alivîa os dissabores.
Elle perdeo o Céo, se tu a Pátria;
Elle guardou os bois, e ouvio as ordens
Do inferior Adméto.

Tu por gados tens livros, lauta mesa
De Embaixador, servida por Lacaios;
E tens, com o ôlho á l'érta, o seu Mórdomo
De idiôma mixti-lingue.

Ha lá nas pipas, nos vidrentos vasos Nectáreo sumo, perfumadas lidas De multî-modo gôsto, louro e tincto Gloreio da garganta.

O'lha em tôrno estes ares povoados De lindas fórmas, engraçados vultos; E os parabens, que os Genios te estão dando Da denodada fuga.

Alégra-te com elles. Zomba — e muito De Calúmnias, de Invéjas, (pôsto em salvo,) De seus tiros, que morrem no caminho, Antes do que a ti chêguem. Em vêz da Lyra, empunha a trasbordante Taça, em que alégre o pachorrento Horacio Cuidados, más lembranças submergia— (1). Affóga dentro as nossas.

Depois saúda o Brito, hôje espraiado; Saúda ao longe o nome de Delmira; E inda máis longe lança um grito, que ouça Araújo o teu brinde.

EPIGRAMMA

A UM AUTOR

Que traduzio Horacio em Portuguez.

Esse Horacio em Latim,
E ess'outro traduzido,
Cada um seja a seu Nume (quanto a mim)
Por divida off'recido:
A Vénus o Latino; e o Lusitano
Off'reção-no a Vulcano.

A Vulcâno, que na Lipárea fórja o mêtia; que feito em braza o batta, battido o lime, limado o pala, pulido o maude a

^{(1) — — — —} Neque

Mordaces aliter diffugiunt sollicitudines.

HORAT. Lib. Od. 13.

CONSOLAÇÃO.

Que no hymen sua Mulhér trapaceava.

« Seu mal, Senhor (o Cónego tornava)

É imaginario mal. Caso é sabido

Que em muitos lavra; mas que a poucos matta:

E home' ha que dahi cóme, aría, e contrata.

ODE

Á PAZ.

Nunc est bibendum, nunc pede libero Pulsanda teilus. — — — Horat. Lib. Od. 3.

Como vens arraiada, e folgazôna, C'o hyssópe de Oliveira, Molhado na agua benta dos suóres, (1) Exorcisar a Guérra!

Alfêno, ou a Corydon, que lhe dem primor, e o lévem a Horacio; e obsérvem se elle o reconhece por seu.

(1) Eheu! quantus equis, quantus adest viris

Vem, branda Paz; mas arregaça as fraldas, Que as não manches de chócas,

Arrastando-as por tanto bruto sangue,

Que espargio a raivosa.

Politica, enroscada em falso manto (1)

E á sombra dos altares; (2)

Pondo escóras co'a crista, e com a cauda A' vacillante Astucia.

Vem dar ás nossas almas régabófe De mansidão festiva.

Haja Dansas, Foguêtes, Comezanas, E Músicas de arromba;

Mas traze-me Dinheiro, para ir vê-las: Que me dórme a algibeira

A somno sôlto, ha um mêz, sem que a despérte O som de Chocalhinho. (2)

Sudor! - -

HORAT. Lib. 1, Od. 15.

O quantum instat navitis sudor tuis!

In. Lib. 5, Ep. 10.

(1) Prudentes sicut serpentes.

Dii... odere vires

Omne nefas animo moventes. —

HORAT. Lib. 3, Od. 15.

(2) Com effeito, a quem não tem dinheiro não lhe fazem fésta as féstas.

ODE

A MADAMA RONCON.

La tua chiara virtute, onde fioriva Honestate e valor, la Fama accoglie.

Guarini , Sonet. 8.

Não títulos pompósos, que a poeira
Dos jazigos confunde
C'os nomes vis de acérbos mal-feitores;
Não cabedáes avaros
De infâmias, de traições fructos iniquos
Entrão com pé seguro
Na barca de Charonte, e lentos trilhão
As esquécidas ondas:
Mas bem penhóra das virtudes o aurco
Ramo ao tenaz Barqueiro.

Alêm dos annos vivirá sobêrbo

Teu nome, affavel Névia,
Entre os egregios nomes, que ralcát

Entre os egregios nomes, que calcárão Os pretextos do Orgulho.

Tu déste às iguaes tuas o traslado Das sociaes Virtudes;

Tu traçaste cin teu meigo passatempo Adoçar as injúrias

De rançoso Biôco, da Etiquêtta, Da fastosa Opulencia.

Tom. IV.

O'lha, como o Céo grato remunéra Tua tenção graciosa! Rodeada de bem-medrados fructos De fortunosa alliança,

Vês o paterno brîo em cada fronte, E o Garbo teu airoso.

Vês thesouros, que esparge com mão pródiga Sôbre o teu fausto Génio

Para ornar teus mágnificos talentos,

Que em póbres pérdem prêço. O ouro é alma, é luz, que alento e brilho

Infunde, e arreia as artes.
Assim puro o rubî scintilla accêso

No ricco engaste de ouro ;
Ou tal realça a cândida assucena
Com as douradas plumas. (1)

SAÛDOSAS LEMBRANÇAS.

NIZE.

A: ! que te vás, Filinto, amante amado,
Deixando-me entre lágrimas, — e o susto
De te esquécer de Nize. — Ai! quanto injusto
É contra o meu amor extrêmo, o Fado!

⁽¹⁾ Chamo plumas o que os Botanicos chamão stames, e pistillos, anthéras etc.

FILINTO.

Não chóres, Nize, n'esta derradeira
Amarga despedida:
Serás lembrada, em quanto eu teuha vida;
Que cá lévo o teu nome na Carteira.

FÁBULA.

O Princepe, E o Rouxino Ly

Um Prîncepe, e seu Aio passeavão N'um bósque, e como é de usó, se enfastiavão; Que é condão da Grandeza. Ouvem um Rouxinol, que alli seu pranto

Em dôce canto,
Pela devêza

Magoado despedia.

O Prîncepe entre as folhas o descobre,
Gaba-lhe a melodia

O garbo nóbre.

Como Prîncepe que é, vem-lhe o desejo De apanhá-lo,

E d'encerrá-lo

Em dourada prisão. — Eis com despêjo Lança a mão, faz ruído, Mas pre-sentido O Rouxinol abala; e sua Altêza Embasbacado Diz agastado:

- « Como, Ave de tal canto e gentileza
- » Vive agréste no matto, e espantadiça,
- Em quanto o meu Palacio digno della
 » Inçado é de pardáes!
- Tomai lição, Senhor; que exemplos táes
- Verêis, quando buscado da Cubiça
- (Que em vos roubar mercês só sônlia e véla)
 - Vos cansem, vos offusquem
- Enxames de ruins, e de ignorantes.
- Ponde ante os ólhos régios, vigilantes:
- Que o Mérito se esconde, e quér que o busquem.

EPITAPHIO

Aos meus Vérsos.

J'ai fait un peu de bien; c'est mon meilleur ouvrage. Volt. Epit. à Hor.

> Abstulit clarum cita mors Achillem. Hor. Lib. 2, Od. 16.

Morreo atraiçoado o fero Achilles, (1) E Alcides, géração de Jóve summo No fôgo Oethêo depôz a egrégia vida,

⁽¹⁾ Acho ridiculo que Achilles, o grande Achilles, o decantado

Caçadora de Lérnas e Nemêos.

O grão Cantor de Thracia que os auritos. Carvalhos desprendia dos outeiros, E em dansa mui airosa os revolvia. C'o reforçado plectro — Que os mysterios. Da sábia, da escondida Antiguidade. Cantou Divino — Que apiedou canóro. O illachrymavel Dite — Em nêgro inférno., (Para máis não voltar) despedaçado. Das Rhódopes Donzéllas cáhe inulto.

Semîramis potențe, Helên a linda.

Da Mórte são despójos invejados:

Não Poder, não Sciencia, ou Formosura
Sabem virar á liza fouce o fio.

Quando estas almas, glória do Universo
Mudas descêrão ás cavérnas do O'rco,
Mil Sombras, que pela enojosa Styge
Virão passar tão saudósos nomes,
Carpindo o gólpe duro as accompanhão
E lágrimas vertendo vão, trombudas.

O grande Homéro, e o dôce Italo Cysne, Presumpção immortal de Grécia e Roma, Dous validos do Pindo nemoroso, Por quem chórão ribeiras do Permésso, Tributos fôrão do avarento gume.

assumpto do divino Homéro, tenha-menos appellidos que um Jão Fernandes. Achilles secco e pêcco! Por que se não ha de chamar Achilles Phtio, Larissêo, Eácida, Hectóreo etc. etc. etc. e toda a récua do Regia Parnassi? Foi desgraça sua não vir nestas éras, e the cozerem um raboléva de Achilles Chrisóstomo, de Faria e Souza, Cordeiro de Vasconcellos de Sá. O Centauro Chiron, que lhe deo todo o ensino, era um asuo em pontos de nomenclatura genealógica.

Da Parca é já vassalla, e nas profundas Aguas do adormecido Esquécimento, D'ha muito tempo jaz sobre o esquêrdo Cotovelo encostada a campanud a Conceituosa, ataroucada rima.

Os versos do Alpoim, do grão Talaya (Tão caros nomes não respeita o Fado!). Serão pasto tambem do roaz Tempo; Já lhes abre a garganta, aguça os dentes E c'os ólhos famintos os devóra.

Eu vi o tôrpe Monstro estar tragando Dourados livros, a grão custo impréssos Na Real Officina Sylviana: (1) E remoendo estampas, e florões Na peconhenta bôcca arreganhada, Judiava trincando nas censuras.

Inda me lembro (Ah! com que mágoa o digo!) Vêr por terra os retraços babujados (Reliquias da dentuça estragadora!) Retraços Genealógios, e Henriqueidos, Tantos lauros fidalgos na poeira.....(2)

⁽¹⁾ Quanto val lidar com gente sábia! Até o Impressor por effluvios regio-academicos, pôz o título da sua officina, em vérso.

⁽²⁾ Dans l'abime immense du tems,
Tombent ces recueils importans
D'historiens, de politiques,
D'interprètes et de critiques,
Qui tous, au mépris du bon sens,
Avec les livres germaniques
Se perdent dans la nuit des ans.
La mort dévore avec furie.
Les grands monumens d'ici bas.
Bennis.

E vos, Versinhos meus, duros e antigos; Cuidáes que escaparêis? Baixai os ólhos: Bebei sem murmurar aguas do Léthes, Se bebêstes já na Haya as do desprêzo— Não era assim no seio de Élia ou Marcia!

SONETO.

A' S. D. V. A. DE S. R.

Quenta-te escrever, fiel Amiga,
Uns vérsos, quaes pedia o meu affecto,
Dignos de tão formoso e raro objecto,
Que izentos corações a amar obriga.
Tómo um livro, o papel pouso, em que diga
De sempre amar-te o firme, e são projecto;
Tres vezes no tinteiro a penna encéto,
Sem que possa engrolar-te uma Cantiga.
Recorro a Apollo: — Apollo fêz-se mouco.
Chamo o Pégaso, as Musas: — Moita. — Apuro
A idéia, empurro-a a versejar um pouco. —
Nada — Que é sêcca a veia, o éstro é escuro. —
Sobre que livro, (1) ou Démo escrevo en louco?

⁽¹⁾ O tal Bezêrra tem feito um argél de Odes compridas; entre ellas uma de 300 Strophes, tão sobeja de palavras, quão fallida de enthusiasmo. Delle contão que, convidados varios amigos para

Se és Odes do Bezêrra, eu te esconjuro!(1)

lha ouvirem recitar, quando muito esfalfado parou em meio, para humedecer a gaita da garganta c'um cópo de agua, áchou-os todos a roncar. Poesía sem ficção tem cara de prósa. Nem tudo o que os Poetas dizem se ha-de crêr, como textos de Evange-lho: basta (e muito) que se lhes dê o crédito, que se dá ás prophecias do Bandarra. Nem é meu intento desluzir as pessoas, que nomeio.

(1) Dizem os Naturalistas (que sábem tudo) que segundo as cousas que se mettem debaixo sahem as cousas, que se mettem por cima; e allégão c'o exemplo do Paipai; que comia como um Lôbo, por que dormira, (quando no bêrço) sobre pélle de Lôbo; trazem á bailha a Phebade, que, por que assentava o pousadeiro nú sobre o buraco da tripode, lhe entravão por baixo vapores, que sahião por cima em Prophecia. Allegão máis (por que são gentes que allegão muito) que os Grêgos, quando querião escrever bons vérsos, escrevião sôbre o pergaminho da Iliada. Tão grande bruxaria tem as cousas debaixo com as cousas de cima! Nunca porêm dissérão (o que por mal de peccados me sur cedeo a mim) que um canhenho de vérsos máos comia o éstro de quem sôbre elles escrevia; como um arneiro chupa o humor do póbre regato que acertou passar-lhe sôbre a códea. Quem tal adivinhára;

Quid quisque vitet, numquam homini satis Cautum est in horas.

Hor. Lib. 2, Od. 3.

Que fado máo, ou que fortuna escura minha me deparon táes alcunhadas Odes, que me sumirão a corrente Poética? Não lhe perdoo, em quanto me layrar a lembrança.

ODE.

Exoriare aliquis nostris ex ossibus. VIRG. Lib. 4.

Quando, á beira do Lima saudoso, O Bernardes suaviloquo entoava, Ao som da campesina Cornamusa, A meiga cantilena,

E que em róda do Vate se apinhavão Os Faunos, os auritos Egipanes, Capri-barbi-corni-pedes-felpudos Moradores das selvas;

E as vêrdes Hamadrías, co' as Napeas, Lá das fontes, o ouvido, e lá dos troncos Apontavão, nos sons embellezadas Do dulcisono métro;

Bem longe foi de imaginar, que um dia, D'aquelles mesmos sons alli vertidos Se ergueria uma Musa de máis pôlpa, Estadista, e Dansante.

De Terpsichore Alumno máis devoto, Que das héras mimosas de Polymnia, Dará bailes no Pindo, em lugar de Odes De Pindaro, e de Horacio. Horacio trasmudado em traje Luso, (1)
Estranhará seus vérsos engoiados,
Sua atrevida phrase, hôje tão chôcha,
Em lingua d'etiquetta.

EPIGRAMMA.

S_{1M}: seu marido (um Médico dizia)
Tem asthma, tem doença prolongada.
Tem muito que soffrer. » — Póbre coitado!
(Lhe responde a Mulhér) Mas bem podia,
Senhor Doutor, curá-lo de maneira,
Que o despene depressa, e no Céo pôsto,
Eu de o vêr padecer fórre o desgôsto,
E elle de assim viver fórre a canseira.

⁽¹⁾ Certa traducção.

ODE.

Hic posuisse gaudet.
HORAT. Lib. 1, Od. 34.

Nem sempre é cégo o Numen da Fortuna Nem do seu Templo d'Antio espalha a ésmo A bons, a ruins, a Sábios, a Ignorantes As ditas, e as desditas.

Já a tres (1) ou quatro, que eu distingo, os premios Outorgou do Saber, e da Virtude. Hôje exaltados luzem como estrêllas Na sphéra dos diplômas.

Não te admires , Bezêrra , eu sei que ao lado Da Fortuna assisti o , regeo a dextra Do Nume, que esses dons distribuia , A próvida Sapiencia.

Foi acaso (bem sei) que raras vêzes
Dá a varia Deosa attento ouvido
A conselho de sábios, nem de Numes,
Despótica em seu Reino.

Mas esta vêz as súpplicas podérão
Da Tutelar da Elysia, que ella olhasse
Pela honra, pelo bem do pôvo Luso,
Dando ao Mérito os póstos.

ODE

A D

CURIONE M.

Umbram et secessum viro sapienti convenire.

Oun nos Illecebræ, Curio, tamdin Falsæ pelliciunt, nec benè credulos Pompå ludit inani . Mundi scena volubilis? Quæ dum suspicitur, vixque fugacibus Personis animos occupat, effluit Tortis sulphure flammis, Aut picto similis vitro. Vitæ, quin potius heu! nimium brevis Horas colligimus, dum superest colo Stamen, filaque nondum Fatales resecant Deæ? Quem non turba fluens, sed ratio regit Non vanæ species decipiunt, neque Rerum pessinia judex Vulgi torquet opinio: Non ille aut teneris miles ab unguibus Insanam galeà canitiem premit

TRADUCÇÃO

DA

ODE PRECEDENTE.

DE que vem, Curião, que tão duravel
Nos céva falso engôdo?
E com van pompa crédulos nos lógra

Do Mundo a instavel scena?

Que em quanto encaras nella, e te embelléza Com máscàras fugaces,

Se esváe, qual chispa azul da ondeada flamma; Qual figurado vidro (1).

Porque da vida, ai triste! que é tão curta, Não colhêmos as horas,

Em quanto a estriga enroupa a róca; e a Parca Fatal não corta o fio?

A quem rége a Razão, e nunca a turba,.
Nem fórmas vans illudem,

Nem (péssimo Juiz) o Vulgo o esgarra Com opinião injusta.

Nunca o verás soldado em tenros annos

⁽¹⁾ Corrediças da lanterna mágica.

Aut rursus mare tranat
Indis sospes ab ultimis:
Illum non amor aut discruciat metus,
Non spes anxia; non ille potentibus
Aulas et male tutos
Fasces callidus invidet.

Ergo militiæ transfuga et urbium
Curam impendit agris rusticus utilem,
Jacturamque juventæ
Compensat melioribus

Annis. Tum patriæ, tum sibi providus Sulcis frugiferas ordinat arbores, Et quam nunc serit ævo Quercus proderit altero:

Fixum blanditiis ac puerilibus
Natorum studiis, sedulaque et placens
Castis moribus uxor
Dulci detinet in domo.

Lætus sic reliquos ille agitat dies,
Nec deerit tacito nænia funeri,
Fletu sparsus amico
Urnæ cum dabitur cinis.

A. M. DE CURNIEU.

Insanas cans com élino :

Cingir; nem cortar, salvo, lá das Indias, Re-navegados mares;

Re-navegados mares;

Nem esperança anciosa, amor, nem sustos Terão de atormentá-lo:

Que opulentos sallões, lúbricas honras Sabido não inveja.

Antes, fugindo a exércitos, e a côrtes, Aldeão ara úteis campos;

E alli resarce, em seus melhores annos, Da mocidade as perdas.

Provendo a si, e á pátria, estorce as alas De fructiferos troncos;

E o Carvalho que planta, será de uso A' vindoura progenie.

Na dôce casa o prendem com caricias, Com jógos os filhinhos,

E com castos costumes, com agrados
A cuidadosa spôsa;

Passando lédo os dias, sem que falte No quêdo entêrro a Nénia,

Quando em urna lhe entrar regada a cinza De lágrimas amigas.

FABULA.

Homo doctus in se semper divitias habet.

Phodo.

QUANTO vale o saber! Houve dous Cidadãos n'uma Cidade, (Que por nome não perca) Um delles ricco, e como é já costume, Tão fátuo , quanto ricco : Póbre era o outro, mas ás lettras dado. Que bem diz o Garção, - que não passeia Em dourada berlinda o saber raro. Dizia o ricco ao póbre: « Tens tu, com tanto estudo, láuta mesa? Earretadas? - Mesuras de Senhoras? Quando vás pela pracá, Vem fallar-te o Fidalgo, o Béca, o Cura? Com meu luxo sustento Pintôres guápos, sábios Architectos; Amão-me as Damas, louvão-me os Poétas. Sei tudo, sem estudo. (Toda a gente m'o diz, e eu quasi o creio) Sou gentil-homem , guápo,

^(*) Imitadora, ou prima com irman com outra de la Fontaine.

Tenho mil prendas, tenho mil pilhérias. É para ver como essas Mòças todas Me gábão — que é um pasmo — (e é sem lisonja)

Habito n'um Palacio; . Opulentas alfaias,

Riccas librés, chapéos acairelados Fazem máis fausta a reluzente placa,

Que no peito blazona.

E tu, com todo o teu saber inutil

Mal-enroupado, (1)

(1) Raras vezes me sirvo d'estes versinhos curtos, posto que tenhão muitos apaixonados, e que sejão mui cantadas, por pessoas de affectado sentimento, as aprosadas cantiguinhas de ***. En (não sei se julgo mal) só approvára esta acanhada medida nos vérsos amorosos, imitadores dos Grégos, e outras Nações, que a empregárão com feliz ventura, quando tenhâmos Poétas que desempenhem. De alguns Mancebos Portugnezes me fallão com elogio; mas não tendo lido as suas obras, não posso formar juizo do seu merecimento. Fóra muito benemerito das léttras quem se applicasse a estremar as palavras de melhor euphonía, de máis delicado senso, com as quáes ataviasse uma engraçada ficção, em dôce rythmo, com que não tivéssemos que invejar o Poéta de Teios. Em quanto este phenómeno se não descôbre, direi o que sue vem á memoria, quando ouço:

Cruel Nerina, Nesses teus óllios Amor aos mólhos Tem seu rigor.

Vem-me logo aos pulinhos pelos passadiços do cérébro, Sômos d'Adalho

E não de rabelho; Viémos á villa

Por ver o estrambélho.

e outras cóplas máis em seguimento d'esta, feitas para serem cantadas em certa festividade.

Tom, IV.

Desconhecido,

Encargo da Répública, dás vólta A's ruas todas, só, e jejuando

De affavel cortezia:

Cansado vás cismar (1) na agua-furtada,

Em quanto em eu stou com Damas, com amigos;

Trinco saúdes, festival embórco

Champanhas, Malvasîas. Ser ricco é tudo, (2) ser lettrado é nada, »

Não acabava, quando um terremóto

Derriba as casas — lavra o fôgo, e queima

Móveis, papéis — o pó, a chamma, o fumo —

O ruîdo arrazado (3) das parêdes —

O clarão de alongadas labarédas.

Que em róda lambem Templos, e Palacios -

Os gritos, o tropel, o estrago, a mórte,

Ais, soluços, mortiferos arrancos

Põem em fugida os peitos máis valentes:

Fóge a piedade, fóge o parentesco;

Até o Amor deixava ao desamparo

A suspirada Amante. —

Já os dous Cidadãos, a pôr-se em cóbro, O ricco, e o Póbre fógem. Ambos lévão...

> Lévão o que é só proprio, Que com elles sempre anda,

E em que não tem poder tremor, nem fôgo:

⁽¹⁾ Eu vi nascer esta palavra, e dar-lhe a significação, que hoje tem, quem nunca apprendeo etimologias.

⁽²⁾ Quiconque est riche est tout.

BOILEAU, Satyr.

⁽³⁾ A transposição é atrevida. Se me ficasse espaço competente na pagina, daria competente razão d'esse atrevimente. Occa-ito virá em que me eu veja máis á larga.

Léva ignorancia o Ricco, e o Pobre estudos. — Com seu saber, proficuo em tal desastre, O Pobre acha agasalho, acha respeito; O Ricco, sem riqueza, acha ludibrio.

SONETO

AO SENHOR

Domingos Maximiano Torres.

Que Paris, meu Alfèno! Que passeios!
Que riccos trajes!—Damas roçagantes!
Mesuras de primor! Risos amantes!
Cortêzes, melindrosos galanteios!

Que theátros, de mil bellezas cheios!

Que jardins asseiados, e elegantes!

Que sombras tácitas, que os mui flagrantes

Furtos, cóbrem, de amantes devaneios!

Viva Parîs! Aquî a Lyra ociosa Porei, c'os louros, nos idosos dias Abhorridos do Amor, da Formosura.

E escreva em baixo a Gratidão forçosa : « Aquí Filinto, contra as tyrannias Colheo abrigo, e na soidão doçura. «

ODE.

Haya 23 de Dezembro de 1794, dia dos meus annos.

Tædet alieno vivere more. Reges et dominos habere debet Qui se non habet.

MART.

Já me transborda pela bôcca (1) o tédio (2)

De viver (nunca meu) na Casa de outrem;

E algemando o meu gôsto, seguir séstros

Alheios, e etiquêttas (3).

Vivão em cêpos táes aperreados Os que nunca trilhárão as verédas

- (1) Sic qui paupertatem veritus, potiore metallis Libertate caret, dominum veliet improbus, atque Serviet æternum, quia parvo nesciet uti.
- (2) Tambem o Tédio dá despeito e chólera, quando o sangue lhe ferve, e pela bòcca fuméga.
 - (3) Parver buffonnerie tai cose avante;

 Ma l'adottar le lionine corti,
 E divennero gravi e sacrosante;
 Dne passi più o men lunghi, più o men corti
 Un inchino talor più o men profundo
 Capace é de mandar sossopra il mondo.

L'Abbate Casti, Cant. 3.

De Honra, e de Estima; e sim, as da Listija; Parasitos sem pêjo.

Eu (bem que m'as cortou vêsga Calúmnia) Batto o acanho das azas (1), tenho a mira Sempre fita no aurífero (2) Futuro, Independente, e livre.

Depondo então os trajos constrangidos, Vestirei largas roupas á Vontade, Sem que outros cingidouros as estreitem, Que os liames do Honesto (3).

Grilhões se forja, Déspotas se appresta Quem inerte prostrou o ânimo livre Ante o Ricco, que doura (esperdiçado) A aviltada preguiça.

EPIGRAMMA.

V 10-ме Vénus jurar', contra Delmira,
De não tornar (em quanto eu viva) a vé-la.
Pérfida rindo disse: — АррІаса essa ira;
— Que as juras faz quebrar Cara tão bella.

⁽¹⁾ De enterramento fizemos entérro, de acanhamento faz-se acanho.

⁽²⁾ Se Deos quizer, e as Almas sanctas, quando os meus bens me viérem á mão

⁽³⁾ A verdadeira e genuina significação do honesto vem no primeiro livro dos Officios de Cicero.

CARMEN.

Conscientia bene actæ vitæ multorumque benefactorum recordatio jucundissima est.

SENEC.

Aurea tecta regum et Aureos currus stupidum Vulgus et insolentes, Luminibus retortis, Divitum spectans epulas Invidià macrescit: Talia possidentes Jactat æquales superis Et vocitat Beatos. Sed Timor et Cupido Sordidus subterlatitant, Tabificusque Languor, Aurea tecta vestesque Aureas; curæque graves Improba corda torquent. Integer atque purus Rustico vivit meliùs Sub lare spretor auri Splendidus; ille avaræ Abstinens fraudis, vetitas Legibus odit artes:

TRADUCÇÃO

DA

ODE PRECEDENTE.

Definita-se de invéja o Vulgo stúpido Se com torcidos ólhos Os côches, áscua de ouro, os áureos Paços Dos Reis, ou vio as mesas Insolentes dos riccos. Dá por émulos Dos Divos quem tal lógra, E Bem-aventurados os pregôa; Mas nesses áureos téctos, Mas nesses tissús de ouro anda encoberta A sórdida Cubica; E com o em-magrecido Enôjo, os Sustos; E as împrobas entraphas Lhe atassalhão roazes Des-socêgos: Em quanto inteiro e puro Desprezador de faustos vive splendido Na tôsca chóca, e quêdo Se abstêm de avara astucia, e dá de rôsto A's manhas, que as leis védão Em sobria mesa, aos hóspedes, aos filhos, Dá manjar não-comprado.

Ille dapes inemtas
Liberis menså iu tenui
Hospitibusque præbet;
At sibi parcus uni
Solvit indulgens animum
In miseros paternum.
Lubrica si fruendas
Diva quas olim dederat
Nuper opes ademit;
Non dolet aut gravatur
Naufragis rebus, modicå
Sorte satis locuples.
Quæ benefecit autehac
Mente pertractat tacitus
Et meminisse gaudet.

AD FRANC. MANOEL.

Gallica cum Latinæ

Musa mentitur faciem et
Ora sonosque Musæ,
Jurc timet sibique

Parva diffidens, oculos
Consulit eruditos;
Ne gravis et severus

Censor informem reprobet
Nec satis expolitam:
Tu bonus hanc magistra

Arte concinna, et nítidum
Redde, vel abde cellà.

Parco comsigo só, o ânimo espraia.

Paternal c'os mendigos:

E se a lúbrica Deosa, a que lhe déra,
Riqueza, óra lhe rouba,

Na tenuidade ricco, não lhe pêna
Nem dóe, se os bens naufragão:
Callado recordando os bens que ha feito,
Co' essas lembranças fólga.

SONETO

A' SENHORA D. M. J. R. D.

Mar quéro serenar turvas saudades
Reclamo á idéia o teu gentil semblante,
O níveo collo mórbido — a ondeante
Trança de ouro, prisão das liberdades;
Os ólhos, que avassallão Divindades,
O namorado riso, e o ar fragrante
Da pudibunda bôcca, que em amante
Ardor ateia as ávidas vontades.

Quão feliz quem de perto te enamora (1),
Quem te vé bella, quem te está contino,
Ouvindo arrebatado a vóz que adora!
Só o lembrar-me, que amor tão peregrino
Gozei, e os dons dessa alma encantadora,
Do ser mortal me déspe, e sou divino.

CARTA

AOSNR. J. A. C. D. C.

Em que se falla da O'pera de Paris.

Suppõe! Amigo, que és pastel vivente,
Que estás no fôrno (2), e mil pastéis comtigo,
Por lados, pelas costas, pelo embigo;
Que tanto é o apertão, e o ar tão quente.

(1) Ille mi par esse Deo videtur, Ille, si fas est, superare Divos, Qui sedens identidem te Spectat et audit

Dulce ridentem.

CATULL. Od. ad Lesbiam, cuja ode é traducção d'uma de Sappho, que Boileau traduzio tambem em Francez.

Heureux qui près de toi, etc.

(2) Era em Julho, e fazia uma calma que valia duas calmas, e meia. Abafaya a gente na Casa da Ópera.

Chama-se esta a Platéa: os Camarotes São estuffas, (de esguios e acanhados) São tabolétas de carões pintados, De oucas trunfas, de aérios birimbótes.

Nem lhes céde o Peralta em atavios; Trescala de perfumes. Entufadas (1) Vão até á nuca as faces; traz pejadas Cadeias (2) de soalhas, e assobios.

Lá, de instrumentos rompe a traquinada, A quem a alcunha dérão de Overtura, Cada um quér só brilhar, da Obra não cura: Com que dispara a música em salsada.

No theátro, a gritar, cada um se incita, E por máis que ouças, não comprendes nada (3); Na platéa desfêcha uma assuada A cada Actor, ou Dama, que entra—ou grita.

Dans ce tems l'Eternel entra: « Pourquoi (dit-il, qu'on se désole»! L'on croirait être à l'Opéra, L'on-n'entend pas une parole.

⁽¹⁾ Era móda dous chouriços de cabello, que começando na raiz das faces, se ião reciprocos beijar nas fraldas do toutiço.

⁽²⁾ Outra móda, que annunciava a vinda do Peralta, pelos guizos e perendengues do relógio, como os chocalhos malsinão as bêstas de almocréve.

⁽³⁾ Por mim o digo; que d'uma Ópera inteira (e era Castor e Pollux), apenas pude colher seis ou sette palávras de relanço. Consolei me com tudo, quando Francezes mesmos me affirmárão que se elles não soubessem a tal Ópera de cor, lhes succederia o mesmo que a mim: e trazião para abono uma Cópla (que me fêz rir) tirada d'entre outras, que se fizérão á reforma dos dias sanctos, e diz assim:

É pasmo ouvir Madamas quarentonas (1)
Uivar, com mômos, sólfas turbulentas,
Le Gros (2) berrar, abrir vermelho as ventas,
C'o braço nú, nos ares dar tapônas 3).

Allì Diana, co' a madeixa sô!ta Ao Zéphyro, traçada a sáia fina; Córre traz Gamos, Tigres — desatina Os Cáes, co'a argêntea trompa, em si revôlta.

Mas, apenas entrou nos bastidores, Gamos, Tigres investem co' a Diana (4); Que deposto o carcaz, risonha, e humana Se torna em caça, e a caça em Caçadores.

Vem Júpiter do Céo, c'o raio acceso (A'l'érta o ouvido ao som d'um assobio) (5). Largar o estouro (6); — e mui pausado, e frio Dar phrases sem sabor, razões sem pêso.

^{&#}x27;(r) As que eu ouvi, quando cheguei a Paris tinhão 40 annos bem puxados.

⁽²⁾ Certo músico de braços arregaçados, com cara de magaréfe, que chama os bois para o mattadouro.

⁽³⁾ Cousas, que só quem as vio as poderá crer.

⁽⁴⁾ Para qualquer tramoia, ou mutação de scena, toccão os Mestres um sólo de assobio, como no Bairro alto, rua dos Condes, etc., etc. Ca e lá más fadas ha.

⁽⁵⁾ É tão necessario que hoje nas Operas Francezas se incumbem os Poétas, que trabalhão para esse theátro de metter (e ás vezes bem á que ima roupa) uma trovoadar, pelo grande effeito que ella faz nos spectadores. Vistas, dansas, trovões são os principaes ingredientes do Drama. Os vérsos e a Poësia é o menos importante.

⁽⁶⁾ Lembre-me Deos em bem. — N'uma d'essas Compilações, que alagão Paris, e transbordão pelos Reinos estrangeiros, li al-

Néptúno (quem tal crêra) appolvilhado , Aquî sôltos annéis , allî prendidos , Sáhe dos mares húmidos ; — e os fidos Tritões tîrão o Carro não-molhado.

Não me esqueça, fallando de Neptuno,
Dizer-te, que deixando as barbatanas,
Os Frizões, com servilhas mui maganas
Dansavão passe-piés, melhor que o Nuno (1).

Vi juntos, sem eclypse, o Sól, e a Lua Conversarem á mão desempachados, E, ás escuras o Mundo, os Céos parados, Córre o Tempo, e de regra o O'rhe jejúa.

As almas dos Elysios muito humanas,
Todas corpos de carne, e de appetite,
Dentro, e fóra da scena dão convite
A's paixões máis golosas, máis mundanas.

Simulachros de ingénua singeleza

De mansa condição, de honesta calma,

gumas reflexões parecidas com estas minhas. Acodio logo a minha Reputação pelo seu crédito. «Muda aqui, risca alli, se não quercs incorrer no plagiato.» — Mas a minha pachorrenta Preguiça lhe respondeo mui mansamente; que não merecia o custo tão mesquinha bagatella, nem valia a tomba, tão misera chinella: e que se, tal qual é, tinha algum geito, que lhe importava ao Leitor que fosse minha, ou fosse alheia? Alêm de que não é esta a nuica; muitas outras vão enxertadas na lista, que seria necessario refazêlas, on dá-las por spurias. — Atraz tempos tempos vein. Tempo tevei para tudo, se a vida me não falta, e se o Leitor se não enfada.

⁽¹⁾ Certo Boticario Poéta, Mestre de dansa, Académico, e por fim de estudos, Médico.

Tormentas furiosas erguem na alma, Que ouro amansa, chovido com largueza.

O Palacio de Armida mui-formoso, Todo de papél pardo — n'um instante Mil Ducudes do Inférno flammejante O queimão c'um fogacho strepitoso.

Dormia uma Pastora (sem ter somno), E o seu mui térno esperdiçado amante Pedia a Philoméla que não cante, Que a não acórde com algum tritôno;

Em quanto elle (1), com vóz de trovoada, Os bambolins, e Céos d'aquella scena Faz tremer, quando o canto desempena Da robusta garganta arrepiada.

Não te digo as carrancas, e tregeitos

Que Homens, e Damas fazem, quando cantão:
Chórão crianças, que de as vêr se espantão;
E é forçoso callá-las com confeitos.

Estão longe do mimo, e da doçura

Com que o bom Metastasio, e o Péres brando
Os cantos, e as palavras animando,
Se dérão vida, alêm da sepultura.

Guadagni', Egizzielli (que saudade!)

⁽⁵⁾ Servem de Almas, na Ópera de Castor e Pollux, 200 rapariguinhas, mui galantinhas, enfeitadinhas, vestidinhas de branco (em signal de pureza e castidade) as quáes dansão, passeião, em quanto esta scena dura, e são cousa mui donosa para a vista, e para outros sentidos máis.

⁽¹⁾ O berrador Le Gros.

Com que extasi escutei o sonoroso Canto vosso no Templo (1) majestoso, Que a Amor (2) ergueo Joseph (3), e á Heroicidade.

ODE.

Dii me tuentur, Diis pietas mea
Et Musa cordi est: hinc tibi copia
Manabit ad plenum benigno
Ruris honorum opulenta cornu.
Horat. Lib. 1, Od. 17.

Desleal Pensamento, que, ha tres lustros, Te cévas de terrores, E cóbras móres forças máis temendo; (4) Que óra de amor ás brazas

⁽¹⁾ A Opera Real de Lisboa, antes do terremóto.

⁽²⁾ Todos sabem que as óperas de Metastasio tem igualmente por objecto as virtudes dos Heroes, e as finuras dos amantes.

⁽³⁾ D. Joseph I., Rei de Portugal.

⁽⁴⁾ Esta Ode foi offerecida a certo sujeito, de quem se promettião grandes cousas os seus appaixonados; mas as entradas de Leão estaccárão em paradas de sendeiro. Como pois Autor celebérrimo d'este século (cnjo nome arranha certas orellhas grandes) diga, que é permittido destecer o elogio que se pôz em cabeça des-merecedora, approveito me do conselho, e des-caso a Ode mal-convinda; e ficará d'óra em diante Não-casada, não-viúva, nem freira, em contraposição de certa Comedia Portugueza.

⁽⁵⁾ E più timendo maggior forza acquisti. Las Casas, n'um soneto.

Sópras a cinza, as azas sacodindo;

E a Lealdade ingénua

Picando com as púas de Ciúme ; Baralhas , alvorotas

Da dulcissima Vénus o almo Império.

Já enlutando iniquo

Os seios da alma com pesado agouro, Em mágoas, prantos, sustos

Móllias da vida o malogrado fio.

Dessaffronta-me o peito

Onde o teu fél (maligno!) derramaste:

Désce ao lôbrego Avérno,

A's lagrimosas margens do Acheronte, Onde escuro nasceste,

Onde te faries de ancias, de pavôres.

Lá, de mim longe, estende

Sem somno a noite, sem descanso os dias. —
Que en, cheio de esperanças,

Abundantes por *** franqueadas,

Quéro espancar os prantos

Trajados de amarguras, com que esta alma Ciugio feio cuidado.

Rompo os grilhões : e, de captivo, fôrro, (Já, cansado, e rugindo, os

Arrastei:) — rasgo os lutos, que inda em torno, -O Ingenho en-negrecião:

Abro de par em par as tardas pórtas

A' fugida Alegria. - -

Entrai , branda Amizade , entrai , Prazêres ! O meu leal esp'rito

Alarga os braços, e a accolher-vos córre.

Que gentis sois! que guápos!

Vós sois a alma da vida. Vós, do peito

Limpáes com mão florida

As nódoas macilentas, que deixárão Os Pezares ferrenhos.

Vós dáes máis pura luz ao claro dia : Douráes os tôscos tectos

Das palhóças villãas, e lhes dáes côres Que engeltão desdenhosos

Emprestar aos Palacios arrogantes. Dáes vîvida saúde,

Dáes todo o Bem ao mui-ditoso humano,

Que honráes c'o rôsto vosso. — —

C'o desuso tão-longo acérto apenas (Absôrto!) em conhecer-vos!

Suspirados Ausentes, abraçai-nos: Beijai na branda face

A mimosa Delmira, que inda sente No paladar amargo

O resábio prolixo do Infortunio, Mal-devido ás virtudes.

Ficai com-nôsco, lépida Alegría: Ficai, dôce Amizade;

Debaixo d'este côlmo sôem sempre Vossa vóz, vosso riso.

Que eu farei, que aqui desça a accompanhar-vo. Co'a Lyra o louro Phébo,

Co thyrso folgazão o louro Baccho; E entre as Graças, e os Jócos

De quem nos deo descanso tal', o nome. Discantarão as Musas.

AMIZADE A LA MODA.

FÁBULA.

U FANA a Laranjeira c'os dourados Pômos, que entre a folhagem lustri-vêrde Brilhavão pendurados; Com que ráiva de Invéja, e o prêço pérde Toda a árvore em redór, em si dizia: « Vêdes vós, como vem, mal nasce o dia, Saudar-me risonhos, e cortêzes

Senhores, e Senhoras? (1)
Quantas, e quantas vêzes
Me vem accompanhar, nas frêscas horas,
Que o sól, descendo ao lúcido horisonte,
Debruça pelo monte

Compridas sombras, e suaves cheiros?
Então de meus lonvores ouço, em roda,
A devida harmonia — a tarde toda
Gábão meus fructos, no sabor primeiros. » —

Mal que a despio dos fructos O Hynvérno , com seus sôpros desabridos , Desfez-se a companhía : — os attributos

⁽¹⁾ Nesse sempo ainda as semboras se erguião cedo: mas hoje, ainda ao meio dia estão na cama; almoção á uma hora, jantão ás seis, jogão até ás duas da manhãa; e estão no principio do primeiro somno, quando o sól nasce.

Tão-gabados télli, são esquécidos.

Que amigos, e louvores

De mérito prestante

Vem co'a riqueza. — Vão-se c'os rigôres

Da Fortuna inconstante.

FRAGMENTO.

Quem esperou jámáis, que a linda Castro,
Viva chamma, e delicias do seu Pedro,
De Avós Monarchas,
Do thrôno digna,
Formosa, e pura
Prendada por Minérva, e pelas Graças,
Cahisse em mãos de algôzes,
Innocente, e nos annos piedosos,

Rége um braço fatal inevitavel,

Escondido de nós, nossos succéssos:

Sabêr expérto,

Prudencia cauta,

E aguda vista

Não pódem atalhar-lhe as cégas ordens,

Nem quebrar da cadeia

Um só fuzil, um áro, a que estão prêsas,

Com nó forçoso, as nossas desventuras.

Que em vêz de morte, adorações pedião?

ODE

A' Poësîa.

Sicut Pictura Poesis.

HORAT. de Art.

Quando, assentada no sublime Pindo,
C'os puros ólhos cércas
As maravilhas da alma Natureza,
Oh divina Poësia (1),
Com arraiadas roupas a Eloquencia
Vem sentar-se a teu lado,
E te brinda co'as jóias máis custosas
De seu caudal thesouro.

Rapports des beaux arts et des belles lettres.

⁽¹⁾ La poésie, selon M. Baumgarten, est un discours parfaitement sensible. Par ce mot parfaitement, la poésie se trouve distinguée de l'éloquence, où l'expression n'est pas si sensible que dans la poésie. Le moyen de rendre un discours sensible, consiste à choisir des expressions qui fassent sentir la chose désiguée plus distinctement qu'elles ne font sentir le signe même. Par la l'exposition devient animée, et les objets désignés sont comme immédiatement représentés à nos sens. C'est par cette maxime générale qu'il faut juger du mérite des images poétiques, des métaphores, des descriptions et même des termes poétiques individuels.

A Música te embébe nos ouvidos

O dulcîsono canto,

Méde as vózes, os mélicos te ajusta Altivos devaneios.

Tambem désce do Olympo, em branca nuvem, Urania, que se cóbre

C'o largo manto azul, entretecido De fúlgidas estrêllas:

Com ella vem alados Pensamentos, Trazendo em cóffres de ouro

Profundos cabedáes de împrobo estudo, Aos Céos, á Terra, aos Mares,

Pela aguda, tenaz Philosophia, Com fadiga arrancados.

Que nóvos Campos de risonha mésse Se descóbrem, se enfeitão

Ao lume perspicaz da tua vista! Nóvos Sóes, nóvos Mundos,

Povoados de incógnitos portentos A' conquista se off'recem

Do teu pincél ousado! Agóra juntos Tens todos teus podêres.

Agóra, já te inspira activa chamma; Vás empregando as côres

Nos debuxados rasgos do O'rbe augusto.

Empinadas montanhas,

Que das nuvens, dos astros são columnas; Ou rios caudalosos,

Imagens da perenne Eternidade, De inesgotavel urna,

Ondas, sôbre ondas desatando a fio; Robustos arvorêdos,

Abrigo de animáes, sobêrba cóma

Da encósta vecejante,
De multi-côr l'onina matizada;
Ou já, se aos semideoses
Vóltas a mão, de árduo pincél armada,
Para Tirse abrem francas

Da Fama honrosa as pórtas bipatentes; Allì padrão glorioso

Pões por alvo ao valor caro e proficuo; Allì o primor da arte

Apurando no Heróe de înclyto peito,

Lhe disféres o braço, Com que decépa as pullulantes frentes

Do multi-fórme vîcio. — Sim; agóra, sublime e clara Déa, Que finges no alto quadro

Effigies immortáes, com que as virtudes

Dos Heróes máis prestantes

Salvas do pégo do Acheronte avaro; Agóra te inste afícuto

Desigues de * * * * (1) o peito nóbre Vaso de sãos costumes,

A mão bizarra, o esp'rito penetrante, Gosto reflexo, e puro.

Esta dádiva affavel t'a merece A Lyra ingénua, e grata.

Note do Editor.

⁽¹º Nisto de elogios a Mòças e a Fidalgos ha pouco que fiar nos encarecimentos dos poétas. E com effeito o Fidalgo a quem o Autor dedicára esta ode, antes de bem o conhecer, a merecia tão pouco, que Filinto lhe apagou o nome no título della.

ODE

AO DOUTOR

ANTONIO RIBEIRO SANCHES.

Sunt verba et voces, quibus hunc lenire dolorem Possis et magnam morbi depellere partem.

Hor. Epist. 1.

Quando já transpozémos as balisas Do estio das paixões, e a alma cansada Do vórtice azougado, péde ao sangue Consentido repouso:

Então désce dos Ceos em branca nuvem ·
A Divina Amizade, e traz com-sigo
Os sãos Prazêres, sazonado fructo
Das virtudes amenas.

Feliz, o que no seio já maduro A agasalha prudente; esse enthesoura Riquezas, que não rouba a sorte iniqua, Nem o tempo desfalca.

Contra as lanças da séva Adversidade Triplicado broquél, máis que aço duro, A Amizade lhe oppõe, em que despontão, Ou ao menos resvalão. Mas tu, sancta Amizade, quanto és rara! Quão-poucos dignas de teu almo riso! Nos fundos penetráes da terra se achão Máis présto os diamantes.

Só peitos puros de lizura ornados Ameigas melindrosa. Em tuas aras Feliz já puz agradecido incenso Em dias — máis serenos.

Tambem já pendurei pelas parèdes De teu sagrado templo alégres votos De lembrados amigos, que salvárão A vida de Filinto.

Hôje, que em nêgras nuvens ruin Fado Graniza sobre mim penas, desditas; Hôje que a Ausencia aponta ao peito as fléchas De enfadonha saudade;

No manto da Amizade me recôlho, Com suas brandas mãos os ólhos cubro, Por não vêr desfréchar de irados arcos Des-merecidos gólpes.

Como faz a Donzella pavorosa, Quando o Pólo se accende com relâmpagos, Da Mãe no seio esconde a face, a vista, E, com a vista, o susto.

Tu viste, oh Sanches, cruentar as Parcas As tezouras nos fios dos Amigos; Mas um sacrario ainda te reservas A Lachesis vedado.

Tu com Sócrates pódes, com Aurelio Adoçar as mordazes amarguras, Que os Deoses (quasi digo que invejosos)

Te envião pelo Tempo.

Nada a Molestia, nada as cruas Pêrdas Pódem curvar uma alma, que se arrima Ao pedestal robusto da agradavel Leitura, que varia.

SONETO.

MOTTE.

De Amor affronto a feia tempestade.

GLOS A.

Qual no horror da tormenta o Marinheiro, Do lenho naufragante ao mar se lauça; E nû, co' as ondas vêrdes lutta, e cança, Debruçado no trémulo madeiro:

Se lasso o arrója a terra um sobranceiro Grôsso rôlo do mar, co' a praia avança; Beija o piedoso chão; jura, á bonança, Não máis dar fé, do pélago embusteiro.

Eu já luttei assim de Amor nos mares; Assim prometti já não máis sulcá-los, È assim pendurei táboa (1) á Liberdade.

^{(1) — — —} Me tabula sacer

Eis que hôje sacrifico em teus altares:
Vêjo os negrumes, vou expr'imentá-los;
—De Amor affronto a feia tempestade. —

MADRIGAL.

Pés a esses corações (1) n'essa balança
(Que o meu e o teu figúrão)
Nossa ausencia lhes pôz na côr mudança;
Porque penas as côres desfigúrão:
Ou tanto os demorou em vivo fôgo,
Que de muito abrazados
(Pelos não tirar lógo
Da fórja Amor) são nêgros de queimados;
Ou tambem por querer
Que até na côr se mostrem seus captivos.
Tu pelo pêso pódes conhecer
Qual, no amar, fógos sóffre máis activos.

Votiva paries indicat uvida Suspendisse potenti Vestimenta maris Deo.

Hor. Lib. 1, Od. 5.

(1) Dous corações de azeviche, e umas balanças da mesma qualidade, mandadas da romagem da Nazareth.

EPIGRAMMA.

S e aos homens se mostrasse toda núa, (Diz Platão) a Virtude — encantaria. Em muitos a vi eu bem núa e crúa,. E em vêz de encanto dava zombaría.

ODE.

Illum aget penna metuente solvi Fama superstes.

Hor. Lib. 2, Od. 2.

Que não póde a Virtude, quando inflamma Inclyto peito de prosapia illustre, Qual na aurora do Império valoroso, Já tinha claro nome?

Se léva pela mão o seu Alumno, Aos îngremes rochêdos escarpados, Onde assentou aspérrima o seu Templo · A cortejada Fama:

Lhana, aprazivel lhe figura a estrada, Risonha a encósta do empinado monte, E patentes as pórtas, a seus gólpes, A entrada lhe franquêão.

Já sonóro clarim, com dóbre alento Abála o Templo, o peristylio tréme, E re-sôa do Heróe o appellido Nos estranhados ares.

Com insignias honrosas o decóra , Grato ao Monarcha , dos iguáes invéja , Assombro , emulação dos virtuosos ; Os Póvos dão applausos.

Nomeia, oh Musa, esse homem máis que humano, Tão caro aos Portuguezes, aos estranhos, Tão caro ás lêttras, raro esmalte Das almas bem-nascidas.

Consagra nos teus vérsos sem lisonja O nome de Araújo, põe modêlo Aos que meneião nas difficeis Côrtes O Caducêo sobr'ano.

SONETO.

E MBÓRA venha a Ausencia despiedada Encobrir-te a meus ólhos saudosos. E os mens tristes suspiros amorosos Léve apóz de teu gésto, oh Márcia amada:

Embóra a meu constante amor roubada, Te cînjão tristes Argos odiosos; Rondarão meus affectos extremosos Os umbráes, em que vivas encerrada.

Se és firme á minha fé estremecida, Da Ausencia zombo, e da violenta Morte. Tão fino amor têrmo não tem co'a vida!

Nem com todo o podêr, é dado á Sórte Tirar-te d'onde estás na alína sculpida Por mão d'um Deos, dos Deoses o máis forte.

CAIXA

DE NOVA INVENÇÃO.

Nec minus ipsa meas prodebant somnia curas, Somnia secreti non bene fida mei.

CORNEL. GALL.

Sonnei, que á tarde, n'um calmôso dia, Sentado á pórta do meu póbre alvérgue, Tomando o frêsco á sombra da parreira, Que me faz vêrde alpendre buliçoso, Via chegar um venerando vélho De trajo não-commum, que me saúda, Junto de mim se assenta, e com amena E divertida practica experiente Até fechada a noite me entretêm.

Convido-o c'o agasalho do tugurio,

C'os fructos do vergél componho a mesa, Dou-lhe um leito, despéço-me estranhado Do muito que lhe ouvi raro e profundo. Na manhãa do outro dia me agradece O accolhimento, e me insta que lhe acceite Um parco dom de gratidão sincéra.

Arredado que fôra da pousada, Fui, curioso, vêr o dom que deixa. — Vi uma Caixa de arte primorosa De lavores antigos. - Mal que, abérta Com pouco custo; - ao disparar da vista, Dou c'um retrato... móve-se a pintura, Vai pouco a pouco. . . . (1) Oh pasmo! oh maravilha! Avultando em figura. A Caixa mesma, Em mólle cama de nevada alvura Se convertia, quasi sem que os ólhos Dessem fé da mudança mal-sentida. Tambem se alça, e transfórma a bem-lavrada Cobertura de Caixa, e já disfére Cortiuas, sobrecéo; este em sanéfas, Aquellas em festões, em apanhados, Com franjas, com cordões, com bórlas de ouro, Sostinhão pavelhão gracioso e ricco, Consagrado ao prazer, á formosura, Que, estendida no leito, figurava Ter dado á mórbida attitude as côres Do Albano á Vénus: Eis sorrindo térna.... Aqui ponho balisas; que não cábem No papél os remates do tal sonho.

⁽¹⁾ Salva mihi veterum maneat dum regula morum, Ludat permixtis seria Musa jocis. Ausox.

DESEJO.

D'UM PECCADOR PIRANGA. (1)

....

Ouem me déra ser Rei, ou ser Raînha, Para de todos ser lisonjeado; E, depois de peccar muito folgado De gôstos recheada Ladainha, Ir peregrino a Roma em sége guápa Agarrar meu perdão aos pés do Papa. Ir (digo) a Roma, vélho, Incapaz de peccar, já vélho e rélho: E havido um Paraizo neste mundo,

Ir no Céo agarrar inda um segundo.

⁽¹⁾ Já alguns Censores estranhárão estas ninharias, e outras máis, aconsoantadas, entremettidas com Odes de cutilique; a quem logo respondi com este retruque, por mim ouvido muitas vêzes da bôcca do sen Autor Filinto Elysio: « Quem ha hi, que possa sem distracção, ou sem cansaço de animo lêr 4 Odes a fio, ou já suas, ou estranhas ». En creio que elle de propósito entresachava estas drogas, para dar pasto a differentes paladares. Nem todos se amanhão bem com altisonos disparates. Odes de Horacio, Dithyrambos de Pindaro são Apocalypses para muita gente (não digo de sotaina e béca) mas. . . Leit res ha que achão máis pico n'um Enigma, que em nma Ode. A variedade, Senhores, é o grande segredo do desfastio. Não acharão Poésia n'essas burundangas de Filinto; mas acharão ordinariamente lin-

ODE.

Nec Læstrigonia Bacchus in amphora Languescit mihi.

Hor. Lib. 3, 19.

Ou E dia tão feliz me fôra o de hôje, Se eu podésse contente celebrá-lo No honrado grémio, na festiva mesa De Araújo, e de Brito!(1)

C'um crystal de dourada Malvasîa, Retinnindo arraiado nos dous cópos Dos bizarros amigos, empinára Poéticos alentos.

Vira lógo ante mim Lynces malhados Tirar pujantes, pelo campo abérto, O Carro triumphal, em que nas Indias Conquistador entrára

O magnanimo Baccho, sobraçando Do mosqueado Tigre a hirsuta pélle;

guagem não mestiça; que não é pequena prenda nestas éras de safado Gallicismo.

Nota do Editor.

(1) — — Animæ, quales neque caudidiores

Terra tulit, neque queis me sit devinctior alter.

Hon. Lib. 1, Satyr. 5.

E a risonha Ariadna (1), já depostas Saudades de Thesêo,

Lançando-lhe ao pescoço pampinoso
O torneado braço, com meneio
De amoroso semblante, estar pedindo
Da pérfida Ilha os beijos

Mas, pois desdenha a Malvasîa as casas Dos Poétas — com tavernal surrapa Seus nomes banharei. Por óra aquiétem-se Os Bacchos, as Ariadnas.

(1) Demos satisfação a cértos delambidos, que em tudo o que não é prosa corrente achão hyperbatos, e para elles hyperbatos são erros de grammática. Venha primeiro Quintiliano que no livro 8, cap. 5, diz assim: «Hyperbaton quoque, id est verbi » transgressionem, quam frequenter ratio compositionis et decor » poscit, non immerito inter virtutes habemus. Fit enim frequentissime aspera et dissoluta et hians oratio, si ad necessitatem » ordinis sui verba redigantur, et.ut quæque oritur, ita proximis » alligetur. Differentur igitur quædam ac præsumenda, ut in » structura lapidum impolitiorum, loco quo convenit quidque » ponendum. Necaliud potestsermonem facere numerosum, quam » opportuna ordinis mutatio ».

Venha depois o Abbade Batteux, que nos seus Principes de Littérature, segue o mesmo dictame, dizendo:

Car l'hyperbate, dans toute langue où elle est figure, doit, ce me semble, être le renversement de l'ordre usité dans cette même langue. On ne l'emploie que pour frapper l'attention et réveiller l'esprit par une nouveauté.

SONETO

AOS ANNOS.

DA SRA. D. M. J. R. D.

MOTTE.

Dansa-se muito, canta-se á porfia (1).

GLOSA.

Este Cédro, que á pórta da Cabana Vés erguer a cabêça alta e frondosa, É dedicado a Marcia, a máis airosa, A máis fiél, a máis gentil Serrana.

E os que em latada, allí, de limpa canna Córão, entre os jasmins, botões de rosa, Vassallos são desta árvore ditosa, Que rendem culto á sua Soberana.

Todos os annos, com festões de flores Seus ramos rindo estão neste almo dia; Que vio a luz do Sól os meus Amores.

Nota do Editor.

⁽¹⁾ Estas palavras, que no Concerto, que para festejar os seus annos nesse dia, alguem pronunciou acaso, tomou-as o Autor por motte d'este soneto extemporaneo.

Em seu louvor, nas taças da Alegria Brindo co' estas Serranas, e Pastores, Dansa-se muito, e canta-se á porfia.

ODE.

Tale facis carmen docta testudine, quale Cynthius impositis temperat articulis.

PROPERT. Lib. Eleg. 34.

O que déve entre os homens, entre os Numes
Ter înclyto renôme,
Lógo ao nascer, em seu semblante ingénuo
Apollo lhe bafeja
Divino sôpro de arrojados brios.
Não temas que fraqueie
Aos duros gólpes da Fortuna adversa:
Antes, qual rija palma,
Levanta as ramas, que accurvára o pêso.
Recem-nascido as Musas
C' os Cantos de Virgilio te embalárão,
E junto de teu bêrço
Por Aia te pozérão a Harmonia (1).
A's vizinhas florestas

⁽¹⁾ A Harmonia não a tomavão os antigos Poétas no sentido musical sómente, mas symbolisavão por ella a Philosophia, que introduz na alma a formosa consonancia das virtudes unidas, que reprimem o tumulto das paixões.

Os louros do Parnasso transplantárão

A clara Caballina,

As doutas ondas do vocal Permésso Banhavão tuas veigas.

Até Urania Vénus (1), (cortejando-a Os fiéis Companheiros

Da ditosa immortal Sabedoria)
Assentou lá seu Templo;

Assentou la seu Tempio; E brandos Zéphyros, batendo as azas

Perfumadas de flôres

Tomou por Mensageiros, que a *** Levassem com disvéllo

Os gômos das virtudes, e em-seu peito, Como em jardim viçoso

As plantassem. Táes são as que hoje vêmos Em Ti tão bem medradas.

Quiz que tão pura se desate, e côrra Tua clara facundia

Como passa o ribeiro transparente Sôbre a dourada areia;

E teus vérsos tão meigos, tão suaves, Fossem dignos de Apollo.

Se me igualasse co'a vontade o ingenho, Oh quanto eu te cmulára!

Oh quanto a ter por mim máis cérta a Clio Te louvára em meus vérsos!

Mas melhor Clio tens em teus Poêmas, Melhor Flacco te louva.

⁽¹⁾ Venns Urania não é a Mãe dos desregrados affectos, nascidos para infortunio dos mortáes; é a Mãe da sapiencia, que com suas autorisadas lições faz abrolhar no peito toda a boa disciplina; com o nome de Musa lhe devolvêrão os Poétas o conhe-

LYRAS.

Ar quando a mim désce do Pindo,
Co' a luz, que me allumia,
Métte na idéia o dia
Que as sombras da Ignorancia vai ferindo.
Cupido, quando a mim vem de Cythéra
Métte o Prazer no peito;
Meu coração desfeito
Em liquida affeição, no amar se esméra.
Dos máis Deoses esquéço o Nume esquivo:
Dê Juno aos seus Grandezas,
Dê Pluto aos seus Riquezas;

Que eu com Apollo e Amor ditoso vivo.

SONETO.

Quem visse andar Cupidos estendendo Esmaltada alcatifa pelo prado, Uns dando ao ar perfume delicado, Outros c'rôas nas árvores prendendo:

cimento dos orbes Celestes. Como Vénus Urania teve o seu primeiro templo; e como tal, e como omnipotente Senhora do universo, a invoca Lucrecio, quando diz no livro primeiro:

« Quæ quoniam rerum naturam sola gubernas ».

Este afinando, aquelles apprendendo; Um canta, outro se arréda, e retirado, No chão um joêlho, e o outro levantado Brandos vérsos na areia está screvendo....

Eis do áureo carro nîtida se apeia Entre dansas das Graças e Prazêres.... Quem não dirá que é a bella Cytheréa?

E Nize, que honrar vem Pomona e Ceres, Nize, que o Deos, que os Deoses senhorêa, E Vénus bella ornou de seus podêres. (1)

FALLA

DE PIGNOTTI

A' SOMBRA DE POPE.

O enfado applaca, e nesta altiva emprêza
Dá-me auxilio, e favor. — Ah! se a miúdo
Senti ao som de teus sublimes vérsos
Pelo peito correr tremôr suáve,
Que nos sensiveis ânimos desperta

⁽¹⁾ Post Helenam hæc terris forma sceunda redit.

PROPERT. Lib. 2, Eleg. 3.

A harmonia do Pindo; e se os abálos Que outrora te agitárão, quando as bellas Imagens, que ante os ólhos te surgião, Tanto na alma me entravão, que tremia, Como acórde co'a unisona harmonia, Tréme, e re-soa a não-toccada córda, Ao tremôr da vibrada companheira. -Se o vôo teu seguindo, tiuha a vista No portento do ardôr, com que rompîas Pela névoa dos Fados. — Se maviosos Prantos verti sôbre as amargas nótas Da affligida Eloîsa, quando pugna Contra os sentidos seus alvorotados, Dos Céos, do Mundo rebatida vaga; Qual baixél contrastado do Austro e Nóto, Ao Céo sevéro off'réce incértos votos, E entre o Amante, e entre Deos pende perpléxa. Empresta me em tal ancia, oh Vate egrégio, Alyra tua, que em silencio amigo, Pende, armada de córdas sonorosas.

SONETO.

Qual corrente de lympha crystallina Dos alpestres rochêdos debruçada., Beija a raîz á fáia levantada, Salpica a fölha á rosa purpurina:

Já, rasgando em meandros a Campina; O'ra fóge', óra vólta, óra abraçada C'ó pé do tronco amante, remansada Se demóra ; que Amor assim lho ensina :

Tal désce a minha Marcia aquelle outeiro, Máis cândida, que a spuma da corrente, Vindo a Filinto, seu amor primeiro;

E óra esquiva, óra meiga, me consente, Ou néga um beijo, um furto aventureiro, Reclinada em meus braços brandamente.

ODE.

Huc vina et unguenta et nimium breves Flores amenæ ferre jube rosæ, Dum res et ætas et sororum Fila trium patiuntur atra.

Hor. Lib. 2, Od. 3.

A GÓRA, que curvadas as videiras C'os rôxos cachos stão, c'os cachos louros, Cólhe, oh Mancêbo, ádórna-me esta mesa C'os dons do accêso Baccho.

Colhe as lizas maçãas envergonhadas, Os felpudos marmelos, rôtos figos, A frêsca melancia assucarada, O melão bem-cheiroso.

Em quanto o hirsuto Nauta vêrde-nêgro

Da barca nos não brada, e cuida em pôr-nos.

Nas escuras pousadas, onde nunca Se empina o ruivo néctar:

Enche as taças, corôa-mas de flôres;
Embórca pela mesa (não me enfado)
A cervêja espumante, o vêrde vinho.
Entórnas?.... Bom agouro (1)!

Hôje quero brindar a meu Sacchêtti:
Hôje faz annos que nos foi cedido,
Merecedor de vir nos tempos de ouro,
Nascido nos de férro.

Sacchêtti, o bom Sacchêtti, Juîz recto,
Que o ânimo insubornavel não entorta
A lisonjas, a rogos, a promessas
Quando reparte o bôlo (2).

Nota do Editor.

⁽¹⁾ Dizem as nossas Vélhas que o vinho entornado, é agouro de fêsta, e de alegría; como o é de pêrda e de disgraça o derramado sal na mesa. Estas boas superstições lhes vem de Mouros e Judeos, com muitas que fora longo referir, e máis longo ainda de arrancar. Muita gente que ata cravatta lavada cahe nellas. Tanta comichão lavrou sempre na vontade de saber o que não é dado adivinhar!

⁽²⁾ Era consa muito para edificar, o innocente divertimento de quatro pessoas estudiosas, que sahião a espairecer, e passeaudo repassavão seus estudos, conversando, e instruindo-se, e com proveito. Compravão para a merenda um bolo em S.¹² Martha, e ião comê-lo ao campo. Alli era para vêr a singeleza de seus ânimos contentes, accomodando á circu ustancia dictos, e historietas engraçadas, largando todas as vélas à Eloquencia jovial, para peitarem o Juiz, e terem máis avultado quinhão. Os quatro ingenuos sujeitos erão Sacchetti, Roberto Nunes, Selastião Barroco, e Francisco Manoel.

EPIGRAMMA.

Quando vêjo um Quintilio virtuoso
Tão póbre e desvalido;
Quintilio que perdeo o premio honroso.
Da virtude, a tal custo merecido;—
E que vêjo abundar dobrões a rôdo

Em casa do vil Menas; Chover as honras, e a Lisonja; em módo Que as espáduas lhe accurvão, de pequenas, De formadas de frágil baixo lôdo;

> En com despeito forte Digo entre mim a miúde :

- » Isto é querer a Sórte
- » Dar pérros á virtude. »

SONETO.

Tu não ouviste, Amor, na despedida, Como Delmira ser fiél me jura? Que protéstos! que fé constante e pura Me não prométte aquella fementida!

Tu viste os prantos, viste a côr perdida; Soluçar, desmaiar de ancia e ternura; Segurar, que inda além da sepultura, Leal me guardaria a fé devida.

- Do Céo (dizia) o lume fulminante,
 » A vida, a indigna vida, sem piedade
 » Me consuma, se falto a ser constante.
- Ah! pasma, Amor, da tôrpe deslealdade! Vem. Vê Delmira em braços d'outro Amante. Vem. Apprende esta nova falsidade (1)!

ODE

Em 23 de Dezembro de 1792, dia dos meus annos

È la vita appunto um fiore Da goderne in un sol matino; Sorge vago, ma vicino A quel sorgere è il cader.

METASTAS.

N'esta rápida via, que corrêmos
Com mal-abertos ólhos;
Acertâmos por tino raras vêzes
Co' a constante Ventura,
Que a Natureza a todos deparára:
Mas mil nos transviâmos,
E em vêz da Dita-, dâmos c'o Despenho.
Este de fama ayaro

⁽¹⁾ Hoc unum didicit fœmina semper opus. PROPERT. Lib. 2, Ely. 4.

Arrosta hervadas lanças, e pelouros; Ou, duro, não receia

De Eólo a sanha nas cavadas ondas.

Outro os degráos sanguentos

Piza arrogante, tropeçando impio

No corpo do Visir,

Que désce de rondão decapitado.

Busca thesouro aquelle

No Sérro-frío, entre áridos penhascos Precipitando a vida.

Surdos todos ás vózes da Verdade,

Que nos ouvidos trôa:

« Homens, vós todos sois lanço da Mórte; » E entre vós nenhum sabe

» Se do crástino Sól o raio puro

» Lhe ha-de banhar a vista. »

Gravou-o assim o Fado em bronzeas fôlhas.

A mim fio máis curto

Dobou a Parca, a Ti de ouro comprido; (1)

Mas ambos ignorantes

Do têrmo a que se estende o estâme nosso.

« Apprendei, sérios, dóceis

» A máxima immortal de ser felices;

» E a que no Olympo sacro

» Em perenne alegría entranha os Numes.

» Gozai almos prazêres

» Do dôce néctar, de Cupido meigo.

» Ponderai, que é só vosso

» Este momento, o résto é da Fortuna.

HORAT. Lib. Od. 16.

⁽¹⁾ Et mihi forsan, tibi quod negarit Porriget hora.

- » Os prantos, as tristezas
- » Os sustos do Futuro espavorido
 - » Com duro cadeado
- » Cerrai nas cóvas do profundo Olvido:
 - » Colhei a flor sómente
- » Da colorada veiga dos succéssos.
 - » Sem toccar nas espinhas
- » Da muda Reflexão consumidora.
 - » Bebei suáve alento
- » Da aura cheirosa dos jardins de Idália;
 - » Lavai o Esp'rito inquiéto
- » Nos tanques de Liêo bordi-spumantes :
 - » E quando em altos mares
 - 2 quanto em artes mares
- » Soprar furioso o vento do Infortunio,
 - » Coroai-vos de rósas,
- » Que amansão as procéllas', ou lhe encobrem
 - » Os amaréllos sustos:
- » Erguei aos Numes as Canções prezadas,
 - » Libai com rôxo sumo
- » Néptúno e Eólo; o Zéphyro macio
 - » Infunará as vélas,
- » E entre empinados retinaidos brindes
 - » Entrarêis pela barra.»

SONETO.

Que escura sombra os ólhos te entristece, Do affadigado peito remettida? Vérte-a, meu Bem, n'esta alma á tua unida;— Mingua a dôr, se em dous peitos se padece! Quando a turvada Cheia em fórças crésce,
Do ameaçador estrago intumecida,
Se o Lavrador a córta, repartida
Os ameaços québra, e desfalece.

Não máis me tenhas a alma suffocada; Que é mór a dôr, qual t'a suspeito agóra, Do que ha-de ser, em mim depositada.

Não cresças o pezar a quem te adora.

Assaz lhe dóe, oh Marcia, a sétta hervada,

Que o Ciúme arrojou com mão traidora.

DESCRIPÇÃO.

On Céos, quanto aprazivel sîtio é cste (1)!

E quanto este alto plátano copado

Sólta prazer á vista! Não encanta

Co' as vêrdes fôlhas só, que ao longe estende,

Nem com a majestosa, alçada fronte;

Mas de flôres se véste e de perfume (2).

Quem das lîmpidas aguas se não lógra

Tão frêscas d'esta fonte, e tão ligeiras?

Das offrendas, que as margens lhe povôão,

Côlho, que é sácra ás Nymphas, e a Achelòo.

(2) De perfumadas flores — figura trivial nos Clássicos.

⁽¹⁾ Esta descripção vem no Phedon de Platão, e este Plátano, á sombra do qual Sócrates tão profundamente discorria, é o mesmo de que Cicero faz menção nos Diálogos do Orador, lib. 1.

Sentis, quão meigo Zéphyro recreia
Este ar, que se respira, entrelaçando
Sua frescura ao canto harmonioso?
Mas, tu, máis c'rôas d'este sítio a graça,
Tu, relvoso verdôr; que a Natureza
Lançou airosa pela encósta amena
D'este combro, que plácido convida
A recôsto, e repouso os passageiros.

ODE

Em 23 de Dezembro de 1795, dia dos meus annos.

Sit meæ sedes (utinam!) Senectæ, Sit modus lasso maris et viarum.

HORAT. Lib. 1, Od. 3.

Não quiz o Fado meu inda outorgar-me Um viver a meu módo; um quintalzinho, Uma casa modésta, e pouca renda, Que eu possa chamar minha (1).

Que lá me possa erguer ao meio dia, A' meia noite — a bel prazer — e em róda

(1) Petit bien qui ne doive rien,
Petit jardin, petite table,
Petit minois qui m'aime bien,
Sont pour moi chose délectable.

PANARD.

D'uma mesa frugal vêr dous amigos Co' as suas duas Chlóris.

Então, vasando um cópo... e inda outro cópo A' saúde do bem - dansante Olindo, Brindaremos Delmira, Dulcinéas, Descarregando em Brito.

Lógo a affouta Alegría, desatando Os nós do pundonor, e da etiquêtta (1) Virá dar um bellisco ao bom gracejo, Ao jovial surriso.

E abeborado em gáudio pachorrento, O bom Filinto lançará a Horacio (2) Risonhos ólhos, a pedir-lhe vénia Para entoar uma Ode.

⁽¹⁾ Etiquêtta vem etymologicamente de Hécticos, ou Tisicos. Nada ha máis Héctico, ou Tisico que o trato, e as fallas da Etiquêtta.

⁽²⁾ Sim Senhores, que da Státua de Horacio que stá em Roma tirou Le Moine uma pintura, que en possúo, e a tenho penduradinha ao pé do espelho, para no meu Venusino me rever a toda a hóra; no Horacio (digo) e não no espelho; que de mui tenros annos sube que era feio, e desde então foi o espelho traste inutil para mim.

SONETO

TRADUZIDO.

Fóge a Amor: que seu mimo venenoso
Causa, oh Nize, por fim acérbas dôres (1);
É sérpe occulta entre engraçadas flôres,
Taça de flammas, jôgo cavilloso.

Prazer bréve, que dá pezar moroso, Jardim regado a fio de amargores, Matta escura de atalhos burladores, Que em paradeiro dão precipitoso.

É labyrintho em que a Razão se enleia, Fructo que engana com mortal doçura, Brando jugo, que accurva mal-cuidado.

Campa de infortunosos vivos cheia; Inférno em fim de tanta desventura, Que nem do Olvido o rio lhe foi dado.

⁽¹⁾ Não me lembrei, que allegando as Academias antigas como a dos Occultos, Enfarinhados etc. etc. clama o Zuniga contra os simulcadentes, simulsoanles e lunares. Foi grão descuido. Que remedio agora! Emendar o Soneto! Pêde isso muito tempo, e trabalho. Deixá-lo ir. Algum Zuniga virá depois de mini, que faça a este Soneto, e a outras obras máis o que elle fêz a um Poema feito na India, cujo manuscripto elle estragou inteiramente, descompondo-lhe todas as Outavas, para as limpar da peccante simulsoancia etc. etc. etc.

O TEMPLO

DO.

DESTINO.

LONGE do Pólo, onde as tormentas bramão, E alêm do Sól, alêm do Firmamento, Sôbre o Abysmo tragador dos séculos Se érgue, e sustenta um temeroso Alcáçar Chapeado de triple bronze em tôrno: Quando as pórtas no buidos eixos rugem Rebrama o interior ; e os alicérces Mandão onco rimbombo ás furnas do O'rco. Incenso humedecido em nosso pranto, Întimas préces, votos, mágoas, queixas, Vapôres são que estão subindo sempre Aos cêrcos d'esse inexorado Alcágar, E que em róda, arquejando, se esvaêcem. Surdo á dôr, ao pezar, esse contôrno Véda entrada ao clamor, inda avultado Com ecchos repetidos. Nunca o Nume Ouvio um só: que no ar, que os muros córre Do bronzeo Templo, embação, frios gélão. N'um quadro lhe reluz de aço burnido, Em longo tracto a face do Futuro. . Móve co' a esquêrda firme o instavel eixo Das Estações, co'a dextra desentranha Da Urna que vólve, as sórtes dos succéssos.

Jaz retirado o throno do Destino

Em recôncava abóbada faiscante;

Com raias, com balisas inaccéssas

A todo o împeto e pósses dos humanos.

Grave, immóvel, em si reconcentrada,

Sempre severa, sempre obedecida,

Fatal Necessidade; sôbre os homens

Traz sempre alçado o sanguinoso sceptro,

Com que abre o abysmo, em que se affunde a vida;

Com férreo braço aos Reis a fronte encurva,

E com os pés a Terra submettendo,

Diz ao Tempo: — Executa as minhas ordens, —

OD E.

De cada vez te falta mais cabello. Garção. Sonet. 30.

Cnegou o Borges, que nos trouxe a nóva Da tua lisa-accrescentada Calva, Da calvissima Calva, avêssa (1) imagem Da Occasião que fóge.

Pintou-se-me na mente o Tempo curvo, Mui-ferrênho, em rapar com a ágra foice

⁽i) A Calva de Sur M. Th. de A. e S. é muito avêssa da calva da Occasião. Esta (dizem) os Poétas que a virão, tem

Tua félpa de ouro, que dos annos rîa Na pachorrenta fronte.

Cáhe immatura a presumpçosa mésse:
Daquî, d'alêm, despójo do aço avaro.
Chórão as Nymphas o precóce agouro
Da gasta mocidade:

Qual vês chorar no rúbido Oriente A Môça de Titon luzente aljôfre, Quando ao sahir do leito vê a Calva Do dérrengado Spôso.

Vê gastos dous Estíos (1), dous Outônnos, Com tanta ancia pedidos, e outorgados, Duas vêzes branquissima, on pelada A têza côma de ouro.

Tambem vi do Garção a curta sombra De sonóros epîthetos cercada, C'o seu Delfim, de lôba, psalmeando, Co' a lisa calva ás môscas.

« Dá-me (lhe disse) o teu jocoso esp'rito » Para cantar do Souza o calvo assumpto;

na dianteira da cabêça um monho de cabêllos, de que travão os venturosos, e o resto da cabêça é pelado e liso. A do Sur. Dr. toma-lhe desde a tésta até ao toutiço, e o monho de cabêllos que lhe resta, faz apenas uma engoiada estriga, e serve de mesquinha mécha no côtto do rabicho.

(1) Todos sabem que a Aurora, quando sentio o marido envelhecido e frouxo, foi ter com Jóve, que lh'o remoçasse; e este lh'o concedeo: — com o appenso porêm, que cada vêz que usasse da nova mocidade, usaria dez annos de vida. Settenta annos, com esta alcavalla, de préssa são corridos. Ella formosa como uma Aurora! Quem ha hi com mão tão forte, que tenha as rédeas ao ginêtte?

- » Dá-me uns vérsos facétos, campanudos, —
 » Vérsos de desempenho. »
- » Não tenho máis que dar-te (me responde)
 - » Cansei n'este Delfim a Musa toda.
 - » Busca outro Vate jovial, pelado:
 - » O calvo Anacreonte »

SONETO.

FILINTO, em teu amor mal-respondido,
(Me disse o Desengano) a Nize adóras,
Que noite, e dia empréga as brandas horas
Nos braços d'um rival favorecido.

Já, das pórtas do peito fementido
Te pôz fóra. Não vês, que quando a implóras,
Vólta os ólhos ás lágrimas, que chóras,
Aos teus suspiros cérra o duro ouvido?

E tu—inda amoroso... Não tens pêjo D'ella? dos máis? de ti?... Tão mal tratado Com tão sêcco desdêm. Desdêm sobêjo?

Ah! tórna em ti. Rompe o grilhão malvado. Érgue da falsa Nize o vil desejo. Dá mais fiél emprêgo ao teu cuidado.

CARTA

Saúle a Alfeno o seu Filinto envîa.

Someto, pêcegos, quintilhas, -tudo. Era bom, Meu Doutor; só lhes faltava (Porque nada haja sem senão no Mundo) O serem por máis vêzes repetidos. - Não digo os pêcegos, mas sim os vérses.-Porque os teus são dos únicos que eu leio Com mais gôsto, e com máis doutrina minha. Fique aqui entre nós este segredo; Não o saibão B. * * * e Al. * * * * , Que são capazes de engolir-nos vivos. Sim: gósto de teus vérsos; gósto, e muito. E os teus sonetos tem para comigo Patente de sublimes, desde aquelle Do Ciúme (Soneto incomparavel-!) Que cu sei de cor, que não tem de esquécer-me, Esquécendo-me quanto a minha Musa Me temperou na desleixada Lyra. Ninguem se queixe. É gôsto: e assim o entendo E assim o digo a quantos pósso, e dêvo. Tu tens nos vérsos um pensar tão novo, Tão-bem bebi o nas máis claras fontes, Que lêr-te é lêr o século de Augusto, Ou no Lyrico altivo, ou no jocoso.

E ninguem desempenha tanto á risca O molle atque facetum, como Alfêno. Haja vista ás Quintilhas engraçadas, Cheias de Attico sal, de mil donaires, Tão nóvos, tanto a ponto sazonados. (1) Oxalá, possa eu vê-las todas findas, E a Preguica, e o máo ólho as não fascine! Haja vista ao Soneto primoroso, (Dos pêcegos bizarro camarada) Não o móstro a ninguem, que m'o não gabe. Todos concébem delle a grande idéia, Altivo pensamento, ousada phrase, E ficção bem-sostida, e verosimil. Condições, que requer o vélho Mestre, E o perluxo Boileau seu bom Alumno, Para que os vérsos se oução com deleite, E vivão com bom nome éras, e éras. Não espérão tal fado óbras de Mattos, Bem que a tão desejada imprensa vissem; Bem que a solicita Segunda Parte. Viésse pôr espéques á Primeira. Tem ambas de morrer morte immatura, Sem que chêguem a ter honradas cans. Embóra as Vélhas, e os ruins versitas, Extáticos, babando-se celébrem Sonetos de Saveiro, e Pobre ou ricco, E as Endéchas à sua Lavandeira:-Inda melhor, que explicações do Crédo Saibão de cór cruêzas de Damiana,

^{(1) — —} Seu condis amabile Carmen
Prima feres hæderæ victricis præmia.
HORAT. Lib. 1, Epist. 3.

E suspiros de Albano; embóra inculquem
As outavas da eterna madrugada;
Que as Tendas, com muita ancia, ambas as Rimas,
Já lhe estão esperando para embrulhos.
E já, c'o gancho erguido o Esquécimento,
Ameaça afferrar-l ho no seu nome,
E arrastá-lo ás vorágens, onde jazem
Tantos mil seus iguáes em prósa, ou rima (1):

ODE

 $A' S_{NR_A}$. D. M. J. R D. (2).

Par nè campi del Ciel Rosa nascente, Ch' ogni preggio immortale ha in seno accolto, E sul labbro di mele ha una sorgente: Che qual Palma fiorisce, il cui tel volto Somiglia un sol, ch'è d'ogni macchia escente.

BADINI. Cantica delle Cantiche.

S e as nuvens de ouro rasga apavonadas O sól radiôso, e na agua reverbéra, Imagino vêr Marcia

⁽¹⁾ Descriptas servare vices operumque colores, Cur ego, si nequeo ignoroque, Poeta salutor? Horat. de Art.

⁽²⁾ N'um dia de Primayéra, em que eu com Marcia passeava

Que arredando as cortinas do aureo leito, Se érgue, e anima o crystal c'o astro do rôsto.

2.

Se o rouxinól saudôso esméra o canto, Por dar ao Sól festivas alvoradas, Imagino ouvir Marcia, Da perfumada bôcca disferindo Na Lyra de Amphião Canções de Sappho.

5.

Se as terras matizadas deixa Maio Co' as côres da florida Primavéra, Imagino que Marcia Correo aquelles prados, e co' a vista Deo vida, e deo matiz áquellas flôres.

4.

Se nûs os peitos, junto de uma fonte Cynthia orna a côma com gentîs boninas Lógo imagino Marcia, Nos thesouros, que Flora lhe offercce, Não veudo flôr, que ao vê-la não desmaie.

na quinta da Snr.ª D. F. J. de N. Soares, como eu me desculpasse com a ditta Snr.ª da ponca attenção que déra a várias flòres do seu jardim que ella me encarecco, dizendo que pouco podia reparar nas flòres do seu jardim, quem no rôsto de sua sobrinha Marcia contemplava uma Celeste Primavéra, a ditta Snr.ª me respondeo sorrindo: « Quem não será d'aquelle rôsto amante » ? Resposta que me servio de stimulo para esta Ode; e com ella a fechei em lembrança sua. 5.

Tudo accende de Amor, tudo conquista C' o dôce riso, c' os formósos ólhos A muito linda Marcia; Rendido o Mundo a vê, rendido a adóra. « Quem não será d'aquelle rôsto amante » ?

NOVO BIVIO

PARA NÓVOS HÉRCULES.

Mesquinhos neste Mundo, sem o auxilio D'um lume penetrante, que registre Os refôlhos d' um pérfido matreiro, Jaz vîctima do Engâno o homem próbo. Que em bases da Virtude, e da Franqueza Funda o Deleite são, funda a Ventura. Só dous caminhos se abrem. - O da Astucia, Com que logre os ruins, e os embeleze: Ou do ânimo despido de intêresse. De amor da Sociedade, e seus prazêres, Que viva só, de si, por si contente. Visite os bósques, suba ao sêrio erguido: Amante da singéla Natureza, Converse os animáes, limpos de fraude; Rousseau na solidão affortunado, Despido de dinheiro, e de malicia: Ou Voltaire riccasso, espérto, agudo, Seja neste Universo, e seu bullicio Negaça de Livreiros, e Magnatas,

SONETO

TRADUZIDO.

Quanto em nós possa um gésto peregrino Deo-o a Fábula a vêr, e a Fé Sagrada: Quando Éva tanto a Adão formosa agrada, Que por ella engeitou o dom Divino.

Paris um pômo deo, (pômo maligno!) Que Asia abalou, deixou Tróia arrazada. Tu causaste, Maçan desventurada, Que a ambos lhes désse o Céo azêdo ensiuo.

Se Adão, se Páris essa graça pura Vissem, Marcia, inda mais que É'va formosa, Ambos a tua graça, ambos rendêra

E inda, a pezar da antiga desventura, D'essa mão, a Maçan tão perigosa T' a recebêra Adão, Páris t' a déra.

ODE

EM DIA

DO ANNO-BOM.

Hæc mihi præcipue canenda dics.
Ovid. Fast. 2.

Comsico lévão mágoas e trabalhos Os Dias pressurosos; Comsigo lévão féstas e alegrias Para a vorage' immensa Da escura Eternidade. Os annos passão Perante os nossos ólhos, Carregados de impróvidos succéssos; E a Parca abre as tezouras Contra saudosas vidas immaturas, Em quanto esquéce o enfado D'uma alma ruîn, votada ao vil desprêzo. Já, largo tempo, vemos Reinar ufanas neste esquivo clima, Abhorridas dos Numes Rôta Anarchîa, sôffrega Vingança, Das Leis em menoscabo, Com mágoa e injuria do Saber supérno. Oh novo - entrado Jano,

Das bemfeitôras pórtas nos remette Bem assombrados dias, Opulentos de affortunados gôstos.

Oh traze aos 1.03sos Lares

On traze aos 1.0550

O gésto soberano da Justiça, A Paz conservadora,

Hôje de nós tão longe foragida.

De seu regaço Thémis

Nos entórne abastada os aureos fructos

De Ordem, de Leis prestantes;

Com que des-franza a tésta negociosa, O Estadista ***,

Se vir lavrar pelos confins tão largos D'este abalado Império,

As idéias sublimes que povôão Sua mente philânthropa.

Eu máis feliz de vê-lo comprazer-se Na desejada nórma,

Cante seus altos dons, galardoados De alegría, e saúde.

SONETO.

A GÓRA, que nas líquidas Campinas Jóve de ardentes séttas implumado, Os almos gômos do Verão dourado, Nas entranhas de Juno põe divinas:

Agóra, que nas ondas Neptuninas Sólta o baixél o panno desfraldado, E sôbre o tronco de verdôr trajado Canta endêchas a Rôla, de Orphêo dignas: Agóra que a Natura espalha as côres Com larga mão nas órlas dos ribeiros, Que ufanas brilhão nas viçosas flôres: Vou eu, por entre Choupos, e Sobreiros, Bradando queixas contra uns crûs Amores, E arrancando os suspiros derradeiros.

RETRATO

DE DAPHNE.

1.

S e eu soubésse n'um quadro acertar côres Déra ao vivo de Daphne (1) a formosura, Garbo de Nympha, em trajos caçadores, Que alcança o veloz vento na espessura.

2.

Nos labios lhe apontára o almo riso
D'uma das Graças; indicára as prendas
D'uma îndole mimosa, um peito liso,
Crédor de amantes férvidas offrendas.

⁽¹⁾ A Illma, e Exma. D. Maria de Almeida, depois Condeça da Ribeira.

3.

Mas imperfeito fôra o seu retrato! Que não póde a pintura presumida Debuxar, sem profundo desacato, Tão dôce canto, falla tão subida.

4.

Que pincel ha, que em seu lavor intente Imitar, sôbre intrépido, arrogante, Uma Musa, que enléve de eloquente, Uma Sereya, que suave cante?

ODE.

Aux yeux, que Calliope éclaire, Tout brille, tout pense, tout vit. GRESSET. Epit. au p. Bougant.

Não só foi dado ao Cidadão de Teios, Tão valido de Vénus, no declivio Dos annos, conceber agudas chammas Entre alastrados gêlos.

⁽¹⁾ Vendo um retrato do Sur D. A. A. de V. A. S.

Filinto, que no altar do Desengano, Tinha deposto, inda de sangue tinctas, As fléchas, que arrancára de seu peito, Voltoua recolhê-las;

Quando, ao ver-te, Senhora, em muda effigie Levantar-se sentio, soprada, a cinza Do mal-coberto fôgo, e luzir bréve Insólita faîsca,

Como poude Cupîdo roubar tantos Attractivos á Mãe, prendas ás Graças, Para adornar com pródigo disvéllo Uma só formosura?

Felizes os que gozão face a face De tão meigo ineffavel Paraîso, Da branda falla, e movimento brando, Que revê do teu peito!

Se tanto em mim podérão frôxas côres, Máis na alma presumidas, que inculcadas, O fito de teus ólhos deleitoso, Que Céos não me abriria?

Qual nas veias inquiétas, e admiradas Não serpéara júbilo divino! E qual no coração me entrára a furto Respeitoso desejo!

SONETO,

Quando agóra cantáveis, vi, Senhora; Ferver as ondas (1) que alva espuma banha, E o mudo gado, que Prothêo rebauha, A flor da agua as cabêças deitou fóra.

Muitas Deosas, dos mares moradoras, Surgem: — Prothêo á praia as accompanha; E sentado nas fraldas da montanha, Co' a falla os ventos rápidos demóra (2):

- » Esta Nympha, que canta, inda algum dia
 - » Fará a Jóve descer do ethéreo assento;
 - » Dará novo ciúme a Juno impîa.
- » E, envôlta a majestade em fingimento,
 - » Virá á nóva Deosa da harmonia
 - » Prestar gostoso amante rendimento ».

HORAT, Lib. Od. 16.

⁽¹⁾ Não foi milagrea visão; por que subião pelo fio da corrente do Téjo acima, cardumes e cardumes de Toninhas, que das janellas viamos marulhar. Prothêo, que falla, Deosas que escutão, Jóve que désce, etc. etc. são poéticos chesmininés, accessórios dos pulos das Toninhas.

⁽²⁾ Ingrato celeres obfuit otio. Ventos ut caneret.

EPITAPHIO

 $D_A S_{N^{RA}}$. D. M. J. R. D.

Secov da Morte a aguda fouce impîa A flor que ornava de beldade o Mundo: Amor quebrou as séttas; — com profundo Suspiro, junto as pôz da campa fria.

ODE.

A l'envi laissons-nous saisir Aux transports d'une douce ivresse: Qu'importe, si c'est un plaisir, Que ce soit folie ou sagesse?

LA MOTHE HOUDART.

Fócem os annos; desfructar a vida
- Não demores, ***:
Poucos dias nas taças
Verás brilhar o néctar.

Ri dos Médicos, zomba das diétas. A Doença, a Morte espreitão Quem das rãas na bebida Ensópa ensôssos dias. Viva o Setúbal, que a Tristêza affunde, Cria sangue sádio. — Empina este, que enramo, Pórta-júbilos na alma.

Bom!... Máis um cópo... Então!... Não vês jáa Baccho; E, traz elle, a Cupido, Que c'o Prazer te esperão N'uma câma de rosas?

EPIGRAMMA

Com grande devoção Phillis corria
A vêr os Penitentes
Da procissão dos Passos, cérto dia:
Mas vai neste entrementes
Com a préssa descóze-se um sapato.
Aqui foi ir ao Mestre dar-lho em rôsto;
E (este bem descomposto)
Parar a devoção em sfolagato.

5-

SONETO (1).

Popéste, astuto Amor, cravar-me o peito
Com alados farpões abrazadores;
Que nos ólhos de Marcia vencedores
Armaste o tiro, com que o mal tens feito.
Nelles tens throno, nelles te respeito,
Nelles tens os desdêns, tens os favores,
Que nas azas ligeiras mil Amores
Lévão a tanto coração sujeito.
Nem pódes vêr de lá peito sevéro:
De Marcia um volver de ólhos sancto e puro
Porá manso e rendido um tigre féro.
Vassallo de teu Reino, allî te juro
Obediencia e fé; delles espéro
A' minha fé o galardão seguro.

Essai sur la poésie épique.

⁽¹⁾ Isto de Sonetos, nunca eu sube (quanto a Poésia) que régras tinhão; sube sómente que toda a pintura poética lhe convêm, com tanto que caiba nas quatorze régras. Os Italianos são quem tem Sonetos máis poéticos; os Francezes quem tem régras máis austéras. Haja vista aos versos de Boileau, em que Apollo,

[«] Voulant pousser à bout tous les rimeurs François,

[»] Inventa du Sonnet les rigoureuses lois ».

Não direi qual das duas Nações accertou melhor o rumo. Portuguezes, que eu conheci, fazião alguns bons sonetos sem régras. Academias (e fundado nellas o Zuniga) fallárão munto em régras do Soneto; e nunca dérão um só, que merecêsse a leitura. «Ils » ont laborieusement écrit des volumes sur quelques lignes que » l'imagination des Poëtes a créées en se jouant ».

ODE.

Quem fors dierum cunque dabit, lucro
Appone: nec dulces amores
Sperne, puer, neque tu choreas:
Donec virenti canities abest
Morosa. Horat. Lib. 1. Od. 9.

As sérras não tem sempre os cumes crêspos De enregeladas cãas, nem os ribeiros Tem sempre as claras aguas algemadas Com frigidas cadeias:

Não vibrão sempre lanças de aguas as nuvens,
Nem os pólos se accendem sempre em fôgo
C'os relampagos feios, enxofrados,
E c'os fuzis ardentes.

Já lá sóbe, já aponta a Primavéra, Que affugenta os negrumes detençosos, Derréte o gêlo, espanca os dias tristes, Co' a alégre mão florida.

Vem o tempo, em que as Graças dos Céos déscem, Déscem brincões Cupidos, convidados Dos Campos de esmeralda, que atropéllão Com pé travêsso e léve.

Amigo calvo e louro, é máis que tempo Que partas tu tambem, que tambem venhas; Que tragas as Lampreias promettidas Ha máis de tres quarésmas.

Já o sól, tres vêzes, um e o outro côrno (1)
Do roubador de Európa ha aquécido,
Dêsque espéra por ti Filinto Elysio, —
E de esperar se enfada.

Já, dêsque espéra, encalveceo Barrôco,
E de bexigas se cobrio a Deosa,
Que a Vénus deo ciúme; e fêz que o Hynvérno
Forjou defluxo nôvo. (2)

Deixa os labrêgos hispidos e hirsutos, E as fregônas de calcanhar gretado, Que alvo e louro, de azúes-palreiros ólhos És só digno da Côrte.

Digno és da Côrte, digno de Assembleias, Digno da Mòça shélta boqui-rúbca, Que faz negaça aos ólhos cubiçosos C'o mal-pregado leuço.

Vem pois ; vem dar um dia bom ao Borges , Namorar os painéis , vêr dansarinas ; Vem ; que a Irmãa da Canhóta quér ter gasto Debaixo do Capóte. (3)

(1) Quando um e outro corno lhe aquentava.

CAMÕES. Cant. 2. est. 72. imitado de Petrar. Cap. 2.

« Scatilava il sol già l'uno e l'altro corno ».

(2) Defluxo de nova qualidade, que deo em que entender ao Deos Hynvérno, para o inventor. Allude também a dous sonetos, que á conca de tal defluxo se compozerão.

(3) Il n'y a point de doute qu'un chacun Auteur ne mette quelques choses en ses écrits, lesquelles lui seul entend parfaitement.

MARC, ANT. pref. du i. vol.

Dá de mão ás Demandas; fêcha os livros; Arruma Ordenações; não ouças queixas, Não trapaças do astuto Requerente, Que a Parte, e o Juiz lógra.

Não dórme a Parca, tórce o veloz fuso, E a nossa vida corre, como o fio Da ampulhêta incansada, até que pára Sôlto em pocita inérte.

SONETO.

Teu rôsto vi, teu rôsto peregrino, Vi de teu peito as fórmas delicadas; Não as máis: que o Recato as traz cerradas, E as chaves deo ao tardador Destino.

Mas Vénus quiz n'um Sônho almo e Divino Dellas dar-me umas sombras animadas... Ah! quanto erão á Deosa assimilhadas As perfeições do corpo alabastrino!

Falla aqui o Poéta d'um jôgo de prendas, cuja explicação custou um bôlo ao Senhor Roberto Nunes. E cérto é, que nesta e n'outras Odes escriptas a Amigos achará o Leitor muitos lugares escuros, pela allusão que fazem a varios acontecimentos, claros e sabidos das pessoas a quem as escrevia, mas ignorados do commum dos Leitores. De todas essas allusões me deo o Poéta a escondida intelligencia; e en a pozéra aqui, se não temêra abarrotar de notas este livrinho. Estou porêm promptissimo a communicá-las a todo o curioso, que m'as pedir.

Nota do Editor.

Amor então comigo menos duro ('o a estrêa me brindou de teus favores; Crescendo a sêde a meu affecto puro.

Mas se á estrêa achegar mimos maiores,

Eu grato em seu altar painél penduro:

« Filinto o votou fausto em seus amores. »

QUARTETOS.

Ţ.

Quando, os Celestes ólhos derramando Pelos prados bordados de boninas, Dás alegría ao ar, riso ás Campinas; Que os parabens de vêr-te se estão dando:

II.

Não vês , Delmira , andar no teu cortejo Um alado Menino mui formoso , Que no rôsto prométte bonançoso Perenne gôsto de immortal desejo?

III.

Tu lhe déste o nascer, azas lhe déste Com que subio, e pretendeo c'os Numes Tomar lugar c'os vencedores lumes Que roubar de teus ólhos concedeste.

IV.

Já venceo Jóve, e o formidavel Marte: Facil lhe foi dos outros a conquista! Bem sabes quanto vence a tua vista, Quando a vóltas airosa a qualquer parte.

\mathbf{v} .

Hôje é um Deos. Um Deos mui-poderoso, Que seu império ao Céa, á Terra estende, Armado de teu Canto, que lhe rende O Mundo, de render-se vaidoso.

ODE. (1)

Cor mio, deh, non languire, Che fai teco languir l'anima mia. Odi i caldi sospiri: a te s'invia La pietade e il desire; S'i ti potesse dar morendo aita, Morrei per darti vita.

CAVAL. Guarini.

Não te lastimes máis, não desespéres;

Que o Céo enternecido

Não quér que, antes que eu, cruzes

Da Stygia as surdas ondas vêrde-nègras.

Nem que vêjas, sem mim, Cérbero, Furias, Sombras oucas, errantes, Nem Dite em nêgro throno Co' a Mórte aos pés, em frente á pórta as Parcas.

Se essa alma, que compôz de duas almas Amor, official primo, Quér desunir Lachésis, Córte antes ambas; vão ao O'rco unidas.

Sem ti que faço, eu triste odiado resto D'uma tão linda fórma, Superste a máis ruin parte? Mòrra esta. Tem tu vida. És digna della.

Jurei seguir-te. — O juramento é sancto! —
Pelas êrmas estradas
Do Reino dos temôres
De mãos dadas irei fiél comtigo.

Da Mórte, nem de acérbas Dôres fujo Ao assanhado vulto : Manda o Céo, que comtigo Sinta o gólpe da fouce agudo e frio. (1)

On nous vend cher la gloire, et le monde aisément Nous pardonne un défaut, et non pas un talent.

Verdade era, que eu só para os gastos caseiros os fazia. Aiuda me não tinhão vendo á mão; e até creio, que ainda não erão nascidas as bellas Odes de Garção e Diniz. Óra a Ode de Horacio, Cur me querelis, composta em caso similhante ao meu, me fêz negaça para a imitar. Que se perdia nisso? Pro-

⁽¹⁾ Agoniado dos muitos Romances hendecasyllabos et reliqua que andavão então em vóga; e em cuja Poësia (por alcunha) en achava tanta differença da poësia de Horacio e de Virgilio, que en usualmente lia nesse tempo, lancei-me a uma tentativa, que foi arremedar Horacio em Portuguez. A mocidade é muito atrevida; en tinha dezoito annos, e nesse tempo não tinha que temer dos Criticos; que ainda elles não sabião, que cu fazia vérsos.

As lanças, os venenos, vis Ministros

Do Infortunio, da Invéja

Em vão me buscão. Zombo

De terrifico aspecto de Saturno. (1)

O resplandor de Jóve favorece

Ambas as nossas vidas;

Co' a mão, que tórce o raio

Prende do Influxo as malignantes azas. (2)

A's súpplicas, que arranca o teu perigo Do coração de todos, Jóve a tua vida esconde No seio, e argúe a Doença, desabrido.

« Nunca te dei poder nesta beldade.
» O abrigo de meu peito

vavel era que não sahisse da algibeira da Menina, nem apparecêsse á vergonha do Mundo. Fatal imitação! que me empurrou a peuna para a caterva d'Odes (tróvas lhe devêra eu chamar) de que tenho as pastas cheias; sem contar as que uma vêz sôltas da mão, não terão retôrno.

J'ai connu ses douceurs, j'ai goûté ses plaisirs. Ils trompent les ennuis, enchantent les loisirs.

(1) Tinha uma Sigâna tirado a sina á Sn. ra D. F. G. X. de S. e a mim; e nos affirmava, que depois de dilatados annos de venturosos amores morreriamos no mesmo dia. N'uma doença, em que a ditta Sn. ra estava com muito susto de morrer a consolei com a prophecia da Sigâna, e persuadida melhorou. Muito boas cabeças se persuadem com menos.

(2) Todos sabem (e os Sarrabáes o abonão) as más influencias d'este planêta; que produzem o chumbo e a melanchólia, se as não atalhamos de chegarem a nós, interpondo cousa que ellas não possão transpassar; como por exemplo, um encerado bem alcatroado, um manto de Capucho etc. etc.

- » Deixou, para ir benigna
- » Annos compridos aditar o Mundo.
- » Empréga o teu furor n'outros sujeitos
 - » De inferiores dótes,
 - » Em Heróes, em Monarchas, (1)
- » Que eu á Terra mandei para servî-la. »

Assim disse. Amparado eu fui de Apóllo,
Deos tutelar dos Vates.
Tu, mimosa de Jóve,
Brilha, que ao Céo gratúlo ambas as vidas.

SONETO.

Enganaste-me, Amor, em teus altares:
Vótos não insto máis, nem dons off'reço:
És Deos protérvo, injusto: hôje o conhêço:
Prométtes gôstos, pagas com pezares.

Médes horas, seguras os lugares, Tentas o amante c'o anciado prêço; Depois entras no jôgo, Deos travêsso, Trócas as sórtes em ruins azares.

⁽¹⁾ Exageração poética! Mas, quantas coròas se não tem abatido aos pés de tantas formosuras, que talvêz, não valêssem a da minha doente!

Ou me lisonjes c'o fágueiro rôsto

Da falsa Nize; ou de mordaz Ciúme

Me arremésses o facho, — a ambos arrósto.

-Não me acobardo ao teu irado Nume , D'essa Nize desdênho o indigno gôsto , E de teu facho o amortecido lume.

EPIGRAMMA.

Nesses dourados séculos antigos O Amor, e o Hymenêo erão amigos. Entre Hymenêo e Amor tal ódio ha hôje, Que mal entra Hymenêo, Cupido fóge. (1)

⁽¹⁾ Não digo que assim succeda sempre; que seria luttar contra a virtude do sancto Matrimonio: sómente faço allusão a uma jocosidade fianceza.—Os táes Francezes, que são maganos, que chasqueão de tudo, e mesmo de certas palavras pontudas, que trazião com sigo arrancamento dee espadas, entre Hespanhões e Portuguezes, abrirão uma Estampa de ceremonia casamenteira, na qual, quando o Noivo entra com grande accompanhamento pela porta da Salla, em que o espera a Desposada, sahe logo voando o Amor pela janella fóra.

AD. F. M.

POETAM LUSITANUM,

Ex gravi morbo convalescentem.

CARMEN.

Sic est; neque humanæ immeritò gemens Inflicta genti tot quereris mala, Francisce, damnatosque longi Terrigenas miseros laboris. Eheu! quot atris pestibus urimur! Urunt Medentes acrius : ingruunt Mentis tumultus æstuosi Quos et amor movet et cupido Insana famæ: quid quod et insuper Viris adhærens Mercurialibus Plerumque paupertas acumen Ferrea et ingenium retundit? Nobis iniquas sic variat vices Volvens arenam Clepsydra mobilem, Ut dulcibus miscens amara Stare diù vetet ulla Fatum? Spirare primam qui dedit, ultimam Decrevit horam : ver breve currimus,

> Fessique mox curvam subimus Canitiem, stabilesque rugas.

TRADUCÇÃO. (1)

E cérto : e não sem causa te lastîmas Com gemidos das penas Infligidas á triste próle humana, Votada a longas lidas. Como ardem nêgros Males! como os Médicos (Ai!) mór ardor lhe sóprão! Brîgão na alma estuosos alvorôtos, Que incita, e que revolve Já do Amor, já da Fama ancia phrenética : Inda entra neste quadro A Pobreza, que aos Sábios, quasi a fio, Com férrea mão comprime, E lhes embota o gume dos Ingenhos! D'esse modo a Ampulhêta, Volvendo a miúda arêa movediça, Nos desiguala os lances; Nem (mésclando as docuras c'os amargos) A algum, repouso fixo

Com grandissima repugnancia minha traduzi esta Ode feita á convalescença de mortal enfermedade. Louvòres exagerados d'um amigo pódem (talvêz) agradar em bòcca alheia, nuuca na propria. Mas instancias da filha do Antor, a quem muito disvéllo devi na minha doença, me vencêrão. Que não pódem rógos de formosas Damas! e mórmente quando ao rôgo dá maiores fôrças a Obrigação! Moderei quanto pude o excesso do elogio; mas não tanto, que não fique ainda super-abundante. Creião-me, ou não: traducções feitas contra vontade não podem ser boas; e esta servirá de próva.

Hac lege rerum callidus arbiter Mundique Rector ambiguo semel

> Mortalibus concessit uti Munere, ne nimium beati,

Fretique vanis artibus, ebrios, Dum fluxa sensus gaudia detinent,

> Hanc lucis usuramque vitæ Perpetuam propriamve sperent.

Ergo querelis pone modum tuis,

Condisce vitam, nec mulichriter

Frangi neque extolli insolenter Socraticum patiare pectus.

Est vir ferendo: tu neque desines, Recti decorique officii tenax,

> Per damna, per fraudes, malorumque Insidias animosus ire

Quò prisca virtus, quò Patriæ vocat Cura instruendæ consilio et manu;

Scriptisque falles seu jocosis Tædia, seu libeat severis.

Olim procellas et celerem fugam Nosti, relinquens (non avibus bonis)

Laresque mærentesque amicos, Et Patriam reditus negantem.

Sed liberales vertere spiritus Injuriosum-non valuit nefas,

> Nec magna divinis sonantem Carminibus cohibere venam.

Te nuper pessima febrium Formidoloso proruit impetu:

Quâm ponè non tangenda furvæ Stamina subsecuere Parcæ!

Laborioso cùm tibi anhelitu

Outorga o Fado. Quem primeiro alento Nos concedeo, balisas

Assinalou ao derradeiro arranco.

Nós curta primavêra

Corrêmos no O'rbe, e logo submettemos A's curvas cans o vulto,

E ás rugas duradouras. Lei foi esta, Com que, A'rbitro sabido,

O Creador do Mundo deo licença Que d'essa ambigua dádiva

Lográssemos: a fim que máis que muito Ditosos, confiando

Em nossas artes vans (em quanto os gôstos, De si resvaladîos

Embriaguez lavrassem nos sentidos)

Não pozéssemos fito

Em ter por proprio, e requerer perpétuo , Da Luz, e Vida o lògro.

Assim põe termo a lastimar-te; e a tempo O que é viver apprende,

Sem deixar quebrantar-te mulhérmente; (1)

Nem que insolente se alce

Ten Socrático peito lh'o consintas.

Saber soffrer é de homem.

Ferrênho em teu devêr honrado , e justo Não faltes animoso

A atravessar por damnos, dólos, riscos Onde te chama a antiga

Fôrça, e disvéllo de acodir á Patria C'o braço, co'a doutrina.

⁽¹⁾ O tal advérbio é nôvo. Agradará elle? Tom. IV.

Virile tussis concuteret latus Horrenda (vidi) luridusque Marcida tiugeret ora pallor.

Flevisse Clio, Melpomene suum Flevisse fertur, visa iterum sibi Lugere Flaccum: sed rapaci

Te Deus herbi-potens ab Orco

Salvum reduxit, non sine plurimo unde quaque plausu: reddere debitum Carmen memento, nec repostâ Pulchra dies careat Lagenâ.

Sic te benigno numine Delius
Diù sororum servet amans choro,
Longamque depellat senectam
Difficilem, querulosque morbos.

Vai enganando o enôjo c'o que escrevas Jovial, ou sevéro.

Com ruins auspicios, já, deixando os Lares, Os saudosos Amigos,

A Patria, que voltar te néga injusta, Dos sustos, das tormentas,

Da desenvôlta fuga te inteiraste.

Ah! que não poude tanto

A malvada Calúmnia, que minguasse Teu sôlto, e nóbre Ingenho,

Nem contève os divinos sons que rompem Da grandîloqua veia.

Pouco ha que, com medonho insulto, a Fébre Péssima te prostrou.

Quão perto a fusca Parca pôz o gume Nos não-toccandos fios!

Quando horrenda (eu a vi!) o viril peito Te sacodia a Tósse

Com trabalhoso anhélito, e tingia Co'a pallidez da Mórte

O teu murcho semblante. Chorou Clio, E inda outra vêz Melpómene

Cuidou carpir (é fama) o seu Horacio. (1)

Mas com bastante applauso,

E universal, o Nume herbi-potente
Te arrancou da garganta

Do O'rco voraz. Oh lembra-te da divida De agradecidos vérsos:

E em dia tão formoso não nos falhe Recôndita botêlha.

Assim, com raio amigo, Apollo ao Côro

⁽¹⁾ Ah! que se assim fosse em verdade, por quão feliz me déra! 25 *

Aónio longos annos Te guarde; e enfêrmos ais, rabuje idosa Desterre de ti longe.

SONETO.

Mentio quem pôz no Templo da Memoria Os monstros carniceiros, que emprendêrão Com mórtes, com estragos que fizérão, Pizar o O'rbe co'as plantas da Victoria.

Risquêmo-los dos mármores da Historia,
Onde vîs Lisonjeiros lhes pozérão
O vão nome de Heróes. — Heróes não erão:
Que o Mérito moral lhes não deo glória.

Por grande, e só por nóbre seja havido O que ama o Bem, que o traz sempre no peito Com lêttras indeléveis insculpido.

Que da Virtude o amor, nunca-suspeito De interêsse, nem de ambição tingido, Só á c'rôa immortal tem são direito.

O máis alto ponto a que sempre aspirei foi de imitá-lo de bem longe; mas, apenas creio que sou péssima mórte-còr de elegantissima pintura. Vivissimos desejos meus, não sereis nunca cumpridos!

DITHYRAMBO. *

Juvat integros accedere fontes Atque haurire; juvatque novos decerpere flores Insignemque meo capiti petere inde coronam, Unde prius nulli vélarint tempora Musæ.

LUCRET. Lib. 4.

Léva, rápido Bóreas, Em tuas frescas azas, Léva-me a Chypre, essa Ilha, onde Lyeo Plantou néctareas párras, Onde ensina os Amores A beberem á sombra das parreiras. Rápido Bóreas, sáhe do Eólio claustro. Estou sequioso, oh Baccho, Do succo almo e divino, Que plantaste nessa Ilha, onde Amor reina .-Muito ha que agita Zéphyro fraco Minha undosa madeixa coroáda. O claro Evan ja désce, E no seu côche ethéreo me transporta. Grão caso, que voltêe Léve fita no tópe da cabêça! Rápido Bóreas, sáhe do Eólio claustro;

[👲] Que não tem de meu, senão o feitio. Allemão o nomeião.

Que me consume o peito ardente chamma:

As cópas sós de Chypre

Pódem frouxar a sêde que me affóga.

Tal sôbre os gróssos pastos me arrebates,

Que nem co'a léve planta

Curve o cume das hervas,

Nem da bonina as plumas multi-côres.

Das rosas o perfume

Me precêda obsequente pelos arcs. —

Dêmos vólta por Scylla, e a assombrêmos;

Que a sex-fauce vorágem

Abra ao vêr-me, e ao fugir-lhe horrenda uive. -

Lá vem, lá vem; — qual negra tempestade

Traz (1) claros sêrros se amontôa ao longe?...

Já guia até meus ólhos

A travéz do horisonte fugitivo.

Não, não. É Baccho, e as Onças que o carróção.

Sacro dador do vinho, en te saúdo.

Saudo sim : mas ... Brómio,

No peito me arde a sêde em labarédas.

Quem me vérte aqui vinho

D'essa Ilha fortunada, em que Amor reina?

Evan , Evan , Evoé!

Já rápidos rasgâmos

Dos alvos Céos a estrada omni-patente.

Em meu attento ouvido

Pythagórica sôa

Dos órbes a harmonia escasso instante.

De A'frico tigre a mosqueada pélle,

Que as espáduas me cinge,

⁽¹⁾ Traz por detraz.

Se erriça, se arreganha Contra o negrume, que em ameaço nosso Zurra, e bérra... Mas já do azul abysmo

Surdem musgósas téstas De escarpados rochêdos.... Ai que é a Ilha! E o Côche désce... O Côche pára... É Chypre: Sim: que Evan me acclamou seu sacro nome.

Evan , Evan , Evoé?

A Alegria me arranca, e vou correndo Aquélla gruta flórida....

Tu me acênas de lá, Taça bojuda! Vermêlhas ondas De arroio manso

Da alma gruta perennes escorrégão; E os combros vêrdes

Das pampinosas Ramas distillão

Gôtta a gôtta os rubîs na angusta pia. Sentados pelas bórdas os Amores Se humedécem e'o rúbido deleite:

E tomados de insano Affouto enthusiasmo

Lições de Dithyrambos dão, e as tomão.

Já déscem trépidos A' cópa undî-sona,

E de Lyêo, folgando, a face enrugão.

Os lábios mórbidos

No humor dulcífico

Molhando sôfregos, Já, debatendo as azas marulhadas, Turbão, encréspão a úvida lagôa. Um que se azôa, despenhado affunda,

Beija o porão do vaso;

Mas, rindo, a salvo, os Deoses o re-pescão.

E1-lo, que vergonhoso N'uma azêlha da taça vai seccar-se. Accocorado, e tiritando espéra

> Que o vapor encantado Do licor mui-sobejo

Vá descendo, e a Alegría restitúa.

Mas... já se érgue.... Eis debate as sóltas azas

E de odóro chuveiro nos borrifa. -

Amores , debruçai-vos ,

Poude-me a peito esse frasco saucto, Que eu sou de Baccho alumno:

Elle mesmo no rápido-rodante

Côche me trouxe aos pâmpanos d'esta Ilha;

Por que eu bebêsse.,..

Ai! e os Numes, que espreitão curiosos Por me vêr escorrer d'um trago heróico

O frasco estanque!...

O licor, com que Júpiter se ensópa Nos días festiváes, não é tão dôce, Inda quando o tempéra co'a Ambrosta.

Mas como assim, oh Brómio, Oh Padre, e quão pequena é a minha taça! Dá-me vaso maior. Que o peito anhéla N'um diluvio de vinho mergulhar-me.

Tanto me encanta, e en-deosa,

Que em sua fonte meiga

Bebêra o Olvido, e até bebêra a Mórte.

Que é o que lá apparece!.... É um gôrdo almude

Parri-crinito : o bôjo

D'allî me faz negaças.

Vem a mim, barrigudo rubi-néctar, -Enfrasca-me os velhacos gorgomilos.... E o como meigamente Coas, licor Divino,

Nos máis encruzilhados reconcovios!

Qual espérta Gazélla

Pula de rócha em rócha,

De pico em pico, folgazôna, e léve,

Em dias de cerrado nevociro:

Assim vou eu saltando

Por prados, que a saltar dansão comigo, Comigo cambalêão. —

Da Idália sélva os troncos vejo-os dóbres:

E os freixos, descarnadas as raizes

Vem correndo traz mim.... Pasmão as Dryades

De ver como lhes fógem as pousadas.

Os Rouxinóes puxados

Na folhagem vivaz volteião túrbidos,

E tonos cantão Bacchicos.

Onde corre essa Nympha espavorida, Que a travéz das floréstas vai fugindo

Com a cinta na mão,

Porque Rosáes, ou Sylvas, não a estórvem?

C'uma infusa atestada

De vinho, um Fauno bêbado a perségue,

Tremelhica, e resvala a cada passo;

E o vinho salta, e espirra,

Desbórca, e vai golfando nas estêvas.

« Pára, formósa Nympha, (diz) detem-te;

» Que a amar quéro ensinar-te.

» Ah bébe, oh cara Nympha: que, bebendo,

» Atinei que te amava.

» O'lha. Vê como hêbo... Eis tóma o bôjo Da infusa, alça-a á bôcca, que almejava...

Por faces, por orêlhas desgarrado

Rosnando em terra cáhe, e se esperdiça.

Então turvado e trôpego

Busca a Nympha, que lhe escapou des ólhos;

Contra a Nympha braveja, e contra a infusa,

Que lhe tôa a vazio:

Ao chão a arrója, e em cacos mil a québra.

Eu que a Nympha espreitava em sua fuga,

Pela fresca pégada

Sigo o alcance (Ah maligna!) e quasi a côlho

Pela cinta... Eis já vólve

A mim donoso olhar c'um gésto meigo,

Que ancioso lhe beijára.

Ei-la se está mirando

Com largo fasto

Sôbre o espelho do rio, nóva Thétis.

Não attenta, não vê

Que eu manso junto della

A mão estendo, abranjo-lhe a cintura...

Ladina!... que entre os dêdos

Me deixa a subtil roupa,

Que qual vapor das flôres se esvaêce.

Com que vergonha o digo!

A Cruél se arremessa ao fio da agua;

E as ondas reverentes

Longe de mim... Ai!... Longe dos meus ólhos Cubiçosos,..a lévão.

Lá se fende, e marulha o grande lago.

Néptúno mui sereno e majestoso

Érgue a trisulca lança — e alhana as ondas. —

C'os reconcavos búzios,

TRIUMPHO verdes vem Tritões troando;

Porque nesta Ilha entra hôje a Deosa della

Formosa e refulgente.

Já vom chegando, e vom surrindo Vénus Na concha multi-côr, multî-lustrosa.

Assim brilhou, quando a fecunda espuma

A confiou á praia.

Desenrugando mindinhas ondas,

As aguas humilhadas, quasi mudas A' florescente Deosa

Cousa como hymno entôão. -

Penduradas do ramo as avezinhas, Alégres a saúdão. —

Debaixo de seus pés alabastrinos

Flóra brotando vai louçãas boninas,

Que a beijar-lhos se curvão.

Tigres, Leões se arrastão respeitosos, Ante os seus pés mimosos,

Lambendo o sacro chão que Vénus piza.

Já cercada dos Jócos, dos Amores,

Das Graças, e dos Risos, moradores Nos lábios das Donzéllas,

A Cypria se avisinha:

Amor, que fecha a marcha do cortejo, Vai dardejando os seus farpões máis meigos

> Nas lédas Nymphas Desenfadadas;

Que ólhão, que riem, que lévemente zombão; E como chuffas

Lhe vão soltando:

« Amor, ólá! não tens farpões máis rijos, » Na derrengada aljava? »

Mas onde a vista cravarei inquiéta Entre o vago tropél, que se lhe off'rece

De lépidos transumptos

Por toda a parte promptos a enlevar-me,

A enfeiticar-me O ânimo absôrto?

Traz mim retinnir ouço os sons festivos, O canto harmonioso, a frauta, a ayêna,

> Os brados da alegría, Com que estes insulanos

Festejão a Raînha dos Amores.

Nas praias dansão flóridas Zagalas

Junto da bella Deosa,

Com léve planta o chão cheiroso pulsão. Trava d'uma, outra encara

Vénus, que estrêma as máis donosas dellas Para ao côro as juntar das Nymphas suas.

Qual se érgue accêsa ao longo

Poeira, sôbre a terra, strepitosa?...

É Baccho, sim: é Baccho; É do vinho de Chypre a Divindade!

As Ménades ante elle amotinadas

Vam correndo esparaidos os cabêllos

Vem correndo esparzidos os cabêllos, Na séstra mão os fachos fulgurando, Férem co' a dextra os mosqueados tigres

Que o côche triumphal do Nume tîrão. Os Sylvanos Caprîpedes, Os temulentos Sátyros

Em chusma transmalhada o mato fusco

Vem de longe trilhando,

Em quanto Baccho appressurado acólhe A Deosa, e com grinaldas de corymbos Lhe ennastra a eburnea tésta, as ondas de ouro.

Com vagarosos passos vem descendo

Pelas férteis encóstas A's verdejantes fraldas. Já lá chêgão Ao consagrado templo de Erycina. Os outeiros derreião Com o Celeste encargo as duras cóstas. Oréadas, Napéas vão diante Folheadas saltando, e dis-cantando: Invejoso adejando

Sentado em cima da A'quila alterosa Jóye das altas nuvens as contempla.

Desferrolhadas As bi-patentes Pórtas do Templo,

De mil amplas caçoulas de ouro fino Remoînhos cheirosos esfumêão.

Ante os formosos Numes
Os sacros Vates, seus Ministros, prostrão-se;
E no xadrez de jaspe
Aguas lustráes entórnão recendentes.

Tibullo, Horacio, e o vélho Convidado de Vénus

São os Ministros. Seus immortaes cantos Delicias fôrão das felices Éras ; Hôje os revéste fúlgido renome. (1)

⁽¹⁾ Dithyrambos são lyrica de bébados. Oh quem dera que os nossos bébados nos déssem lyricas dessa laia! Um tômo dos táes Dithyrambos valeria máis, que cem volumes de sem-saborias amorosas, de que tão inçados somos.

ODE

AOS TIROS

D'EL REI D. JOZÉ PRIMEIRO.

Quis scit an adjiciant hodiernæ crastina summæ Tempora Dii superi?

HORAT. Lib. Od. 7.

Quem de nós, no balanço dos succéssos D'este mar empolado e naufragoso, Póde dizer seguro: « Puz um cravo » Na róda da Fortuna!

Ou » Lancei duas ânchoras ferrênhas

- » No firme pégo, (1) e zombo das desditas
- » Que ao vêrem tal contento e tal descanço , » Descorçoadas fógem!
- » Já agóra abrio-me Pluto as veias de ouro;
- » Deo-me a Saúde os philtros nunca-achados
- » De perenne Juventa, e pôz-me ao longe
 » Os limites da Vida!

Nota do Editor.

⁽¹⁾ No funco firme pégo. Figura mui trivial nos Poétas, e ainda nos prosadores.

- » Espraiando o desejo, abraço as margens
- » De todos os deleites; lédo e livre
- » Entre os viçosos, entre os máis floridos
 - » A meu sabor escolho?

Ninguem téquî, ninguem sizudo o disse: Nem dirá, se mil séculos corrêrão; Não o poude dizer Jozé Primeiro Amado, e poderoso;

Quando entre sceptros , quando entre corôas De tantos seus Maiores repousava Encostado na base vencedora De encanecido Império.

Traidor chumbo acceitou no régio braço, E ante elle se assomou, brandindo o gume Da fouce despiedosa, a sêcca dextra Da descórada Mórte.

EPIGRAMMA.

Um Nóbre (porêm côxo) desposado
Com Senhora de rara formosura,
« Casei com Vénus." Tinha por dittado;
E a gente que o ouvia
Assegurava ser verdade pura
O que o Nóbre dizia.
Mas tanto a apregoou o tal Espôso,

Que se fêz enojôso;
E um (dos que muito o ouvio) sonso, e magano,
Que, som a Dama vêr, via o Marido
A quem máis perto achou, disse ao ouvido:
« Vénus déve ella ser; que elle é Vulcano.»

ODE

A' AMIZADE.

Ite procul durum curæ genus, ite labores,
Fulserit hic niveis Delius alitibus.
Vos modo proposito dulces faveatis, amici,
Neve neget quisquam me duce se comitem.

TIBULL. Lib. 1, Eleg.

Quão fórte és, Amizade, quando escóras No mérito; e a phalange das Virtudes Pões em campo contra ásperos revézes Da arrojada Fortuna!

Contra Ti côrra a Tyrannia, o Érro Co' a lança hervada, c'os sanguineos ólhos; No aço do escudo a lança lhe despontas, Com o brilho o deslambras.

Mortáes, que disvellados, nas estréllas Buscáes de fausta sórte o incérto agouro, Que esperáes na doença, no infortunio Restaurador alívio, Buscai-o na Amizade; que encostado Nas benéficas aras de seu Tem lo Pousa o Soccôrro, pousão os Disvéllos De condoida face.

Ouvis!... ou aprazivel phantasîa Me entretêm, e me encanta!... Como déscem Ruidosos os Prazêres!... Como alégres Juncto a mim dispõem álas!...

Que chuva de florîdos arremêssos Crávão no peito ás Mágoas?... Lá recúa , Lá cáhe a turba infanda!... Aqui resõão Os hymnos da Victoria.—

Modésta Vénus, comedido Baccho Tîrao traz si a folgazãa Companha, Que me trava das maos, e em dansas guía Λ mui-vistósos longes.

Comigo vem pizando a vêrde félpa D'esta veiga aprazivel, e sagrada A tîmida Delmira, e vem sorrindo A Eufrosina, e Agláe.

Apenas entro no copádo cêrco D'uma antiga florésta respeitada, Curvão-se as cimas, cérra-se em verdura De cúpola alterósa.

Surge em base de lúcido alabastro Uma Deosa de plácida presença, Trajando airosa simplez vestiduras — Era a meiga Amizade;

Que a mim se inclina, e co'a mimosa dextra Limpando o coração de toda a nódoa Tom. IV. 26 Me arrojou fóra o fél dos infortunios, E o livor da Tristeza.

Máis se lhe avivão com máis graça os ólhos, E arraiando de fausto e sancto lume Senhoril semblante, rompe n'este Alentador presagio:

- » Virão inda outros dias venturosos
- » Que apaguem os vestigios denegridos
- » Do injusto exilio , infausto ao Erro armado ,
 » Quão festivo a Filinto :
- » Em que na ufana Elysia entoarémos
- » A prudente fugida vencedora,
- » A pobreza invejada, e os superados » Trabalhos, sem deshonra.»

MORALIDADE

PARA O DIA DE FINADOS.

Mortács, com mil contrarios tendes guérra; É curta a vida; e cêdo açabará. Hôje cobrîs a térra, Que á manhãa (pode ser!) vos cobrirá.

QUAL É A COUSA,

QUALÉ ELLA?

Cubro c'um manto o sól, em claro dia, Para que outrem lh'o rasgue. — Mui lampeiros Mil espreiteiros

A conhecer-me acódem á porfia Captivados da máscara sigana,

De formosas feições, poucas posturas: (1)

Mil aventuras

Se prométte cada um (cada um se engana.)

Vem namorar-me, Quer conquistar-me:

O sábio só, com seu ingenho agudo

Da máscara me priva;

Eu bem que esquiva,

A's gaifonas do rudo,

De rudo, ou sábio acceito um appeliido, Com que encubro, ou descubro o meu sentido.

⁽¹⁾ Ingredientes com que Mulhéres, e Mulherentes se be-

ODE

AOS POÉTAS LUSITANOS.

— Mediocribus esse Poetis
Non homines, non Di, non concessere columnæ.

HORAT. de Arte.

— — Sparge rosas, audiat invidus

Dementem strepitum Lycus.

1d. Lib. 3, Od. 19.

Na Lyra, que me dás, que Vate ousado Quéres, oh douta Clio, que eu discante, Cujos ecchos reclamem, retinnindo Nos Lusitanos montes?

Louvarei antes o Camões sublime, E o bravo Gama arando ignotos mares, E as Nereydas núas impellindo, As Náos que ameaça o escôlho (1).

Máis brando sópra a avêna Campesina O Bernardes suáve, e saudoso De cujo canto o plácido ribeiro Enamorado, pára.

⁽¹⁾ Canto secundo.

Escutando os antigos sons da Grécia, E do Lácio, lá pulsão com trabalho A repugnante Lyra de Venusa O Caminha, o Ferreira.

Então, chorando, a Castro abrio a Lusa Scena, e lhe deo Melpómene o cothurno, Com que Euripides, Sóphocles pisárão De Athénas o tablado.

Amor da Pátria, amor de altivo canto A desusados sons a mão lhe adéstra, Digna de são louvor, que abrio a róta A melhores Ingenhos.

Coridon, Coridon, nos braços d'estes, (1) As Musas te visitão, te bafejão Co' a harmonîa do Pindo; e em ti as Graças Canto de Horacio vértem.

Máis atrevido, e féro engrossa Elpino A vóz, que na Campina Eléa outróra Trovejou Pindaro, infiando os rôstos Dos assombrados émulos.

Alfêno esses vestigios vai pisando, Nelle fitando os ólhos cubiçosos; E por affouto módo vai tecendo Pindáricos delirios.

Um Bocage, um Targini, com Vicente (2) Córrem a colhèr louros no Parnasso;

⁽¹⁾ Ferreira, Caminha, Sá e Miranda etc. etc.

⁽²⁾ Vicente Pedro, Médico das caldas da Raînha, que mo dizem ter toda a instrucção Poética.

E as Musas se dão préssa a lhe enramarem As merecidas c'roas.

Que não póde esperar a Elysia Terra De Cesario jovial? (1) Donosa Musa A frôxo lhe emborcou na mente ingénua O sal, e o mél de Athênas.

Em quanto humildes Vates affannando Nos atolados lòdos de Agannipe, Se prendem das estêvas, sem podèrem Trepar á esquiva encósta,

HA POUCO QUE FIAR

E M

MÉDICOS.

Não ha Médico ahî, que vos não diga,
Que um bom cópo de vinho generoso,
Espraiado no bójo da barriga,
Bordão não seja aos vélhos vigoroso.—
Quem beber dous, terá por conseguinte,
Dous bordões.— Eu bebi bem quinze — ou vinte;
E devo ter seguro o corpo inteiro,
Como Não cachorrada (2) no estaleiro.

⁽¹⁾ Igualmente Médico, e morto em 1798.

⁽²⁾ Chamavão-se cachorros as escôras, com que no estaleiro

O'ra, pelo contrario, O passo mal-sostido, o juizo vário, Cambaleando, Tremelhicando,

Para mal-ter-me a prumo, bem o vêdes Preciso ir pondo as mãos pelas parêdes. E que se fie em Médicos a gente! O'lhem em mim, como um Galeno mente.

SONETO.

Verás, Phillis cruél, sahir correndo D'estas veias o sangue derramado, E verás este peito traspassado - Dar provas de leál, inda morrendo.

Verás o braço erguido, a mão tremendo, Segundar a ferida, e no rasgado Coração o teu rôsto estar gravado, - Pela aberta ferida apparecendo.

sustentavão os Navios. Já póde ser que hôje se não chamem assim, Tem lá chrismado, com tanto nome Francez, as cousas que no meu tempo erão bautisadas com nome Portuguez, que têmo que a minha conduta não pareça affrosa aos senhores que hoje jouissão do máis alto rango entre os sentimentistas, e massacrantes: metter-me-hei debaixo do egidio da obscuridade; afim que a populácea debandando os ressortes da sua vingança me não ecrase d'affaires vilipendiosos, faltando-me as ressurças do espirito toccante, com que esquisse o detalhe das recherches e dos regardes.

Com amoroso plácido murmuro Sentirás pela mão, bella homicida Correr-te, como um sôpro brando e puro: (1)

Sim; que abonar-te irá, não re-sentida, Penhor de sua fé claro e seguro, Com te beijar a mão, a minha Vida:

EPIGRAMMA.

Com fivellas de oval abrilhantado,
Abbrilhantada a cifra, que cobria
A correia com rasgo entrelaçado,
Passeiava, parava, e se revia
Moco, de tanta prata glorioso.
Quão pouco basta para ser ditoso!

METASTASIO.

Se mai senti spirarti sul volto
 Lieve fiato, che lento s'aggiri,
 Di: son questi gli estremi sospiri
 Del mio fido chi muore per mè.

SONETO.

Мотте.

Aquélla graça, aquélla formosura.

GLOSA.

Ouvi a Marcia. — Eu te amo. — Tão ditoso Como eu não foi nenhum mortal tégóra. Forcêjão por sahir pela alma fóra (1) Largas oudas de tão sobejo gôzo.

Pelo mundo ir quizéra (de vaîdoso)

D'onde o sól morre, até o erguer da Aurora,

Louvando a que em meu peito é só senhora,

Contando o quanto Amor me traz mimoso.

Por vêr esse O'rbe attento, e transportado De ouvir, que tanta graça estranha e pura Recompensa risonha o meu cuidado;

Por vêr morrer as bellas, de amargura, Olhando o Mundo inteiro ajoélhado A aquélla graça, a aquélla formosura.

BEMBO.

⁽¹⁾ L'abondante allegrezza che ho nel core Non potendo capervi esce di fuore.

- ODE.

DE M. HOUDART DE LA MOTTE.

Buvons, amis, le temps s'enfuit Ménageons bien ce court espace; Peut-être une éternelle nuit Éteindra le jour qui se passe.

Peut-être que Caron demain, Nous recevra tous dans sa barque: Saisissons un moment certain; C'est autant de pris sur la Parque.

A l'envi, laissons-nous saisir Aux transports d'une douce ivresse: Qu'importe, si c'est un plaisir, Que ce soit folie, ou sagesse.

TRADUZIDO.

Bebâmos ; que nos vai fugindo o Tempo ; Fórrem-se , Amigos , estes curtos prazos. Talvêz que noite eterna apagar venha O passageiro dia.

Talvêz, que a todos á manhãa Charonto Na barca nos navégue. Este, que é cérto, Momento aproveitêmos. C'o este roubo As Parcas desfalquêmos.

Émulos uns dos outros, entreguêmo-nos A' suáve embriaguez. Que nos importa Que ao Prazer, que os sentidos nos enléva, Chamem Sizo, ou Loucura?

TRADUCÇÃO LATINA.

B_{IBAMUS}. Ætas præcipites agit Festina cursus: hanc spatiis Deus Inclusit arctis. Nos fugacis Damna hilares reparemus ævi.

Quæ nunc citato carpit iter gradu Claudet perennis fortè diem sopor. Cras fortè nos traducet atra Nave Charon. Quod adest avaro

Usu occupemus. Postera quod libet Fortuna volvat: juverit invidas Parcas fefellisse, et severis Particulam hanc rapuisse Fatis.

Ergo potenti nunc decet uvida Explere vino corda: quid interest Prudens an insanus voceris, Certa modo subeat voluptas?

TRADUCÇÃO.

Bebâmos : que velóz transpõe a Idade Despenhada carreira. Em curto espaço , Se Deos no-l'a acanhou , saneèmos todos Do fugaz Tempo os damnos.

Quiçá perênne somno cérre o dia , Que óra caminha a passo despejado : Quiçá á manhãa Charon , na fusca barca Nos navégue. Colhâmos

Sôffregos o que óra ha : vôlva a seu gôsto Vindoura sórte os casos. Triumphêmos De haver burlado as Parcas invejosas, Roubado ao Fado esquivo

Ténue porção. As almas ensopêmos, Eia, em potente Baccho. E ahi que importa Que sizudos nos chamem, chamem loucos, Se o deleite é seguro?

ENIGMA.

Em quanto dous visinhos. (1)
(Que eu conheci!) sem se ajuntar vivêrão,
Ambos tivérão
Honras, carinhos;

Ambos a todos agradar soubérão. De graças animados, De presumpção inchados,

Tributos recebião,

Que entre si, sem disturbio repartião. Tinhão quinze annos, quando á luz saliião

Tão guápos, tão formosos,

Tanto a si parecidos, tão airosos, Que os disséras n'um mólde ambos fundidos.

C'os réditos de offrendas, vassallagens, E adquiridas ventagens

Vivêrão abastados, e crescidos, Muitos annos, mas sêccos, e arrufados. Té que em fim de enchimento assoberbados,

> A si mesmo enfadonhos, Pesados, e tristonhos, Viérão a ajuntar-se,

A achegar-se, A beijar-se

CATULL.

⁽¹⁾ Os visinhos não, mas o nome delles se acha no fim do verso 65 de nuptiis Pelei et Thetydos.

Com tanto affinco, e tão estreitamente;

Que sempre unidos,

Um com outro cozidos,

Fizerão nôjo á gente

Que os amava,

Em quanto largo rêgo os separava.

ODE

A' Paz de Portugal com França em 1797.

— — Est animus tibi Rerumque prudens, et secundis Temporibus, dubiisque rectus. — HORAT. Lib. 4, Od. 9.

Não tomou a seu cargo a douta Clio Decantar de Catão, nem de Aristîdes Invejados palacios, vásos de ouro, Opîparos manjares.

Essas vãaglorias (îdolos de inéptos)

Com mão irada, a Musa as arreméssa

Na agua turva do Léthes, e dos Dônos

Os nomes desprezados.

Só da terra levanta, e léva aos astros Na alti-sonante Cîthara, virtudes Bemfeitoras do Pôvo; um Curcio, um Décio, Immolados á Pátria. Com as azas lhe ampara o nome claro
E ás furnas désce da infeliz Invéja,
A despontar lhe as fléchas venenosas,
Frouxar-lhe a córda do arco.
Entôa me hôje, oh Clio, um d'esses nomes,
Que máis celébras com robusto canto;
Seu duradouro som zombe de aváras
Fouces do Tempo, e Mórte.
Sõe — Araújo — a Lyra. Ouça-me a Elysia;
Gloriosa ouça a Gállia împrobas lidas,
Com que apertou discórdes interêsses
Em disputado laço.

TRADUZIDA.

Quæ Pindo super imperat
Clio doctiloquis Castalidum Choris,
Regum celsa palatia
Auratasque trabes, et dapum eburneis
Mensis impositum ordinem et
Interfusa scyphos fercula gemmeos,
Quæ vulgus stolidum stupet,
E montis bifido vertice despicit
Alti Musa supercilì:
Tales delicias, ludicra gaudia,
Et viles dominos simul
Lethæis abigit ludibrium vadis.
At caros populis duces

(417)

Post mortem Lybithinæ eripit, et bonis Civem civibus utilem

Ultro congeneres evehit ad Deos. Purus vivit Aristides,

Vivunt Scipiades et geminus Cato,

Æternus Deciis honos

Perstat pro patria non dubiis mori, Chartis Illa perennibus

Quæ commisit, amat nomina pertinax
Alis protegere aureis:

Incassum furias spirat et halitus Tetros Invidiæ; assidet

Non segnis rabiem et tela retundere Armis vindicibus Dea.

Nunc, nunc egregium, Pieri, selige Cantu quem celebres virum,

Et voce et cithara prome reconditi Thesauros modulaminis,

Quale falcigeræ non violent manus.

Araujo resonet Chelys,

Araujo Tagus et Sequana personent Discordes populos modò Nexu difficili jungere callidum.

A. M. DE CURNIEU.

ODE.

No dia dos meus annos, 23 de Dezembro de 1797.

— — — — Neque

Mordaces aliter diffugiunt sollicitudines.

HORAT. Lib. 1. Od. 19.

Ouando outróra a florente Mocidade Vecejava em meu rôsto, E nos rúbidos lábios, - dôce canto Florejava esta Lyra, C'os riccos dons de Marcia, - c'os carinhos De seu peito amoroso. Mas, mal me pôz as caas com mão madura Pela enrugada tésta O Lustro dôze, e os traços dos amôres Foi no ânimo apagando, Tambem as córdas dérão sons sizudos. Não já folgaz Thalia, Mas as graves Camênas de Stesîchoro' Vinhão prégar na Lyra Quaresmas mui moráes, Sénecas odes, Repléttas de Virtude. Tanto Éthico sermão sahîo do bôjo Do lyrico instrumento,

Que o Prégador dormio com o Auditorio:

E dormindo, — e sonhando

Moral, e máis moral, entrou nos Paços

Do entorpecido Enôjo: —

D'um tombo, que lá dei, cahi na furna

Da ruîn Melancholia. —

Que Alcides, que Thesêo podéra d'estes

Tetérrimos lugares

Trazer-me á quadra alegre? — A não ser Baccho:

Que me toccou c'o Thyrso;

Que a alma me aviventou amodorrada

Com Stóicos vapôres?

Salve, potente Baccho; o dia de hôje,

Solemne a Ti só vóto,

Dia, em que os meus sessenta e quatro hynvérnos

ODE.

Com teu favor, encéto.

Quantus eram, pharetra cum protinus ille soluta
Legit in exitium spicula facta meum,
Lunavitque genu sinuosum fortiter arcum,
Quod canas, Vates, accipe, dixit opus.
Me miserum, certas habuit puer ille sagittas!
Uror, et in vacuo pectore regnat amor.
Ovid. Lib 1, Amor. Epist. 1.

Quando á Cithara de ouro a mão lançava Para entoar a Lusitana gloria, Um Deos, de sôbre as cordas se levanta Joven, formoso, e meigo,

Que o braço recostando sôbre a mesa, Affavel me induzía a que, cantasse; E que elle o canto meu reforçaría C'um, que escutára ás Musas.

C'os dêdos tenteando os sons Thebanos, Desusada responde a molle Lyra: Brandamente me dá de Amphrysa o nome Entre harmoniosas falsas. (1)

Então conheço o Deos, que ri, e zomba Do azêdo enfado, com que o argúo de împio: « Não bástão, Deos maligno, inda não bástão

- » Seis lustros de servir-te?
- » Já Lálage cantei, cantei Delmira,
- » E a minha escravidão, e os teus triumphos:
- » Já a meus cansados cantos (2) dá de rôsto
 » A livre Mocidade;
- » E inda zombas das cãas das cãas nascidas
- » Nos pesados grilhões de teu Império?
- » Veterano soldado lograr dêvo
 - » Emérito descanso. »

⁽¹⁾ Quanto molliores sunt, et delicatiores in cantu flexiones et falsæ voculæ, quam certæ et severæ.

Cicer. de Orator Lib. 3, Cap. 25.

⁽²⁾ E bem cansados! Que até eu mesmo canso de os lêr: e a não estar d'um lado a Pobreza a acotovelar-me, que os traslade, e que os dê á imprensa, e de fronte de mim, mas muito longe, e um tanto annuviada a Esperança, fazendo-me negaças com varias mocdinhas, maldita a mão, maldita a chave que abrisse a gavêtta em que estão fechados!

Nisto me tórna o Amor. — Canta a teu gôsto

- » Fortes Castros, e duros Alboquerques:
- » Disfére a vóz, a Cithara tempéra;
 - » Cinge-te a ganhar louros.
- » E, este farpão te espérte a vóz, e ao canto.
 » Na córnea Lúa o embébe, e a mim fréchado,
 No coração me cála. Os ais rebentão,
 Os suspiros recrescem.
- » Canta os Heróes (me insulta o Deos protérvo)
 » Canta-os, se pódes. » Eis que as azas batte,

E aos ares se remonta, celebrando

A certeza do tiro.

Eu arrancar do peito a sétta hervada Em vão forcejo. — As farpas prendem na alma. C'o joêlho em terra, ao pérfido, que fóge Brado em desfeito pranto:

- « Perdôa, ingente Nume; Amor perdôa.
- » Não quero Heróes cantar; louros engeito.
- » Meu Heróe, minha gloria, minha Musa
 - » Será des-de hôje Amphrysa. »

ODE.

————— Nonne videre
Nil aliud sibi Naturam latrare, nisi ut quum
Corpore sejunctus dolor absit, mente fruatur
Jucundo sensu, cura semota, metuque.

LUCRET.

A PENAS no alto pégo procelloso

Das revôltas paixões, nóvos Néptúnos,
Estendêmos, ao brado da Virtude,

A repousada calma;

E a Raînha Razão pômos segura No thrôno, (onde reinar sempre devera, Se com fágueira mão dolôso Vicio, Não a céga, e derruba)

Olhando para traz, vemos o estrago, Que insana, infrene fúria commettêra: Sóbem ás faces chammas de vergonha, Cérra-se o peito de ira:

Qual, passado o naufragio, e o Céo já puro Das nuvens da tormenta, o Passageiro Vê vir boiando á praia os mastos rôtos, As nadantes enxarcias.

SONETO. *

MOTTE.

Triumphe na illustrissima Abbadêssa.

GLOSA.

Désce dos Céos, oh Musa soberana. Que os Hymnos nos entôas da Verdade; Inspira ao canto meu tal suavidade, Que affeiçõe á Virtude a gente humana.

Os mortáes imprudentes desengana

De quanto o império é frágil da Maldade;

Que a Virtude tem a alta potestade

De atar do Vîcio tôrpe a mão insana.

Põc-lhe á vista em valente quadro os damnos D'esse Amor-proprio, em que a Vaîdade empéça, E a Vingança, que accende os ruîns Tyrannos.

Veja-se ao vivo o Mal, e se entristêça, Mas ria-se a Virtude, e em muitos annos Triumphe na illustrissima Abbadêssa.

^{*} Muito tempo ha que disse (não sei quem foi) que os Poétas erão como os salteiros; porque uns e outros com saltos, com vérsos altos, fazião máis altos do que elles erão, os fréguezes, para quem trabalhayão.

ODE

Á PATRIA.

Invenies aliquem qui me suspiret ademptum, Carmina, nec siccis perlegat ista genis.

Ovid. Trist. Lib. 1.

Vem, dôce Lyra, dom das brandas Musas,
Com que no vêrde Pindo
Gostosas me prendárão, quando apenas
Encetava tres lustros.
Allî da sacra chamma, que rutila
Nas Apollîneas áras,
Vi desprender-se a aguda labaréda,
Tomar súbita vôo,
Raiar-me no semblante, e calar dentro
Nos penetráes do Ingenho;
Onde ateada em luz perênne aclara,
Aquéce, aviva os gômmos
Abrolhados das rápidas idéias,
Lyra presada, e nóbre,
Que nas mãos de meu Méstre (1) decantaste

(1) Sim. Mestre: que outro nunca o tomei. Ah! que se o discipulo não ficara tão longe do Mestre! Mas envergonho-me cada

Os pendões arrancados

Ao Partho féro, tão humilde a Augusto, Quanto sobêrbo a Crasso. (1)

Tu, remontada com as meigas córdas De Páphos, de Amathunta,

Modulavas de Lydia, e de Glicéria As graças, os amôres.

Pois que eu ousei, das Musas incitado, Mover teus sons tranquillos,

E estranhá-los com plectro indouto, e rudo; E pia me acudiste

Com canto, que o desdêm quebrou de Nize, E da formosa Marcia

Ameigou a cruîssima saudade; Agóra te intercêdo

Me ajudes a tecêr da Pátria amada (2) O saudoso elogio.

Amado Bêrço de meus novos dias, Que arraiando risonha Mimósas esperanças, no teu cóllo Me acolhêste benigua,

vêz que leio uma Ode de meu Méstre, e que sinto quão pouco approveitei em sua schóla; fôsse em mim falta de ingenho, ou falta de applicação; quizéra queimar quantos vérsos escripto tenho: e só me atalhão a mão 40 moédas, que já alguns impressos me rendêrão, e o dizer que nem todos os Pintores são Apélles, e que todavia com painéis, ganhão a vida. E já eu disse que Pobreza e não vaidade pôz os meus vérsos á vergonha do mundo.

(1) — Et signa nostro restituit Jovi
Direpta Parthorum superbis
Postibus. — — —

HORAT. Lib. 4, Od. 15.

(2) A tous les cœurs bien nés que la Patrie est chère!

Arredado de ti, na alheia terra, Suspiro e clamo — Elysia; — (1)

Em ti cuido! a ti vejo, de ti fallo: Tu só em meu sentido

Noite, e dia incessante me appareces;

O'ra trajada de ouro,

Com reluzente sceptro, em alto sólio Majestosa sentada,

Ao Indo Hydaspe, ao Gange as leis mandando: Em gravadas bandêjas

Acceitando os tributos, as corôas

De tantos Reis Vassallos Do altivo Oriente, da A'frica guerreira.

Os trophéos, as conquistas

Tão varias, tão valentes, tão remótas Ornão os altos téctos

Da salla artesoada, em quadro immenso De duradoura Historia.—

O'ra affligida, e de funereas cinzas Espargida a cabêça,

Teus filhos mórtos, longe-derramados, Transidos de pavôres,

As mãos erguidas, arrazados ólhos

De compungido pranto,

Pedindo ao Céo misérrimo soccôrro Sôbre a trémula terra,

Que em fendas se rasgava, e das entranhas Vertia impuro alento.

⁽¹⁾ On souffre en sa patrie; elle peut nous déplaire, Mais quand on l'a perdue, alors elle est bien chère. Volt. Trag. des Seythes.

Lágrimas tristes , lágrimas de gôsto Dou á fiél lembrança

Dos infortunios teus, dos teus triumphos.

Assaz lhe são devidas!

Tu me elevaste, á luz recem-nascido, A's Musas me elevaste,

E em meu favor benévola obtivéste De Clio almo sorriso,

Com que animou a mui-submissa vcia, Que hôje em louvar-te esfórço.

Tu me déste as lições, em vêrdes annos, De ser proficuo aos homens,

Com estudo dos bons, e as mãos me abriste Para o amparo alheio.

A ti devo o caminho abalisado, Que da Honra ás aras guia,

Meu lado ornaste, na îngreme subida, De leács Companheiros,

O são Merecimento, a san Virtude:

Nas azas me encostaste

Do prazenteiro Agrado, quando o peito Quiz conquistar honrado,

E pudica esquivança de Delmira. Em seu coração frio

Tinha provado Amor os seus podêres : Mil vêzes apagados

Os fachos vio de crepitante lume,

Que lhe apontou de pérto. —

Os escassos talentos, com que apenas

Lucrei mui bréve nome Na Elysia saudosa, e estranhos Lares, Bem fôrão mercês tuas.

Ah! Tu, que fôste ninho tão-prezado

D'esses Varões egrégios,

Que em lêttras, que em batalhas te ennobrecem; E tu, que Armania, e Anarda

Affagaste contente em teu regaço,

E de claras virtudes

O peito lhe abondaste; tu, que déste Ao dócil Araújo

Immensos dons, que em climas arredados Requérem summo obsequio

A' Pátria egrégia, que táes filhos bróta. Tu, que ao nascer cingiste

Com amorosas fachas, e a teu seio Apertaste mimosa

Um Brito, exemplo de honra, e de bondade....
Como a tanto descêste

Que deixes ir a immérito destêrro

Teus innocentes filhos; E a vóz não sóltas, hórrida não féchas

As despiedadas pôrtas ; Não amparas nos braços?... não rechaças

As fréchas da Calúmnia? Devo-te a vida, a luz; mas triste, estranho

Consintas em teu grémio

Monstros de alma cruél, que te des-honrão! Malévolos podêres,

Dos bens, da fama honrada estrago, e abysmo, De infames linguas couto!

Porque as indignas vidas não enjeitas, Que enjeitaria avérso

Esse inhóspito Cáucaso feróce,

E a anthropóphaga terra?

Que mal commetti eu contra um covarde, Contra uma vil progenie D'um Heróe tão famoso no Oriente,
Para ir com sujo bafo
Empanar o meu nome intacto e limpo?
Foi culpa inexpiavel
Ter eu máis honra que elle? máis virtudes,
Ter alma, que não tôrça
A baixezas, a crimes, como a sua?
Daqui tomou peçônha,
Iniquo Delator, (1) com que pôz nódoa
No manto ingénuo, e puro
Que talhar para elle, e seus consórtes
Rejeita a Natureza.

EPIGRAMMA.

O dominio de Terra

Decs o entregou a Adão. Noé se encérra

N'uma Arca, e tóma posse

Das Aguas. Quem do fôgo o Senhor fosse

Não o réza a Escriptura,

Menos que ao Démo caiba. Ao côxo Nume

Dão sceptro sôbre o Lume

Os Grêgos, que aviavão Divindades,

Qual nós Paternidades.

No ar, Dédalo reinou com pouca dura:

Mas o Francez mais léve

Por secula sem fim no ar sceptro obtêve.

⁽¹⁾ Pour perdre un sage il ne faut qu'un higot.
GRESSET

SONETO.

- Transcou-me da alma a crua Saudade, E entre tórtos cordéis pô-la a tormento. Nunca revôlvo o afflicto Pensamento (1), Que não lhe ache medrada a crueldade.
- O Ciúme flammejando impiedade Na esquiva phantasia está de assento; Dalli manda o inquiéto Insoffrimento Asséttear a ingénua Lealdade.
- O Tempo, com a fouce no ar erguida, Obriga as Parcas a fiar depressa A têa, em que se adianta a minha vida.
- Ah! Marcia, se não vens, talvêz que dêsça Ao coração a Mórte prevenida, E a vida, antes que venhas, se despéga.
 - (1) But absent what fantastic foes, arous'd,
 Rage in each thought, by restless musing fed
 Chill warm cheeks, and blast the bloom of life.

Tompson's Spring.

ODE.

Num te quæ tenuit dives Achæmenes Ant pinguis Phrygiæ Mygdonias opes Permutare velis crine Mariliæ Plenas aut arabum domos.

HORAT. Lib. 2, Od. 12.

Biester, o Fado austéro tem vedado,
Que uns com os outros em tenaz corrente
Se encadeiem os dias venturosos,
Sem a turba dos tristes.

A mim pôz por exemplo aos mortáes rudes: Fêz fôrça ao globo da Fortuna instavel; Com o abalo os meus bens cahîrão todos, Dando praça aos desastres.

Em vão forcêjo, e os mui leáes amigos, Por dobrar-mos o Nume inexoravel: Surdo a rógos, a lágrimas, não muda O sanhudo decreto.

Sós, neste crú destêrro, me consólão Dous bens, que segurei na infeliz quéda: Sou livre, e gózo ao longe o prazer puro Da saudosa Amizade. Tu gózas muitos, para mim perdidos, Que co a lembrança o coração me rásgão. Tu vês, tu tratas os honrados peitos, Que o Mal não tingio nunca.

Ouves Marilia, Lálage moderna, Que dôce ri, (1) que dôce canta ao Cravo Mio bel tesoro.... Ah! que saudade aguda Pela alma se me enterra! (2)

De mim, na Pátria, a melhor parte móra; Em porções brandas, entre vos partida: Sônho os amigos, quando o Sól fallêce, Sônho-os, quando renasco.

(1) Dulce ridentem Lalagen.

HORAT. Lib. 1, Od. 23.

(2) Integer laudo, fuge suspicari Cujus octavum trepidavit ætas Claudere lustrum.

Applicava-me eu então, (que ainda não orsava pelos dez lustros) o que Horacio, já nos outo, de si clamava. É agóra que me avizinho ao décimo septimo lustro, que não direi de mim decepado e entorpecido? Lá se fôrão, para não máis tornar os brios, as bandarices dos garridos annos. Contas na mão, borracha á cinta, são já meus não-despegados adôrnos.

ln. Lib. 2, Od. 4.

INDEX

DO TOMO IVO.

ODES.

Onde me sóbes, Musa?	Pag. 4
Muse? où me ravis tu? Sur quel rapide char	8
Vate, que mandar quér á Eternidade	16
Feliz, quem no silencio descansado	20
Já de ti disse Horacio (grão Propheta!)	23
Em quanto os ólhos de Élia me aquécião,	`3 o
Sentado á mesa c'um fiel amigo,	33
Em quanto abre as janellas do Oriente	3 7
Nas veias me arde o fògo, que irritava	40
Pelas rôtas entranhas dos penhascos	44
As armadas undi-vagas povõão	46
Não queiras, Daphne, que na róda alégre	5a
Linda Vénus, téqui nunca louvada	61
Erguida a nova Athenas Lusitana	64
Louvores alternados	68
Não esperes, formosa, e meiga Daphne,	71
Agóra, sim: que as Nymphas já do Sena,	74
Quem se abalança a competir com Pindaro,	.77
Poude o Gama animoso	80
Coma alho, máis nocivo que as Cicutas,	82
N'um dia, qual o de hôje (ha vinte e outo annos)	84
As invejadas, túmidas riquezas	89
Vejo, (mas longe!) vir luzindo um dia,	95
Cinco lustros, máis uma Primavera	99
Empégada no gôltão da Vaidade	103
Calliope divina,	110
Abutre máis faminto, que o de Tycio,	113
Vejo apontar o Hynvérno pelos cumes	117

(434)

Desterrado da Pátria, e dos Amigos,	121
Que errado pões, Leitão (1), a confiança	124
Amante incurioso, que se paga	127
Sóbe acima dos Reis o home' animoso,	130
De exércitos brutaes trilhada a Európa,	134
Despedida a Estação, que as flores dava,	137
Vélho, e cansado a vóz se me enfraquece;	140
Já a Paz firmou um pé na turva Európa ;	142
Morrerão os meus bens, e a minha fama:	145
Maldito o Bonzo, e máis maldito o Náyre,	150
Quando arde o antigo, e o novo mundo em guerra,	154
Não quiz a minha Musa desvairada	163
Tu quéres comprender quanto, na Lusa	168
Sacode, Mathevon, da alma affligida	171
E consente inda o Pòvo Lusitano	173
Entre os braços tranquillos de Morphêo	177
Que desastres que en vi! que desacêrtos	180
Invejosos os Deoses não quizérão	185
Quem sabe, se á manhãa as nêgras Parcas,	195
Dai-me, Amores, a Lyra de Petrarcha,	199
Se Amor me désse um dia, um só momento	201
Vem, vem meigo Hymenêo, accende o facho	204
E pude! E não morri! quando das faces	209
Não péço aos Céos privanças orgulhosas	211
Não te enléves nos saltos encarnados,	213
A Amizade, que pisa as vans riquezas,	215
Concede, oh Musa este último trabalho,	217
Costumados a vêr descer dos áres	221
Que triste fésta, Agniar, que hôje nos fazes,	243
Em perênne chuveiro, dos Céos cáhem,	246
Ao banquête dos Deoses convidados	253
Perdes, Andrada, co' a tardia vinda	256
Quéres, Verdier, que a Ernesto, e que a Marilia	259
Juntando as pontas da ebúrnea lua	262
Não têmas que a teus vérsos sonorosos	265
Se arrojado, os grilhões não despedaças	267
Vens hôje, triste Dia de meus annos,	271
Deitado á sombra de frondoso Ulmeiro,	272
Lá te vás affundar no Vasto Occâno	274

(435)

Não sólta o vélho Lavrador curvado,	282
Depõe, oh Musa, o Canto eutristecido	284
Como vens arraiada, e folgazôna,	287
Não títulos pompósos, que a poeira	289
Quando, á beira do Lima saudoso,	297
Nem sempre è cégo o Numen da Fortuna	299
Quid nos Illecebræ, Curio, tamdiù	30 0
De que vem, Curião, que tão duravel	301
Já me transborda pela bôcca o tédio	308
Aurea tecta regum et	310
Definha-se de invéja o Vulgo stúpido	311
Desleal Pensamento, que, ha tres lustros,	319
Quando, assentada no sublime Pindo,	324
Quando já transpozémos as balisas	327
Que não póde a Virtude, quando inflamma	331
Que dia tão seliz me fòra o de liôje,	336
O que déve entre os homens, entre os Numes	339
Agóra, que curvadas as videiras	344
N'esta rápida via, que corrêmos	347
Não quiz o Fado meu inda outorgar-me	35 t
Chegou o Bórges, que nos trouxe a nóva	355
Se as nuvens de ouro rasga apavonadas	360
Comsigo lévão mágoas e trabalhos	364
Não só foi dado ao Cidadão de Teios,	367
Fógem os annos; desfructar a vida	370
As sérras não tem sempre os cumes crêspos	373
Não te lastimes máis, não desespéres;	377
Quem de nós, no balanço dos successos	398
Quão fórte és, Amizade, quando escóras	400
Na Lyra, que me dás, que Vate ousado	404
Buvons, amis, le temps s'enfuit	410
Bebâmos : que nos vai fugindo o Tempo;	411
Bibamus. AEtas præcipites agit	412
Bebàmos: que velóz transpõe a Idade	413
Não tomou a seu cargo a douta Clio	415
Quæ Pindo super imperat	416
Quando outróra a florente Mocidade	418
Quando á Cithara de ouro a mão lançava	419
Apenas no alto pégo procelloso	422

(436)

Vem, dôce Lyra, dom das brandas Musas, Biester, o Fado austéro tem vedado,	421 431
SONETOS.	
Dos mysterios de Amor inda ignorante,	15
Os passaros, nas azas pendurados,	19
Detesta o Navegante o mar infido	32
Que crueza, Meu Bem que tyrannia,	45
Um soneto! Ainda esta me faltava!	63
Numes agrestes, neste altar sombrio,	69
Que sinto, oh Céos! Por todos os sentidos	76
Tinha Pan concertado uma folía	81
Nize gentil, que até á sepultura	83
Callada estava a Terra, o Oceâno quêdo,	129
Christo morreo ha mil, e tantos annos;	149
Os altares de Guido são vedados	170
Já vem a Primavéra, desfraldando	175
Tu, pavor da tyranna iniquidade,	176
Como quando o Sól dóbra aquelle outeiro,	200
A triliugue serpente silva, e rója	242
Se um gésto meigo, se um olhar gracioso,	245
Não me luz, nem me aquéce o Sól dourado,	248
Hôje Amor, nos palacios deleitosos	254
Graças ao Céo, Filinto, conseguiste	257
Picou-me esta insolencia. Men Cupido.	258
Sobre os annos da bella Marianna,	261
Do Céo se abrio a pórta omnipatente,	263
Andava Amor doente, tres-noitado,	270
Queria te escrever, fiel Amiga,	205
Que Paris, meu Alfèno! Que passeios!	307
Mal quéro serenar turvas saudades,	313
Qual no horror da tormenta o Marinh eiro,	329
Embóra venha a Ausencia despiedada	332
Este Cédro, que á pórta da Cabana	338
Quem visse andar Cupidos estendendo	34 t
Qual corrente de lympha crystallina	343
Tu não ouviste, Amor, na despedida,	346
Que escura sombra os ólhos te entristece,	349

(437)

\ 1-1 /	
Foge a Amor: que seu mimo venenoso	353
Filinto, em teu amor mal-respondido,	35 7
Quanto em nos possa um gesto peregrino	363
Agora, que nas liquidas Campinas	36 5
Quando agora cantáveis, vi, Senhora;	369
Podeste, astuto Amor, cravar-me o peito	372
Teu rosto vi , teu rosto peregrino ,	$3_{7}5$
Enganaste-me, Amor, em teus altares:	380
Mentio quem pòz no Templo da memoria	388
Verás, Phillis cruél, sahir correndo	407
Ouvi a Marcia. — En te amo. — Tão ditoso	409
Désce dos Céos, oh Musa soberana,	423
Travon-me da alma a crua Saudade,	430
CONTOS.	
Um cérto dia Apollo enfastiado	¥
Entrava pela lóge d'um Barbeiro	116
MADRIGA'ES.	
Não te captivem púrpuras nem ouro,	29
Esta, que a margem beija, Onda fágueira,	39
Tremem dos Réis os pávidos humanos;	43
Dormias Marcia, e cu vi Cupido ancioso,	61
Uma Deosa tomon a seu cuidado	73
Amor, onde has teu minho	179
N'uma noite de hynvérno fria e escura,	239
Vistes vós, pelo albor da madrugada	260
Pésa esses corações n'essa balança	330
EPIGRAMMAS.	
Partio Delmira tão desattentada	37
Tinhas, Elia, se bem me lembro agóra,	67
Phillis n'um parto seu, muito-apertado,	79
Quando o Cantor de Thracia, o Orphêo divino	120
Permitta Deos (dizia moribunda	190
Uma cabaça a tanto patáo-zinho	210

Umas cabeças vans, uns ociósos,	215
Fabio, ao cahir da noite humida e fria,	245
Lia um Autor (Não digo bem) - cantava	263
Esse Horacio em latim,	286
Sim: seu marido (um Médico dizia)	298
Vio-me Vénus jurar, contra Delmira,	309
Se aos homens se mostrasse toda nûa,	331
Quando vêjo um Quintilio virtuoso	346
Com grande devoção Philis corria	371
Nesses dourados séculos antigos	381
Um Nóbre (porêm côxo) desposado	399
Com fivéllas de oval abrilhantado,	408
O dominio de terra	429
EPITAPHIOS.	
Cozon vivo do gran vonutocão.	./.
Gozou vivo de gran reputação; Minha espòsa aqui jaz. Que bem, que jaz!	141 163
Aqui jaz hum prelado	184
Morreo atraiçoado o féro Achilles,	-
Segou da Mórte a aguda fonce impia	29 2 370
begod du 1201te a agada 100co impia	3/0
ENIGMAS.	
Todos fógem de mim, mas quão vãa-mente!	189
Quando as lassas campinas	198
Em quanto dous vizinhos	414
CARTAS.	
Tres vezes tem o sól fundido as néves,	206
Suppõe, Amigo, que és pastel vivente,	314
Soneto, pêcegos, quintilhas, tudo.	358
F A' B U L A S.	
Cérto Ministro assaz prudente, e honrado	266
Não pósso aviso dar-te máis sizudo,	268
Um Princepe, e seu Aio passeavão	291
Quanto vale o saber!	304
Ufana a Laranjeira c'os dourados	322

A MO'RTE.

Desde hôje, ás áras do infero Tyranno,	22
DOS FASTOS.	
Tu, que os dias governas compassados,	2 į
NOCIVA E VAN FADIGA.	
Porque vérsos compõe, e compõe prósa	5 1
INO E MELICERTA.	
Nume era Baccho então de extenso brado	55
OS DOUS CÉGOS.	
O Amor é cégo. — Estranha novidade!	87
AS SUBSTITUTAS.	
Com préstes ordens da ólhi-toura Juno,	94
BONS E MA'OS JUIZES.	
No thrôno augusto da imparcial Astréa,	99
SAUDADES D'UM AMIGO.	
O Téjo nos olhou outróra absôrtos	102
PREGÃO,	
Ora cu já disse em vérso (ha bem vinte annos)	106
PRÉDICA BERNARDA.	
Cérto frade, arrotando Sapiencia,	113
OLHO VIVO C'OS TAES MÉRLOS.	
Ora viva o Talento! Aqui (ha annos)	123
O DOUTO MÉDICO.	
Mal vem a Fébre de furor armad a,	126

A VERDADEIRA GENEALOGIA DE CUPID	o.
Já por escripta os Grêgos nos deixárão,	133
CONVERSAÇÃO.	
Felisarda, que tu mui bem conhoces,	136
DESCRIPÇÃO.	
Pintão o Ingenho um Môço denodado	144
Oh Céos, quanto aprazivel sîtio é este!	35 o
A MANHÃA.	
Esparge a Anrora a fronte do almo dia	152
$M \to D \to A$.	
Oli Deoses conjugues, oh tu, Lucina,	157
TRADUCÇÃO D'UMA PRO'SA POÉTICA.	
Affortunada é a gente, no Universo,	165
DESTEMPÉRO.	
Ha tres dias, que acórdo estremunhado	184
ÉGLOGA.	
Baixava o claro dia; uma Pastòra,	190
DESENGANO PARA OS POÉTAS.	
Quando a veia lhe înflamma	194
ANCIA DE DISTINGUIR-SE.	
Cérto valido ricco, e muito nóbre	206
AO LEITOR.	
Naquella hora aziaga , escura , e nêgra	224
ELOGIO D'ESTE SÉCULO.	
D'esta Éra os gabos (callem-se os Praguentos);	226
ARRAZOADO.	
Já me fizérão cargo os meus Censores	229
AVISO AO LEITOR.	
Alérta, álérta, Amigos: òlho vivo.	239
LUTTA DE HÉRCULES COM O RIO ACHEI	200.
Da môcha fronte a causa lhe pergunta	249

(441) BILHÉTE.

N'um quarto de papél (não todo limpo)	25 5
LA CULTA GALLICI-PARLA.	
Culta Gallici-parla é um tempêro	264
DIALOGO.	
Féz contra ti uma Ode Phil minta.	281
CONSOLAÇÃO.	
Queixava-se a Santeuil cérto Marido	2 87
SAŪDOSAS LEMBRANÇAS.	
Ai! que te vás, Filinto, amante amado,	290
FRAGMENTO.	
Quem esperou jámáis, que a linda Castro,	323
CAIXA DE NOVA INVENÇÃO.	
Sonhei, que á tarde, n'um calmòso dia,	333
DESEJO.	
Quem me déra ser Reì, ou ser Rainha,	335
LYRAS.	
Apollo, quando a mim désce do Pindo,	341
FALLA.	
- Applaca, oli Vate;	342
O TEMPLO DO DESTINO.	
Longe do Pólo, onde as tormentas bramão,	35.4
NOVO BIVIO PARA NO'VOS HÉRCULES.	
Mesquinhos neste Mundo, sem o auxilio	362
RETRATO.	
Se eu soubésse n'um quadro acertar côres	36 6
QUARTETOS.	
Quando, os Celestes ólhos derramando	376

(442)

CARMEN.

Sic est; neque humanæ immerito gemens	382
TRADUCÇÃO DO MESMO.	
É certo: e não sem causa te lastimas	383
DITHYRAMBO.	
Léva rápido Bóreas,	389
MORALIDADE PARA O DIA DE FINADOS	
Mortáes, com mil contrarios tendes guérra.	402
QUAL É A COUSA?	
Cubro c'um mauto o sól, em claro dia,	403
HA POUCO QUE FIAR EM MÉDICOS.	
Não ha Médico ahì, que vos não diga.	406

FIM DO INDEX.

Addição ás Erratas do Tomo III.

ERROS.

EMENDAS.

Pag. lin.		
3 - 9 da Nota.	com a calça	como a calça
5 — 7	spelhinkos	espelhinhos
6 - 24	Oo	E o
7 — (Nota)	a Pan	Pan
12 — 2	era	ira
14 — 18	Omnipotente,	Omnipotente
1bid. 28	homicidio.	homicidio,
Ibid. 52	Styx	Styx,
18 — 18	cheios	cheios.
37 — 13	ensombrova	ensombrava
39 — 19	Minotaurob iforme	Minotauro biforme
40 - 21	acearear	accarear
45 — 5	Dsécjo-te	Desejo-te
60 25	de ausentes	dos ausente s
Ib no text. e not	. Cendrilhon	Cendrillon
67 — 21	aventurosa	a venturosa
72 - 20	sempre	sempre!
74 12	O'ros	Ovos
<i>Ib.</i> — 22	e de	de
80 — 2 2	e dar-me	a dar-me
8 ₇ — 25	acréla	a créla
91 - 14	Tubarão;	Tubarão ,
103 - 13	quão	quão (1)
119 - 22	baixa	baixa.
121 — 5	Sóbres	Sòbre
137 - 12 da Nota	. corpo sao	corpos ao
140 — Nota 2	dasavergonhdo	desavergonhado
162 - 15	de penna	da penna
188 — 1 da Nota :	2. Pauurgo	Panurgo
203 - 10	Memorias (2)	Memorias
Ib 12	em certa	(2) em certa
Ib 14	Mundo	Mundo (3)

206 — 1 da Not	z. do se	do sen
228 — 21	Quecom	Que com
2 38 — 10	hand	hand
255 — 9	Occeanus	Oceanus
263 — 32 ~	o Jozézinho	C'o Jozézinho
267 - 18	∀ allia dada	valha dado
270 — 2	co' a chagas	co' as chagas
1b. — Nota.	dos Poêma de	do Poêma dos
286 — 7	podereis	podéreis
267 — 13	Oo	Os
292 —	uada	nada
2 93 — 2	Cabelleiro	Cabelleireiro
405 — 5	no Céo	és no Céo
479 — 17	granador	grasnador
554 — 1	c'rôa de –	c'rôa e

Vérsos emendados pelo Autor.

Pag	45.	Ode	Verso 3.	Todos papéis tal rézão.
3 46	vers.	ult.	Máis Diabo és tu	, que eu mesmo, grão Diabo.
283	v.	11	A furna dos Cycle	ípes anthropóphagos
372	v.	27	E aos por vir, nel	les, etc.
560	v.	5	Dos Marrécos, qu	ie não cantára Homéro?

Nota omittida.

34a (1) Vid. Eclog. - Sylvano era um Pastor, etc.

Vérsos omittidos.

Depois do nono vérso supprima-te o 10°. e leia-se
Ao rôgo vergonhoso, sem que a esquêrda
O que dá a dextra, saiba.

576 Depois do vérso 20°. falta o seguinte Pela gála da vóz , garbo do talhe ,

N. B. A epistola que acaba pag. 511 deve levar a assignatura de João Paule Bezerra.

E a resposta que se lhe segue a de - Vicente Pedro da Cunha Nolasco.

Erratas do Tomo IVo.

ERROS.

EMENDAS.

Pag. un.		
22 — 4	voto a més a	vato a mesina
Ibid 8	deleitosos.	deleitosos,
46 - 2	braços	braços,
60 — 7	, diz vasto	(diz) vasto
89 - 8	A invejadas	As invejadas
93 — 12	Tomão nos	Tomão das
137 — 15	com'	com
148 - 12	chororá	chorará
176 - 8	Allumiaste	allumiast e
181 — 33	militae .	militiae
183 — 5	jubit	jubet
Ibid 15	sequa ci bus	sequacibus
185 — 14	Ncs	Nos
187 - 26	agravar	a gravar
190 — 21	snspe itas	s uspe i ta s
191 — 30	sueco	succo
194 - 15	desaprova	desapprova
196 28	pêjo .	pėje. —
Ibid 29	ja	já
199 - 13	pura	para
224 - 16	da Anno	do Anno
227 - 2 da	nota. mu,	mui
232 27	ou sacrilegio	ao sacrilegi o
236 — 5	Homens	Homens,
252 — 3 das	notas.açododo	açodado
253 11	cò:no	còrno (1)
260 - 12	De embruscado	Do embruscado
270 - 6 das	notas.bocêga	bocêja
276 — 3	flores,	flores.
Ibid 11	dis séras	disseras
Ibid 16	indru s tria	industria

Ibid. — 31	mórte;	mórte,
· 305 — ult. da n	ota. em erta	em certa
311 21	vedão	védão.
314 — 10	suppõe	suppõe,
354 - 9	no buîdos	nos buîdos
355 — 9	affunde	affunda
36o — 15	escente	essente
368 — 8	faìsca	faisca.
369 - 6 das not	as. obfuit	obruit
372 - 1 do.	a Poésia	á Poësia
378 - 11 do.	vendo	vindo
381 — 5 d∘.	dee	de
283 — 2 do.	enfermedade	enfermidade
391 — 18	angusta .	angusta
396 - 14	longo	longe
401 - 26	plác ida	plácida
Ibid 27	simplez	simples '
403 — 1 da no	ta. Mulherentos:	Mulherengos
417 - 7	mori	mori.
421 - 5	.ao canto	o canto

N. B. pag. 235 depois do vérso 24° leia-se — Os sapateiros leião sarrabáes ou Autos Da Imperatriz Porcina, ou María Parda;

Fim das Erratas do Tomo IVo.







